



# MUSEOLOGIA NO BRASIL, SÉCULO XXI:

ATORES, INSTITUIÇÕES, PRODUÇÃO CIENTÍFICA E  
ESTRATÉGIAS

---

*Luciana Ferreira da Costa*

Tese apresentada à Universidade de Évora  
para obtenção do Grau de Doutora em História e Filosofia da Ciência  
Especialidade Museologia

ORIENTADORAS: *Professora Doutora Maria de Fátima Nunes*  
*Professora Doutora Maria Margaret Lopes*  
COORIENTADORA: *Professora Doutora Emeide Nóbrega Duarte*

ÉVORA, NOVEMBRO DE 2017







# **MUSEOLOGIA NO BRASIL, SÉCULO XXI: ATORES, INSTITUIÇÕES, PRODUÇÃO CIENTÍFICA E ESTRATÉGIAS**

Luciana Ferreira da Costa

Tese apresentada à Universidade de Évora para obtenção do Grau de  
Doutora em História e Filosofia da Ciência Especialidade Museologia

Orientadoras: Professora Doutora Maria de Fátima Nunes  
Professora Doutora Maria Margaret Lopes

Coorientadora: Professora Doutora Emeide Nóbrega Duarte

Évora, Novembro de 2017

**INSTITUTO DE INVESTIGAÇÃO E FORMAÇÃO AVANÇADA**



*Dedico*

*Aos amores da minha vida,  
minha mãe, Maria José,  
meu pai, Pedro e  
minha irmã Andréa*

*Aos fascinantes e admiráveis Professores nos quais  
me espelho  
Alan Furcino e Francisca Arruda Ramalho*



## AGRADECIMENTOS

Foram tantos dias, tantos meses e tantos anos! É chegado o momento de registrar o meu reconhecimento e a minha gratidão a todos os que marcaram significativamente o meu percurso rumo à conquista do tão almejado Doutorado!

Minha gratidão primeira é a Deus, a Jesus, ao Espírito Santo e à Nossa Senhora, por me conduzirem nesta empreitada, por serem o meu refúgio, a minha fortaleza e o meu consolo nos momentos mais difíceis.

Aos meus pais, por serem tudo na minha vida, por serem o meu alicerce e meus primeiros exemplos na vida. Agradeço o amor, a dedicação, a preocupação para comigo e o investimento na minha educação. Obrigada por me proporcionarem uma vida diferente da que tiveram, querendo sempre o melhor para mim.

Minha gratidão à minha amada irmã Andréa. Mesmo distante geograficamente, sempre estive perto com sua força, suas palavras de apoio, conselhos e, sobretudo, com suas orações. Você é, para mim, exemplo de mulher sábia, orante e instrumento de Deus.

Agradeço imensamente ao Alan, pelas pistas, pelo grande incentivo e pela força para que eu abraçasse novos desafios, novos ares, novas paixões, abraçasse, portanto, a empreitada de cursar o doutorado em Portugal. Obrigada, mais uma vez, por sua colaboração essencial na minha trajetória acadêmica.

Minha mais profunda gratidão à professora Maria de Fátima Nunes, Diretora do Programa de Doutorado em História e Filosofia da Ciência da Universidade de Évora e orientadora desta tese, por sua acolhida, por seu incentivo, por sua ajuda que ultrapassou os limites das questões acadêmicas e, certamente, por sua brilhante, sábia e entusiasta orientação.

Agradeço à professora Maria Margaret Lopes, por sua competente e exigente orientação. Meu muito obrigada por poder contar com a sua admirável expertise, seu rigor na orientação e revisão criteriosa desta tese.

À professora Emeide Nóbrega Duarte, coorientadora desta investigação, pelo aceite para se juntar às professoras Fátima e Margaret na supervisão conjunta da tese, colaborando com sua longa experiência. Mais que isso, agradeço por sua amizade e confiança.

Meu agradecimento especial à Professora Emérita da Universidade Federal da Paraíba Francisca Arruda Ramalho, minha orientadora na graduação e no mestrado, amiga e exemplo, a quem devo o despertar e a incursão na docência. Agradeço eternamente porque a sua confiança e o seu incentivo fizeram a diferença na minha caminhada.

Aos professores do Programa de Doutorado em História e Filosofia da Ciência da Universidade de Évora: professor Augusto Fitas, professora Mariana Valente, professora Ema Pires, professor João Príncipe, professor José Brandão, professor José Pedro e professor Jorge Rivera, cujos ensinamentos me conduziram a novos conhecimentos. Agradeço, em especial, ao professor João Carlos Pires Brigola, profundo conhecedor da Museologia e dos Museus, por suas aulas contagiantes que me trouxeram tantas memórias afetivas do meu amor pelos museus e pelo prazer intelectual de ter compartilhado com o mesmo a parceria na publicação de um artigo científico.

Agradeço a todos do Instituto de Investigação e Formação Avançada, em especial às senhoras Ana Prates, Felicidade, Fátima, Rosário e Ana Rita, pela atenção.

Agradeço ao amigo Marco Paulo Cardoso, amante do Brasil e, sobretudo, do Rio de Janeiro (minha terra natal), por seu carinho, por sua atenção e gentileza costumaz, porém mais ainda pela amizade que construímos e firmamos.

Aos Coordenadores e Vice-Coordenadores dos Programas de Pós-Graduação em Museologia no Brasil. Em especial aos professores Marcus Granato, Marília Xavier Cury, Camilo de Mello Vasconcelos, Marcelo Nascimento Bernardo da Cunha e Sidélia Santos Teixeira, pela disponibilidade em prestar informações preciosas que contribuíram para esta investigação.

À Edilene que, junto comigo, atravessou o Atlântico rumo às terras lusitanas para a realização do doutorado. E, também, aos colegas do programa, Carlos, Elizabeth, Quintino, Sandra, Mariana e, especialmente, à Sara que foi um consolo amigo nos momentos em que a saudade bateu mais forte.

Agradeço à professora Rosalina Pisco Costa, por sua disposição em compartilhar seus conhecimentos e suas experiências sempre com muita humildade, algo que lhe é nato. Obrigada pela acolhida, amizade, carinho e por abrir seu lar encantador para que pudéssemos brindar a vida regada a vinho, comida e doce portugueses.

Ao professor Joaquim Fialho, por sua amizade, gentileza e, também, disponibilidade em compartilhar seus conhecimentos sobre a Análise de Redes Sociais.

À Universidade Federal da Paraíba e aos colegas do Departamento de Ciência da Informação desta universidade, especialmente aos que foram meus mestres na graduação e no mestrado.

Aos funcionários e ex-funcionários do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba, em especial ao Alnio, Clara, Francinete e Luzia, pela atenção e gentileza.

Aos alunos e ex-alunos do Curso de Graduação em Biblioteconomia e do Curso de Graduação em Arquivologia da Universidade Federal da Paraíba.

Aos queridos amigos Robéria, Janiele, Fabíola e Edilson. Também à Andréia Jerusalém e João Paulo, pelo carinho e amizade.

Agradeço a toda a minha amada família. Em especial às minhas primas, Ana Maria, Lili, Laudiceia, Célia, Jéssyca e Elaine, pela força, pelos laços de amor que nos unem e pelas orações. Também aos primos Moacir, Pedro Júnior, Wanderson, Wesley, Jefferson e João Paulo. O João Paulo foi mais um membro da família em Portugal, nosso futuro Bacharel em Música pela Universidade Federal da Paraíba, que atravessou o Atlântico rumo à novas experiências em sua área. Não poderia deixar de agradecer ao meu “filho” Boninho, o Fox Paulistinha mais amado do mundo e que faz a minha vida mais feliz.

Agradeço às minhas amigas do coração e de longas datas, Beth, Andréa, Ana Cleide, Márcia, Adriana Valéria e Leonila Maria.

Às queridas Raíssa, Luciane e Simone, pela amizade e força.

Agradeço à dona Dadá e à Adriana, pelas orações.

Meu muito obrigada aos amigos, Márcio Henrique Garcia, Miguel Cascudo e Felipe Crisanto.

Ao amigo Israel Gomes, por sua preciosa amizade iniciada em terras lusitanas por ocasião de sua mobilidade acadêmica e que se mantém até hoje. Obrigada por seu astral contagiante, carinho e sua atenção.

Aos amigos portugueses, por me fazerem sentir muito acolhida: Sílvia, Seu António, Neco, Seu Manoel, Seu Horácio, Paulina, Cecília, Rosa e Seu António Correia. Também agradeço aos queridos Padre Manuel Maria da Igreja de Santo Antão e Padre António Fernando da Igreja de São Mamede.

A todas as pessoas que contribuíram para a minha museofilia, iniciada quando pequenina nos tempos de escola, em tempos de férias e finais de semana nas visitas constantes, principalmente, ao Museu Nacional na Quinta da Boa Vista, Rio de Janeiro. Bons tempos!

Meu muitíssimo obrigada a todos que, direta ou indiretamente, colaboraram para a concretização desta tese.



“Este (o Brasil) é provavelmente um dos países mais criadores e inovadores de métodos, ideias e mesmo ideologias de utilização e exploração dos museus, do patrimônio e da memória”

Hugues de Varine (2012)



## RESUMO

### **Museologia no Brasil, século XXI: atores, instituições, produção científica e estratégias**

Esta tese tem como objetivo analisar a produção científica gerada no âmbito dos Programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Museologia no Brasil, a partir dos artigos de periódicos científicos de acesso aberto no arco cronológico compreendido entre 2006 e 2016, de modo a obter um panorama atual da área na contemporaneidade. Trata-se de uma investigação quantitativa e qualitativa que se utiliza de técnicas bibliométricas, da análise de conteúdo por categorias temáticas e da análise de redes sociais. O *corpus* de análise é composto por 188 artigos registrados no Currículo Lattes de 37 docentes/pesquisadores do núcleo permanente dos Programas de Pós-Graduação em Museologia. Consta que a produção científica em acesso aberto analisada se apresenta publicada, em sua maioria, em periódicos nacionais classificados no Qualis Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior com estrato indicativo de qualidade; a produção científica se desenvolve com pouca diferença entre a autoria única e múltipla; a produção científica com coautores nacionais e internacionais é representativa de redes de colaboração intrainstitucional e interinstitucional; e que a produção científica traz referências à autores reconhecidos e influentes no domínio da Museologia, incluindo pesquisadores da área no Brasil. Identifica que a produção científica se enquadra em 18 categorias temáticas no escopo da Museologia, sendo as agendas de investigação mais incidentes *Objeto/Coleção/Acervo*, *Exposição Museológica*, e *Preservação e Conservação do Patrimônio de Ciência e Tecnologia*. Conclui que a produção científica analisada se guia por questões que se encaixam no Quadro Geral da Disciplina Museológica delineado pelo Comitê Internacional para a Museologia do Conselho Internacional de Museus, mas que também se apresenta em compasso com as tendências centrais da Museologia do século XXI.

**Palavras-chave:** História da Ciência. Museologia. Produção científica. Periódicos científicos. Acesso Aberto. Programas de Pós-Graduação em Museologia. Brasil.



## ABSTRACT

### **The Brazilian Museology in the 21st century: actors, institutions, scientific production and strategies**

This thesis is aimed to analyze the scientific production generated in the scope of the *Stricto Sensu* Graduate Programs in Museology in Brazil, from the papers of scientific journals with open access in the chronologic period from 2006 to 2016, in a way of obtaining a current panorama of this area in the contemporaneity. It is a quantitative and qualitative investigation that uses bibliometric techniques, of the content analysis by thematic categories and of the analysis of social networks. The corpus is composed by 188 papers registered in the Lattes Curriculum of 37 professors/researchers of the permanent nucleus of the Graduate Programs. It is noted that the scientific production in open access which was analyzed is mostly published in Brazilian journals that are classified in the Qualis Journals of the Coordination of Personnel's of Superior Level Improvement with an indicative stratum of quality. The scientific production is developed in unique and multiple authorship. Also, the scientific production with national and international coauthors is representative of networks of institutional and inter-institutional cooperation. Moreover, the scientific production brings quotations to recognized and influent authors in the domain of Museology, including Brazilian researchers of this area. The research identifies that the scientific production is included in 18 thematic categories in the scope of Museology, and the most incident investigation agendas are *Object/Collection/Acquis*, *Museological Exposition*, and *Preservation and Conservation of the Science and Technology Patrimony*. It is concluded that the analyzed scientific production is guided by questions that fit in the General Chart of Museological Discipline, outlined by the International Committee for Museology of the International Council of Museums, but it is also presented in accordance with the central tendencies of the Museology of the 21st century.

**Keywords:** History of Science. Museology. Scientific production. Scientific journals. Open access. Graduate Programs in Museology. Brazil.



# ÍNDICE

DEDICATÓRIA .....	i
AGRADECIMENTOS .....	iii
EPÍGRAFE .....	vii
RESUMO .....	ix
ABSTRACT .....	xi
ÍNDICE DE FIGURAS .....	xvii
ÍNDICE DE QUADROS .....	xix
ÍNDICE DE TABELAS .....	xxi
ÍNDICE DE GRÁFICOS .....	xxv
ÍNDICE DE GRAFOS .....	xxvii
LISTA DE SIGLAS .....	xxix
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>1</b>
<b>Percurso metodológico .....</b>	<b>19</b>
<b>Desenho da investigação .....</b>	<b>29</b>
<b>CAPÍTULO 1 - A TRAJETÓRIA DA MUSEOLOGIA .....</b>	<b>31</b>
<b>1.1 Museologia: demarcações iniciais .....</b>	<b>33</b>
<b>1.2 O papel do ICOM e do ICOFOM na trajetória teórico-prática da Museologia .....</b>	<b>36</b>
<b>1.3 Conformação da Museologia como disciplina científica .....</b>	<b>44</b>
<b>CAPÍTULO 2 - CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS E A CONFIGURAÇÃO ATUAL DA FORMAÇÃO EM MUSEOLOGIA NO BRASIL .....</b>	<b>49</b>
<b>2.1 O Curso de Museus do Museu Histórico Nacional .....</b>	<b>51</b>
<b>2.2 O percurso de criação dos Cursos de Graduação e de Pós-Graduação em Museologia .....</b>	<b>60</b>
<b>CAPÍTULO 3 - GEOGRAFIA CIENTÍFICA DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MUSEOLOGIA NO BRASIL .....</b>	<b>69</b>

<b>3.1 As agências brasileiras de fomento à Pós-Graduação <i>Stricto Sensu</i> ....</b>	<b>71</b>
3.1.1 O Conselho Nacional de Desenvolvimento e Pesquisa (CNPq) .....	71
3.1.1.1 A Museologia no CNPq .....	79
3.1.2 A Coordenação de Pessoal de Nível Superior (CAPES) .....	80
3.1.2.1 A Museologia na CAPES .....	90
<b>3.2 Os Programas de Pós-Graduação <i>Stricto Sensu</i> em Museologia .....</b>	<b>93</b>
3.2.1 Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/Museu de Astronomia e Ciências Afins .....	93
3.2.2 Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia da Universidade de São Paulo .....	97
3.2.3 Programa de Pós-Graduação em Museologia da Universidade Federal da Bahia .....	99
<b>CAPÍTULO 4 - O ACESSO ABERTO: DISPONIBILIZAÇÃO <i>ON</i> <i>LINE</i> E IRRESTRITA À INFORMAÇÃO CIENTÍFICA .....</b>	<b>103</b>
<b>4.1 Produção científica .....</b>	<b>105</b>
<b>4.2 A comunicação científica .....</b>	<b>107</b>
<b>4.3 Periódicos científicos eletrônicos .....</b>	<b>111</b>
<b>4.4 O Movimento de Acesso Aberto .....</b>	<b>114</b>
<b>CAPÍTULO 5 - PERFIL DOS DOCENTES/PESQUISADORES DA PÓS-GRADUAÇÃO EM MUSEOLOGIA .....</b>	<b>127</b>
<b>5.1 Formação acadêmica/Titulação .....</b>	<b>130</b>
5.1.1 Nível de Graduação .....	130
5.1.2 Nível de Especialização .....	133
5.1.3 Nível de Mestrado .....	136
5.1.4 Nível de Doutorado .....	139
<b>5.2 Capacitação acadêmica .....</b>	<b>141</b>
<b>5.3 Percorso acadêmico .....</b>	<b>145</b>
5.3.1 Temas de interesse .....	145
5.3.2 Liderança de grupos de pesquisa .....	148

5.3.3 Bolsista de produtividade em pesquisa .....	151
5.3.4 Atividade de orientação de dissertações e teses .....	152
5.3.5 Membro de corpo editorial de periódicos científicos .....	153
<b>CAPÍTULO 6 – CARACTERÍSTICAS DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA NA ÁREA DA MUSEOLOGIA .....</b>	<b>159</b>
<b>6.1 Número de artigos de periódicos por ano de publicação .....</b>	<b>162</b>
<b>6.2 Origem dos periódicos científicos .....</b>	<b>164</b>
6.2.1 Títulos dos periódicos nacionais e internacionais .....	165
6.2.2 Publicação de artigos em periódicos classificados no Qualis .....	169
<b>6.3 Idioma dos artigos .....</b>	<b>175</b>
<b>6.4 Tipologia documental referenciada .....</b>	<b>176</b>
<b>6.5 Autores mais referenciados .....</b>	<b>181</b>
<b>6.6 Tipologia de autorias .....</b>	<b>183</b>
6.6.1 Autoria múltipla .....	185
6.6.2 Titulação e vínculo institucional da autoria múltipla .....	186
<b>6.7 Caracterização das Redes de coautoria .....</b>	<b>187</b>
6.7.1 Redes de coautoria do PPG-PMUS UNIRIO/MAST .....	188
6.7.2 Redes de coautoria do PPGPMUS USP .....	201
6.7.3 Redes de coautoria do PPGPMuseu UFBA .....	203
<b>6.8 Tendências temáticas da produção científica .....</b>	<b>207</b>
6.8.1 Categoria: Objeto/ Coleção/ Acervo .....	209
6.8.2 Categoria: Exposição museológica .....	211
6.8.3 Categoria: Preservação e Conservação do Patrimônio de Ciência e Tecnologia .....	215
6.8.4 Categoria: Teoria da Museologia .....	218
6.8.5 Categoria: Patrimônio cultural .....	221
6.8.6 Categoria: Ação cultural e educativa em museus .....	224
6.8.7 Categoria: Instituições museológicas no Brasil .....	226
6.8.8 Categoria: Função Social dos Museus .....	230

6.8.9 Categoria: Museu, Memória e Movimentos Sociais .....	233
6.8.10 Categoria: Estudo de público .....	236
6.8.11 Categoria: Documentação museológica .....	239
6.8.12 Categoria: Narrativa biográfica .....	242
6.8.13 Categoria: Ensino em Museologia .....	244
6.8.14 Categoria: Musealização do patrimônio .....	246
6.8.15 Categoria: Cibercultura museal .....	249
6.8.16 Categoria: Identidade cultural .....	251
6.8.17 Categoria: Políticas públicas de cultura .....	254
6.8.18 Categoria: Acessibilidade em museus .....	256
6.8.19 Categoria: Outras agendas de investigação .....	259
6.8.20 Síntese das tendências temáticas .....	260
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>265</b>
<b>FONTES E BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>275</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>305</b>
Apêndice A - Ficha de Solicitação de Dados ao Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/Museu de Astronomia e Ciências Afins .....	307
Apêndice B - Ficha de Solicitação de Dados ao Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia da Universidade de São Paulo .....	309
Apêndice C - Ficha de Solicitação de Dados ao Programa de Pós-Graduação em Museologia da Universidade Federal da Bahia .....	311
Apêndice D - Docentes/Pesquisadores Permanentes dos Programas de Pós-Graduação <i>Stricto Sensu</i> em Museologia no Brasil .....	313
Apêndice E - Relação de Artigos de Periódicos Científicos de Acesso Aberto dos Docentes/Pesquisadores dos Programas de Pós-Graduação <i>Stricto Sensu</i> em Museologia no Brasil - período 2006 a 2016 .....	317
Apêndice F - Relação de Dissertações de Mestrado e Teses de Doutorado dos Programas de Pós-Graduação <i>Stricto Sensu</i> em Museologia no Brasil .....	325
<b>ANEXO .....</b>	<b>339</b>
Anexo A - Documento de Área: Ciências Sociais Aplicadas I – 2016 .....	341

## ÍNDICE DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> – Fachada do Museu Histórico Nacional - 1920 .....	51
<b>Figura 2</b> – Notícia sobre a inauguração do Curso de Museus no Jornal Diário da Noite .....	52
<b>Figura 3</b> – Turma dos primeiros formandos do Curso de Museus do MHN .....	54
<b>Figura 4</b> – Localização geográfica dos cursos de Pós-Graduação <i>stricto sensu</i> em Museologia .....	67
<b>Figura 5</b> – Página <i>web</i> do PPG-PMUS UNIRIO/MAST .....	97
<b>Figura 6</b> – Página <i>web</i> do PPGMus USP .....	99
<b>Figura 7</b> – Página <i>web</i> do PPGMuseu UFBA .....	102
<b>Figura 8</b> - Categorias e subcategorias de análise do perfil acadêmico dos docentes/pesquisadores .....	130
<b>Figura 9</b> – Categorias e subcategorias de análise dos artigos científicos .....	161
<b>Figura 10</b> – Categorias de análise do <i>corpus</i> documental .....	208



## ÍNDICE DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> – Delineamento metodológico da investigação .....	28
<b>Quadro 2</b> – Instituições públicas e privadas com curso de graduação em Museologia .....	63
<b>Quadro 3</b> – Cursos de Pós-Graduação em Museologia no Brasil .....	66
<b>Quadro 4</b> – Programas de Pós-Graduação <i>stricto sensu</i> em Museologia recomendados pela CAPES .....	92
<b>Quadro 5</b> – Descrição dos Grupos de Pesquisa do PPG-PMUS UNIRIO/MAST ..	95
<b>Quadro 6</b> - Descrição dos Grupos de Pesquisa do PPGMus USP .....	98
<b>Quadro 7</b> – Descrição dos Grupos de pesquisa do PPGMuseu UFBA .....	101
<b>Quadro 8</b> – Tipos de canais de comunicação científica .....	110
<b>Quadro 9</b> – Cronologia do Movimento de Acesso Aberto à informação científica	116
<b>Quadro 10</b> – Cronologia de realização da ConfOA .....	124
<b>Quadro 11</b> – Temas de interesse .....	146
<b>Quadro 12</b> – Grupos de pesquisa liderados pelos docentes/pesquisadores .....	149



## ÍNDICE DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> – Grupos de pesquisa, Linhas de pesquisa e pesquisadores por grande área de conhecimento predominante constantes do Censo 2016 do CNPq .....	77
<b>Tabela 2</b> – Grupos de pesquisa, Linhas de pesquisa e pesquisadores por área de conhecimento da Museologia constantes do Censo 2016 do CNPq .....	79
<b>Tabela 3</b> – Distribuição de estudantes ingressos e egressos do PPG-PMUS UNIRIO/MAST .....	96
<b>Tabela 4</b> – Quantidade de docentes/pesquisadores permanentes por programa .....	129
<b>Tabela 5</b> – Formação graduada dos docentes/pesquisadores .....	131
<b>Tabela 6</b> – Instituições em que os docentes/pesquisadores realizaram os cursos de graduação .....	133
<b>Tabela 7</b> – Formação especializada dos docentes/pesquisadores .....	134
<b>Tabela 8</b> – Instituições em que os docentes/pesquisadores realizaram os cursos de graduação .....	135
<b>Tabela 9</b> – Titulação dos docentes/pesquisadores em nível de mestrado .....	137
<b>Tabela 10</b> - Instituições em que os docentes/pesquisadores realizaram os cursos de mestrado .....	138
<b>Tabela 11</b> - Titulação dos docentes/pesquisadores em nível de doutorado .....	139
<b>Tabela 12</b> - Instituições em que os docentes/pesquisadores realizaram os cursos de doutorado .....	140
<b>Tabela 13</b> – Área de realização do pós-doutorado.....	143
<b>Tabela 14</b> - Instituições de realização do pós-doutorado .....	144
<b>Tabela 15</b> – Temas de interesse dos docentes/pesquisadores .....	147
<b>Tabela 16</b> – Bolsa de produtividade vigente .....	152
<b>Tabela 17</b> – Periódicos científicos em que os docentes/pesquisadores são membro do corpo editorial .....	154
<b>Tabela 18</b> – Distribuição de artigos de periódicos por ano .....	162

<b>Tabela 19</b> – Títulos dos periódicos nacionais e internacionais e quantitativo de artigos por periódicos .....	166
<b>Tabela 20</b> - Títulos dos periódicos classificados no Qualis 2015 na área Comunicação e Informação .....	169
<b>Tabela 21</b> – Distribuição de artigos por estrato Qualis conforme Classificação de Periódicos Quadriênio 2013-2016 .....	172
<b>Tabela 22</b> – Artigos científicos por idioma .....	175
<b>Tabela 23</b> – Autores mais referenciados nos artigos .....	182
<b>Tabela 24</b> – Artigos científicos por tipo de autoria e ano de publicação .....	183
<b>Tabela 25</b> – Distribuição de artigos publicados por número de autores .....	184
<b>Tabela 26</b> – Incidência de artigos em autoria múltipla em nível nacional ou internacional .....	185
<b>Tabela 27</b> – Titulação dos autores dos artigos em autoria múltipla .....	187
<b>Tabela 28</b> – Distribuição anual dos artigos na categoria Objeto/Coleção/Acervo .	210
<b>Tabela 29</b> – Distribuição anual dos artigos na categoria Exposição museológica .	213
<b>Tabela 30</b> – Distribuição anual dos artigos na categoria Preservação e conservação do patrimônio de Ciência e Tecnologia .....	217
<b>Tabela 31</b> – Distribuição anual dos artigos na categoria Teoria da Museologia ....	219
<b>Tabela 32</b> – Distribuição anual dos artigos na categoria Patrimônio cultural .....	222
<b>Tabela 33</b> – Distribuição anual dos artigos na categoria Ação cultural e educativa em museus .....	225
<b>Tabela 34</b> - Distribuição anual dos artigos na categoria Instituições museológicas no Brasil .....	228
<b>Tabela 35</b> – Distribuição anual dos artigos na categoria Função social dos museus .....	231
<b>Tabela 36</b> - Distribuição anual dos artigos na categoria Museus, Memória e Movimentos sociais .....	234
<b>Tabela 37</b> – Distribuição anual dos artigos na categoria Estudo de público .....	238

<b>Tabela 38</b> - Distribuição anual dos artigos na categoria Documentação museológica .....	240
<b>Tabela 39</b> - Distribuição anual dos artigos na categoria Narrativa biográfica .....	242
<b>Tabela 40</b> - Distribuição anual dos artigos na categoria Ensino em Museologia ...	245
<b>Tabela 41</b> – Distribuição anual dos artigos na categoria Musealização do patrimônio .....	247
<b>Tabela 42</b> - Distribuição anual dos artigos na categoria Cibercultura museal .....	250
<b>Tabela 43</b> - Distribuição anual dos artigos na categoria Identidade cultural .....	252
<b>Tabela 44</b> – Distribuição anual dos artigos na categoria Políticas públicas de cultura .....	255
<b>Tabela 45</b> - Distribuição anual dos artigos na categoria Acessibilidade em museus .....	258
<b>Tabela 46</b> - Distribuição anual dos artigos na categoria Outras agendas de investigação .....	259
<b>Tabela 47</b> - Distribuição da classificação dos artigos em categorias temáticas por programa .....	261



## ÍNDICE DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1</b> – Total de currículos cadastrados na Plataforma Lattes .....	75
<b>Gráfico 2</b> - Produção de artigos em relação aos anos de 2006 a 2016 .....	163
<b>Gráfico 3</b> – Origem dos periódicos que publicaram os artigos .....	164
<b>Gráfico 4</b> – Distribuição total dos artigos em periódicos classificados no Qualis .	174
<b>Gráfico 5</b> – Frequência percentual do idioma nos artigos científicos .....	176
<b>Gráfico 6</b> – Tipologia documental referenciada nos artigos de periódicos .....	177



## ÍNDICE DE GRAFOS

<b>Grafo 1</b> – Rede social de coautoria de DP 4 .....	189
<b>Grafo 2</b> – Rede social de coautoria de DP 2 .....	190
<b>Grafo 3</b> - Rede social de coautoria de DP 13 .....	191
<b>Grafo 4</b> - Rede social de coautoria de DP 16 .....	192
<b>Grafo 5</b> - Rede social de coautoria de DP 11 .....	193
<b>Grafo 6</b> - Rede social de coautoria de DP 5 .....	194
<b>Grafo 7</b> - Rede social de coautoria de DP 1 .....	195
<b>Grafo 8</b> - Rede social de coautoria de DP 6 .....	196
<b>Grafo 9</b> - Rede social de coautoria de DP 9 .....	197
<b>Grafo 10</b> - Rede social de coautoria de DP 12 .....	198
<b>Grafo 11</b> - Rede social de coautoria de DP 14 .....	199
<b>Grafo 12</b> - Rede social de coautoria de DP 3 .....	200
<b>Grafo 13</b> - Rede social de coautoria de DP 7 .....	200
<b>Grafo 14</b> - Rede social de coautoria de DP 15 .....	201
<b>Grafo 15</b> - Rede social de coautoria de DP 19 .....	202
<b>Grafo 16</b> - Rede social de coautoria de DP 22 .....	203
<b>Grafo 17</b> - Rede social de coautoria de DP 27 .....	204
<b>Grafo 18</b> - Rede social de coautoria de DP 37 .....	205
<b>Grafo 19</b> - Rede social de coautoria de DP 28 .....	205
<b>Grafo 20</b> - Rede social de coautoria de DP 36 .....	206
<b>Grafo 21</b> - Rede social de coautoria de DP 31 .....	206
<b>Grafo 22</b> - Rede social de coautoria de DP 33 .....	207



## LISTA DE SIGLAS

**AA** – Acesso Aberto

**AAAS** - *American Association for the Advancement of Science*

**AAM** – *American Association Museum/ American Alliance of Museums*

**A3ES** - Agência de Avaliação e Acreditação do Ensino Superior

**ABC** – Academia Brasileira de Ciências

**ABL** – Academia Brasileira de Letras

**ABM** - Associação Brasileira de Museologia

**ACAM Portinari** - Associação Cultural de Apoio ao Museu Casa de Portinari

**ALPSP** – *Association of Learned and Professionals Society Publishers*

**ANABAD** – *Asociaciones de Archiveros, Bibliotecarios, Arqueólogos, Museólogos y Documentalistas*

**ANCIB** – Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação

**ANPEPP** - Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia

**ANR** - *Agence Nationale de la Recherche*

**APA** – *American Psychological Association*

**APCNs** – Avaliação de Propostas de Cursos Novos

**APESP** - Associação Portuguesa de Ensino Superior Privado

**APOM** - Associação Portuguesa de Museologia

**ARS** – Análise de Redes Sociais

**BDTD** - Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

**BIREME** - Biblioteca Regional de Medicina

**BMA** - *British Museum Association*

**BOAI** – *Budapest Open Access Initiative*

**B-On** - Biblioteca do Conhecimento *Online*

**CA** - Comitê de Assessoramento

**CA-AC** – Comitê de Assessoramento de Artes, Ciência da Informação, Museologia e Comunicação

**CAE** - Comissão de Avaliação Externa

**CAES** – Comissões de Avaliação Externa

**CAME** – Conferência dos Ministros de Educação Aliados

**CAPES** – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

**CAS** – *Chinese Academy of Sciences*

**CCISP** - Conselho Coordenador dos Institutos Superiores Politécnicos

**CCH** - Centro de Ciências Humanas e Sociais

**CEAM** - Curso de Estudos Avançados em Museologia

**CEHFCi** - Centro de Estudos de História e Filosofia da Ciência

**CeiED** - Centro de Estudos Interdisciplinares em Educação e Desenvolvimento

**CEIS 20** - Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX

**CETEM** - Centro de Tecnologia Mineral

**CMSI** - Cúpula Mundial sobre a Sociedade da Informação

**CENEDOM** - Centro Nacional de Estudos e Documentação da Museologia

**CESMus** - Centro de Estudos de Sociomuseologia

**C&T** – Ciência e Tecnologia

**CFE** - Conselho Federal de Educação

**CI** – Ciência da Informação

**CICI** - Comitê Internacional de Cooperação Intelectual

**CIDEHUS** - Centro Interdisciplinar de História, Cultura e Sociedades

**CINFORM** - Encontro Nacional de Ensino e Pesquisa em Informação

**CHS** - Centro de História da Sociedade e da Cultura

**CMSI** – Cúpula Mundial sobre a Sociedade da Informação

**CNAVES** - Conselho Nacional de Avaliação do Ensino Superior

**CNE** - Conselho Nacional de Educação

**CNEN** - Comissão Nacional de Energia Nuclear

**CNFCP** - Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular

**CNM** – Cadastro Nacional de Museus

**CNPq** - Conselho Nacional de Pesquisa Científica e Tecnológica

**ConfOA** – Conferência Luso-Brasileira de Acesso Aberto

**COREM** - Conselho Regional de Museologia

**CPLP** – Comunidade de Países de Língua Portuguesa

**CRUP** – Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas

**CSA I** – Ciências Sociais Aplicadas I

**CTC-ES** - Conselho Técnico-Científico da Educação Superior

**C,T&A** - Ciência, Tecnologia & Área

**D** - Doutorado

**DASP** – Divisão de Aperfeiçoamento de Pessoal

**DCI** – Departamento de Ciência da Infomação

**DEMU** – Departamento de Museus e Centros Culturais

**DIMUS** - Diretoria de Museus do Estado da Bahia DIMUS

**DGP** – Diretório de Grupos de Pesquisa

**DGPC** - Direção Geral do Património Cultural

**DHFCS** – Departamento de História, Filosofia e Ciências Sociais

**DOAJ** - *Directory of Open Access Journals*

**DoTraM** – Documents de Travail en Muséologie

**DOU** – Diário Oficial da União

**DT** – Desenvolvimento Tecnológico

**ECTS** - *European Credit Transfer and Accumulation System*

**ELPUB** - *International Conference on Electronic Publishing*

**EM** – Estatuto dos Museus

**EMBAP** - Escola de Música e Belas Artes do Paraná

**ENANCIB** – Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação

**ERIC** – *Education Resources Information Center*

**EUA** – Estados Unidos da América

**F** - Frequência

**FAECA DOM BOSCO** - Faculdade de Educação, Ciências e Artes Dom Bosco de Monte Aprazível

**FAMARO** - Faculdade de Arqueologia e Museologia Marechal Rondon

**FAPESB** - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia

**FAPESP** - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo

**FAPERJ** - Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado do Rio de Janeiro

**FBAUL**- Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa

**FCT** – Fundação para Ciência e Tecnologia

**FCCN** - Fundação para a Computação Científica Nacional

**FEFIERJ** – Federação das Escolas Federais Isoladas do Rio de Janeiro

**FESPSP** - Fundação Escola de Sociologia e Política do Estado de São Paulo

**FFCH** - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas

**FINEP** – Financiadora de Estudos e Projetos

**FINES** - Faculdades Integradas Estácio de Sá

**FIOCRUZ** - Fundação Oswaldo Cruz

**FLUC** – Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

**FLUP** – Faculdade de Letras da Universidade do Porto

**GECENF** - Educação em Ciências em Espaços Não Formais

**GEMCTAS** - Grupo de Estudos e Pesquisas em Museologia, Conhecimentos Tradicionais e Ação Social

**GIACO** – Grupo Informação, Aprendizagem e Conhecimento

**GP** – Grupo de Pesquisa

**GPAC** - Grupo de Pesquisas em Preservação de Acervos Culturais

**GREC** - Grupo de Estudos sobre Cibermuseus

**GT** – Grupo de Trabalho

**HTML** - HyperText Markup Language

**IBICT** – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia

**IBRAM** – Instituto Brasileiro de Museus

**IC** – Iniciação Científica

**ICI** – Instituto de Ciência da Informação

**ICOM** - Conselho Internacional de Museus

**ICOFOM** – Comitê Internacional para a Museologia

**ICOM BR** – Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus

**ICOM LAC** - *International Council of Museums Latin America & Caribbean Alliance*

**ICOM SUR** – Comitê de Países do Mercosul

**ICOFOM LAM** - Subcomitê Regional do ICOFOM para a América Latina e Caribe

**IES** – Instituições de Ensino Superior

**IFES** - Instituições Federais de Ensino Superior

**IFLA** – *International Federation Libraries Association*

**IHA** - Centro de Estudos Instituto de História da Arte

**IHC** – Instituto de História Contemporânea

**IIICI** - Instituto Internacional de Cooperação Intelectual

**IPHAN** - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

**IPPC** - Instituto Português do Patrimônio Cultural

**ISCTE** - Instituto Universitário de Lisboa

**ISSN** – *International Standard Serial Number*

**LAM** - *Library, Archive and Museum*

**LOCKSS** – *Lots of Copies Keep Stuff Safe*

**LORPUI** – *Leitura, Organização, Representação, Produção e Uso da Informação*

**M** - Mestrado

**MAA** – Movimento de Acesso Aberto

**MABS** - Museu Afro-brasileiro de Sergipe

**MAE** – Museu de Arqueologia e Etnologia

**MAFRO** - Museu Afro-brasileiro

**MAM** - Museu de Arte Moderna de São Paulo

**MASP** - Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand

**MAST** – Museu de Astronomia e Ciências Afins

**MAX** - Museu de Arqueologia de Xingó

**MBA** – Master Business in Administration

**MinC** – Ministério da Cultura

**MCT** – Ministério da Ciência e Tecnologia

**MCTI** - Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação

**MCTIC** - Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações

**MCUL** - Museu de Ciência da Universidade de Lisboa

**MEC** – Ministério da Educação

**MedOANet** - *Mediterranean Open Access Network*

**MIT** - *Institucional do Massachusetts Institute of Technology*

**MINOM** - Movimento Internacional para uma Nova Museologia

**MHN** – Museu Histórico Nacional

**MNBA** - Museu Nacional de Belas Artes

**MP** – Mestrado Profissional

**MUHNAC** - Museu Nacional de História Natural e da Ciência da Universidade de Lisboa

**MuWoP** – *Museological Working Papers*

**NECOBELAC** – *Network of Collaboration Between Europe and Latin-American Caribbean Countries*

**NIH** – National Institutes of Health

**NSF** – National Science Foundation

**NSL** – *Nacional Science Library*

**NUMMUS** – Núcleo de Memória da Museologia

**OA** – *Open Access*

**OAI** – *Open Archive Initiative*

**OASISbr** - Portal Brasileiro de Publicações Científicas em Acesso Aberto

**OASPA** – *Open Access Scholarly Publishers Association*

**OCLC** - *Online Computer Library Center, Inc.*

**OECD** – *Organization Economic Cooperation and Development*

**OIM** - Escritório Internacional dos Museus

**OJS** - *Open Journal System*

**ONU** – Organização das Nações Unidas

**OpenAIRE** - *Open Access Infrastructure for Reserach in Europe*

**OpenDOAR** – *Directory of Open Access Repositories*

**ORCID** – Open Researcher and Contributor ID

**PDE** - Plano de Desenvolvimento da Educação

**P&D** – Pesquisa e Desenvolvimento

**PG&C** – Perspectivas em Gestão & Conhecimento

**PhD** - *Philosofae Doctor*

**PIBIC** - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica

**PLoS** – *Public Library of Science*

**PNE** – Plano Nacional de Educação

**PNM** - Política Nacional de Museus

**PNMS** - Plano Nacional Setorial de Museus

**PNPD** - Programa Nacional de Pós-Doutorado

**PNPI** - Política Nacional de Patrimônio Imaterial

**PPC** - *Preservação, Pesquisa e Comunicação*

**PPGAPM** – Programa de Pós-Graduação em Artes, Patrimônio e Museologia

**PPGCI** – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação

**PPGCINF** - Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação

**PPGMus** - Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia

**PPGMuseu** - Programa de Pós-Graduação em Museologia

**PPG-PMUS** - Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio

**PPGMusPa** – Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio

**PROARQ** - Programa de Pós-Graduação em Arqueologia

**PQ** – Produtividade em Pesquisa

**PQ – SR** – Produtividade em Pesquisa Sênior

**PUCLATERANUM** - Pontifícia Universidade Lateranense

**PUCRS** - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

**PUG** - Pontifícia Universidade Gregoriana

**RCAAP** – Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal

**REDMUS** - Rede de Pesquisa e (In)Formação em Museologia e Patrimônio

**REUNI** - Reestruturação e Expansão das Universidades Federais

**SBPC** – Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência

**SCESP** - Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo

**SciELO** - *Scientific Electronic Library Online*

**SEM/RS** - Sistema Estadual de Museus do Rio Grande do Sul

**SIAM** - Seminário de Pesquisa em Museologia dos Países de Língua Portuguesa e Espanhola

**SIBD** – Simpósio Internacional de Bibliotecas Digitais

**SNDCT** – Sistema Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

**SNPG** - Sistema Nacional de Pós-Graduação

**TCC** – Trabalho de Conclusão de Curso

**TERCUD** - Centro de Estudo em Território, Cultura e Desenvolvimento

**UA** – Universidade dos Açores

**UC** – Universidade de Coimbra

**UDESC** - Universidade do Estado de Santa Catarina

**UÉvora** – Universidade de Évora

**UFAM** – Universidade Federal do Amazonas

**UFBA** – Universidade Federal da Bahia

**UFG** – Universidade Federal de Goiás

**UFMG** – Universidade Federal de Minas Gerais

**UFPA** – Universidade Federal do Pará

**UFPB** – Universidade Federal da Paraíba

**UFPE** – Universidade Federal de Pernambuco

**UFPEL** – Universidade Federal de Pelotas

**UFPI** - Universidade Federal do Piauí

**UFOP** – Universidade Federal de Ouro Preto

**UFRB** – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

**UFRGS** – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

**UFRJ** – Universidade Federal do Rio de Janeiro

**UFS** – Universidade Federal de Sergipe

**UFSC** – Universidade Federal de Santa Catarina

**ULHT** - Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

**UM** – Universidade do Minho

**UMIC** – Agência para a Sociedade do Conhecimento

**UnB** – Universidade de Brasília

**UNESCO** - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

**UNCTAD** – Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento

**UNIBAVE** - Centro Universitário Barriga Verde

**UNICAMP** – Universidade Estadual de Campinas

**UNICASTELO** - Universidade Camilo Castelo Branco

**UNIFESP** – Universidade Federal de São Paulo

**UNIR** – Universidade Federal de Rondônia

**UNIRIO** – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

**UP** – Universidade do Porto

**USP** – Universidade de São Paulo



# **INTRODUÇÃO**

---



A presente tese, desenvolvida no âmbito do Programa de Doutorado em História e Filosofia da Ciência Especialidade em Museologia da Universidade de Évora (UÉvora), tem como objetivo analisar a produção científica gerada no âmbito dos programas de pós-graduação *stricto sensu*<sup>1</sup> em Museologia no Brasil, a partir dos artigos de periódicos científicos de acesso aberto no período de 2006 a 2016.

Trata-se de uma investigação que se debruça sobre a produção do conhecimento científico, entendido como um processo coletivo, dinâmico e relacional que fomenta e é fomentado pelas publicações científicas. Assim, considera-se nesta investigação a produção do conhecimento científico da área da Museologia brasileira com enfoque na formação avançada/pós-graduada, no que respeita a sua evolução, desenvolvimento e situação atual.

O Brasil tem acompanhado o movimento internacional das primeiras décadas do século XXI em que tem se configurado um novo panorama não só de museus, dado o seu desenvolvimento e consolidação como campo de estudo em diversas disciplinas, mas da área da Museologia, especificamente no tocante à demanda por cursos, formação e atuação profissional (Poulot, 2013)<sup>2</sup>.

A Museologia como campo de estudos no ensino superior é considerada recente, encontrando-se ainda em processo de construção, contudo com o seu estatuto científico já reconhecido (Vaquinhas, 2013). No contexto do movimento formativo, João Brigola, tomando como base a afirmação do reconhecido museólogo Tomislav Sola, também assevera:

Acho que é indiscutível que a partir do momento em que a Museologia passou a ser matéria ensinada a nível universitário, estamos a dar razão ao museólogo croata Tomislav Sola, convidado nos anos 90 para, em Umea, na Suécia, dar uma conferência sobre a oportunidade de as universidades ensinarem museologia. Ele afirmava: “pouco me importa se a museologia é uma ciência ou não é,

---

<sup>1</sup> O cursos de pós-graduação no Brasil são divididos em dois grupos: *Lato Sensu* e *Stricto Sensu*. Os cursos de pós-graduação *lato sensu* englobam cursos de especialização, aperfeiçoamento, atualização e *Master Business in Administration* (MBA). No Brasil, as pós-graduações *stricto sensu* compreendem programas de mestrado acadêmico, mestrado profissional e doutorado. Nesta investigação foram considerados os Programas de Pós-Graduação Acadêmicos em Museologia com cursos de mestrado e doutorado.

<sup>2</sup> A história de formação é marcada pelas iniciativas pioneiras da *École du Louvre* e da *Pensylvânia Museum* da Filadélfia que datam de 1882 e 1908, respectivamente (Hernández-Hernández, 2006).

o que me interessa é que a partir do momento em que ela é ensinada na universidade passa a deter um estatuto científico” (Brigola, 2013, abril 08, *on line*).

A natureza da Museologia como “ciência ou apenas como prática do trabalho em museus” foi debatida no âmbito do Comitê Internacional para a Museologia (ICOFOM) do Conselho Internacional de Museus (ICOM) no início da década de 1980, por autores de diversos países<sup>3</sup>, no momento em que o ICOM discutia a estruturação da Museologia. Mesmo após anos desde o início das discussões sobre a natureza da área, a questão ainda é presente, sobretudo, na literatura gerada no âmbito de instituições acadêmicas voltadas aos estudos dos museus ao longo de décadas na Europa, nos Estados Unidos e, também, no Brasil.

Valente, ao focar a história dos museus e ao acompanhar o movimento de fortalecimento da área da Museologia, concluiu que, na atualidade, o museu conquistou papel de destaque e já vinha sendo objeto de estudo no âmbito de pesquisas acadêmicas desenvolvidas em diferentes áreas (Valente, 2014). Lopes e Murriello, antecedendo Valente, já apontavam o museu como objeto de investigação em várias áreas disciplinares e o reconhecimento da Museologia “como área de reflexão teórica e ação prática – essencialmente interdisciplinar –, (que) já está consolidada não só no Brasil mas, também, com diferentes trajetórias em diversos outros países latino-americanos” (Lopes & Murriello, 2005, p. 14) como Colômbia, Argentina, México (com ampla tradição) e Equador<sup>4</sup>.

Ao longo de todo o século XX, o Brasil contou apenas com três cursos em Museologia: o Curso de Museus do Museu Histórico Nacional (MHN), criado em 1932 no Rio de Janeiro, o qual foi herdado pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)<sup>5</sup>, o Curso de Graduação em Museologia da Universidade Federal da

---

<sup>3</sup> Um deles foi o reconhecido Zbynek Zbyoslav Stránský (1926-2016) que na época era Diretor do Departamento de Museologia do Museu da Morávia e Diretor do Departamento de Museologia da Faculdade de Filosofia da *Univerzita Jana Evangelisty Purkyně*, Brno, Tchecoslováquia. Os autores expressavam suas considerações acerca da questão em artigos publicados no *Museological Working Papers (MuWoP)/Documents de Travail en Muséologie* (Dotram) (Cury, 2014).

<sup>4</sup> Reconhece-se, sobretudo, que na América Latina os Museus Nacionais se confundem com os Museus de História Natural, como mostra estudo de Lopes (1997) sobre o Brasil, quando aponta tais museus como espaços privilegiados para a pesquisa da História das Ciências.

<sup>5</sup> O primeiro curso criado pelo MHN foi transferido para a UNIRIO no final da década de 1970 do século XX.

Bahia (UFBA) na Bahia, criado em 1970<sup>6</sup>, ambos em instituições públicas, e, por fim, com o curso da Faculdade de Arqueologia e Museologia Marechal Rondon (FAMARO) no Rio de Janeiro, em instituição privada, criado em 1975, transferido mais tarde para Faculdades Integradas Estácio de Sá (FINES), com funcionamento encerrado em 1995<sup>7</sup>.

A formação em Museologia teve sua expansão somente na primeira década do século XXI. Antes com oferta apenas dos cursos da UNIRIO e da UFBA, a partir do ano de 2003 houve um *boom* para os atuais 16 cursos, em nível de graduação, espalhados por todas as cinco regiões do país (Sul, Sudeste, Centro-Oeste, Norte e Nordeste). Um progresso assinalável que expõe um quadro mais expressivo da presença da Museologia nas universidades brasileiras, “disposição que já vinha sendo anunciada pelas pesquisas acadêmicas produzidas em diferentes departamentos disciplinares das universidades brasileiras (...)” (Valente, 2014, p. 38).

Na atualidade o cenário da Museologia, em termos de oferta de curso de graduação, é o seguinte: a região Sul do Brasil conta com quatro cursos, a região Sudeste com cinco cursos, a região Centro-Oeste com dois cursos, a região Norte conta com um curso e, por fim, a região Nordeste com quatro cursos.

Assinala-se que dos 16 cursos de graduação em Museologia existentes no país apenas três funcionam em instituições privadas. A maioria dos cursos foi criada no âmbito das instituições de ensino superior (IES) públicas.

A expansão dos cursos de graduação e, conseqüentemente, a criação de cursos de pós-graduação em Museologia no país já era uma necessidade apontada desde os anos 1980. Mas foi a partir dos anos 2000 que a necessidade de formação e capacitação de recursos humanos na área ganhou força passando a compor um dos eixos programáticos de uma estratégia do governo federal do Brasil: a Política Nacional de Museus (PNM).

A PNM<sup>8</sup> foi lançada em 16 de maio de 2003 como fruto das ações do Ministério da Cultura (MinC), na época sob a gestão do então Ministro Gilberto Gil<sup>9</sup>, durante o governo do Presidente Luís Inácio Lula da Silva, com vistas a:

---

<sup>6</sup> Segundo curso de Museologia criado no Brasil.

<sup>7</sup> O cenário formativo atual da área da Museologia é detalhado no Capítulo 2 desta tese.

<sup>8</sup> Conf. Rangel e Nascimento Júnior (2015), destaca-se a internacionalização da PNM que serviu de modelo para diversos países da América Latina. Como exemplo de sua internacionalização, mencionam-

promover a valorização, a preservação e a fruição do patrimônio cultural brasileiro, considerado como um dos dispositivos de inclusão social e cidadania, por meio do desenvolvimento e da revitalização das instituições museológicas existentes (...)” (Política Nacional de Museus, 2004, p. 7).

A PNM, elaborada em parceria com a comunidade museológica brasileira, pretendia “propor instrumentos de financiamento e fomento dos museus, desenvolver ações e iniciativas para oferecer visibilidade e condições de existência e consolidação aos museus como instituições e campo científico e profissional” (Moraes, 2009, p. 61).

A partir da criação da PNM, Moraes assinala como marcos estruturantes das ações governamentais em prol da política museológica no Brasil: a criação do Departamento de Museus e Centros Culturais (DEMU), em 2003, seguida da criação em 2004 do Sistema Brasileiro de Museus (SBM), a criação do Cadastro Nacional de Museus (CNM) em 2006, o estabelecimento do Estatuto dos Museus (EM) e, por fim, a criação do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), ambos em 2009<sup>10</sup> (Moraes, 2009).

O IBRAM foi criado pelo então Presidente Luiz Inácio Lula da Silva por meio da Lei 11.906/2009 com vinculação ao MinC. A referida autarquia, responsável pela PNM, nasceu com a incumbência de formular política cultural para os museus brasileiros (públicos e privados) visando a melhoria deste setor e, conseqüentemente, fornecer meios para atender a necessidade de ampliação da área da Museologia.

Com efeito, o crescimento da oferta formativa em Museologia é atribuída à PNM e às iniciativas do IBRAM, o que se deu em conformidade com a favorável conjuntura das instituições federais de ensino superior (IFES), sobretudo, relacionada ao Programa de Apoio aos Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI). O REUNI, vinculado ao Plano de Desenvolvimento da Educação

---

se a criação do Programa Ibermuseus (<http://www.ibermuseus.org/instit/conheca-o-programa-ibermuseus/>), a idealização, junto a UNESCO, da Recomendação de Proteção do Patrimônio Museológico, a criação do MercoMuseus (<http://www.museus.gov.br/tag/mercomuseus/>) e acordos bilaterais com diversos países.

<sup>9</sup> Esteve à frente do MinC entre 2003 e 2008. Recebeu título de Doutor *Honoris Causa* em Museologia pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT) em 2008 (Chagas, 2009; Moutinho & Primo, 2017).

<sup>10</sup> O Estatuto de Museus e o IBRAM foram regulamentados pelo Decreto 8.124/2013.

(PDE) do Ministério da Educação (MEC), foi criado como estratégia do governo para ampliar o acesso e a permanência na educação superior e, também, para o crescimento do ensino superior público, para a sua expansão física, acadêmica e pedagógica (MEC, 2008).

No tocante ao ensino da Museologia em nível de pós-graduação *stricto sensu* (mestrado e doutorado), a situação formativa é considerada recente, com início há pouco mais de 10 anos, e é, de certa forma, ainda restrita no Brasil. Restrita no sentido de que, dada a proporção continental do país, a oferta pós-graduada *stricto sensu* ainda não figura em todas as regiões do país.

Consoante a tardia oferta de cursos de pós-graduação *stricto sensu* em Museologia, registram-se outras iniciativas formativas, nomeadamente, cursos de especialização e de atualização na área de Museologia que, por muito tempo, procuravam resolver a situação de carência imediata e, portanto, supriram a demanda nacional por formação avançada.

Em rigor, cabe sublinhar a criação do Curso de Especialização (*Lato Sensu*) em Museologia da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP) em 1977. O curso foi idealizado e coordenado por Waldisa Rússio Camargo Guarnieri (1935-1995), pioneira nos estudos de museus e museologia no Brasil como salientam alguns autores (Bruno, Araújo, & Coutinho, 2010), reconhecida, também, por sua atuação em busca da internacionalização do pensamento museológico brasileiro durante os anos de 1970 e 1980<sup>11</sup> (Duarte Cândido & Ruoso, 2012). O Curso de Especialização em Museologia da FESPSP foi, durante décadas, responsável pela formação de uma geração de especialistas em Museologia. No período de 1978 a 1996 o curso da FESPSP formou 142 especialistas em Museologia (Coutinho, 2010). Vinte e um anos após o encerramento do Curso de Especialização em Museologia da FESPSP, a instituição abriu consulta pública em novembro de 2016 para conhecer o interesse de possíveis candidatos em um novo curso de pós-graduação em Museologia. Para isto elaborou um

---

<sup>11</sup> Duarte Cândido e Ruoso (2012) mencionam também, além da atuação de Waldisa Rússio Camargo Guarnieri na referida internacionalização da museologia brasileira, sobretudo no estabelecimento de relações entre Brasil e Portugal, o nome da museóloga Fernanda de Camargo e Almeida-Moro (falecida em maio de 2015) formada pelo Curso de Museus do MHN. As autoras reforçam que Waldisa Rússio é uma das poucas brasileiras com produção veiculada em obras como o *Dictionnaire encyclopedique de muséologie*.

questionário eletrônico disponibilizado na mídia social *Facebook*<sup>12</sup>. Finalmente, em janeiro de 2017 a FESPSP divulgou a criação do Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Gestão de Acervos Museológicos<sup>13</sup>.

Além do já referido curso idealizado por Waldisa Rússio na FESPSP, não se pode ignorar a existência do Curso de Especialização em Museologia do Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE) da Universidade de São Paulo (USP), que funcionou no período de 1999 a 2006, com quatro edições (Duarte Cândido & Ruoso, 2012), e também as iniciativas pontuais do Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP) e da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), ambos com cursos desativados. Destacam-se, ainda, o Curso de Especialização em Museologia, Colecionismo e Curadoria do Centro Universitário de Belas Artes em São Paulo criado em 2013, o Curso de Especialização em Museologia, Patrimônio Cultural do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) criado em 2002, o Curso de Especialização em Museologia da Universidade Federal de Goiás (UFG) em 2002, o Curso de Especialização em Museologia do Centro Universitário Franciscano de Santa Maria no Rio Grande do Sul e o Curso de Especialização em Museologia da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), ambos criados em 2003, e o Curso de Especialização em Museologia da Escola de Música e Belas Artes do Paraná (EMBAP) criado em 2004 (Marshal, 2008). Acrescentam-se, o Curso de Especialização em Museologia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e o Curso de Especialização em Museologia da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) em Minas Gerais, criado em 2012. Para além destes, assinala-se a realização do Curso de Estudos Avançados em Museologia (CEAM)<sup>14</sup>, fruto da parceria firmada entre a

---

<sup>12</sup> Disponível em:

<https://www.facebook.com/fespspoficial/photos/a.281793338541595.77766.174632132591050/1133676330019954/?type=3>. Acesso em: 22 nov. 2016. A FESPSP ainda promove o curso de extensão Introdução à Museologia. Disponível em: [http://www.fespsp.org.br/curso/131/introducao\\_a\\_museologia\\_2\\_semestre](http://www.fespsp.org.br/curso/131/introducao_a_museologia_2_semestre).

<sup>13</sup> Disponível em: [http://www.fespsp.org.br/curso/149/gestao\\_de\\_acervos\\_museologicos](http://www.fespsp.org.br/curso/149/gestao_de_acervos_museologicos).

<sup>14</sup> Em acordo assinado entre a ABM e a Unidade Funcional de Museologia da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da ULHT é desenvolvido, em parceria com uma instituição de ensino superior do Brasil, o CEAM, já promovido em três edições. A primeira edição do CEAM realizou-se no MHN no Rio de Janeiro em 2008. A segunda edição do curso, realizada entre 1 e 28 de agosto de 2011 no Museu Rodin em Salvador, deu-se em parceria com a UFBA, contando com o apoio do IBRAM e da Diretoria de Museus do Estado da Bahia (DIMUS). A terceira edição do CEAM, realizada no período de 3 a 29 de

Associação Brasileira de Museus (ABM) e a Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias de Lisboa (ULHT).

A formação pós-graduada *stricto sensu* em Museologia no Brasil conta com cinco programas de Pós-Graduação que ofertam cinco cursos de mestrado (sendo três mestrados acadêmicos<sup>15</sup> e dois mestrados profissionais<sup>16</sup>) e um curso de doutorado em funcionamento, os quais se encontram devidamente recomendados e reconhecidos pela agência responsável pela avaliação, recomendação e reconhecimento dos cursos, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)<sup>17</sup>, fundação vinculada ao MEC.

Em dezembro de 2016 a área da Museologia passou a contar com mais um curso. A CAPES aprovou a proposta de criação do curso de Mestrado em Museologia e Patrimônio da UFRGS com funcionamento a partir de 2017<sup>18</sup>.

Diferentemente dos cursos de graduação em Museologia, os cursos de pós-graduação *stricto sensu* na área ainda não figuram nas cinco regiões do Brasil, concentram-se, portanto, apenas nas regiões Sudeste (nos estados do Rio de Janeiro e de São Paulo) e Nordeste (nos estados da Bahia e do Piauí) do país, e agora conta com um curso na região Sul (no estado do Rio Grande do Sul). Este cenário de distribuição geográfica dos cursos de pós-graduação *stricto sensu* em Museologia está longe do desejável, pois o epicentro dos cursos na região sudeste do país, mais especificamente,

---

agosto de 2015, foi desenvolvida em conjunto com a PUC/RS e contou com o apoio da ABM, do IBRAM e do Sistema Estadual de Museus do Rio Grande do Sul (SEM/RS).

<sup>15</sup> Modalidade que tem como característica introduzir o mestrando à literatura científica e à evolução do *status quo* da área em que realiza o mestrado, bem como promover a sua capacitação em atividades de pesquisa, de modo a qualificar para o exercício do magistério superior (Piquet, Leal, & Terra, 2005).

<sup>16</sup> Corresponde a modalidade de formação pós-graduada voltada para qualificação profissional em atendimento às demandas do mercado não acadêmico (Barros, Valentim, & Melo, 2005). Foi idealizado em 1960, porém implantado, efetivamente, a partir da Portaria nº 80 de 1998 da CAPES (Piquet, Leal, & Terra, 2005). Atualmente, conta-se com 718 cursos de Mestrado Profissional no Brasil (CAPES, 2017).

<sup>17</sup> A modalidade de Doutorado Profissional foi instituída no âmbito da Pós-Graduação *stricto sensu* pelo MEC, conforme Portaria nº 389 de 23 de março de 2017, publicada no Diário Oficial da União de 24 de março de 2017. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/sala-de-imprensa/noticias/8328-portaria-instituicao-doutorado-profissional>. Acesso em: 27 mar. 2017.

<sup>18</sup> Em fevereiro de 2017, o recém-criado Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio (PPGMusPa) tornou público o Edital de Seleção para ingresso de primeira turma no curso de mestrado acadêmico, com oferta de 10 vagas. O PPGMusPa tem como área de concentração Museologia e Patrimônio que se desdobra em duas linhas de pesquisa, sendo a linha 1 *Cultura e Patrimônio* e a linha 2 *Museus, Museologia e Coleções*. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/ppgmuspa/institucional/cursos/mestrado>. Acesso em: 09 abr. 2017.

no eixo Rio de Janeiro-São Paulo, em instituições consagradas (UNIRIO e USP), é um *déficit* e uma barreira à formação de potenciais estudantes de pós-graduação em Museologia em outras regiões do Brasil como as regiões Norte e Centro-Oeste.

Em que pese a relativamente recente e ainda restrita oferta de cursos de mestrado e doutorado, é importante registrar que há toda uma tradição construída na área da Museologia brasileira que não pode ser ignorada ou esquecida, pois várias lideranças da área além de terem frequentado o já mencionado Curso de Especialização em Museologia da FESPSP, cursos no Rio de Janeiro e em outros espaços que possibilitavam diferentes tipos de formação em Museologia, a exemplo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), desenvolveram dissertações e teses em diversos outros cursos de mestrado e doutorado em vários estados do país e nas mais diversas Escolas ou Faculdades, tais como Educação, Antropologia, História, Artes, Ciências da Comunicação, Geociências, dentre outras que acolheram a temática<sup>19</sup>.

Em conformidade com o cenário dos cursos de graduação, mestrado e doutorado em Museologia, importa sublinhar o crescimento da literatura científica brasileira nesta área, o que permite, segundo Ernesto Spinak, a avaliação da atividade científica gerada, especialmente, no âmbito dos programas de pós-graduação, bem como analisar porque as dinâmicas desta atividade ocorrem e como ocorrem, configurando-se como um componente para a política científica (Spinak, 1998).

O cenário de evolução dos cursos de graduação e de pós-graduação em Museologia e da literatura científica gerada no Brasil reverberou na criação e proliferação de periódicos científicos dedicados às suas reflexões teóricas e práticas, marcando a necessidade de disseminar o saber-fazer da área. Faz-se menção aos existentes e reconhecidos periódicos que escoavam a produção científica desenvolvida no escopo da Museologia, a exemplo do *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi* –

---

<sup>19</sup> Como exemplo, mencionam-se em São Paulo: Maria Cristina Oliveira Bruno com dissertação e tese sobre a temática desenvolvidas no Mestrado em História Social e Doutorado em Arqueologia nas décadas de 1980 e 1990, respectivamente, pela Universidade de São Paulo; Marília Xavier Cury com dissertação e tese sobre a temática desenvolvidas no Mestrado e Doutorado em Ciências da Comunicação pela USP nas décadas de 1990 e 2000, respectivamente; Marcelo Mattos Araújo especialista em Museologia pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo e Doutor pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo na década de 2000, dentre outros. E no Rio de Janeiro, Tereza Cristina Moletta Scheiner com dissertação e tese sobre a temática desenvolvidas no mestrado e doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro nas décadas de 1990 e 2000, respectivamente.

*Ciências Humanas* (originário do antigo *Boletim do Museu Paraense de História Natural e Ethnographia* criado em 1894), *Anais do Museu Paulista* (criado em 1922), *Anais do Museu Histórico Nacional* (criado em 1940) e, também, aos periódicos contemporâneos como *Museologia e Patrimônio*<sup>20</sup> da UNIRIO (criado em 2008), a *Revista Museologia & Interdisciplinaridade*<sup>21</sup> da UnB (criada em 2012), dentre outros periódicos (Costa, Nunes, & Lopes, 2015) já afirmados no domínio da Museologia.

Na perspectiva de Jesús Pedro Lorente, a existência dos periódicos científicos em uma área científica é “uno de los indicadores habitualmente usados para valorar hasta qué punto un área del saber se ha consolidado como una disciplina científica *per se*, además de su mayor o menor grado de reconocimiento universitario” (Lorente, 2013, p. 78). O autor em investigação sobre o panorama histórico de revistas sobre museus e Museologia na Espanha, na Hispanoamérica, no Brasil e em Portugal, constatou sua abundância e variedade nestes países, levando-o a concluir que isto reflete o desenvolvimento alcançado pela Museologia como área científica.

É importante destacar que o surgimento de periódicos sobre Museologia no território europeu, consoante ao impulso da profissionalização na área, deu-se a partir do final do século XIX na Alemanha, com a criação do periódico *Zeitschrift für Museologie und Antiquitätenkunde* em 1878, e, posteriormente, com a criação no Reino Unido, em 1889, da *Museums Association* é que surge o *Museums Journal*, a partir de 1901. O *Museums Journal* é reconhecido como a primeira revista nacional sobre museus do mundo (Hernández-Hernández, 2006).

Assim, na esteira das considerações expostas, revela-se bastante instigante analisar como vem se desenvolvendo a produção científica da área da Museologia no Brasil gerada no âmbito dos programas de pós-graduação *stricto sensu* em Museologia, dado o reconhecimento do papel dos programas para conferir impulso teórico e conceitual para a área, já que é amplamente reconhecido que as pesquisas inovadoras se desenvolvem fundamentalmente no âmbito da pós-graduação (Velloso & Velho, 2001). Essa investigação se reveste de maior importância, considerando-se que a produção científica é um critério fundamental da CAPES na avaliação, recomendação e

---

<sup>20</sup> O periódico é vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio (PPG-PMUS).

<sup>21</sup> Criada pelo Curso de Graduação em Museologia, com vinculação ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCINF).

reconhecimento dos programas de pós-graduação no Brasil. Tanto que a CAPES criou um sistema nacional de avaliação da produção científica por áreas de conhecimento com a finalidade de estratificar a qualidade da produção intelectual gerada no âmbito dos programas de pós-graduação *stricto sensu* denominado Qualis.

O Qualis é um conjunto de procedimentos utilizados pela CAPES para atender as necessidades específicas do sistema de avaliação dos programas de pós-graduação e se baseia nas informações fornecidas pelos programas por meio do Módulo Coleta de Dados na Plataforma Sucupira<sup>22</sup>. O resultado das informações registradas permite a disponibilização de uma lista com a classificação dos periódicos utilizados pelos programas de pós-graduação para veicular sua produção (Barata, 2016).

No caso dos periódicos científicos, o Qualis estabelece estratos indicativos de qualidade segundo critérios determinados por cada área de conhecimento, os quais devem ser cumpridos pelos periódicos científicos, atribuindo aos mesmos os estratos A1; A2; B1; B2; B3; B4; B5; C, sendo A1 o estrato mais elevado e o estrato C representativo de peso zero<sup>23</sup> (CAPES, 2015).

Dessa forma, ao analisar a produção científica gerada no âmbito da pós-graduação *stricto sensu* em Museologia, sobretudo produção esta veiculada em periódicos científicos, dá-se uma contribuição para o panorama recente e atual da área da Museologia brasileira que a partir dos primeiros anos do século XXI vem passando por significativa ampliação e dinamização em termos de oferta formativa nas IES do país. Isto vai de encontro ao que Inês Hennigen chama de contemporaneidade, que é uma situação ou processo que está ocorrendo no nosso tempo, imbuídos de transformações em várias esferas (sociais, culturais, econômicas, tecnológicas, etc.) as

---

<sup>22</sup> Sistema onde devem ser inseridos dados de infraestrutura física, formação e atividades de docentes, matrícula e titulação de alunos, disciplinas oferecidas, projetos de pesquisa desenvolvidos, produção bibliográfica em termos de artigos científicos, livros, dissertações e teses defendidas, produção técnica e tecnológica, etc. Para o recebimento dessas informações, há um sistema denominado "Coleta de Dados", que foi reformulado para fazer parte da Plataforma Sucupira.

<sup>23</sup> Considerando que os periódicos científicos são avaliados por área de conhecimento, um mesmo periódico pode ter diferentes classificações. Por exemplo, a *Revista Museologia e Patrimônio* foi avaliada na então área de Ciências Sociais Aplicadas I (atual Comunicação e Informação), com estrato B1, mas foi classificado em outras área como História, Interdisciplinar, Antropologia, Sociologia, Antropologia/Arqueologia com B2, conforme consulta ao Qualis, Classificação de Periódicos Quadriênio 2013-2016, por meio de acesso à Plataforma Sucupira: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/veiculoPublicacaoQualis/listaConsultaGeralPeriodicos.jsf>.

quais geram contornos passíveis de reflexões, mas que em alguns momentos requer o contraponto com o passado para “mostrar os deslocamentos e rompimentos que se processaram e/ou estão em curso” (Hennigen, 2007, p. 192).

Com efeito, considerando que “a tônica do século XXI já está inserida na agenda de investigação do Programa de Doutorado em História e Filosofia da Ciência da Uévora” (Nunes, 2015 – informação verbal)<sup>24</sup>, ilustra-se esta assertiva com menção à tese de Ana Alexandra Rodrigues Carvalho sob o título de *Diversidade cultural e museus no século XXI*, pelo Programa de Doutorado em História e Filosofia da Ciência Especialidade em Museologia da UÉvora. Destaca-se, também, a tese de Maria Clara de Frayão Camacho intitulada *Credenciação, sistema e redes nacionais de museus: uma panorâmica europeia contemporânea* no âmbito do Programa de Doutorado em História da UÉvora. Ambas concluídas no ano de 2014.

Em consonância com a perspectiva disciplinar e agenda de investigação da História e Filosofia da Ciência, tendo como eixo a Museologia, com foco para refletir sobre suas práticas científicas, esta investigação situa-se numa perspectiva interdisciplinar<sup>25</sup>, sobretudo, na relação de diálogo com referenciais das áreas da Museologia e da Ciência da Informação, embasada pelo entendimento de que este diálogo já é uma realidade entre as referidas áreas.

O interesse para o desenvolvimento desta investigação, que se propõe a abordar a produção científica gerada no âmbito dos programas de pós-graduação *stricto sensu* em Museologia no Brasil, pauta-se em movimentos que se articulam e se complementam: *background* e percurso da nossa prática profissional como professora junto à Universidade Federal da Paraíba (UFPB). A identificação e dedicação aos temas da produção científica, da comunicação científica e dos periódicos científicos já transparecia em nossa dissertação de mestrado na área da Ciência da Informação (2008)<sup>26</sup>. Aliado ao exposto, a experiência de idealização e gestão do periódico

---

<sup>24</sup> Fala durante as Jornadas de Investigação do Programa de Doutorado em História e Filosofia da Ciência especialidade Museologia na Universidade de Évora em 02 de outubro de 2015.

<sup>25</sup> A interdisciplinaridade é vista como “possível estratégia pedagógica e epistemológica para responder aos diferentes problemas de uma determinada área, cuja resposta ou solução demanda conhecimentos oriundos de diferentes áreas” (Pinheiro & Granato, 2012, p. 29).

<sup>26</sup> Na dissertação de mestrado procedemos a análise da usabilidade do Portal de Periódicos da CAPES. Portal criado para subsidiar o desenvolvimento científico e tecnológico brasileiro por meio da promoção de cursos de mestrado e doutorado, pesquisa e desenvolvimento (P&D). Como reconhecimento, a referida

científico eletrônico de acesso aberto *Perspectivas em Gestão & Conhecimento* (PG&C) desde 2010<sup>27</sup>, reforçou, ainda mais, o interesse por abordar estes temas.

Nesse quadro, a motivação por abordar estes temas tendo como interesse a área da Museologia diz respeito à pretensão de abertura de curso de graduação em Museologia na UFPB, o qual já conta com projeto pedagógico elaborado por docentes do Departamento de Ciência da Informação da UFPB. Configura-se, portanto, razão de incentivo institucional para qualificação doutoral de docentes do referido departamento na área de Museologia.

No Brasil algumas escolas e departamentos de Ciência da Informação têm envidado esforços no sentido de estabelecer diálogo e aproximação entre as áreas da Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia não apenas no aspecto institucional, mas na formulação de um tronco comum de disciplinas e atividades acadêmico-científicas, a exemplo do que vem sendo desenvolvido em algumas IES do Brasil, a saber: na Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), no Departamento de Ciências da Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e na Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília (UnB) (Ramos & Araújo, 2014).

A experiência destas instituições no esforço de integração dos currículos e da formação em Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia no âmbito da área da Ciência da Informação<sup>28</sup> passam por questões da efetiva integração teórica e

---

dissertação recebeu duas premiações: melhor dissertação do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFPB no ano de 2008; e o 1º lugar no Prêmio de Teses e Dissertações da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB) – categoria Dissertação – no ano de 2009.

<sup>27</sup> Além disso, Conselheira dos periódicos *Perspectivas em Ciência da Informação* (Belo Horizonte, Brasil), *Biblios - Revista de Bibliotecología y Ciencias de la Información* (Lima, Peru) e da *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação* (São Paulo, Brasil). Membro do Comitê Editorial da *Revista Iberoamericana de Turismo* (Maceió, Brasil/Girona, Espanha), e, ainda, revisora/avaliadora dos seguintes periódicos: *Revista Interamericana de Bibliotecología* (Medellín, Colômbia), *African Journal of Library, Archives and Information Science* (Ibadan, Nigéria), *Encontros Bibli* (Florianópolis, Brasil), *Brazilian Journal of Information Science* (Marília, Brasil), *PontodeAcesso* (Salvador, Brasil), *Revista Bibliotecas Universitárias* (Belo Horizonte, Brasil), *Biblionline* (João Pessoa, Brasil) e *Revista ACB* (Florianópolis, Brasil), e consultora parecerista da *Editora da Universidade Federal de Rondônia* (UNIR, Brasil).

<sup>28</sup> A Ciência da Informação “é um campo dedicado às questões científicas e à prática profissional voltadas para os problemas da efetiva comunicação do conhecimento e de seus registros entre os seres humanos, no contexto social, institucional ou individual do uso e das necessidades de informação. No tratamento destas questões são consideradas de particular interesse as vantagens das modernas tecnologias informacionais” (Saracevic, 1996, p. 47).

epistemológica destas áreas, porém ressaltando a necessidade de reconhecimento das especificidades de cada uma das áreas e a absorção do conhecimento acumulado e dos avanços obtidos pelas mesmas (Araújo, 2011; Araújo, Marques, & Vanz, 2011).

Nesse contexto, o quadro de integração citado e “os indícios de convergências teóricas entre a Ciência da Informação e a Museologia”, evidenciam uma particularidade do Brasil. Segundo Pinheiro, diferentemente da literatura estrangeira inexistente ou escassa sobre a relação entre as áreas, “a situação brasileira se configura como exceção”, haja visto o número de investigações interdisciplinares, entre as duas áreas, desenvolvidas no âmbito de Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação (Pinheiro, 2012, p. 13) com tradicional existência no Brasil desde 1970<sup>29</sup>.

Tanto que a Museologia foi inserida no Grupo de Trabalho (GT) da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB), sob a designação de Museu, Patrimônio e Informação. O GT 09 - Museu, Patrimônio e Informação<sup>30</sup> teve a sua criação alicerçada pelo interesse comum dos partícipes do então GT Debates em Museologia e Patrimônio do VIII Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ENANCIB), realizado em Salvador, no ano de 2007, no cruzamento entre Museologia e Ciência da Informação. Assim, por ocasião do IX ENANCIB, ocorrido em São Paulo, deu-se a criação oficial do GT 9 em Assembleia Geral da ANCIB em 2008.

A Museologia e a Ciência da Informação compartilham do mesmo espaço institucional em duas agências de amparo à pós-graduação brasileira: o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e a CAPES. No CNPq, a Museologia integra o Comitê de Assessoramento de Artes, Ciência da Informação, Museologia e Comunicação (CA-AC) na área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (CNPq, 2015, on line). Na CAPES a Museologia integra a Grande Área Comunicação e

---

<sup>29</sup> O primeiro curso de mestrado em Ciência da Informação do Brasil foi criado em 1970 pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), instituição pioneira na inserção da Ciência da Informação no país e na América Latina. O primeiro doutorado em Ciência da Informação data de 1994. Disponível em: <http://www.ppgci.ufrj.br/apresentacao/>.

<sup>30</sup> O GT apresenta a seguinte ementa: Análise das relações entre o museu (fenômeno cultural), o patrimônio (valor simbólico) e a informação (processo), sob múltiplas perspectivas teóricas e práticas de análise. Museu, patrimônio e informação: interações e representações. Patrimônio musealizado: aspectos informacionais e comunicacionais. Disponível em: <http://gtancib.fci.unb.br>.

Informação (que até 2016 se denominava Ciências Sociais Aplicadas I – CSA I) juntamente com a Ciência da Informação e a Comunicação (CAPES, 2016, on line).

Além da Ciência da Informação, outras áreas aliam seus conhecimentos “conceituais e/ou metodológicos” à trajetória da área da Museologia. Áreas como Administração (em museus), Comunicação, Diplomática, História das Ciências, Paleontologia, dentre outras<sup>31</sup> (Lima, 2003), aliam seus saberes ao “campo museológico ao longo do seu percurso (...), ora no contexto da formação acadêmica da Museologia, ora no quadro das pesquisas e demais estudos realizados no âmbito dos museus” (Lima, 2013, p. 58).

Esta tese se detém à área da Museologia em conexão científica com a História da Ciência e a construção de um *corpus* epistemológico. Pautou-se em referenciais da Ciência da Informação e da Museologia, basilares para a presente investigação. Isto possibilitou uma conjuntura científica de áreas disciplinares para embasar as discussões acerca do objeto de estudo, da área da Museologia, dos cursos de Pós-Graduação *stricto sensu* (Mestrado acadêmico e Doutorado) e, também, da literatura científica gerada nestes cursos no âmbito do Brasil.

Nesse contorno, reforça-se que a presente tese, desenvolvida no âmbito do Programa de Doutorado em História e Filosofia da Ciência Especialidade Museologia da UÉvora, tem como objetivo analisar a produção científica gerada no âmbito dos programas de pós-graduação *stricto sensu* em Museologia no Brasil, com foco para a produção científica veiculada em periódicos científicos eletrônicos de acesso aberto no período de 2006 a 2016.

O objetivo geral já referido suscitou a determinação dos seguintes objetivos específicos: descrever os programas de pós-graduação *stricto sensu* em Museologia no Brasil; caracterizar os docentes/pesquisadores do núcleo docente permanente dos programas de pós-graduação *stricto sensu* em Museologia no Brasil; e, caracterizar a

---

<sup>31</sup> Antropologia, Arqueologia, Arquitetura (de Museus e de Exposições), Arquivologia, Arte Sacra, Artes Plásticas, Astronomia, Biblioteconomia, Botânica, Ciências da Computação, Comunicação Visual, Desenho Industrial, Documentação/ Documentação em Museus ou Documentação Museológica (contexto da CI), Ecologia, Educação Ambiental, Educação Patrimonial, Etnologia / Etnografia, Estética, Diplomática, Filatelia, Filosofia, Física, Heráldica, História, História da Arte, História das Ciências, História Militar e Naval, Iconografia, Informática, Informação em Arte (contexto da CI), Memória Social, Mineralogia, Música, Numismática, Paleontologia, Pedagogia / Educação em Museus / Educação Artística, Preservação / Conservação / Restauração, Química, Semiologia / Semiótica, Sigilografia, Sociologia, Webdesign, Zoologia (Lima, 2003, 2013).

produção científica da área da Museologia ao longo dos anos a partir de artigos publicados em periódicos científicos eletrônicos de acesso aberto.

A delimitação por periódicos científicos eletrônicos de acesso aberto para análise da produção científica encontra raiz na reconhecida tradição do Brasil no domínio deste tipo de canal de comunicação científica com sólida implantação de periódicos de acesso aberto por parte de universidades, institutos de pesquisa, sociedades científicas e grupos de pesquisa, além do reconhecido pioneirismo do Brasil na criação, em 1997, de uma biblioteca eletrônica, a *Scientific Eletronic Library Online* (SciELO). A SciELO reúne coleção de todas as áreas do conhecimento disponibilizada em acesso aberto, criada anos antes do início do *Open Access* (OA) ou Movimento de Acesso Aberto (MAA) ser deflagrado em 2000.

O OA ou MAA é considerado um fenômeno provocador de mudança no modelo de comunicação científica em todo o mundo, calcado nas estratégias de acesso aberto, a Via dourada (periódicos científicos eletrônicos de acesso aberto) e a Via Verde (repositórios institucionais de acesso aberto), que vêm suscitando o estabelecimento de políticas institucionais de Acesso Aberto (AA) globalmente.

A opção por centrar esta investigação na baliza cronológica entre os anos de 2006 a 2016, como marco para análise da produção científica, é caracterizada pela implantação, em 2006, do primeiro curso de pós-graduação *stricto sensu* em Museologia no Brasil em nível de mestrado. Presume-se, portanto, que desde então se deu o arranque da produção científica na área desenvolvida, de fato, no âmbito de um programa de formação avançada em Museologia, que mais tarde seria indicador de avaliação do programa, o que introduz possibilidades de análise. Em resumo, o período de 2006 a 2016 abrange a criação dos cursos de mestrado e doutorado. Contudo, assinala-se que delimitar a investigação sobre a produção científica em Museologia no período de 2006 a 2016 não significa desconsiderar contextos anteriores, os quais podem concorrer para expressar de forma mais elucidativa as demarcações internas ao próprio período investigado. O fato de trabalhar anos iniciais permite não perder de vista a contribuição de lideranças que podem ou não estar marcando a área, sobretudo lideranças que compõem o corpo docente dos programas.

Dessa forma, foram considerados os programas de Pós-Graduação *stricto sensu* em Museologia considerados *loci* privilegiados de práticas científicas, produção de

conhecimento e formação de pesquisadores, a saber: o Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio (PPG-PMUS) da UNIRIO desenvolvido em parceria com o Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST) com oferta de cursos de mestrado e doutorado criados, respectivamente, em 2006 e 2011; o Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia (PPGMus) da USP e o Programa de Pós-Graduação em Museologia (PPGMuseu) da UFBA, ambos com oferta de cursos de mestrado criados em 2013, todos devidamente avaliados, recomendados e reconhecidos pela CAPES.

Convém destacar que num momento inicial de desenho da proposta de tese, pretendia-se investigar a área da Museologia no Brasil e em Portugal, contemplando, além dos programas de pós-graduação brasileiros já citados, os programas de pós-graduação portugueses (cursos de 2º e 3º Ciclos), estimulada por refletir sobre os princípios museológicos brasileiros e lusitanos numa perspectiva comparada. Contudo, no decorrer do desenvolvimento da tese, esbarrou-se em questões que inviabilizariam o aspecto comparativo a partir da observação de diferenças entre a realidade destes países no tocante às especificidades da comunidade científica para escoamento da produção científica, além da desatualização dos currículos dos docentes na plataforma de registro da produção científica portuguesa, a Plataforma DeGois, até mesmo a inexistência do currículo, a falta de resposta às solicitações enviadas aos diretores da maioria dos programas mesmo após visita pessoalmente da investigadora desta tese aos programas, levaram a priorizar os programas de pós-graduação *stricto sensu* do Brasil. A decisão foi tomada em comum acordo com as supervisoras da presente tese a fim de garantir a exequibilidade da investigação.

A busca por cumprir os objetivos geral e específicos desta tese se prendeu à necessidade de que a investigação resultasse em contributo para a compreensão e para o enriquecimento da história da ciência museológica recente do Brasil numa perspectiva político-epistemológica, sem desconsiderar os registros de seus antecedentes, sua gênese e seus momentos-chave.

Em suma, a investigação se debruçou sobre o fazer especializado da produção científica em relação às trajetórias de atores e instituições como vetores de práticas e discursos científicos na área institucionalizada da Museologia brasileira.

Ademais, a investigação em relato permitiu um trabalho de equipe em sua supervisão científica, o que promoveu o estreitamento de relações científicas entre

Brasil e Portugal, uma mais valia para as instituições universitárias envolvidas (UFPB, UnB e UÉvora). Isto porque o desenvolvimento desta tese se deu de modo interdisciplinar e transcontinental, indo ao encontro de um dos objetivos da unidade de investigação que o Programa de Doutorado em História e Filosofia da Ciência Especialidade Museologia se insere: o papel da “Atlantização” na troca e circulação de conhecimento, propostas, pessoas e perfis de instituições (Nunes, 2014). Assim, foi possível a esta investigadora ser agente de trabalho cooperativo em rede, na promoção de diálogos e compartilhamentos de experiências/saberes entre as instituições<sup>32</sup>, entre o Centro de Estudos de História e Filosofia da Ciência (CEHFCi)<sup>33</sup> da UÉvora que em 2015 passou a ser reconhecido por Instituto de História Contemporânea (IHC) – CEHFCi (mantendo sua agenda, estratégias e objetivos) e a Rede de Pesquisa e (In)Formação em Museologia e Patrimônio (REDMUS)<sup>34</sup> da UFPB.

### **Percurso metodológico**

Descreve-se aqui o *modus operandi* de execução da investigação que objetivou analisar a produção científica gerada no âmbito dos programas de pós-graduação *stricto sensu* em Museologia no Brasil, com foco para os artigos de periódicos científicos eletrônicos de acesso aberto, tendo como baliza cronológica o período de 2006 a 2016. Para tanto, é chegado o momento de delinear a investigação quanto ao seu cariz, quanto

---

<sup>32</sup> Mencionam-se os dois Dossiês Temáticos da Revista Iberoamericana de Turismo sobre *Museus, Turismo e Sociedade*, editorados pela autora desta tese de doutoramento e pela diretora do Programa de Doutorado em História e Filosofia da Ciência, orientadora desta tese, a Professora Doutora Maria de Fátima Nunes. Dossiê Temático número 1, disponível em: <http://www.seer.ufal.br/index.php/ritur/issue/view/128>. Dossiê Temático número 2, disponível em: <http://www.seer.ufal.br/index.php/ritur/issue/view/147>.

<sup>33</sup> Iniciou-se em 1994 por meio de um grupo de estudiosos das áreas científicas. Sua evolução ao longo dos anos e a percepção da necessidade de afirmação da recente área História e Filosofia da Ciência em Portugal foram motivadoras para que em 1998 o grupo se candidatasse a centro de estudos no âmbito da Fundação para Ciência e Tecnologia (FCT), onde se enquadra desde então, tendo como unidade científica o Programa de Doutorado em História e Filosofia da Ciência, conforme relato de sua diretora Professora Doutora Maria de Fátima Nunes. Disponível em: [http://www.iifa.uevora.pt/galeria/galeria\\_videos/Centros-de-Investigacao-e-Catedras/CEHFCi-Centro-de-Estudos-de-Historia-e-Filosofia-da-Ciencia](http://www.iifa.uevora.pt/galeria/galeria_videos/Centros-de-Investigacao-e-Catedras/CEHFCi-Centro-de-Estudos-de-Historia-e-Filosofia-da-Ciencia).

<sup>34</sup> Grupo de pesquisa credenciado junto ao CNPq, certificado pela UFPB, que se dedica à promoção de investigação, formação e divulgação científica sobre a área da Museologia em perspectiva transdisciplinar/transnacional/transcontinental, tendo como eixo transversal as múltiplas práticas (in)formacionais sobre saberes/espacos museológicos. Disponível em: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/6285275721310405>.

às fontes utilizadas, quanto às etapas de coleta de dados e quanto à forma de análise dos dados.

À partida, considerando o objetivo da investigação, trata-se de um estudo de cariz bibliográfico, documental, exploratório e descritivo.

A pesquisa bibliográfica consiste no exame da literatura científica para levantamento e análise do que já foi produzido sobre determinado tema. Desta forma, engloba o levantamento de toda a bibliografia já publicada (livros, artigos científicos, dissertações, teses, etc.), de modo a possibilitar ao pesquisador contato direto com o instrumental bibliográfico sobre tema ou assunto de interesse (Marconi & Lakatos, 2009) visando a sua exaustividade e pertinência (Albarello *et al.*, 1997).

Por sua vez, a pesquisa documental é “um método de recolha e de verificação de dados: visa o acesso às fontes pertinentes, escritas ou não [fotografias, gravações, etc.] que fazem parte da heurística da investigação” (Albarello *et al.*, 1997, p. 30) e que podem não ter recebido ainda tratamento analítico em razão da diversificação e dispersão das fontes (Gil, 2008).

O estudo de cariz exploratório tem origem no desconhecimento ou conhecimento insuficiente acerca do objeto de estudo e, conseqüentemente, do problema de pesquisa. A pesquisa exploratória tem como objetivo propiciar ao investigador o aprofundamento e o alargamento de sua compreensão acerca do objeto de estudo (Richardson, 1999).

No tocante à pesquisa descritiva, esta “observa, registra, analisa e correlaciona fatos ou fenômenos (variáveis) sem manipulá-los”. Pesquisa sob este viés se propõe a “descobrir com a precisão possível a frequência com que um fenômeno ocorre” o que possibilita estabelecer relação e conexão com outros fenômenos (Cervo & Bervian, 1996, p. 49).

Esta investigação assenta numa estratégia mista, simultâneamente quantitativa e qualitativa privilegiando a complementaridade entre as duas abordagens.

Como já foi dito, a investigação envolveu três programas de pós-graduação em Museologia no Brasil: o PPG-PMUS UNIRIO/MAST, o PPGMus USP e o PPGMuseu

UFBA. Envolveu, portanto, os docentes/pesquisadores do núcleo docente permanente dos programas<sup>35</sup> e a produção científica dos mesmos.

Inicialmente, os dados relativos aos programas foram obtidos por meio de acesso ao *site* da CAPES que disponibiliza, no módulo Avaliação dos Cursos Recomendados e Reconhecidos, informações sobre os cursos de mestrado e doutorado em funcionamento no Brasil. Em seguida, acessou-se o *site* de cada programa de pós-graduação *stricto sensu* em Museologia para recolha de documentos sobre os mesmos (Regimento dos programas) e dados sobre a história de criação, área de concentração, linhas de pesquisa.

Em sequência, os dados relativos aos atores da investigação, os docentes/pesquisadores do núcleo docente permanente dos programas, foram obtidos por meio de pesquisa direta aos *sites* dos programas envolvidos na investigação e, também, por meio de listagem nominal fornecida pelas coordenações competentes de cada programa, em atendimento à Ficha de caracterização (Apêndices A, B e C)<sup>36</sup> elaborada por esta investigadora, enviada para o *e-mail* de cada coordenador dos programas. A investigadora obteve a listagem nominal entre junho e agosto de 2015<sup>37</sup>.

Em posse desses dados, levantou-se que o quadro de docentes/pesquisadores permanentes que constituiu a amostra intencional da investigação, a época da coleta, era composto por 37 (100%) docentes/pesquisadores em atividade nos programas<sup>38</sup> (Apêndice D). O referido quadro apresentou a seguinte distribuição até 2016:

---

<sup>35</sup> A opção por docentes/pesquisadores deste quadro encontra justificativa na consideração de que a produção científica do núcleo docente permanente de um programa é critério central na avaliação do mesmo (Vogel & Kobashi, 2015). Conforme o Documento de Área 2016 CSA I, “a produção intelectual do programa será avaliada considerando-se as publicações qualificadas do programa por docente permanente” (Documento de Área, 2016, p. 7). O corpo docente de um programa é composto por docentes permanentes, colaboradores e visitantes.

<sup>36</sup> Além de recolher dados sobre a identificação e quantitativo dos docentes, a referida ficha de caracterização (ou guião) versava sobre outros dados a serem coletados, tais como: ano de criação dos cursos de mestrado e de doutorado; nome dos docentes que atuaram e atuam nos programas na condição de coordenadores; quantidade de ingressantes nos cursos; e, quantidade de egressos.

<sup>37</sup> Os dados solicitados por meio da Ficha de caracterização foram recebidos especificamente nas seguintes datas: o PPGMus USP respondeu em 12 jun. 2015, o PPGMuseu UFBA respondeu em 05 ago. 2015 e, por último, o PPG-PMUS UNIRIO/MAST que respondeu em 07 ago. 2015.

<sup>38</sup> Sabe-se que possíveis alterações no quadro de docentes permanentes dos programas de Pós-Graduação podem ter ocorrido após a coleta dos dados empreendida nesta investigação em virtude de credenciamento e descredenciamento de docentes, mas, para efeito desta investigação, foram levadas em conta a listagem nominal fornecida por cada coordenador dos programas.

- PPG-PMUS UNIRIO/MAST: 16 (43%) docentes/pesquisadores;
- PPGMuseu UFBA: 11 (30%) docentes/pesquisadores; e
- PPGMus USP: 10 (27%) docentes/pesquisadores.

A elaboração da tese assentou numa forte base empírica. Debruçou-se sobre as informações curriculares dos docentes/pesquisadores brasileiros registradas no Currículo Lattes<sup>39</sup>. O Currículo Lattes, disponível na Plataforma Lattes<sup>40</sup> do CNPq, é um instrumento de recolha, disponibilização e análise da produção intelectual, científica e outras informações pregressas dos pesquisadores brasileiros.

No Currículo Lattes se encontra registrada a representação da concepção dos próprios pesquisadores acerca do seu perfil pessoal e acadêmico-científico, portanto, o mesmo foi fonte documental para a base de dados utilizada a partir dos registros que permitiram delinear o perfil dos docentes/pesquisadores e, sobretudo, para o mapeamento da produção bibliográfica, estritamente, no tocante aos artigos de periódicos<sup>41</sup>.

O levantamento da produção científica registrada no Currículo Lattes dos atores da investigação, dentro da baliza cronológica de 2006 a 2016, deu-se mediante sequência de etapas.

Inicialmente, procedeu-se acesso à Plataforma Lattes para buscar o Currículo Lattes de cada docente/pesquisador por seu nome completo. A partir do resultado da busca, que apresenta o Resumo inicial de cada currículo, procedeu-se acesso ao módulo de extração automático *Indicadores de produção*, com precisa atenção para a seção *Total de artigos por periódicos*. A partir disso, emitiu-se a lista completa com o quantitativo de artigos por periódicos, que apresentou o total de 306 artigos.

---

<sup>39</sup> Site: <http://lattes.cnpq.br/>. Para além da versão em português, o Currículo Lattes possui versão em inglês e no idioma dos países que o tomaram como modelo, tais como: Argentina, Chile, Colômbia, Cuba, Equador, México, Panamá, Paraguai, Peru, Portugal e Venezuela.

<sup>40</sup> Denominação em homenagem ao pesquisador brasileiro, o físico Cesare Mansueto Giulio Lattes, conhecido como Cesare Lattes (1924-2005). Disponível em: <http://www.cnpq.br/web/portal-lattes/cesare-giulio-lattes>.

<sup>41</sup> Os demais tipos de produção bibliográfica como livros publicados, capítulos de livros, produções técnicas e artísticas, embora relevantes, foram desconsiderados por não fazerem parte do enfoque desta investigação. Isto porque considera-se muito mais possível avaliar a dinâmica e o impacto da produção científica por meio de artigos publicados em periódicos científicos eletrônicos, os quais se encontram cada vez mais indexados em bases de dados nacionais e internacionais que possibilitam identificar os aspectos já mencionados diferentemente de outros tipos de produção bibliográfica como livros, capítulos de livros, trabalhos em eventos (Perlin *et al.*, 2017).

De seguida, para identificação do registro completo de cada artigo (autoria, título do artigo, designação do periódico, dados da edição do periódico, paginação e ano de publicação), seguiu-se para a seção *Produção Bibliográfica*, especificamente, *Artigos completos publicados em periódicos*.

De posse do quantitativo fornecido pelo módulo *Indicadores de produção* e do registro completo dos artigos, partiu-se para a execução do trabalho manual de verificação, conferência e cruzamento do quantitativo e registro dos artigos. O referido trabalho permitiu identificar inúmeras inconsistências no registro dos artigos, tais como: artigos em duplicidade, um mesmo artigo em periódicos científicos diferentes, outros tipos de publicação (livros/*ebook*, capítulo de livro, resenhas, editoriais de revistas científicas, apresentação de edições, pontos de vista, e trabalhos em Anais de eventos) registrados como artigo científico. Os casos de inconsistências identificados foram devidamente excluídos do cômputo inicial de 306 artigos fornecido pelo módulo *Indicadores de produção*. Assim, com a execução do trabalho manual, considerado de relevância nesta investigação, chegou-se ao total de 276 artigos.

A etapa seguinte consistiu de verificação dos periódicos que veicularam os 276 artigos. Para tanto, acessou-se os *sites* dos periódicos para identificar se os mesmos se enquadravam em periódicos de acesso aberto. Esta etapa possibilitou identificar que 84 periódicos científicos são de acesso aberto; 53 são periódicos de divulgação; 18 periódicos científicos não são de acesso aberto; sete periódicos não foram localizados; e nove periódicos não disponibilizam o artigo registrado pelo docente/pesquisador.

Dessa forma, o *corpus* documental de análise foi formado por 188 artigos (Apêndice E) veiculados em 84 periódicos científicos de acesso aberto, admitindo-se, com base em Ferraz, Hayashi, e Hayashi (2006), dupla contagem em decorrência de coautorias entre os docentes/pesquisadores. A distribuição de artigos por programa foi a seguinte:

- PPG-PMUS UNIRIO/MAST: 122 artigos.
- PPGMuseu UFBA: 42 artigos;
- PPGMus USP: 24 artigos.

A organização e a sistematização dos dados se deu parte manualmente para a construção de base de dados em *Microsoft Excel*, outra parte com recurso de *software*,

nomeadamente, UCINET, para modelagem das redes de coautoria. A utilização destes recursos se demonstrou de grande utilidade para a organização dos dados.

A análise dos dados foi realizada por meio da bibliometria com o apoio da análise de conteúdo.

A bibliometria, encarada como estratégia de mensuração quantitativa para o mapeamento de informações registradas em livros, periódicos, artigos, tem sua criação atribuída por historiadores franceses a Paul Otlet (1934), diferentemente de autores anglo-saxões que atribuem a criação da bibliometria a Alan Pritchard (1969). Embora, estudos de natureza bibliométrica já datem do século XVII, foi no século XX que adquiriu legitimidade.

Sua institucionalização como técnica de pesquisa é marcada por eventos realizados no final da década de 1980 e início da década de 1990 como *International Conference on Science and Technology Indicators*, *International Conference Scientometrics and Informetrics*, pela criação de sociedades científicas como a *International Society of Scientometrics and Informetrics* em Berlim, no ano de 1993, e também, por periódicos científicos como o *Scientometrics*, que data de 1978, e o *Research Evaluation* de 1993. Somam-se, ainda, a criação de unidades (laboratórios, observatórios) para coleta e produção de indicadores pelos governos, criação de sistemas de avaliação de pesquisadores e alocação de recursos em pesquisa por desempenho passado (Velho, 2011).

Apesar da sua forte característica quantitativa, a evolução dos estudos bibliométricos lhe conferiu também a possibilidade “de atribuir sentido aos dados, qualificando-os para que possam ter melhor uso por parte de políticas de ciência e tecnologia (C&T)”, áreas de conhecimento, centros/grupos de pesquisas, dentre outros contextos (Santos & Kobashi, 2009, p. 159-160).

Esta tese se utiliza da abordagem bibliométrica, contudo, acompanhando a vertente de trabalhos atuais realizados por autores da Ciência da Informação “que realizam uma leitura desses dados [quantitativos] à luz de elementos do contexto sócio-histórico em que a atividade científica é produzida” (Araújo, 2006, p. 25).

Por sua vez, a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações de modo a obter, por meio de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores que possibilitem inferir

conhecimentos relativos às mensagens (Bardin, 1979), portanto, configura-se como metodologia de análise fundamental para, entre outras questões, estudos de tendências (Richardson, 1999).

A utilização da análise de conteúdo requer a criação de categorias relacionadas ao objeto de estudo. Assim, a análise categorial ou por categoria é uma das técnicas da análise de conteúdo. A categorização “é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento” segundo a tipologia. As categorias são rubricas ou classes que englobam “um grupo de elementos (...) sob um título genérico, agrupamento esse efectuado em razão dos caracteres comuns destes elementos” (Bardin, 1979, p. 117). Nesta investigação optou-se pela utilização da análise categorial temática.

Assim, a formulação das categorias teve como base elementos do enquadramento teórico da investigação, bem como a etapa de pré-análise do Currículo Lattes e dos artigos que formam o *corpus* documental da investigação, o que possibilitou averiguar a existência de indicadores essenciais ao cumprimento dos objetivos propostos. Foram determinadas categorias de análise temática do tipo fechada que consiste na decisão do investigador de determinar *a priori* as categorias. O que se aplicou ao caso desta investigação.

A codificação do material analisado, para posterior determinação de categorias, compreendeu o recorte que é a escolha da unidade de registro e da unidade de contexto, pertinentes às características do material e consoante aos objetivos da investigação.

A unidade de registro “é a unidade de significação a codificar e corresponde ao segmento de conteúdo a considerar como unidade base, visando a categorização e a contagem frequencial” (Bardin, 1979, p. 104). Já a unidade de contexto é utilizada como “unidade de compreensão para codificar a unidade de registro e corresponde ao segmento da mensagem, cujas dimensões são ótimas para que se possa compreender a significação exata da unidade de registro” (Bardin, 1979, p. 107). Constitui-se de parágrafos ou segmentos utilizados como unidades de compreensão para identificar as palavras, posteriormente, definidas como unidades de registro. Por sua vez, a unidade de registro (que pode ser a palavra, o tema, o personagem, o acontecimento e o documento) contribui para a criação de categorias (Bardin, 1979).

Para a análise do perfil dos docentes/pesquisadores, a partir da identificação no Currículo Lattes das unidades de contexto (Formação, Atuação e Orientações) e das unidades de registro (Formação, Qualificação, Resumo, Orientações e Atuação), determinaram-se três categorias de análise: *Formação acadêmica*; *Capacitação*; e, *Percurso acadêmico-científico*.

Relativamente à categoria *Formação Acadêmica* foram identificados o grau de formação; os cursos de graduação, especialização, mestrado e doutorado; e as instituições conferentes de cada grau. Quanto à categoria *Capacitação*, identificaram-se a área do pós-doutorado; e as instituições de realização do mesmo. Concernente à categoria *Percurso acadêmico-científico* foram identificados, nomeadamente, Temas de interesse; Liderança de grupo de pesquisa; Bolsista de produtividade; Orientação; e Membro de corpo editorial de periódicos científicos.

A análise bibliométrica do corpus documental se deu a partir da determinação de seis categorias: *Ano*; *Periódico científico de publicação dos artigos*; *Idioma*; *Tipo de autoria*.

Para a categoria *Ano* identificaram-se a quantidade de artigos publicados no período de 2006 a 2016. Sobre a categoria *Periódico científico*, buscou-se identificar os periódicos que os docentes/pesquisadores elegeram para veicular seus artigos e, também, a origem dos mesmos, ou seja, se periódicos nacionais ou internacionais. No tocante à categoria *Idioma*, constataram-se os possíveis idiomas dos artigos (português, inglês, francês, espanhol, outro). Quanto à categoria *Tipo de autoria*, identificou-se se os artigos foram publicados em autoria única ou múltipla.

Cotejando os artigos em autoria múltipla, realizou-se a análise de redes sociais (ARS). A ARS estuda as relações entre indivíduos, grupos e instituições, onde cada tipo de relação é representada por uma rede. As redes se tem demonstrado como a principal ferramenta metodológica para traçar e apresentar as interações sociais para atingirem um fim específico (Fialho, Silva & Saragoça, 2013). Na utilização da ARS, identificaram-se os nomes dos coautores do *corpus* documental analisado, os quais, posteriormente, foram inseridos em planilha Excel Matrix Editor no *software* UCINET, migrados para o arquivo com extensão *##.h* e incluídos no NetDraw, de onde foi possível gerar a rede social de coautoria de cada docente/pesquisador. A rede de coautoria foi analisada sob o enfoque da rede egocêntrica, ou seja, pela observação das

relações a partir de um nó ou ator central, onde os outros membros foram considerados nas relações que mantiveram com o mesmo. Destacou-se, ainda, o tipo de rede formada na relação dos docentes/pesquisadores, ou seja, interinstitucional (relações entre instituições), intrainstitucional (relações dentro da própria instituição) ou mista (reune os dois tipos inter e intra). Foram considerados, ainda, dois indicadores de análise: Grau de Centralidade (número de relações diretas que um autor possui com outros autores na rede social indicando as pessoas que mais influenciam o campo de pesquisa) e Grau de Proximidade (capacidade de um autor em uma rede se ligar a todos os outros autores da rede), conforme proposição de Linton Freeman (1979).

Para a análise qualitativa do *corpus* documental dos artigos, excluiu-se a dupla contagem considerada na análise quantitativa. Portanto, esta se deu sobre 182 artigos. A pré-análise dos artigos para formulação das categorias deu-se por meio de consulta ao título, ao resumo e às palavras-chave dos artigos por considerar que estes elementos propiciariam mais rapidez e segurança na identificação dos temas. No entanto, percebendo algumas limitações por parte destes elementos, consultou-se o conteúdo completo dos artigos. Estes elementos nortearam a formulação de um conjunto de categorias estruturantes para extração das “pertinências qualitativas” (Bardin, 1979) do *corpus* documental analisado.

Desta feita, o *corpus* documental de artigos foi classificado em 19 categorias: *Objeto/ Coleção/ Acervo; Exposição museológica; Preservação e Conservação de Objetos culturais e do Patrimônio de Ciência & Tecnologia; Teoria da Museologia; Patrimônio Cultural, Ação Cultural e Educativa em Museus; Instituições Museológicas no Brasil; Função Social dos Museus; Estudo de público; Documentação Museológica; Museu, Memória e Movimentos Sociais; Narrativa biográfica/personagem; Ensino da Museologia; Musealização do Patrimônio; Cibercultura Museal; Identidade Cultural; Políticas Públicas de Cultura; Acessibilidade em Museus; e, Outras agendas de investigação.*

Nesse contexto, os resultados obtidos com o desenvolvimento da investigação foram discutidos à luz do arcabouço teórico apresentado nesta tese, considerado pertinente para as reflexões, e se apresentam acompanhados por quadros, tabelas, gráficos e grafos, os quais contêm tabulação de dados apoiada em estatística básica e descritiva por utilização de frequências e percentuais.

Além do que foi referido, utilizaram-se nesta tese as seguintes fontes de informação: literatura científica, *sites*, plataformas *online* de recuperação de dados e publicações institucionais. Estas fontes contribuíram sobremaneira para a construção do enquadramento teórico e para o percurso metodológico aqui descrito, este último segue sintetizado no Quadro 1:

**Quadro 1 – Delineamento metodológico da investigação**

<b>Cariz da investigação</b>	Bibliográfica Documental Exploratória Descritiva
<b>Abordagem metodológica</b>	Quantitativa Qualitativa
<b>Locis</b>	Programas de Pós-Graduação <i>stricto sensu</i> em Museologia
<b>Universo de atores</b>	Docentes/pesquisadores do núcleo permanente dos programas de Pós-Graduação
<b>Corpus documental de análise</b>	Artigos de periódicos <i>open access</i>
<b>Fontes de coleta de dados</b>	Site da CAPES Sites dos programas de Pós-Graduação <i>stricto sensu</i> em Museologia Currículo Lattes
<b>Instrumento de coleta de dados</b>	Fichas de solicitação de dados às Coordenações dos Programas de Pós-Graduação <i>stricto sensu</i> em Museologia Planilhas elaboradas no <i>Software</i> Excel e no Excel Matrix Editor no <i>Software</i> UCINET
<b>Tratamento e representação dos dados</b>	Estatística básica e descritiva por utilização de frequências absolutas e percentuais Quadros, Tabelas, Gráficos e Grafos
<b>Metodologia de análise dos dados</b>	Bibliometria com aporte da análise de conteúdo Análise de Redes Sociais

Fonte: Autoria própria

Uma última observação diz respeito às questões de cunho ético. Convém destacar que no decorrer da investigação, no tratamento e na análise dos dados, foi salvaguardado o anonimato do grupo investigado em respeito ao seu direito de privacidade. Portanto, evitou-se qualquer identificação.

## Desenho da investigação

Em relação ao desenho formal da tese, optou-se por sua estruturação em capítulos, os quais refletem visivelmente o caminho percorrido por meio do diálogo com temas, com textos, com autores e com instituições da seara científica, de modo a discutir o tema da produção científica relacionada à área da Museologia e, em sequência, trazer elementos de sua análise como base e termômetro para o desenvolvimento científico da área investigada.

Assim, a presente tese tem início por esta *Introdução*, onde é realçado o objetivo da investigação, a contextualização do tema, a justificativa de escolha do tema, a relevância e os meandros de execução da investigação.

O primeiro capítulo intitulado *A Trajetória da Museologia* se introduz os fundamentos que discutem a institucionalização e conformação da Museologia como disciplina científica. Apresenta-se a contribuição do ICOM e do ICOFOM para a trajetória teórico-prática da área da Museologia.

No segundo capítulo *Considerações históricas e a configuração atual da Museologia no Brasil* apresenta-se o percurso inicial da formação em Museologia com a instituição do Curso de Museus do MHN até o quadro atual da formação em nível de graduação e de pós-graduação *stricto sensu* nas IES brasileiras.

Sob o título de *Geografia científica dos Programas de Pós-Graduação em Museologia no Brasil*, o terceiro capítulo versa, inicialmente, sobre as agências governamentais dedicadas ao avanço científico e tecnológico brasileiro, CNPq e CAPES, de reconhecida atuação na consolidação da pós-graduação no país e, conseqüentemente, sobre o espaço institucional ocupado pela Museologia nas referidas agências. Em seguida, descrevem-se nesse capítulo os programas de pós-graduação *stricto sensu* em Museologia contemplando questões como criação, objetivos, área de concentração, linhas de pesquisa, dentre outras.

O quarto capítulo intitulado *O acesso aberto: disponibilização on line e irrestrita à informação científica* engloba a produção e a comunicação científica, os periódicos científicos eletrônicos e, por fim, o Movimento de Acesso Aberto na democratização do acesso à informação científica.

Com o título de *Perfil dos docentes/pesquisadores da pós-graduação em Museologia*, o quinto capítulo relata a caracterização dos docentes/pesquisadores que compõem o núcleo docente permanente dos programas de pós-graduação *stricto sensu* em Museologia no Brasil.

No sexto e último capítulo *Características da produção científica em Museologia* se apresentam os resultados obtidos, as discussões e análises relativas à produção científica gerada no âmbito dos programas de pós-graduação em Museologia, estabelecendo o cruzamento com o enquadramento teórico de referência da investigação.

Em sequência, apresentam-se as *Considerações Finais* desta investigação, acrescidas de hipóteses para a realização de futuras pesquisas.

Para finalizar, introduzem-se os elementos pós-textuais da tese: as fontes e referências consultadas e citadas, os apêndices e os anexos.

Assinala-se que a escrita desta tese seguiu as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa assinado em 1990 entre os países que formam a Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP)<sup>42</sup>, sob obrigatoriedade desde 1º de janeiro de 2016.

No que se refere ao modelo de citação e de referenciação bibliográfica, utilizou-se da norma da *American Psychological Association* (APA).

Para concluir, uma breve nota sobre as fontes de informação utilizadas nesta tese. As fontes de informação obtidas em acesso aberto encontram-se devidamente referenciadas seguidas da menção ao *link* em que foram recuperadas, de modo a fazer jus ao direito de terceiros de acessar as fontes para uso próprio. Isto coaduna com a adesão ao Movimento de Acesso Aberto e com a postura desta investigadora como acadêmica aberta ou *scholar open*<sup>43</sup>.

---

<sup>42</sup> Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e São Tomé e Príncipe. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/educacao/2014/12/acordo-ortografico-so-entrara-em-vigor-em-2016>. Acesso em: 10 out. 2015. Contudo, assinala-se que nesta tese a Língua Portuguesa do Brasil se encontra presente quer na formulação de frases, quer na ortografia.

<sup>43</sup> Entendido como alguém que, dentre outras questões, torna sua produção intelectual e fontes de informações utilizadas visíveis digitalmente para utilização secundária de qualquer parte ou todo dele por terceiros (Burton, 2009).

# **CAPÍTULO 1**

## **A TRAJETÓRIA DA MUSEOLOGIA**

---



## 1.1 Museologia: demarcações iniciais

A área da Museologia se estabeleceu “a partir da prática profissional, com importantes interfaces com a História da Ciência e com a evolução do pensamento científico e da pesquisa, especialmente no âmbito da História Natural” (Scheiner, 2015, p. 35).

A Museologia como área disciplinar, situada no limite entre as Ciências Humanas e Sociais e com outras áreas de conhecimento, é considerada por muitos uma área emergente, por outros uma área em construção e por tantos outros, até mesmo, uma área já consolidada. Muito ainda se discute acerca disso e não há consenso ou acordo a respeito, aliás algo que também se estende ao seu “objeto de estudo”.

Segundo Lorente (2012, p. 11), “La museología es una disciplina científica que está en proceso de consolidación pero tiene ya bastante trayecto recorrido, pues los primeros tratados museológicos son prácticamente coetáneos al origen de los museos”.

Tanto que, no entendimento de Cerávolo (2004a), o termo museologia se vincula corriqueira ou vulgarmente ao museu pelo que a autora chama de “elo semântico intuitivo” que ocorre em virtude de uma raiz comum. Isso é visto por Cerávolo como o caminho que liga a museologia ao corpo de conhecimentos e atividades desenvolvidas no âmbito dos museus.

Para além de uma raiz comum, sem dúvida “museologia e museus têm caminhos entrelaçados, responsabilidades recíprocas e cumplicidade no que tange à função social” (Bruno, 2006, p. 7). A Museologia como disciplina de natureza aplicada é colaboradora da sociedade na “identificação de suas referências culturais, na visualização de procedimentos preservacionistas que as transformem em herança patrimonial e na implementação de processos comunicacionais que contribuam com a educação formal” (Bruno, 2006, p. 7). Já o museu, por meio do cumprimento de três funções básicas (científica, educativa e social), dedica-se “à construção e à administração da memória, a partir de estudo, tratamento, guarda e extroversão dos indicadores culturais, materiais e imateriais (referências, fragmentos, expressões, vestígios, objetos, coleções, acervos)” (Bruno, 2006, p. 7), o que reverbera na sua origem relacionada às galerias, aos antiquários e aos gabinetes de curiosidades.

As origens longínquas dos museus estão associadas ao fenômeno social do colecionismo, sendo os gabinetes renascentistas os marcos fundamentais do que foram os processos de consolidação ao longo dos séculos XVII, XVIII e XIX de alguns dos aspectos básicos do perfil dessas instituições, que se mantém até nossos dias (Lopes, 1997, p. 12).

Realmente a instituição museu é marcada por uma história complexa. Não obstante, é incontestavelmente uma instituição central da cultura. Dominique Poulot retrata o seu crescimento, sobretudo no século XX, assinalando que isto se deu devido aos investimentos públicos e privados que possibilitaram aos museus compor e recompor coleções, criar, modificar e renovar prédios, organizar inúmeras exposições e prestar novos serviços adequados às diferentes categorias de público. Essa chamada “redefinição das concepções museais” requereu modificação das práticas na área profissional e, conseqüentemente, na área de conhecimento Museologia, embora esta tenha suas raízes na segunda metade do século XIX (Poulot, 2013).

Atribui-se que o termo museologia tem origem na Europa, precisamente na Alemanha e na França, sendo em alemão *Museologie*<sup>44</sup> e em francês *Muséologie*, ambos desenvolvidos em consonância com as transformações dos museus fortemente ocorridas a partir do século XIX. Contudo, o termo já estava disseminado na Europa no século XIX e, a partir de então, disseminado mundialmente (Brulon-Soares, Carvalho, & Cruz, 2014).

É importante sublinhar que há na literatura da área algumas diferenças quanto à exatidão temporal e documental de emprego do termo Museologia. Segundo Peter Van Mensch o termo aparece pela primeira vez na segunda metade do século XIX na obra *Praxis der Naturgeschichte* de autoria de Phillipp Leopold Martin, precisamente na segunda parte do livro, intitulada *Dermoplastik und Museology*, onde Museologia “is defined as the exhibition and preservation of collections of naturalia” (Mensch, 1992, p. 9).

Segundo Waldisa Rússio o termo teria sido utilizado em uma publicação de J. G. Theodor Graesse entre os anos de 1878 e 1883. Rússio cita, ainda, um periódico do século XIX dedicado aos museus editado em Madrid, Espanha (Cerávolo, 2004b).

---

<sup>44</sup> Conforme Lorente (2012) o termo foi documentado em alemão desde 1839 na obra *Aufbau der niederländischen Kunstgeschichte und Museologie* (Estrutura da história da arte e da museologia holandesa), mais tarde compondo outras obras.

Na literatura se encontra referência também à utilização do termo *muséographie*<sup>45</sup> que, de sua significância como descrição dos conteúdos dos museus, chegou a representar o *corpus* de conhecimento teórico e prático voltado aos museus (Lorente, 2012).

Sobre isso Lorente (2012) assinala a existência de um vasto tesouro terminológico, acrescentando aos dois termos já referidos (museologia e museografia) a *museística* que, segundo o autor, faz referência, em língua espanhola, à teoria e à prática englobada por esta. Tratava-se de um substantivo derivado do termo museístas que se referia aos profissionais dos museus. Com o tempo este termo caiu em desuso.

Lorente reporta também o uso do termo *museomology* em inglês, esclarecendo seu raro emprego. O autor enfatiza a preferência por utilizar o termo *museum studies* do que o termo *museology* ou o já referido *museomology*, isto porque, na época consideravam o termo *museology* “demasiado filosófico” (Lorente, 2012, p. 18).

Ao avançar-se para o século XX, reconhece-se que a área da Museologia, a sua variedade terminológica e a formação de sua base teórica têm origem em acontecimentos ocorridos no plano internacional e que parte da trajetória da área é marcada pela fundação, em novembro de 1946 em Paris, França, do Conselho Internacional de Museus (ICOM), sob vinculação à Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) desde 1947 e, sobretudo, pela instauração do Comitê Internacional de Museologia (ICOFOM) em 1977 (Cerávolo, 2004b).

No entanto, Cerávolo chama a atenção ao dizer que a Museologia como área não está restrita ao ICOFOM dada a existência de outras associações<sup>46</sup> que o antecederam, contudo “a abrangência internacional desse comitê, sob a égide do ICOM e da UNESCO, sugere a ultrapassagem de fronteiras geográficas” (Cerávolo, 2004b, p. 239).

---

<sup>45</sup> Ainda conforme Lorente (2012), o termo apareceu em 1727 na obra de Caspar Friedrich Neickel *Museografia oder Raritäten-Kammern* (Museografia ou orientação para a correta concepção e proveitoso estabelecimento dos museus ou gabinetes do mundo). O termo foi utilizado por ensaístas e consta do *Dictionnaire encyclopédique de muséologie*, sendo mais tarde publicado em Paris em 1829, na obra *Muséographie, ou de l'utilité des musées et des collections*.

<sup>46</sup> A título de exemplo, a *Museums Association* criada em 1889 na Inglaterra e a *American Association of Museum* criada em 1906 nos Estados Unidos da América (Bagahali, S. A., Boylan, P., & Herreman, Y. 1998 *apud* Cerávolo, 2004b). Na atualidade, a *American Association of Museum* atende pela denominação de *American Alliance of Museums*.

O ICOM e o ICOFOM são considerados, portanto, essenciais para o conhecimento da trajetória da museologia e de como se deu a modelagem teórico-prática desta área.

## 1.2 O papel do ICOM e do ICOFOM na trajetória teórico-prática da Museologia

A criação do ICOM foi marcada por alguns fatos antecedentes que merecem ser destacados, ainda que de maneira panorâmica, os quais seguem descritos com base em Boylan (1996a), Mairesse (1998), Mensch (2004), Cruz (2008) e Lorente (2012):

- Profissionalização e institucionalização da museologia no final do século XIX e início do século XX, expressamente pelo surgimento dos periódicos dedicados às questões da museologia: *Revista de Arquivos, Bibliotecas e Museus* (1871)<sup>47</sup> e o *Zeitschrift für Museologie und Antiquitätenkunde* (1878), pelo surgimento do ensino da museologia na *École du Louvre* (1882), pelo advento do primeiro código de ética para profissionais de museu que é alemão (1918) e pela fundação de associações profissionais como a *Museums Association* (1889) e a *American Association of Museum* (1906);

- Surgimento de outros periódicos, tais como o *Museums Journal* (1901) criado pela *Museums Association* na Inglaterra, o *Museumskunde: Zeitschrift für allgemeine Museologie und verwandte Wissenchaften* (1905) na Alemanha e o *Museum Work* nos Estados Unidos da América (EUA), (1919);

- Criação da Sociedade das Nações surgida com o fim da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e anos depois, no âmbito desta organização foi criado, em 1922, o Comitê Internacional de Cooperação Intelectual (CICI). Alguns anos depois, houve a criação, em 1926, do Instituto Internacional de Cooperação Intelectual (IICI) pelo governo da França;

- Surgimento de proposta de criação de uma entidade dedicada exclusivamente aos museus no âmbito de reuniões de uma subcomissão do IICI, o que veio a se concretizar em 1926 com a criação do Escritório Internacional dos Museus (OIM), o

---

<sup>47</sup> Conforme Lorente (2012), a revista foi publicada até 1980, tendo sido substituída pelo *Boletín de la Federación Española de Asociaciones de Archiveros, Bibliotecarios, Arqueólogos, Museólogos y Documentalistas* (ANABAD) desde 1990. Informações detalhadas sobre a ANABAD, disponível em: <http://www.anabad.org/>.

qual tinha como finalidade estabelecer um vínculo entre todos os museus do mundo, promover a organização de intercâmbios e congressos, e, também, promover a unificação dos catálogos. “É a primeira tentativa de se criar uma entidade internacional que reunisse os museus e seus profissionais de todo o mundo” (Cruz, 2008, p. 3);

- Publicação da revista *Mouseion* pela OIM, referência na museologia, que vinculava artigos dedicados à prática da profissão;

- Publicação, em 1935, dos dois volumes do livro *Muséographie: architecture et aménagement des musées d'art*, também referência para a museologia, no qual constam os trabalhos apresentados em congresso realizado em Madrid no período de 28 de outubro a 4 de novembro de 1934; e

- Encerramento das atividades da Sociedade das Nações e, conseqüentemente, dos organismos sob sua subordinação, como o OIM, devido ao acontecimento da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) que interferiu nas atividades. A revista *Mouseion* passou por cinco anos de interrupção (1941-1945), embora ainda tenha publicado um último número em 1946.

O percurso dos fatos expostos e a forçosa paralisação das atividades das organizações criadas, sobretudo a paralisação do IICI, acentuou a necessidade de continuação do trabalho cooperativo por parte dos países membros, o que ocorreu por meio da realização de reuniões nos últimos anos da Segunda Guerra Mundial com o intuito de discutir a possibilidade de criação de uma nova organização semelhante ao IICI. Criou-se a Conferência dos Ministros Aliados de Educação (CAME) e, em substituição à Sociedade das Nações, foi criada, em junho de 1945, a Organização das Nações Unidas (ONU). Meses depois, em novembro de 1946, instituiu-se a UNESCO (Cruz, 2008).

Mais uma organização seria criada pelos países membros das referidas organizações recém-criadas e pelos membros da comissão integrantes da criação da UNESCO que liderados pelo presidente do comitê político da *American Association of Museum*, o norte-americano Chauncey J. Hamlin, decidiram por criar o ICOM (Cruz, 2008).

O ICOM foi constituído em uma assembleia ocorrida no *Musée du Louvre* durante o período de 16 a 20 de novembro de 1946. Estavam presentes na assembleia

constituente, representantes da Austrália, da Bélgica, do Brasil<sup>48</sup>, do Canadá, da Checoslováquia, da Dinamarca, dos Estados Unidos, da França, da Nova Zelândia, da Noruega, dos Países Baixos, do Reino Unido, da Suécia e Suíça. Estiveram presentes, também, representantes da ONU, da UNESCO, do *Internacional Museum Office*, do *French Foreign Office* e do *Swedish Legation*. Na ocasião, elegeu-se Chauncey J. Hamlin, então Diretor da *Buffalo Museum of Science*, para presidir o ICOM e se aprovou de forma unânime o seu estatuto, respectivamente, nos dias 16 e 18 de novembro (Boylan, 1996b).

Nesse contexto, o ICOM deveria “operate through a system of national and international committees and the first seven international committees were formally constituted, each covering different types of museums” (Boylan, 1996b, p. 47).

Uma das preocupações do ICOM era, segundo Boylan, elaborar uma definição de museu. Já Lorente (2012) sublinha que um dos grandes desafios da organização foi a constatação da crescente variedade terminológica em consonância com diferentes idiomas e contextos culturais, reforçada em razão da criação de outros órgãos como associações, corpos funcionais, centros universitários que em suas atividades e publicações utilizavam diferentes terminologias. Mas, certamente, este não foi o único problema enfrentado pelo ICOM.

A primeira definição oficial de museu formulada pelo ICOM data de 1948. Conforme François Mairesse, a definição foi publicada no *ICOM News*<sup>49</sup> e tinha o seguinte teor:

(...) todas as coleções abertas ao público de objetos artísticos, técnicos, científicos, históricos ou arqueológicos e (...) os zoológicos, jardins botânicos, mas se exclui as bibliotecas, a não ser que estas possuam salas de exposição permanente (Mairesse, 2005, p. 42).

---

<sup>48</sup> O representante do país foi o museólogo Mário Antônio Barata (1921-2007), formado pela sétima turma do Curso de Museus do MHN. Na época Barata trabalhava no Museu Nacional de Belas Artes. Lecionou no Curso de Museus. Realizou estudos na Universidade de Sorbone, com bolsa do governo francês. Coube, contudo, a Oswaldo Teixeira, então diretor do Museu Nacional de Belas Artes, a representação do Brasil junto ao Conselho Consultivo do ICOM. Teixeira presidiu o Comitê Nacional do ICOM (Cruz, 2008).

<sup>49</sup> Boletim publicado inicialmente nos idiomas inglês e francês. Além destes idiomas, desde 1968, passou a publicar também em espanhol (Lorente, 2012). O *ICOM News* se encontra disponível em: <http://icom.museum/media/icom-news-magazine/>.

Sob a gestão de Jan Jelinek, nomeado presidente da organização em 1971, procedeu-se a revisão das políticas do comitê e a elaboração de novos estatutos e regulamentos, o que culminou, por ocasião da Conferência Geral, realizada em 1974 em Copenhague, Dinamarca, na determinação de uma nova definição de museu.

Obviamente, ao longo dos anos a definição de museu passou por reformulações, por ampliações e também por condensação durante os eventos do ICOM. As definições elaboradas pelo ICOM “determinan los ejes teóricos en los que se basael museo hoy, y sirven de marco general al desarrollo de estas instituciones en otros países” com ressonâncias sobre “la política museística” (Hernández-Hernández, 1992, p. 88-89).

Na atualidade, a definição mais amplamente conhecida data de 2007, aprovada durante a Assembleia Geral do ICOM realizada em Viena:

O museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, estuda, expõe e transmite o patrimônio material e imaterial da humanidade e do seu meio, com fins de estudo, educação e deleite (ICOM, 2007).

A definição de museu que vigorou por muito tempo enfatizava a função da pesquisa como vetor do museu. No entanto, esta função foi suprimida da definição em vigor por ser considerada uma das funções gerais do museu.

O museu foi até a década de 1970 o cerne das discussões no âmbito dos comitês do ICOM<sup>50</sup>, embora durante uma conferência desta organização realizada em 1965 já se pontuava a necessidade de desenvolvimento de uma teoria museológica (Mensch, 1992). Foi neste íterim que atentos ao “potencial da Museologia para articular-se como campo de conhecimento” que os especialistas Jan Jelinek, Wolfgang Klausewitz, Andreas Gröte, Irina Antonova, Vinos Sofka, dentre outros, julgaram necessário estabelecer um comitê dedicado essencialmente à Museologia, o qual tinha a finalidade precípua de “identificar o objeto de estudo desta disciplina, considerada por estes especialistas como uma área específica do conhecimento” (Scheiner, 2000, p. 2).

Diante disso, o comitê consultivo do ICOM recomendou formalmente, em 1976, a criação de um comitê dedicado exclusivamente ao estudo da Museologia como área de conhecimento. O teor da recomendação era:

---

<sup>50</sup> Atualmente, o ICOM conta com 30 comitês internacionais que reúnem *experts* nas especialidades da área da Museologia. A lista dos comitês está disponível em: <http://icom.museum/los-comites/comites-internacionales/L/1/>.

Every branch of professional activity needs to be studied, developed and adapted to changing contemporary conditions – and not least that of museology. To pursue the aims of distributing knowledge of modern museological ideas and to help in different fields of museological development, will be the programme of the ICOM International Committee for Museology (Sofka, 1995, p. 12)<sup>51</sup>

Assim, em junho de 1976 nasceu o ICOFOM como um comitê do ICOM, oficializado em maio de 1977 durante a 12ª Assembleia Geral do ICOM realizada em Moscou na União Soviética (Sofka, 1981; Mensch, 2004), ocasião em que o recém criado comitê aderiu a um programa para o período de três anos, o “ICOM Triennial Programme for 1977-1980” (Sofka, 1981, p. 67).

O tcheco Jan Jelinek<sup>52</sup>, a quem se deve a iniciativa de criação do ICOFOM e também à quem se atribui a fundação do Departamento de Museologia da Universidade de Brno na República Tcheca, elaborou o documento constitutivo do ICOFOM o qual dava ao comitê um caráter científico por ter a finalidade de se dedicar ao estudo da Museologia como disciplina científica. A missão do ICOFOM, portanto, era “desenvolver pesquisas, análises e debates, contribuindo para a independência da área” (Cerávolo, 2004a, p. 56).

A partir de então, com a criação do ICOFOM, uma pergunta passou a ser o mantra das discussões no âmbito das reuniões: “o que é museologia”? Uma pergunta que, segundo Mensch, não era tão simples quanto se pensava. A mesma suscitava uma série de outras perguntas que revelavam questões a serem escrutinadas: qual a sua estrutura científica? Qual a relação entre essa estrutura e outros campos de pesquisa? A que áreas estaria relacionada? Qual seria a identidade da profissão? (Mensch, 1992).

En el ínterin, fueron muchas suspicacias contra este comité de teóricos, que empezaron por plantarse cuestiones epistemológicas,

---

<sup>51</sup> A tradução em português do relato pessoal de Sofka *My adventurous life with ICOFOM, the Museology, museologists and anti-museologists, with special reference to the ICOFOM Study Series* consta de *Museologia e Patrimônio - Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio Unirio/MAST*, v. 9, n. 1, 2016. Disponível em: <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/517/494>.

<sup>52</sup> Mensch (2004, p. 2) considera Jan Jelinek e Vinos Sofka como “two strong personalities have put their stamp upon this committee as successive chairmen: Jan Jelinek (1976-1983) and Vinos Sofka (1983-1989)”. Conforme notícia veiculada na *homepage* do ICOFOM, sob o título de *Two ICOFOM Giants*, informa-se que Sofka faleceu em 9 de fevereiro de 2016. Pouco tempo antes, em janeiro do mesmo ano, havia falecido Zbyněk Z. Stránský. Disponível em: <http://network.icom.museum/icofom>.

debatiendo si la museología era o no una ciencia, cosa que ni se planteaban por entonces muchos profesionales de museos, pues fundamentalmente seguían considerándose, en función de sus estudios superiores y de la especialidad de su respectivo museo, como arqueólogos, biólogos, historiadores, etcetera. Hubo muchas opiniones encontradas, desde quienes consideraban la museología una ciencia independiente, y los que la definían como ciencia aplicada, hasta los que le negaban estatuto científico (Lorente, 2012, p. 61)

Os membros do ICOFOM, em sua maioria, decidiram por considerar a Museologia uma ciência nova, ou seja, em nascimento, que deveria se valer da teoria e da metodologia de áreas de conhecimento como as ciências humanas e sociais, a filosofia, e outras áreas afins (Lorente, 2012).

Jelinek (1981) considerava isto aplicável à qualquer outras ciências em nascimento, afirmando que a Museologia tem a sua própria estrutura e relação com outras áreas correlatas, que tem seu próprio objeto de estudo e métodos de pesquisa. Embora, Jelinek reconhecia que:

o estudo e a definição correta disto é certamente uma questão para exercícios futuros e de maior desenvolvimento da museologia. Novas áreas científicas não entram em existência pela proclamação ou declaração; elas se desenvolvem por meio de atividades que são reações às necessidades do desenvolvimento da sociedade (Jelinek, 1981, p. 69, tradução nossa).

Destarte o ICOFOM é reconhecido como o espaço mais importante de discussão e estudo sobre a Museologia, um marco para a sua formação e desenvolvimento, por perseguir o estabelecimento desta como disciplina científica, a fundamentação da profissão dos que atuam em museus e a definição do cenário da pesquisa científica no âmbito da área (Poulot, 2013). Cury elenca como objetivos do comitê, desde o seu advento e ao longo dos anos posteriores: a definição de Museologia; a constituição de um sistema de conhecimento museológico; o desenvolvimento do ensino da Museologia no âmbito universitário; e, o entendimento do diálogo da Museologia com outras áreas de conhecimento. Isto porque “a meta era configurar a Museologia como um campo independente” (Cury, 2005, p. 47).

Os referidos objetivos se constituíam mote das discussões dos diversos encontros científicos promovidos pelo ICOFOM e a produção teórica gerada no âmbito dos encontros passou a ser publicada nomeadamente no *Museological Working Papers*

(*MuWoP*)<sup>53</sup> e no *ICOFOM Study Series (ISS)*<sup>54</sup> (Sofka, 1981), “com o interesse em imprimir cunho científico para a área, particularmente o *MuWoP* cujo objetivo foi o de procurar esclarecer o seu objeto de estudo” (Cerávolo, 2004a, p. 109).

O *MuWoP* e o *ISS* tinham como objetivo, por meio dos artigos veiculados, “instituir bases teóricas, de certo modo para conscientizar pelo debate, o comitê e seus participantes (além do ICOM) dos problemas que seriam específicos da Museologia, para que esta fosse abordada como ciência” (Cerávolo, 2004a, p. 109).

Na busca por moldar a teoria da área foram lançadas duas edições do *MuWoP* nos anos de 1980 e 1981 (sendo a edição de 1981 publicada em 1982). A partir de 1983 a produção derivada dos encontros científicos do ICOFOM passou a ser publicada no *ISS*, substituto do *MuWoP*. As publicações reuniam as “diferentes posições sobre os problemas museológicos fundamentais”. Tanto que a primeira edição da *MuWoP*, sob supervisão de Vinos Sofka, trouxe discussão sobre a “ideia de museologia como disciplina científica e ciência em formação” (Cury, 2005, p. 48) expondo a perspectiva de 15 especialistas, dentre eles André Desvallés, Zbynek Z. Stránsky, Ana Gregorová e outros (*MuWoP*, 1980). Na edição de 1983 do *ISS* foram publicadas as discussões em torno da “natureza do conhecimento museológico, os objetivos da museologia, a interdisciplinaridade como método de trabalho para a museologia e para a ação em museus” (Cury, 2005, p. 50).

Nesse percurso de discussão sobre a Museologia, merece destaque a elaboração do *Dictionnarium museologicum*. O *Dictionnarium museologicum*, inicialmente proposto em 1977 durante uma assembleia do ICOM, diz respeito a um trabalho cooperativo que contou com 44 especialistas de museus oriundos de 26 países, o qual durou nove anos para ser elaborado, enfim publicado em 1986 em Budapeste, Hungria (Desvallés, 2000). O *Dictionnarium museologicum* constituiu-se como manual de padronização terminológica para a museologia a ser seguido em todo o mundo, com

---

<sup>53</sup> As duas edições do *MuWoP* se encontram disponíveis na homepage do ICOFOM. A edição de 1980 se encontra disponível em:

[http://network.icom.museum/fileadmin/user\\_upload/minisites/icofom/pdf/MuWoP%201%20\(1980\)%20Eng.pdf](http://network.icom.museum/fileadmin/user_upload/minisites/icofom/pdf/MuWoP%201%20(1980)%20Eng.pdf). A edição de 1981 se encontra disponível em:

[http://network.icom.museum/fileadmin/user\\_upload/minisites/icofom/pdf/MuWoP%202%20\(1981\)%20Eng.pdf](http://network.icom.museum/fileadmin/user_upload/minisites/icofom/pdf/MuWoP%202%20(1981)%20Eng.pdf).

<sup>54</sup> As edições do *ISS* (de nº 01/1983 a atual nº 44/2016) se encontram disponíveis na homepage do ICOFOM, seção *Our Publications*, em: <http://network.icom.museum/icofom/publications/our-publications/>.

vistas a contribuir para compreensão mútua entre os profissionais de museus dos mais diversos países (Cury, 2005; Scheiner, 2008). Ressalte-se que a obra contou com as participações de Stránsky e da brasileira Waldisa Rússio na sua elaboração (Cury, 2005).

Nesse íterim, ocorre a criação de subcomitês do ICOFOM nos continentes africano, europeu e norte-americano. No continente sul-americano foi implementado o Subcomitê Regional do ICOFOM para a América Latina e Caribe (ICOFOM LAM)<sup>55</sup> no âmbito do *International Council of Museums Latin America & Caribbean Alliance* (ICOM LAC<sup>56</sup>) (Cury, 2005).

A criação de um ICOFOM para a América Latina partiu da recomendação de Vinos Sofka durante um evento do ICOM, realizado em Haia em 1989. Já era algo previsto pelo Programa Trienal do ICOFOM 1990-1992. Assim, em janeiro de 1990, foi criado o ICOFOM LAM<sup>57</sup> (Decarolis, 2000).

Nely Decarolis descreve que:

(...) the aim of ICOFOM LAM was to promote, document and disseminate all kinds of research work on museological theory throughout Latin America and the Caribbean, allowing wide participation of our members in the activities of the Committee through discussions, publications and professional exchanges. The central focus is the production of papers on museum theory in the main languages of the region, Spanish and Portuguese, or English and French for certain Caribbean áreas (Decarolis, 2000, p. 14).

Com conhecimento de causa, a autora comenta a trajetória da organização, reforça sua finalidade, comenta a criação de uma publicação (o boletim de notícias

---

<sup>55</sup> O ICOFOM LAM tem como objetivo promover debates acerca de questões teóricas e conceituais da disciplina Museologia e seu objeto de estudo. Anualmente, o ICOFOM-LAM promove eventos em diversos países da América Latina e Caribe, desde 1992, mantendo debates e publicações simultâneos ao tema proposto pelo ICOM. No ano de 2016, o XXIV Encontro do ICOFOM LAM ocorreu no Brasil entre os dias 17 e 19 de outubro na UFOP que dentre outras discussões da área também debateu a relevância da Teoria Museológica na pesquisa desenvolvida na Pós-Graduação na atualidade. O encontro foi desenvolvido em parceria com o Departamento de Museologia da referida universidade, conforme disponível em: <http://www.musealidade2016.eventos.dype.com.br/apresentacao>.

<sup>56</sup> No Brasil, funciona integrado ao ICOM LAC e ao Comitê de Países do Mercosul (ICOM SUR), o Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus (ICOM BR). Disponível em: <http://www.icom.org.br/>

<sup>57</sup> As representantes latino-americanas do Conselho do ICOFOM, a brasileira Tereza Scheiner e a argentina Nelly Decarolis foram nomeadas para coordenar os trabalhos do ICOFOM LAM (Decarolis, 2000).

ICOFOM LAM *Bulletin*), a realização de eventos e, também, expõe as dificuldades enfrentadas pelo ICOFOM LAM. No entanto, Decarolis chama a atenção para o trabalho colaborativo desenvolvido pelos membros latino-americanos em prol do ICOFOM LAM, subcomitê que se reveste de reconhecida importância para o desenvolvimento da museologia latino-americana (Decarolis, 2000).

Pode-se dizer que o ICOM, seus comitês e subcomitês especializados trouxeram as bases para a evolução da Museologia que prescinde de uma cronologia de acontecimentos que ocorreram e que marcam a história da área. No entanto, merecem reconhecimento também as instituições criadas mundo afora para promover o ensino em Museologia, o qual vem se ampliando e se aperfeiçoando e, também, para promover a circulação de ideias, modelos e práticas.

### **1.3 Conformação da Museologia como disciplina científica**

A Museologia, em termos de formação, é marcada pelas iniciativas pioneiras da *École du Louvre* em Paris na França e da *Pensylvânia Museum* da Filadélfia nos EUA que datam, respectivamente, de 1882 e 1908.

A formação oferecida pela *École du Louvre* e pelo *Pensylvânia Museum* era de estudos mais dedicados aos museus do que à Museologia, refletindo o ensino de uma Museologia Tradicional centrada no museu (Hernández-Hernández, 2006). A formação em Museologia “se basaba en la transmisión de conocimientos que se reducían a documentar la historia del museo y de sus colecciones y a enumerar sus funciones” (Hernández-Hernández, 1998, p. 72).

Dedicada à formar futuros conservadores de museus, a *École du Louvre* mantinha em seu programa de formação, além de conteúdo relacionado ao funcionamento do museu, conteúdo relacionado à disciplina tradicional a exemplo de História da Arte (Hernández, Hernández, 1992).

Mais tarde, o ensino e a investigação em Museologia foram institucionalizados pela Universidade de Masaryk em Brno (Brigola, 2003, 2009), considerada segunda maior universidade pública na República Tcheca, com fundação em 28 de janeiro de 1919 onde, em 1963, no âmbito do Departamento de Filosofia (Faculdade de Artes e Letras) (Brandão, 1993), foi criado o Departamento de Museologia sob iniciativa de Jan

Jelinek. A partir de então, estabeleceu-se a formação em Museologia no âmbito universitário no pós-guerra europeu (Maroević, 1998).

O recém criado Departamento de Museologia trouxe em seu bojo a convicção de que “a imposição da Museologia como disciplina científica tem uma importância fundamental não apenas na afirmação do papel dos Museus na sociedade contemporânea, como também como factor condicionante do seu próprio futuro” (Brandão, 1993, p. 1).

Cumprе sublinhar que, antecedendo e muito a criação do Departamento de Museologia, já existia na Universidade de Brno, desde 1921, uma cátedra em Museologia, sob a idealização de Jaroslav Elfert, na época diretor do *Moravian Museum*, para a formação de pessoal técnico atuante nos museus checos e eslovacos (Maroević, 1998).

No continente americano os primeiros cursos de Museologia remontam o ano de 1923 promovidos pelo *Fogg Art Museum* em Harvard, EUA. Com o passar do tempo outros cursos foram organizados e oferecidos pela *American Association of Museum*. Também ofereciam cursos em Museologia universidades e institutos, dentre eles o *Smithsonian Institution*. A *American Association of Museum* vem trabalhando, desde 1973, incontestemente no estabelecimento de um programa de diretrizes para a formação em Museologia, considerando a oferta de formação por universidades autorizadas em colaboração com museus também autorizados; programas com disciplinas científicas fundamentais; inserção da teoria no trabalho prático em museus; e obrigatoriedade de estágio no seio dos museus com supervisão (Maroević, 1998).

Tereza Scheiner acrescenta às experiências formativas da *École du Louvre*, *Pensylvânia Museum*, *Fogg Art Museum* de Harvard, Universidade de Masaryk em Brno já citadas, a experiência pioneira do Curso de Museus do MHN criado em 1932 no Brasil. Segundo a autora, “a partir dessas experiências, a Museologia torna-se gradualmente reconhecida como um campo do conhecimento, com identidade própria - e evolui em direção à estrutura interdisciplinar” (Scheiner, 2015, p. 40).

No que diz respeito a Inglaterra, os cursos em Museologia organizados pela *British Museum Association* (BMA), datam de 1932. Desde então, o *British Museum* promove cursos como trabalho de formação curricular por um período de dois ou três

anos, com supervisão do *staff* do museu. Ao término do curso deve ser apresentado um trabalho de conclusão, o qual é minuciosamente examinado (Maroević, 1998).

Ainda no âmbito da Inglaterra, Maroević pontua um grande desenvolvimento para a formação em Museologia com a criação, em 1966, do *Department of Museum Studies* na Universidade de Leicester. O autor ainda se reporta ao curso da *Bradford Museum Training Institute*, criado em 1989. Na visão de Maroević, um curso de nível elevado em termos profissionais, já que “it organizes all kinds of professional qualification procedures for work in museum of all types” (Maroević, 1998, p. 94).

Em Portugal, o início da formação em Museologia remonta o ano de 1932 com a criação do nomeado Estágio de Conservador de Museu. Após 21 anos de sua criação, o Estágio de Conservador de Museu passou por reformulação, sendo então substituído por um Curso de Conservador de Museu, em 1953, com origem no Regulamento Geral dos Museus de Arte, História e Arqueologia. O referido curso foi oficializado em 1965<sup>58</sup>. A vertente do curso era estritamente profissionalizante, contudo, “tinha o nível de ensino pós-graduado – visto a sua frequência exigir dos candidatos a posse de uma licenciatura ou diploma de uma Escola Superior de Belas Artes – sem contudo ter carácter universitário”, pois o curso não funcionava em uma instituição universitária e sim sob a responsabilidade do Museu Nacional de Arte Antiga (Gil, 2010, p. 163). Face à consideração de que o curso não estava mais satisfazendo as demandas de formação para o quadro superior de museus e a contestação do próprio alunado reivindicando a reformulação do mesmo, o Curso de Conservador de Museu foi extinto em 1974. Ao longo dos anos a Associação Portuguesa de Museologia (APOM) e o Instituto Português do Patrimônio Cultural (IPPC) apresentaram propostas de criação de um novo curso, desta vez integrado ao âmbito universitário. No entanto, encontra-se na literatura que a entrada da Museologia no âmbito universitário tenha ocorrido ainda na década de 1970 pela “introdução do ensino dessa disciplina na licenciatura de Ciências Antropológicas e Etnológicas do antigo Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina”. Iniciativa seguida mais tarde pela Universidade de Lisboa que incluiu a Museologia na licenciatura em Antropologia (Gil, 2010, p. 164).

Na Croácia a Museologia consta do currículo da Faculdade de Filosofia da Universidade de Zagreb, mais especificamente nos cursos de História da Arte e

---

<sup>58</sup> Decreto-Lei 46.758 de 18 de dezembro de 1965.

Arqueologia, desde 1946. A formação pós-graduada teve lugar nesta universidade em 1966 no âmbito do *Centre for the Study of Librarianship and Information and Documentation Sciences*. O desenvolvimento do curso foi amparado com a criação da cátedra de Museologia no Departamento de Ciência da Informação na Faculdade de Filosofia da Universidade de Zagreb. Atribui-se a Ivo Maroevic a fundação e a organização do curso de Museologia como parte das Ciências da Informação (Maroević, 1998).

Na Holanda, data de 1976 a fundação da *Reinwardt Academie* que se tornou, no continente europeu, a mais importante instituição de formação e de investigação em Museologia, considerada “a nucleus of the scientific study of museology” (Maroević, 1998, p. 95).

Pelo exposto, o percurso delineado reflete que a formação em Museologia se encontra institucionalizada, seguindo o desenvolvimento da Museologia como disciplina científica e, também, o seu reconhecimento como uma profissão, nos mais diversos lugares do mundo. A diferença reside no objetivo e no formato de oferta de cursos, pois há oferta de formação marcadamente profissionalizante (formação de base), há oferta de formação especializada e, também, a que oportuniza formação em nível de mestrado e doutorado (Maroević, 1998).



## **CAPÍTULO 2**

# **CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS E A CONFIGURAÇÃO ATUAL DA FORMAÇÃO EM MUSEOLOGIA NO BRASIL**

---



## 2.1 O Curso de Museus do Museu Histórico Nacional

A introdução da formação em Museologia no Brasil, de forma organizada, deu-se desde muito cedo. O primeiro curso em Museologia no país, sob o título de Curso de Museus, apontado como o primeiro do gênero nas Américas, foi criado em 1932 pelo Museu Histórico Nacional (MHN), localizado no Rio de Janeiro.

**Figura 1** – Fachada do Museu Histórico Nacional - 1920



Fonte: Núcleo de Memória da Museologia (NUMMUS) da UNIRIO

A idealização de um curso técnico comum para a formação de profissionais do MHN, do Arquivo Nacional e da Biblioteca Nacional no Brasil remonta a criação do MHN em 1922 que, em seu Decreto de criação<sup>59</sup>, item VI, previa um curso técnico para esta finalidade, o qual, caso tivesse se concretizado, “seria o mais antigo antecedente de um curso para a formação de profissionais de museus no Brasil” (Brulon-Soares, Carvalho, & Cruz, 2014, p. 245).

<sup>59</sup> Decreto nº 15.596, de 2 de agosto de 1922. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1920-1929/decreto-15596-2-agosto-1922-568204-publicacaooriginal-91597-pe.html>. Acesso em: 20 jul. 2015.

Após 10 anos da sua previsão quando da criação do MHN, o Curso de Museus foi criado por meio do Decreto-Lei nº 21.129 de 07 de março de 1932, sob idealização do político, escritor e jornalista Gustavo Adolpho Luiz Guilherme Dodt da Cunha Barroso (1888-1959), primeiro diretor do MHN que o geriu entre os anos de 1922 a 1959<sup>60</sup>.

Especificamente em 03 de maio de 1932, o Curso de Museus foi inaugurado com aula magna proferida pelo Secretário do MHN Pedro Calmon Muniz de Bittencourt (1902-1985)<sup>61</sup>. A inauguração do Curso de Museus, considerado um marco para a Museologia brasileira, foi notícia no jornal Diário da Noite, o qual trouxe em sua primeira página uma foto da cerimônia, conforme Figura 2:

Figura 2 – Notícia sobre a inauguração do Curso de Museus no jornal *Diário da Noite*



Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Brasil<sup>62</sup>

<sup>60</sup> O Museu Histórico Nacional foi criado pelo Decreto-Lei nº 15.596, de 2 de agosto de 1922, e inaugurado a 1º de outubro do mesmo ano, durante o governo do então Presidente Epitácio Pessoa, no âmbito das comemorações do Centenário da Independência do Brasil. A instituição foi dirigida pelo seu idealizador Gustavo Barroso, que a geriu entre os anos de 1922 a 1959, com exceção do período de 1930 a 1932 (Abreu, 1995). Gustavo Barroso nasceu em Fortaleza, capital do Estado do Ceará, em 29 de dezembro de 1888. Filho de Antônio Felino Barroso e de Ana Guilhermina Dodt Barroso. Em 1923 foi eleito para ocupar a 19ª cadeira da Academia Brasileira de Letras (ABL) com apenas 34 anos de idade.

<sup>61</sup> Iniciou sua carreira como historiador no Museu Histórico Nacional em 1932.

<sup>62</sup> Disponível em:

O Curso de Museus funcionou sob responsabilidade e fiscalização da diretoria interina do MHN, na pessoa do historiador Rodolfo Augusto Garcia Amorim (1873-1949) que dirigiu o museu entre os anos de 1930 e 1932. Durante o referido período Gustavo Barroso havia sido destituído do cargo devido às transformações políticas provocadas pela ascensão de Getúlio Vargas à Presidência. Mais tarde, ainda em 1932, contando com a simpatia do Presidente Getúlio Vargas, com quem já tinha uma estreita relação desde a participação dos dois na Conferência de Paz de Versailles em 1919, Gustavo Barroso foi restituído ao cargo de diretor do Museu (que ocupou até o ano de seu falecimento em 1959) e de coordenador do curso (Abreu, 1995; Williams, 1997).

O curso tinha como formadores os funcionários do MHN que, de acordo com o Decreto de criação do Curso de Museus, ensejava apenas que os docentes a atuarem no curso seriam “designados por portaria do diretor do Museu Histórico Nacional, entre os funcionários da mesma repartição” (Sophia & Loureiro, 2012; Tanus, 2013).

Nomeadamente, compunha o quadro de docentes do curso, formado estritamente por homens, em sua maioria com origem na região Nordeste do Brasil, o cearense Gustavo Barroso (Diretor); o potiguar Rodolfo Garcia (Diretor); o baiano Pedro Calmon (Secretário do MHN); o carioca, criado na Bahia, Joaquim Menezes de Oliva (Chefe da 1ª Seção); o potiguar João Angyone Costa (3º Oficial); e o carioca Edgar de Araújo Romero (Chefe da 2º Seção) (Sá, 2007).

Sobre os docentes, Barroso se refere a estes em carta dirigida ao Diretor da Divisão de Aperfeiçoamento de Pessoal (DASP) em 22 de março de 1942, por ocasião de solicitação de reforma do Curso, sob sua direção há uma década, ratificando que o mesmo funcionava “com a cooperação de funcionários que são professôres (sic), sem nenhum provento material a lhes recompensar o esforço durante todo este tempo” (Barroso, 1944, p. 191).

Precisamente em 1933 o Curso de Museus forma a sua primeira turma:

Adolpho Dumans, funcionário do Museu Histórico desde a sua criação e autor do primeiro texto sobre o Curso de Museus; Alfredo Solano de Barros, um dos implantadores da Seção de Numismática do Museu Histórico Nacional; Guy José Paulo de Hollanda, destacado educador, autor de um livro pioneiro Recursos Educativos dos Museus Brasileiros (1958); Luiz Marques Poliano, também funcionário do

Museu Histórico e especialista em Heráldica; Maria José Motta e Albuquerque; Maria Luíza; Paulo Olinto de Oliveira; alguns dos primeiros conservadores do Museu Imperial; e Raphael Martins Ferreira (Sá, 2007, p. 23).

Esses foram os primeiros “museólogos” do país, chamados na época de Conservadores de Museus (Sá, 2007).

**Figura 3** – Turma dos primeiros formandos do Curso de Museus do MHN em 1933



Fonte: NUMMUS da UNIRIO

Entre os anos de 1932 a 1944, o curso tinha duração de dois anos e apresentava um perfil estritamente técnico. Sobre discussões que apontam o curso como de natureza estritamente técnica, Sá explica que, considerando a sua criação em uma instituição cultural, esta é uma característica totalmente aceitável. Porém, na visão do autor, em termos legais, o curso já apresentava requisitos de curso superior, pois exigia dos candidatos a conclusão do então chamado ensino secundário (Sá, 2014), atualmente considerado ensino médio.

O fato é que a criação do curso em uma instituição museológica se deu para suprir as necessidades do MHN por profissionais com formação especializada para atuar no âmbito da instituição, mas também se deu com base nas ideias e correntes de pensamento sobre os museus disseminadas principalmente pela criação de uma

organização destinada à sistematizar informações sobre museus de todo o mundo, o *Office International des Musées* (OIM), o que denota questões endógenas e exógenas, respectivamente (Brulon-Soares, Carvalho & Cruz, 2014).

O Decreto de criação do curso, já referido, previa o ensino das disciplinas dividido em dois anos: no primeiro ano História Política do Brasil (referente ao período colonial), Numismática (referente à parte geral), História da Arte (especialmente do Brasil), Arqueologia aplicada ao Brasil, e, no segundo ano, História Política e Administrativa do Brasil, Numismática (brasileira), Sigilografia, Epigrafia, Cronologia e Técnica de Museus. Na época, quem concluía o curso era chamado de ‘Conservador de museus’, termo traduzido do francês (Brasil, 1932).

Em 1944 foi aprovado o Regulamento do Curso de Museus. Isto se deu por meio do Decreto nº 16.078 de 13 de julho de 1944, publicado no Diário Oficial da União (DOU) Seção 1 de 15 de julho de 1944, a que se refere o Decreto-Lei n.º 6.689, de 13 de julho de 1944<sup>63</sup>. O Decreto nº 16.078 tinha por finalidade:

- a) preparar pessoal habilitado a exercer as funções de conservador de museus históricos e artísticos ou de instituições análogas;
- b) transmitir conhecimentos especializados sobre (sic) assuntos históricos e artísticos, ligados às atividades dos museus mantidos pelo Governo Federal;
- c) incentivar o interêsse pelo estudo da História do Brasil e da arte nacional (Brasil, 1944, p. 12474).

O Regulamento do Curso de Museus previa a duração de três anos letivos, divididos em duas partes (parte geral e parte especial)<sup>64</sup> o que possibilitou ao mesmo adquirir perfil de curso superior, com o objetivo de capacitar mão de obra para o exercício da função de conservador de museus históricos e artísticos ou instituições com finalidades semelhantes. Exigências que foram atendidas pelo Museu Histórico Nacional na promoção do seu curso superior.

---

<sup>63</sup> O Regulamento do curso vigorou até o ano de 1966.

<sup>64</sup> Conforme consulta ao Decreto disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1940-1949/decreto-16078-13-julho-1944-461459-publicacaooriginal-1-pe.html>: consta que a parte Geral compreendia duas séries comuns a todos os alunos. Já a parte Especial englobava uma série para cada uma das seguintes seções: a) Museus Históricos; e b) Museus de Belas Artes ou Artísticos.

Com o regulamento e a nova estrutura curricular, o quadro de docentes foi renovado. Surgiu a primeira geração de docentes, egressa do Curso de Museus, que substituiu os primeiros docentes do curso. A esta paira a designação de “primeira geração” de uma Museologia não mais autoditada (Sá, 2007), pois pôde contar, além da sua intuição, com uma formação estruturada que a munuiu das bases teóricas essenciais para tal exercício.

Em 1945, assumiu a docência: José Francisco Félix de Mariz (Pintura e Gravura); Anna Barraffatto (Escultura e História da Arte); Oswaldo Mello Braga de Oliveira (História da Arte Brasileira); Jenny Dreyfus (Sigilografia e Filatelia); Diógenes Vianna Guerra (Etnografia, Arqueologia, Arte Indígena e Arte Popular); e Mario Antonio Barata (Artes Menores). A partir de 1947, Nair Moraes de Carvalho, começa a ministrar a disciplina Escultura (Siqueira, 2009, p. 31-32).

Houve também no Regulamento do Curso de Museus a institucionalização das bolsas de estudos que começaram a ser concedidas em caráter experimental em 1942. No período de “1942 a 1967 foram concedidas 64 bolsas de estudos aos estados, das quais 15 alunos não chegaram a concluir o Curso (...)” (Siqueira, 2009, p. 35).

(...) No que se refere aos números, de um universo de 64 bolsas distribuídas durante 25 anos, ou seja, de 1942 até 1967, quando foram extintas, o estado da Bahia preponderou com 15 bolsistas; seguido pelo Ceará com 8; Rio Grande do Sul, 7; São Paulo, Minas Gerais e Maranhão com 6; Paraná com 3; Amazonas, Pernambuco, Rio de Janeiro e Santa Catarina, com 2; e enfim Espírito Santo, Goiás, Mato Grosso e Sergipe com apenas uma. Houve ainda um bolsista da Argentina, Jose Martin Bartholomé, ingressante em 1967 e que se formou em 1969 (...) (Sá & Siqueira, 2007, p. 21).

Desde a sua criação e evolução, o que se percebe é que o Curso de Museus é marcado pela característica pessoal de Gustavo Barroso, seu idealizador, visto como “um personagem emblemático conhecido pela valorização do culto à saudade e preocupado com a construção de uma história nacional brasileira na forma de continuidade da tradição imperial” (Duarte Cândido & Ruoso, 2012, p. 36). O pensamento museológico como formulado por Barroso foi analisado na investigação *O conservadorismo a serviço da memória: tradição, museu e patrimônio no pensamento de Gustavo Barroso* (Oliveira, 2003).

De seguida, Siqueira apresenta que o estilo barroso de ensino “refere-se à forma de dirigir, ensinar e transmitir conhecimentos e conceitos, bem como as normas e técnicas empregadas e aplicadas pelo seu fundador” (Siqueira, 2009, p. 26). A autora cita como exemplo a adoção, por um longo período de tempo, da obra de Barroso, considerada compêndio dos seus conhecimentos e aulas, obrigatória para profissionais da área de museus, “que resume tanto o currículo quanto o conceito do curso, *Introdução à Técnica de Museus*, publicado em dois volumes, (o primeiro volume em 1946 e o segundo em 1947)”. O primeiro volume foi dedicado ao processamento técnico de acervo e o segundo às coleções (Siqueira, 2009, p. 27).

Em rigor, o livro *Introdução à Técnica de Museus* (Barroso, 1946, 1947), publicado em dois volumes, volume I (Parte geral e Parte básica)<sup>65</sup> e volume II (parte especializada)<sup>66</sup>, foi a primeira obra de referência da Museologia brasileira “e se destinava a servir ao ensino superior para a formação de profissionais de museus. Seu enfoque, tal como o título expressa, estava no conjunto de regras e princípios da organização de museus e tratamento de suas coleções de objetos” (Knauss, 2011, p. 585). A obra foi elaborada “a partir da experiência [de Barroso] enquanto professor do curso, de suas leituras e de suas pesquisas” (Silva, 2014, p. 185).

Na obra, em que o próprio Barroso ressalta o ineditismo do assunto no país, são explicitadas as fontes textuais utilizadas (artigos em revistas internacionais), sendo a fonte mais importante o livro *Muséographie: Architecture et Aménagement des Musées d'Art* publicado em 1935, em dois volumes, com origem na Conferência Internacional de Madrid realizada em 1934 (Sá, 2007, 2013).

Entende-se, nesse contexto, que o livro *Introdução à Técnica de Museus* se constitui documento histórico para a área da Museologia brasileira, o qual fundamentou estudos importantes (Silva, 2014).

Outro estudo que se dedicou a investigar a contribuição de Gustavo Barroso para o MHN e, conseqüentemente, para a área da Museologia no Brasil, foi o de Mario

---

<sup>65</sup> Contempla noções de organização, arrumação, catalogação e restauração; de cronologia, epigrafia, bibliografia, diplomática e iconografia. Disponível em: <http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=MHN&PagFis=11190&Pesq=Gustav>.

<sup>66</sup> Contempla noções de heráldica, bandeiras, condecorações, armaria, arte naval, viaturas, arquiteturas, indumentária, mobiliário, cerâmica e cristais, joalheria, prataria, bronzes artísticos, mecanismos, instrumentos, de suplício e arte religiosa. Disponível em: <http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=MHN&PagFis=11190&Pesq=Gustav>.

Chagas (2003) que abordou os indícios que levaram Barroso a idealizar o MHN e o Curso de Museus, além da sua relação com a disciplina que considerava essencial na formação dos ingressos no curso, a já referida Introdução à Técnica de Museus.

Com efeito, outra questão que marca o estilo de Barroso e a atuação dos primeiros docentes do curso foi a criação do periódico *Anais do MHN* em 1940. A criação do periódico reflete “o efetivo controle do que se ensinava e transmitia aos alunos do curso, bem como as linhas de pensamento a serem seguidas e trabalhadas naquela instituição” (Siqueira, 2009, p. 27).

A consolidação do estilo de Barroso encontrou continuidade por meio dos seus alunos pioneiros, dos quais alguns se tornaram docentes do Curso, com os já mencionados, Diógenes Vianna Guerra e Oswaldo Mello Braga de Oliveira os quais substituíram os professores Angyone Costa e Menezes de Oliva (Siqueira, 2009) e outros que reforçam o estilo do idealizador em diversas instituições museais do país, sobretudo, no tocante à museografia, conservação e documentação (Rangel, 2012).

Assinala-se a investigação de Siqueira (2009) que apresenta o perfil profissional do egresso formado pelo Curso de Museus. A investigação se apresenta como a primeira na literatura da área a analisar a atuação dos egressos do Curso de Museus no mercado de trabalho nas décadas de 1930, 1940, 1950, 1960 e 1970 do século XX.

Ainda sobre isso, a investigação de Silva (2014) traz entrevistas realizadas com ex-alunos do Curso de Museus com vistas ao conhecimento de suas memórias no tocante ao curso de que são egressos e à sua experiência de convivência e trabalho no MHN.

Em outra perspectiva, o estudo de Coelho (2015) analisou o pensamento museológico brasileiro desde 1932 à 1985, destacando o pioneirismo do Curso de Museus na institucionalização do campo e na cientifização das práticas museológicas.

O Curso de Museus, por meio de convênio firmado entre o MHN e a Universidade do Brasil<sup>67</sup>, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em 12 de julho de 1951, passou de seu *status* técnico para *status* universitário.

O então adquirido mandato universitário exigiu a reorganização do curso e de sua estrutura administrativa, “sendo criados o Conselho Departamental e os

---

<sup>67</sup> Pedro Calmom, que proferiu a aula magna do Curso de Museus e compunha o quadro de professores do mesmo, era o então Reitor desta Universidade (Sá, 2007).

Departamentos de Técnica de Museus, de História do Brasil, de História da Arte e de Antropologia” (Sá, 2007, p. 30).

Durante a gestão do então Diretor do MHN Léo Fonseca e Silva<sup>68</sup> que se deu no período de 1967 a 1970, houve empenho por parte do mesmo para alterar a nomenclatura do curso para Faculdade de Museologia, tendo encaminhado proposta para a Câmara de Planejamento do Conselho Federal de Educação, o que foi negado sob a alegação de que o curso era vinculado à uma instituição de cultura e não a uma universidade (Brulon-Soares, Carvalho, & Cruz, 2014). Daí, o Curso assumiu a denominação informal de Escola Superior de Museologia (ESM), alterando-se sua duração que passou de três para quatro anos em 1974.

A efetiva mudança física e conceitual do Curso de Museus ocorreu apenas quando foi definitivamente transferido, em 1979, de uma instituição de memória para uma instituição dedicada ao ensino, à pesquisa e à extensão, a Federação das Escolas Federais Isoladas do Rio de Janeiro (FEFIERJ)<sup>69</sup>, atual UNIRIO, o que ensejou o rompimento com o modelo de Barroso até então estabelecido (Rangel, 2012). Com efeito, após a transferência o Curso de Museus teve sua nomenclatura modificada para Curso de Museologia (Tanus, 2013).

A década de 1970 se configura como decisiva para o Curso de Museus, pois foi neste período que o curso enfrentou significativas mudanças (conceituais, objetivos, adaptações na matriz curricular<sup>70</sup>, ampliação das turmas, dentre outras), sobretudo, por adentrar a uma nova realidade agora no âmbito universitário.

---

<sup>68</sup> Indicado para o cargo pelo então Presidente da República, General Arthur da Costa e Silva, com a finalidade de modernizar o MHN. Era Oficial da Marinha com formação em Museologia (Godoy & Lacerda, 2002).

<sup>69</sup> Até 1977, mesmo incorporado à FEFIERJ, o Curso continuava a funcionar nas dependências do MHN.

<sup>70</sup> Conforme Brulon-Soares, Carvalho e Cruz (2014), dada a reformulação do Regimento aprovado em 1974 pelo Conselho Federal de Educação, a antiga divisão curricular por habilitações de Museus Históricos, Artísticos, Científicos e Escolares Polivalentes é descartada, passando a vigorar uma formação integrada, com atividades obrigatórias de estágios e organizações de exposições.

## 2.2 O percurso de criação dos cursos de graduação e de pós-graduação em Museologia

Passados 37 anos da criação do Curso de Museus e sua hegemonia na formação em Museologia no Brasil é que se deu, em 1969, a criação do segundo curso na área: o Curso de Museologia da UFBA, instalado na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FFCH) com vinculação ao Departamento de História, idealizado pelo Arqueólogo e Historiador de Arte espanhol Valentin Rafael Simón Joaquín Calderón de La Vara<sup>71</sup>, que coordenou o referido curso (Costa, 2009).

Centrando-se na formação em Museologia na Bahia, na senda do Curso de Museologia da UFBA, destaca-se sua história marcada por momentos de adversidades e conquistas. Costa explica que o curso enfrentou adversidades desde a sua gestão acadêmica e administrativa por parte do Departamento de História até ao pedido de retirada do Colegiado do curso do referido departamento, “tamanhas foram as divergências quanto a então recém-chegada ‘disciplina científica’, não bem aceita pelos demais professores, à época (anos 70-80)” (Costa, 2009, p. 238).

Continuando a relatar uma parte importante da história do curso, Costa (2009) chama a atenção para o fato das disciplinas consideradas técnicas, Técnicas de Museus I e Técnicas de Museus II, terem sido ministradas por um recém-formado do Curso de Museus do MHN, Fernando Menezes, por falta de docentes formados na área no curso ofertado pela UFBA.

O curso passou por um período de bloqueio em 1974, sendo reconhecido pelo Conselho Federal de Educação por meio do Decreto 83.327 de 16 de abril de 1979.

Segundo Waldisa Rússio (s.d, p. 228), a criação do Curso de Museologia da UFBA representou “a vitória de um grupo unido e consciente de professores e alunos, mas também assinala a adoção inovadora de um currículo voltado para a realidade social e regional”. Acredita-se que Rússio se refere ao episódio enfrentado pelo Curso de Museologia da UFBA, em meados da década de 1980, quanto a “um movimento interno na UFBA com vistas ao fechamento do Curso de Museologia”, o que ensejou movimento de mobilização por parte de docentes do curso, junto aos representantes

---

<sup>71</sup> Falecido em 1980.

políticos baianos na Câmara Federal, por sua continuidade e, conseqüente, fortalecimento (Costa, 2009, p. 244).

Costa (2009) traz um panorama da trajetória do Curso de Museologia da UFBA, marcada por adversidades e conquistas, desde a sua criação até o ano de 2008. A autora reforça o contributo deste curso para o fortalecimento da Museologia no Brasil.

Em 1975, no âmbito de uma instituição de ensino superior privado, deu-se a criação do Curso de Museologia da FAMARO, no Rio de Janeiro, o qual foi transferido em 1978 para FINES<sup>72</sup> (Tanus, 2013).

Assim, desde a década de 1940 até o início do século XXI a formação superior em Museologia no Brasil contou apenas com os cursos do Rio de Janeiro e da Bahia, com cursos de especialização organizados em alguns estados do país, e, também, com cursos de extensão e eventos que procuravam amenizar os *gaps* e atender as demandas (Duarte Cândido, 2013).

Esse cenário retrata que “a formação profissional para os museus brasileiros registra trajetória não linear, mas com momentos significativos com esforços de muitas gerações de técnicos e professores (...) permeada por utopias e conquistas sistemáticas” (Bruno, 2015, p. 104-105).

Uma destas conquistas foi, em termos de formação especializada, a criação do primeiro Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Museologia no ano de 1977, em São Paulo, sob a idealização de Waldisa Rússio Camargo Guarnieri<sup>73</sup>.

A criação do curso em nível de pós-graduação, segundo sua idealizadora, além do seu viés interdisciplinar, estava ancorada em questões institucional, motivacional e regulatória, onde “a primeira diz respeito à instituição em que foi instalado o curso; a

---

<sup>72</sup> O curso se encerrou em 1995, sendo o seu alunado absorvido pela UNIRIO.

<sup>73</sup> Reconhecidamente uma das principais teóricas da área da Museologia brasileira. Contribuiu significativamente para o estabelecimento da área como disciplina científica. Além de criar o primeiro curso de pós-graduação em Museologia do país, Waldisa Rússio compôs a equipe responsável por regulamentar a profissão de Museólogo e atuou, ainda, na criação do Conselho Regional de Museologia de São Paulo (Boletim Bibliográfico do Centro Nacional de Estudos e Documentação da Museologia - Cenedom, 2014). Waldisa Rússio ou Waldisa Guarnieri ou, ainda, Waldisa Rússio Camargo Guarnieri (encontram-se alternâncias em suas assinaturas) graduou-se em Direito pela USP. A sua entrada na área da Museologia se deu pelo desenvolvimento da dissertação de mestrado intitulada *Museu: um aspecto das organizações culturais num país em desenvolvimento* (1977) com seqüência pelo desenvolvimento da tese sob o título de *Um Museu da Indústria na cidade de São Paulo* (1980), ambas pela FESPSP.

segunda (...) diz respeito ao momento em que surgiu o curso; e a terceira (...) tem a ver com novos regulamentos expedidos pelo Ministério da Educação” (Rússio, s.d., p. 234).

No tocante à primeira questão, Waldisa Rússio chama a atenção para o fato do curso ter surgido junto à Escola Pós-Graduada de Ciências Sociais, considerada pela autora como “vanguardeira na formação de pesquisadores e cientistas sociais”, possibilitou ao mesmo se apoiar em “sua estrutura e forma pedagógica”, já que seguiu o percurso da referida Escola. A autora pontua, ainda, conseqüentemente, a “multiprofissionalidade como essencial ao desenvolvimento do programa pedagógico, mas também a interdisciplinaridade como método” (Rússio, s.d., p. 232).

A criação do curso foi motivada pela Resolução nº 14 de 1977 do Conselho Federal de Educação (CFE), como uma ação do então Ministério da Educação e Cultura, atualmente MEC, que neste mesmo ano impedia a abertura de novos cursos de graduação em Museologia, dado que o curso da UFBA se encontrava em vias de fechamento devido à sua estagnação, o que não ocorreu, segundo Waldisa Rússio, graças à “solitária e solidária atitude do Professor Mario Barata, que enviou carta ao Reitor daquela instituição, manifestando-se contra o fechamento do curso. Já que faltavam outras vozes solidárias, que se ouvisse ao menos uma solitária” (Rússio, s.d., p. 236).

A Resolução nº 14 de 1977 na perspectiva de Waldisa Rússio,

proporcionava um duplo e útil instrumento de trabalho: em primeiro lugar, um artifício legal, válido, ético e juridicamente eficaz pelo qual podíamos, enfim, criar cursos de especialização que feitos sucessivamente, se somariam, perfazendo os créditos necessários a um Mestrado dentro da Escola Pós-Graduada de Ciências Sociais (Rússio, s.d., p. 236).

Desta feita, o curso foi criado dentro da FESPSP<sup>74</sup>, concebido com duração de três anos conforme recomendação do ICOM, mas durante dois anos funcionou no MASP. Após este período passou a funcionar de fato na FESPSP, o que se deu até o ano de 1992, dois anos após o falecimento de sua idealizadora.

---

<sup>74</sup> Instituição de ensino superior privado, com núcleo original na Escola de Sociologia e Política de São Paulo, criada em 27 de maio de 1933, conforme disponível em: [http://www.fespsp.org.br/inst\\_institucional](http://www.fespsp.org.br/inst_institucional).

A importância do curso foi tamanha para a área da Museologia, tanto que Santos (2008, p. 192) enfatiza que “o curso e, posteriormente, o Instituto de Museologia da FESPSP, foram responsáveis pela formação de toda uma geração de museólogos com expressiva atuação no país”.

De volta à formação em nível de graduação, a partir do ano de 2003 esta sofreu mudança expressiva, passou de apenas dois cursos de graduação em Museologia (Rio de Janeiro e Bahia) para os atuais dezesseis cursos, conforme descrição constante do Quadro 2, dos quais alguns funcionam vinculados a departamentos, faculdades ou institutos de História, Belas Artes, Antropologia, Ciência da Informação ou Arquitetura, o que revela que o ensino em Museologia apresenta dispersão de sua vinculação às áreas científicas (Araújo, Marques, & Vanz, 2011):

**Quadro 2** – Instituições públicas e privadas com cursos de graduação em Museologia

<b>REGIÃO</b>	<b>ESTADO</b>	<b>NOME DA INSTITUIÇÃO</b>	<b>SIGLA</b>	<b>ANO DE CRIAÇÃO</b>
Sul	Santa Catarina	Universidade Federal de Santa Catarina	UFSC	2010
		Centro Universitário Barriga Verde	UNIBAVE*	2004
	Rio Grande do Sul	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	UFRGS	2008
		Universidade Federal de Pelotas	UFPEL	2006
Sudeste	São Paulo	Universidade Camilo Castelo Branco	UNICASTELO*	2014
		Faculdade de Educação, Ciências e Artes Dom Bosco de Monte Aprazível	FAECA DOM BOSCO*	2011
	Rio de Janeiro	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro	UNIRIO	1979
	Minas Gerais	Universidade Federal de Ouro Preto	UFOP	2008
		Universidade Federal de Minas Gerais	UFMG	2010

Centro-Oeste	Distrito Federal	Universidade de Brasília	UnB	2009
	Goiás	Universidade Federal de Goiânia	UFG	2010
Norte	Pará	Universidade Federal do Pará	UFPA	2010
Nordeste	Bahia	Universidade Federal da Bahia	UFBA	1970
		Universidade Federal do Recôncavo da Bahia	UFRB	2006
	Sergipe	Universidade Federal de Sergipe	UFS	2007
	Pernambuco	Universidade Federal de Pernambuco	UFPE	2009

Fonte: Ministério da Educação – Sistema e-MEC (2015)

Nota: instituições privadas marcadas com \*

O cenário dos cursos de graduação em Museologia reflete que “o século XXI assistiu a um crescimento significativo do campo da Museologia no Brasil”<sup>75</sup> (Sophia & Loureiro, 2012, p. 129).

Dos 16 cursos de graduação em Museologia existentes em todas as regiões do país, a maioria funciona em instituições de ensino superior públicas. Apenas três cursos são ofertados por instituições privadas.

A explicação para a criação dos referidos cursos de graduação encontra explicação nas ações do IBRAM em associação a uma conjuntura favorável de instituições de ensino superior e articulações políticas, apoiada pelo programa do governo federal denominado REUNI, o qual é vinculado ao PDE do MEC. O REUNI foi criado para ampliar o acesso e a permanência na educação superior (MEC, 2008), bem como para fomentar o crescimento do ensino superior público brasileiro.

<sup>75</sup> Em consonância com o crescimento dos cursos, destaca-se a preocupação dos professores com a área ao criarem a Rede de Professores Universitários do Campo da Museologia em 2008, durante reunião, entre os dias 7 e 8 de julho, no Museu Universitário da UFSC por ocasião do 3º Fórum Nacional de Museus.

À partida, o quantitativo de cursos de graduação em Museologia, bem como o primeiro curso de pós-graduação *lato sensu* na área foram impulsionadores para o surgimento dos cursos de pós-graduação *stricto sensu* (mestrado e doutorado) no país, embora estes últimos sejam, de certa forma, recentes.

De acordo com a classificação de Áreas de Avaliação da CAPES, agência responsável pela avaliação da pós-graduação no Brasil, a área básica ou área de conhecimento da Museologia compõe a área Comunicação e Informação<sup>76</sup> (Anexo A) que, por sua vez, integra a Grande Área<sup>77</sup> Ciências Sociais Aplicadas dentro do Colégio de Humanidades<sup>78</sup>. A área Comunicação e Informação inclui as áreas básicas ou de conhecimento: Comunicação, Ciência da Informação e Museologia. Comunicação, Ciência da Informação, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia (Documento de Área, 2016).

A área da Museologia conta, atualmente, com seis cursos de pós-graduação em funcionamento, avaliados e recomendados pela CAPES, sendo cinco cursos de Mestrado e um de Doutorado, conforme descrito no Quadro 3:

---

<sup>76</sup> A Portaria nº 234 CAPES de 15 de dezembro de 2016, publicada no Diário Oficial da União em 16 de dezembro de 2016, alterou a denominação de três áreas de avaliação na CAPES, incluindo a Área Ciências Sociais Aplicadas I (CSA I): Comunicação, Ciência da Informação e Museologia que passou a ser denominada Comunicação e Informação. A justificativa para a alteração da denominação de CSA I para Comunicação e Informação é a forte característica da interdisciplinaridade na área, com programas que abarcam docentes com formação diversa, apesar de maior incidência da Comunicação e Ciência da Informação, além de reunir programas das referidas áreas, também abarca a Museologia, a Biblioteconomia e a Arquivologia. Daí, compreendeu-se que a área seria melhor representada por “Comunicação e Informação”, sendo, assim, encaminhada solicitação de alteração da designação da área a CAPES.

<sup>77</sup> Entende-se por Grande Área a aglomeração de diversas áreas do conhecimento consoante à afinidade de seus objetos, métodos cognitivos e recursos instrumentais refletindo contextos sócio-políticos específicos (CAPES, 2014).

<sup>78</sup> A CAPES, visando facilitar o processo de avaliação passou a agregar as 49 áreas de conhecimento por afinidade em dois níveis, sendo o primeiro nível designado por Colégios (Colégio de Ciências da Vida; Colégio de Ciências Exatas, Tecnológicas e Multidisciplinar; e, Colégio de Humanidades) e o segundo nível designado por Grandes Áreas, que totaliza nove Grandes Áreas (Ciências Agrárias; Ciências Biológicas; Ciências da Saúde; Ciências Exatas e da Terra; Engenharias; Multidisciplinar; Ciências Humanas; Ciências Sociais Aplicadas; e, Linguística, Letras e Artes) (CAPES, 2017).

**Quadro 3** - Cursos de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Museologia no Brasil

REGIÃO	ESTADO	NOME DA INSTITUIÇÃO	SIGLA	ANO DE CRIAÇÃO	M/D
Sudeste	Rio de Janeiro	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro e Museu de Astronomia e Ciências Afins	UNIRIO/MAST	2006	M
				2011	D
		Museu de Astronomia e Ciências Afins	MAST	2014	MP
	São Paulo	Universidade de São Paulo	USP	2012	M
Nordeste	Bahia	Universidade Federal da Bahia	UFBA	2013	M
	Piauí	Universidade Federal do Piauí	UFPI	2014	MP

Fonte: Elaborado pela investigadora com base na CAPES (2016)

Nota: M=Mestrado Acadêmico; MP=Mestrado Profissional; e D=Doutorado

Diferentemente da existência de cursos de graduação em Museologia em todas as regiões do país, os cursos de pós-graduação *stricto sensu* em Museologia (especificamente Mestrado Acadêmico e Doutorado) se concentravam, até dezembro de 2016, em apenas duas regiões<sup>79</sup>: Sudeste (nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo) e Nordeste (no estado da Bahia), conforme apresentado na Figura 4 com vetor de localização (📍) sobre as capitais dos estados em que existem os cursos de Mestrado Acadêmico e Doutorado:

<sup>79</sup> A região Sul do país passou a contar com um Programa de Pós-Graduação em Museologia. A proposta de criação do curso em nível de mestrado da UFRGS foi aprovada em dezembro de 2016 pela CAPES com funcionamento a partir de 2017. O recém criado programa não faz parte do *locus* de análise desta investigação que compreende o período de 2006 a 2016.

**Figura 4** - Localização geográfica dos cursos de pós-graduação *stricto sensu* em Museologia



Fonte: <https://www.google.com.br>

No Rio de Janeiro funciona o PPG-PMUS UNIRIO/MAST com oferta de cursos de mestrado e de doutorado, sendo que o curso de mestrado teve início em 2006 e o Doutorado teve início anos mais tarde, em 2011.

Em São Paulo funciona o PPGMus USP, criado em 2012, com oferta de mestrado. O referido programa é desenvolvido em conjunto com instituições museológicas, tais como o Museu Arqueologia e Etnologia, o Museu de Arte Contemporânea, o Museu Paulista e o Museu de Zoologia, todos vinculados à universidade.

Na Bahia funciona o PPGMuseu UFBA, criado em 2013. O programa, com oferta de curso de Mestrado, é o primeiro da área de Museologia na região Nordeste do país. Isto mais uma vez coloca a UFBA na vanguarda da formação em Museologia, já que seu curso de graduação na área foi o segundo do país.

Os cursos de mestrado e doutorado aqui apresentados e, devidamente, detalhados no capítulo seguinte desta tese, encontram-se reconhecidos pelo Conselho

Nacional de Educação (CNE) do MEC, portanto são autorizados a expedir diplomas de mestrado e/ou doutorado com validade em todo o território brasileiro.

Considera-se pertinente evidenciar que dos cinco cursos de mestrado na área de Museologia descritos no Quadro 3, três são Mestrados Acadêmicos e dois são Mestrados Profissionais (MP). No que diz respeito aos dois Mestrados Profissionais em funcionamento, o Curso de Pós-Graduação em Preservação de Acervos de Ciência e Tecnologia do MAST<sup>80</sup> e o Mestrado Profissional em Artes, Patrimônio e Museologia da UFPI<sup>81</sup> foram recomendados pela CAPES em dezembro de 2013.

O que se pode concluir sobre o percurso de construção da formação em Museologia no Brasil, aqui apresentado, é que este percurso foi marcado por pioneirismo iniciado na década de 1930 e avanço, sobretudo nos primeiros anos do século XXI, “e têm procurado contribuir com a consolidação do campo profissional” (Bruno, 2015, p. 108) e com sua qualificação. No entanto, este percurso leva a concluir que a oferta formativa atual ainda não atende em sua totalidade às necessidades do país, estritamente no contexto da formação pós-graduada *stricto sensu* em Museologia (mestrado acadêmico e doutorado), pois há uma discrepância significativa entre a quantidade de cursos de graduação existentes em todas as regiões do país e a quantidade de cursos de pós-graduação *stricto sensu* com oferta restrita, até dezembro de 2016, a apenas duas regiões do país. Percebe-se avanço, já que a área a partir desta data passou a contar com o Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da UFRGS, com oferta de mestrado acadêmico, na região Sul.

---

<sup>80</sup> O Mestrado Profissional em Preservação de Acervos de Ciência e Tecnologia do MAST, modalidade presencial, tem como área de concentração Preservação de Acervos de Ciência e Tecnologia, sendo desenvolvida sob duas linhas de pesquisa: Acervos, História e Divulgação; e, Acervos, Conservação e Processamento. Disponível em: [http://www.mast.br/cursos\\_preservacao\\_de\\_acervos\\_mestrado\\_profissional.html](http://www.mast.br/cursos_preservacao_de_acervos_mestrado_profissional.html). Acesso em: 02 dez. 2015.

<sup>81</sup> O Programa de Pós-Graduação em Artes, Patrimônio e Museologia (PPGAPM), com curso de mestrado profissional, modalidade presencial, tem como área de concentração Artes, Patrimônio e Museologia, sendo desenvolvida sob três linhas de pesquisa: Artes, Patrimônio e Museologia; Patrimônio, Sociedade e Educação Museal; e, Patrimônio, Turismo e Sustentabilidade. As atividades do PPGAPM se iniciaram em março de 2015. Disponível em: [http://www.sigaa.ufpi.br/sigaa/public/programa/apresentacao.jsf?lc=pt\\_BR&id=793](http://www.sigaa.ufpi.br/sigaa/public/programa/apresentacao.jsf?lc=pt_BR&id=793). Acesso em: 02 dez. 2015.

## **CAPÍTULO 3**

# **GEOGRAFIA CIENTÍFICA DOS PROGRAMAS DE PÓS- GRADUAÇÃO EM MUSEOLOGIA NO BRASIL**

---



### 3.1 As agências brasileiras de fomento à pós-graduação *stricto sensu*

O crescimento do ensino superior suscitou o surgimento de agências vinculadas à administração pública criadas com a finalidade de estabelecer parâmetros de funcionamento e qualidade das IES e do seu ensino, promovendo, assim, credibilidade à oferta de cursos diante dos possíveis estudantes e, também, diante do mercado de trabalho.

A criação de agências e de procedimentos de avaliação (credenciamento e reconhecimento) é uma exigência global suscitada pelas mudanças das relações entre as IES, o Estado e a sociedade.

Contudo, deve-se levar em conta a inexistência de um modelo absoluto aplicável à qualidade do ensino superior, pois, “as instituições têm e devem ter concepções diferentes, adequadas às respectivas visões e cenários de desenvolvimento desejáveis” considerando, ainda, “parâmetros fundamentais já institucionalizados em cada país ou em acordos internacionais” (Fonseca, 2010, p. 1).

De acordo com Isaura Belloni, ao escrever sobre a obra pioneira de Eleonora Maria Cavalcanti de Barros que se debruçou a delinear os objetivos e as práticas da política de pós-graduação do Brasil, afirma que “a política de qualificação de recursos humanos é, sem dúvida, um dos pilares fundamentais do desenvolvimento científico-tecnológico de um país” (Barros, 1998, p. 11).

No Brasil, dentre outras iniciativas governamentais para o desenvolvimento científico-tecnológico, o que verdadeiramente é reconhecido como iniciativa basilar da institucionalização da pesquisa e da formação de pessoal/recursos humanos no país foi a criação, em 1951, de duas agências: o Conselho Nacional de Pesquisas, atual Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), e a Campanha de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, atual Coordenação de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

#### 3.1.1 Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)

O Conselho Nacional de Pesquisas foi criado para atender os “interesses manifestos ao nível da sociedade política (técnicos do governo, políticos e militares) e

de determinado segmento da sociedade civil (comunidade científica)” (Barros, 1998, p. 79).

A instituição foi imaginada desde o início do século XX, em 1920, por membros da Academia Brasileira de Ciências (ABC) que, dada uma série de acontecimentos históricos (Primeira Guerra Mundial), perceberam a necessidade de criação de uma instituição de pesquisa, o que foi formalmente recomendado ao então Presidente Getúlio Vargas. O então Presidente apresentou, em 1936, proposta de criação da instituição junto ao Congresso Nacional, o que não vingou à época.

Durante os acontecimentos da Segunda Guerra Mundial (dado o avanço da tecnologia bélica), o representante do Brasil junto à Comissão de Energia Atômica do Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU), Almirante Álvaro Alberto da Motta e Silva, por intermédio da ABC, propôs em 1946 a criação de uma instituição nacional de pesquisa. O Almirante pretendia implementar no Conselho Nacional de Pesquisas “uma política nuclear autonomista, além de colocar em prática uma política científica e tecnológica capaz de propiciar um verdadeiro desenvolvimento na área de ciência e tecnologia (Motoyama, 2000).

O fato é que a criação em 1948 da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), instituição sem fins lucrativos, criada por um grupo de cientistas, com a finalidade de defender o avanço científico e tecnológico e o desenvolvimento educacional e cultural do Brasil, reforçou sobremaneira a necessidade de criação de uma instituição governamental para o incremento, amparo e para a coordenação da pesquisa científica no país (Fernandes, 1990).

Ainda no ano de 1948 o projeto de criação do conselho foi apresentado na Câmara dos Deputados. No entanto, somente no ano seguinte, o então Presidente Eurico Gaspar Dutra nomeou uma comissão especial para apresentar o anteprojeto de lei que tratava da criação do Conselho Nacional de Pesquisas (Barros, 1998).

Finalmente, após uma espera de mais de 30 anos desde a sua aspiração por parte da comunidade científica brasileira, o Conselho Nacional de Pesquisas foi criado em 1951 por meio da Lei nº 1.310 de 15 de janeiro como autarquia vinculada à Presidência da República (Barros, 1998).

O Almirante Álvaro Alberto da Motta e Silva que coordenou o processo de criação do Conselho Nacional de Pesquisas batizou a Lei nº 1.310 de "Lei Áurea da pesquisa no Brasil" (Barros, 1998).

A criação do Conselho Nacional de Pesquisas seguiu o modelo da *National Science Foundation* dos EUA e de outras agências semelhantes de países desenvolvidos como Inglaterra, Canadá e França. Eram objetivos básicos da agência brasileira: promover atividades na área de energia nuclear<sup>82</sup>; e, promover a capacitação científica e tecnológica do Brasil por meio da formação de pessoal qualificado (cientistas, tecnólogos, pesquisadores), concedendo bolsas de estudo e de pesquisa e, por último, pela concessão de ajuda de custo para manutenção de laboratórios (Barros, 1998).

Em consonância com os objetivos determinados, as ações iniciais do Conselho Nacional de Pesquisas foram cruciais para o estabelecimento das “primeiras sementes da pesquisa” no Brasil (Motoyama, 2000, p. 145)

Em 1974, por meio da Lei 6.129 de 6 de novembro, o Conselho Nacional de Pesquisas é designado órgão central do Sistema Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (SNDCT), passando a se chamar Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), “dotado de flexibilidade administrativa, financeira e sólida estrutura institucional, agora sob regime de fundação” (Barros, 1998, p. 81).

Sua subordinação à Presidência da República deu-se até 1985, quando passou a compor o Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT), assumindo diversas atribuições como o patrimônio científico e tecnológico e seu desenvolvimento, a definição da Política Nacional de Ciência e Tecnologia, dentre outras atribuições.

Deu-se, nos anos de 1990, o estabelecimento de uma nova missão para o CNPq: promover o desenvolvimento científico e tecnológico e executar pesquisas necessárias ao progresso social, econômico e cultural do País.

Durante a década de 1990, o CNPq cria duas ferramentas consideradas essenciais para o desenvolvimento de suas atividades de fomento: a Plataforma Lattes e o Diretório dos Grupos de Pesquisa. Essas ferramentas têm papel preponderante na

---

<sup>82</sup> Retirada da competência do Conselho Nacional de Pesquisas em 1956, após a criação da Comissão Nacional de Energia Nuclear (CNEN).

avaliação, no acompanhamento e no direcionamento para políticas científicas e diretrizes de incentivo à pesquisa.

A Plataforma Lattes, fruto do trabalho conjunto do MCT, CNPq, Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP) e CAPES, constitui-se de um conjunto de sistemas de informações, bases de dados e portais dedicado a gestão de C&T, idealizada como pólo integrador dos sistemas informacionais das agências.

A plataforma tem como objetivo compatibilizar e integrar informações obtidas no momento de interação do CNPq com seus usuários, “objetivando aprimorar a qualidade da sua base de dados e racionalizar o trabalho dos pesquisadores e estudantes no fornecimento das informações requeridas pelo Conselho” (Guedes, 2001, p. 7).

O advento da Plataforma Lattes propiciou a adoção de um padrão nacional de currículos e resultou em transparência e confiabilidade às atividades de fomento da agência, haja vista que as informações que constam da Plataforma Lattes podem ser utilizadas para embasar atividades de gestão e de formulação de políticas para a área de ciência e tecnologia.

Um exemplo disso é o Currículo Lattes disponibilizado pela Plataforma Lattes. Trata-se de um currículo eletrônico para registro da vida pregressa e atual de pesquisadores, estudantes, gestores, profissionais e demais utilizadores (Silva, 2007).

Dadas as suas finalidades e o formato como foi desenvolvido, o Currículo Lattes é referência para os pesquisadores, para as agências de fomento do país e para diagnósticos de C&T. Segundo Silva, o Brasil logrou êxito ao “desenvolver um formato-padrão para coleta de informações curriculares adotado não só pelo CNPq, mas pela maioria das agências de fomento do país” (Silva, 2007, p. 68).

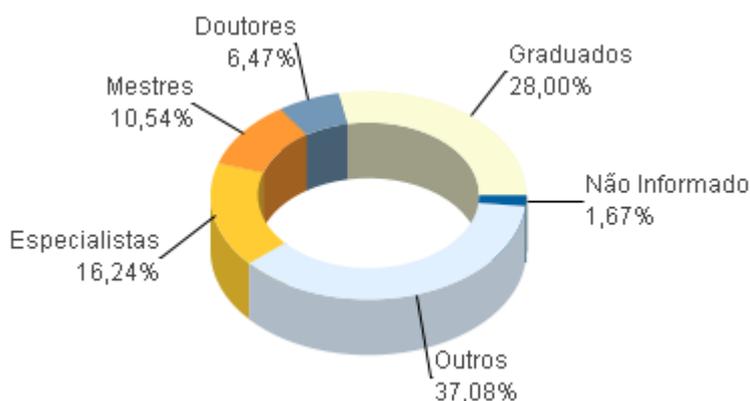
Os registros constantes do Currículo Lattes são utilizados com a finalidade de avaliar a competência de candidatos à obtenção de bolsas e auxílios; selecionar consultores, membros de comitês e de grupo assessores; subsidiar a avaliação da pesquisa e da pós-graduação do país; dentre outras finalidades (Guedes, 2001).

As informações registradas no Currículo Lattes têm suscitado o interesse de investigadores e a realização de pesquisas em diversas áreas de conhecimento. Autran elenca pesquisas desenvolvidas em áreas da Saúde Coletiva, Medicina, Odontologia, Química, Engenharia Mecânica, dentre outras, que se utilizaram da gama de

informações registradas para desenvolver pesquisas dedicadas a analisar o perfil dos pesquisadores e analisar a sua produção científica (Autran, 2014).

De acordo com dados constantes do Painel Lattes<sup>83</sup>, extraídos da base de Currículos Lattes em 30 de novembro de 2016, existem na plataforma 3.520.867 currículos cadastrados. Deste total, 227.943 (6,47%) currículos de doutores, 371.124 (10,54%) currículos de mestres, 985.988 (28%) currículos de graduados, 571.711 (16,24%) currículos de especialistas, 1.305.389 (37,08%) currículos correspondentes a outros graus de escolaridade e 58.712 (1,67%) currículos não informam o grau de escolaridade. Os dados constam do Gráfico 1:

**Gráfico 1 - Total de currículos cadastrados na Plataforma Lattes**



Fonte: Painel Lattes – Estatísticas da base de Currículos da Plataforma Lattes (2016)

A veracidade das informações registradas no Currículo Lattes e enviadas à Plataforma Lattes é de inteira responsabilidade do detentor do currículo. As informações são de domínio público, com exceção de dados confidenciais. O CNPq recomenda que o detentor do currículo o mantenha atualizado.

Inclusive, a agência disponibilizou, a partir da implementação de nova tecnologia, nova versão da busca textual do Currículo Lattes que traz *layout* novo dentro do modelo de acessibilidade do Governo Eletrônico, integração com a base *Open*

<sup>83</sup> Disponibiliza informações qualificadas e atualizadas sobre a atuação de pesquisadores em Ciência, Tecnologia e Inovação cadastradas por meio do Currículo Lattes. As informações são disponibilizadas em forma de painel, organizadas por geografia, sexo e faixa etária, dentre outros, com extração nos últimos 48 meses. Disponível em: <http://estatico.cnpq.br/painelLattes/>.

*Researcher and Contributor ID (ORCID)*<sup>84</sup>, recuperação de currículos por nome, assunto ou instituição como termo de busca, dentre outras otimizações, com vistas a melhoria para o usuário final. A busca anterior, utilizada nesta investigação, ficou disponível para consulta até 01 de setembro de 2017.

A outra iniciativa do CNPq atende pela designação de Diretório dos Grupos de Pesquisa (DGP). O DGP foi criado com as seguintes finalidades: ser instrumento para o intercâmbio e a troca de informações; ter natureza censitária no auxílio de planejamento estratégico ao fomento; e se constituir como base de dados que se dedica a preservar a memória da atividade científico-tecnológica no país (CNPq, 2015, on line).

Dessa forma, o DGP engloba bases de dados (censitárias e correntes) que contêm informações sobre os grupos de pesquisa em atividade<sup>85</sup>. Os dados dos grupos são abertos à consulta.

O cenário dos grupos de pesquisa constante do Censo 2016 (referente ao quadriênio 2012-2016), por área, aponta para a existência de 37.640 grupos de pesquisa. Um resultado que revelou crescimento de 6% em relação ao Censo de 2014 que apontou a existência de 35.424 grupos de pesquisa.

Houve salto também no número de pesquisadores em 11% desde o Censo 2014 que registrava 230.558 para o número atual de 254.239.

Na Tabela 1 é possível visualizar dados quantitativos dos Grupos de pesquisa, das Linhas de pesquisa e dos Pesquisadores registrados no DGP por grande área de conhecimento, com base no último censo atualizado em dezembro de 2016, que contemplou os grupos certificados existentes na base corrente do Diretório em 04 de

---

<sup>84</sup> É um identificador digital único, que distingue um acadêmico/pesquisador de outro e resolve o problema da ambiguidade e semelhança de nomes de autores e indivíduos, substituindo as variações de nome por um único código numérico. O ORCID possibilita que os pesquisadores sejam fácil e corretamente conectados com suas atividades, resultados de pesquisa, publicações e vínculos empregatícios.

<sup>85</sup> Os grupos de pesquisa constantes do diretório estão localizados em universidades, institutos de pesquisa científica e institutos tecnológicos. De acordo com o Censo de 2014 (referente ao quadriênio 2012-2016), disponível em <http://lattes.cnpq.br/web/dgp/por-regiao2>, a região Sudeste do Brasil possui 16.009 grupos; a região Sul 8.637; a região Nordeste 7.713; a região Centro-Oeste 2.899; a região Norte 2.382 grupos. Conforme o referido Censo 2016, a área da Museologia contabiliza a existência de 30 grupos de pesquisa, conforme disponível em: <http://lattes.cnpq.br/web/dgp/por-area1>. Acesso em: 10 dez. 2016.

novembro de 2016, além da produção em Ciência, Tecnologia & Área (C,T&A) constante do Currículo Lattes em 14 de novembro de 2016:

**Tabela 1** - Grupos de pesquisa, Linhas de pesquisa e Pesquisadores por grande área de conhecimento<sup>86</sup> predominante constantes do Censo 2016 do CNPq

<b>Grande área predominante</b>	<b>Grupos</b>	<b>Linhas de pesquisa</b>	<b>Pesquisadores</b>
Ciências Agrárias	3.355	17.203	22.035
Ciências Biológicas	3.668	17.265	22.544
Ciências da Saúde	5.877	22.263	36.306
Ciências Exatas e da Terra	3.579	17.025	21.143
Ciências Humanas	8.091	26.156	51.221
Ciências Sociais Aplicadas	5.363	16.087	29.965
Engenharias e Computação	4.965	23.467	31.544
Linguística, Letras e Artes	2.655	7.642	14.890
Outras <sup>87</sup>	87	284	676
Totais	37.640	147.392	208.402

Fonte: CNPq (2016)

Note-se que as Ciências Humanas concentram o maior número de grupos de pesquisa. As Ciências Sociais Aplicadas, quando comparadas às demais áreas, aparece logo após a área das Ciências da Saúde como a terceira área que concentra maior quantidade de grupos de pesquisa.

Quanto ao número de linhas de pesquisa, a área das Ciências Humanas registra o maior número de linhas de pesquisa, 26.156, e também é a área que concentra o maior número de pesquisadores, sendo seguida pelas áreas das Ciências da Saúde e Ciências Sociais Aplicadas.

Os investimentos realizados pelo CNPq se direcionam à formação e à absorção de recursos humanos, bem como ao financiamento de projetos de pesquisa. Isso se dá por demanda espontânea (dos próprios pesquisadores) ou por demanda induzida (com financiamentos destinados via chamadas públicas). Os investimentos visam contribuir para o aumento da produção de conhecimento que geram oportunidades de crescimento para o Brasil.

<sup>86</sup> A Tabela de áreas de conhecimento do CNPq foi estabelecida em 1986, estruturada de forma hierárquica em quatro níveis: grande área, área, sub-área e especialidade.

<sup>87</sup> Grande Área aberta a partir da década de 2000. Engloba 23 itens numa mesma ordem alfabética representando tanto grandes áreas (Ciências e Ciências Sociais), como áreas (ex.: Engenharia Têxtil, Engenharia Cartográfica e Engenharia Mecatrônica), sub-áreas (Química Industrial) e especialidades (Administração Hospitalar). A referida grande área inclui, ainda, carreiras, profissões e cursos (Carreira Militar, Carreira Religiosa, Diplomacia e Secretariado).

Exemplo disso é a concessão de benefícios em forma de apoio e bolsas das mais diversas modalidades, tais como: Apoio à participação/realização de eventos; Apoio à periódicos científicos; Apoio à pesquisador visitante; Apoio à projetos de pesquisa; Bolsas de Apoio Técnico; Bolsas de Desenvolvimento Científico e Regional; Bolsas de Desenvolvimento Tecnológico e Industrial; Bolsas de doutorado; Bolsas de Extensão em Pesquisa; Bolsas de Fixação de Doutores; Bolsas de Iniciação de Pesquisa; Bolsas de Iniciação Tecnológica e Industrial; Bolsas de Mestrado; Bolsas de Pesquisador/Especialista Visitante; Bolsas de Pós-Doutorado; e, Bolsas de Produtividade em Pesquisa e Tecnologia.

Considerando o objetivo desta tese, explora-se aqui a modalidade de Bolsas de Produtividade em Pesquisa e Tecnologia do CNPq, pois estas “são consideradas um termômetro para a qualidade de um pesquisador, de um programa de pós-graduação e até mesmo para uma instituição de pesquisa” (Duarte, 2013, on line).

Conforme informações do Mapa de Investimentos do CNPq<sup>88</sup>, existem hoje em vigor 15.425 bolsas de produtividade em pesquisa, que englobam as bolsas de Produtividade em Pesquisa (PQ) e as bolsas de Desenvolvimento Tecnológico e Extensão Inovadora (DT).

A bolsa de produtividade em pesquisa (PQ) é destinada a pesquisadores de reconhecido destaque entre seus pares. A bolsa PQ valoriza a produção científica dos pesquisadores segundo critérios normativos, estabelecidos pelo CNPq, e critérios específicos, estabelecidos por Comitê de Assessoramento (CA) de cada área.

As bolsas se dividem em duas categorias (1 e 2) e em cinco níveis (1A, 1B, 1C, 1D, 2), além das bolsas de produtividade sênior (PQ - SR). Apenas a categoria 1 enquadra o pesquisador nos níveis A, B, C ou D. A diferenciação entre os níveis A, B, C e D é baseada nos critérios relacionados (produção científica; formação de recursos humanos em pós-graduação; contribuição científica e tecnológica e para inovação; coordenação principal ou participação em projetos de pesquisa; participação em atividades editoriais e de gestão científica e administração de instituições e núcleos de excelência científica e tecnológica) que deverão ter peso maior, e em outros critérios

---

<sup>88</sup> Disponível em:  
<http://efomento.cnpq.br/efomento/distribuicaoGeografica/distribuicaoGeografica.do?metodo=apresentar>.  
Acesso em 20 fev. 2016.

que cada CA julgar importantes para a área de pesquisa, devendo no todo privilegiar a qualidade e o conjunto da obra do pesquisador.

Assinala-se que a concessão de bolsa na categoria 2 não tem especificação de nível. Nesta categoria tem-se avaliada a produtividade do pesquisador com relevo para trabalhos publicados e orientações, ambos referentes a um período de cinco anos.

Os requisitos e critérios para enquadramento e classificação dos pesquisadores em bolsa de produtividade por categoria e nível são detalhados no *site* do CNPq<sup>89</sup>.

### 3.1.1.1 A Museologia no CNPq

Com especificidade para a área da Museologia no CNPq, integrante do Comitê de Assessoramento de Artes, Ciência da Informação, Museologia e Comunicação (CA-AC) nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, identifica-se no DGP atualmente, de acordo com o Censo 2016, a existência de 30 grupos de pesquisa, 91 linhas de pesquisa e 227 pesquisadores cadastrados. A Tabela 2 concatena os dados da área da Museologia registrados nos censos referentes aos anos de 2000, 2002, 2004, 2006, 2008, 2010, 2014 e 2016:

**Tabela 2** – Grupos de pesquisa, Linhas de pesquisa e Pesquisadores por área de conhecimento específica constantes dos Censos do CNPq

Área do conhecimento específica	Ano	Grupos	Linhas de pesquisa	Pesquisadores
Museologia	2000	1	1	1
	2002	1	2	7
	2004	8	21	64
	2006	10	22	55
	2008	11	31	91
	2010	19	58	159
	2014	31	91	219
	2016	30	91	227

Fonte: Autoria própria com base em informações extraídas do CNPq (2016)

<sup>89</sup> Disponível em: <http://cnpq.br/bolsas-no-pais>.

O exame dos dados quantitativos relacionados aos grupos de pesquisa por área específica, no caso Museologia, revela o crescimento do número de grupos de pesquisa, de linhas de pesquisa e de pesquisadores a partir de 2004, embora que nesse ano só havia dois cursos de graduação em Museologia e nenhum curso de mestrado e doutorado na área.

Observa-se um crescimento contínuo do número de pesquisadores por área de conhecimento específica em atividades de grupos de pesquisa registrados nos censos dos anos de 2008, 2010, 2014 e 2016, ao que se atribui à criação dos programas de pós-graduação em Museologia, lembrando que o primeiro programa de pós-graduação *stricto sensu* na área foi o PPG-PMUS da UNIRIO/MAST, criado em 2006, com o curso de Mestrado.

No que se refere à entrada no sistema de bolsas de produtividade, de modo particular para a Museologia, juntamente com a Ciência da Informação e Comunicação, o requisito de entrada é a apresentação de proposta de pesquisa que contemple tema relevante e inovador para o avanço e consolidação das referidas áreas de conhecimento científico. Para efeito do processo de avaliação e enquadramento do pesquisador são considerados: produção intelectual, formação de recursos humanos para pesquisa, coordenação e participação em projetos de pesquisa, contribuição para inovação, atividades editoriais e de política e gestão científica e, também, atividades de natureza científica e acadêmica de liderança na área. A produção intelectual registra o maior percentual de peso como requisito entre os demais.

### 3.1.2 A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

No mesmo ano de criação do então Conselho Nacional de Pesquisas, apenas alguns meses depois nascia outra agência governamental para o desenvolvimento científico-tecnológico brasileiro, a Campanha de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior<sup>90</sup>, instituída por meio do Decreto nº 29.741 de 11 de julho de 1951.

---

<sup>90</sup> Conforme Barros (1998), a forma de Campanha era um mecanismo utilizado na década de 1950 no Brasil com o objetivo de trazer solução aos problemas que dificultavam o desenvolvimento de determinada área. A então Campanha foi idealizada pelo educador Anísio Spínola Teixeira, designado Secretário-geral da comissão que formava o núcleo da Campanha.

Na época, tratava-se de uma instituição formada por Comissão<sup>91</sup>, presidida pelo Ministro da Educação e da Saúde, dedicada a assegurar a existência de pessoal especializado em termos de quantidade e qualidade suficientes para atender as necessidades dos empreendimentos públicos e privados que visavam o desenvolvimento econômico e social do país naquele momento, bem como oferecer oportunidade de aperfeiçoamento aos indivíduos mais capazes que não dispunham de recursos próprios para tal ou oriundos de regiões menos favorecidas academicamente (Martins, 2003; Gouvêa & Mendonça, 2006).

Assim, para atender os objetivos a que se propunha a Campanha de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior deveria lançar mão de estratégias previstas no Decreto que a instituiu, tais como mapear as necessidades do Brasil em termos de pessoal especializado; ofertar treinamento às instituições públicas e privadas competentes detentoras de recursos; promover a implantação e expansão de centros de aperfeiçoamentos e estudos pós-graduados (mestrados e doutorados – reconhecidos como necessidade para alta especialização e para o desenvolvimento do país), dentre outras (Martins, 2003; Gouvêa & Mendonça, 2006; Gouvêa, 2010).

Mesmo com poucos recursos em seus primeiros anos, a Campanha de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior ensejou “uma série de iniciativas que tiveram impacto imediato na melhoria do ensino superior e permitiram a implantação futura da pós-graduação nacional” (Martins, 2003, p. 297).

Para além disso, forneceu bolsas de estudo no país e no exterior, contemplando estágios profissionais, participação em cursos de especialização, realização de mestrado e doutorado. Estudantes e docentes que se deslocaram para o exterior estavam de volta no final dos anos de 1950 e passaram a liderar, nos anos subsequentes, intelectual e cientificamente as universidades do país com efetiva participação na implantação dos primeiros cursos de pós-graduação em níveis *lato sensu* (especialização, aperfeiçoamento, atualização e MBA) e *stricto sensu* (mestrado e de doutorado). Não se pode deixar de mencionar que a implantação dos cursos de pós-graduação (primeiros

---

<sup>91</sup> Composta por instituições públicas e privadas, tais como: Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP), Fundação Getúlio Vargas (FGV), Banco do Brasil (BB), Comissão Nacional de Assistência Técnica, Comissão Mista Brasil Estados Unidos, Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq), Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Confederação Nacional da Indústria, Confederação Nacional do Comércio, conforme Abreu e Beloch (1983).

cursos datam da década de 1960) contou, ainda, com a vinda de técnicos e de professores estrangeiros ao Brasil (Oliveira, 1960; Martins, 2003).

Nesse contexto, estabelece-se no Decreto 50.737 de 7 de junho de 1961 que a melhoria das condições de ensino e pesquisa das IES por meio, sobretudo, de investimento na qualificação de professores, seria prioridade da Campanha de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Também, por meio deste Decreto a Campanha de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior se subordina diretamente à Presidência da República.

Em 1964 a então Campanha de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior passou a ser denominada de Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), subordinada ao Ministro da Educação e Cultura, sendo orientada por um Conselho Deliberativo (Barros, 1998). Contudo, com o golpe militar de 1964 a agência enfrentou um movimento para a sua extinção, o que não ocorreu graças à mobilização de docentes da UFRJ que conseguiram sensibilizar o governo de que a extinção não deveria ocorrer (Revista CAPES, 2011).

Data desse ano a reformulação das políticas setoriais da agência, com destaque para o ensino superior e a de ciência e tecnologia. Com meios orçamentários para embasar suas ações, a CAPES passa a intervir na qualificação do corpo docente das universidades, o que “gerou a formulação de nova política para a pós-graduação”. Isto deu origem ao documento “que conceituou e normatizou a pós-graduação brasileira”, o qual foi publicado em 1965, denominado Parecer Sucupira<sup>92</sup> (Revista CAPES, 2011, p. 10).

Com efeito, a partir da década de 1970 a CAPES “consolida seu papel de condutora da política de formação de recursos humanos de alto nível (...), o que lhe confere uma identidade institucional voltada para a conquista da base científica na vertente recursos humanos” (Barros, 1998, p. 85). Ainda neste ano, a CAPES que era sediada no do Rio de Janeiro é transferida para Brasília (Revista CAPES, 2011).

---

<sup>92</sup> Parecer nº 977 do Conselho de Educação Superior do Ministério da Educação e Cultura, aprovado em 3 de dezembro de 1965, conhecido pelo nome do seu Relator Newton Sucupira, que conceituou, formatou e institucionalizou a pós-graduação brasileira nos moldes como é até os dias de hoje. Disponível em: <https://capes.gov.br/images/stories/download/avaliacao/avaliacao-n/Parecer-977-1965.pdf>. Acesso em 10 dez. 2016.

Particularmente em 1976, a CAPES passou a promover, “além do fomento para a formação de recursos humanos de alto nível, a avaliação dos cursos de pós-graduação *stricto sensu* no país” (Revista CAPES, 2011, p. 31). Daí, no ano seguinte foram criadas comissões de assessores por área de conhecimento para atender a finalidade de avaliação<sup>93</sup> (Barata, 2016).

Nos anos de 1980, a CAPES tem reconhecida sua atuação como responsável por elaborar o Plano Nacional de Pós-Graduação *Stricto Sensu*. Também a ela coube elaborar, avaliar, acompanhar e coordenar as atividades relativas ao ensino superior, na qualidade de agência executiva do MEC (Revista CAPES, 2011).

Em 1990, durante o governo do então Presidente Fernando Collor de Melo, a CAPES foi extinta por meio da Medida Provisória nº 150 de 15 de março de 1990. Algo que desencadeou um intenso movimento de mobilização que contou com as “pró-reitorias de pesquisa e pós-graduação das universidades” na sensibilização da opinião da comunidade acadêmico-científica nacional e que contou, ainda, com o quadro de pessoal técnico da agência. Apoiados pelo MEC conseguem a revogação da medida. No mesmo ano, já em 12 de abril, a Lei 8.028 recria a CAPES (Revista CAPES, 2011).

Em 1992, a CAPES adquiriu *status* de Fundação Pública, o que melhorou significativamente suas condições de trabalho (Martins, 2003) e conferiu “novo vigor à instituição” (Revista CAPES, 2011, p 14).

Passados exatos 66 anos de existência da CAPES (1951-2017), agência que mantém ao longo de sua existência uma trajetória de avanços e recuos e, até mesmo, quase extinção, a agência considera como marco de sua atuação a criação do Portal de Periódicos da CAPES no ano 2000 (Costa, 2008) e em 2007 a promulgação da Lei 11.507 de 11 de julho de 2007, por unanimidade no Congresso Nacional, que modificou as competências e a estrutura organizacional da fundação CAPES.

Desde então, a fundação passou a induzir e fomentar a formação inicial e continuada de professores para a educação básica, além da educação superior com vistas ao desenvolvimento científico e tecnológico do país.

No âmbito do ensino superior, foco desta investigação, a CAPES tem como finalidade subsidiar a formulação de políticas para pós-graduação, coordenar e avaliar

---

<sup>93</sup> Na época o resultado da avaliação, expressa em conceitos (A – muito bom; B – bom; C – regular; D – Fraco; E – insuficiente) não era público. As informações eram direcionadas apenas às instituições (Barata, 2016).

os cursos desse nível e estimular, mediante bolsas de estudo, auxílios e outros mecanismos, a formação de recursos humanos qualificados para a docência de grau superior, para a pesquisa e para o atendimento da demanda dos setores público e privado.

A avaliação da pós-graduação *stricto sensu*, o acesso e divulgação da produção científica, os investimentos na formação de recursos de alto nível no país e exterior, a promoção da cooperação científica internacional, dentre outras são algumas das linhas de ação da CAPES.

Nomeadamente desde 1998 foi estabelecida a Avaliação do Sistema Nacional de Pós-Graduação (SNPG) que é de responsabilidade da Diretoria de Avaliação da CAPES, realizada com a participação da comunidade acadêmico-científica por meio de consultores *ad hoc*<sup>94</sup>.

Assim, “entre os objetivos da avaliação está o de estabelecer o padrão de qualidade, avaliar e cancelar os cursos de mestrado e de doutorado e identificar os cursos que atendem este mesmo padrão” (Revista CAPES, 2011, p. 31). Portanto, certificar a qualidade da pós-graduação brasileira (requisito para oferta de bolsas e de recursos para o fomento de investigações) e identificar assimetrias regionais e de áreas estratégicas de conhecimento no SNPG para orientar ações de indução na criação e expansão de programas de pós-graduação no território nacional são também objetivos da avaliação.

O sistema de avaliação compõe-se de duas fases distintas: entrada (referente à Avaliação de Propostas de Cursos Novos – APCNs) e permanência (avaliação periódica) dos cursos de mestrado profissional, mestrado acadêmico e doutorado no SNPG.

Tanto a fase de entrada quanto de permanência dos cursos são conduzidos com base nos mesmos fundamentos: o reconhecimento e a confiabilidade baseados na qualidade aferida pela análise dos pares; critérios discutidos e atualizados, a cada período de avaliação, pela comunidade acadêmico-científica; e, transparência marcada pela ampla divulgação das decisões, ações e resultados.

---

<sup>94</sup> Escolhidos dentre profissionais com larga e comprovada experiência e qualificação em ensino e orientação de pós-graduação, pesquisa e inovação. São designados pelos Coordenadores de área (consultores que realizam atividades de coordenação, planejamento e execução de atividades das áreas junto a CAPES por um período de três anos (CAPES, 2011).

A avaliação é realizada em 49 áreas de avaliação<sup>95</sup> atualmente a cada quatro anos, Avaliação Quadrienal (anteriormente era a cada três anos, sob a denominação de Avaliação Trienal), mediante à observância de um conjunto de requisitos básicos determinados pelo Conselho Técnico Científico da Educação Superior (CTC-ES)<sup>96</sup>.

A avaliação, além de estratificar os cursos pela atribuição de notas e não mais por conceitos, “oferece subsídios para a definição da política de desenvolvimento da pós-graduação e fundamenta as decisões sobre ações dos órgãos governamentais na pesquisa e pós-graduação ” (Revista CAPES, 2011, p. 32)

Para a efetivação do processo de avaliação são tomados como documentos norteadores os chamados Documentos de Área, os quais são utilizados na elaboração e submissão de propostas de novos cursos e, também, na avaliação (antes trienal e atualmente quadrienal) dos cursos em funcionamento. Nos Documentos de Área são descritos o estado atual das áreas, as características e as perspectivas. Constam, ainda, os quesitos considerados centrais na avaliação dos programas de pós-graduação pertencentes a cada uma das 49 áreas de avaliação.

Dessa forma, os Documentos de Área apresentam o panorama de cada área avaliada, expondo seus pontos fortes e fracos, objetivos e perspectivas a serem alcançados pelos programas de pós-graduação, norteando, portanto, seu desenvolvimento e embasando critérios a serem definidos sobre áreas de concentração, linhas de pesquisas, projetos de pesquisa e a produção de dissertações e teses.

Os Documentos de Área, juntamente com as Fichas de Avaliação<sup>97</sup> e os Relatórios de Avaliação, expressam os processos e os resultados de avaliação realizados pela CAPES. Os cursos em funcionamento são avaliados a cada quatro anos com o fito de mensurar se as metas propostas no âmbito dos programas foram devidamente atingidas.

---

<sup>95</sup> Disponível em: <http://www.capes.gov.br/avaliacao/sobre-as-areas-de-avaliacao>. Acesso em: 10 maio 2017.

<sup>96</sup> A criação do CTC deu-se em 1986 como formalização da participação da comunidade científica na tomada de decisão da agência.

<sup>97</sup> Consta informação sobre cada curso de pós-graduação *stricto sensu* recomendado pela CAPES (dados básicos, dados da avaliação, área de avaliação e área básica do programa, detalhamento dos cursos do programa reconhecidos e recomendados, detalhamento dos cursos do programa em funcionamento ou em fase de implantação, detalhamento das áreas de concentração de cada curso).

A avaliação dos cursos é realizada pelos Comitês de Área (formados por pesquisadores de reconhecido mérito em pesquisa e ensino de pós-graduação) a quem compete determinar critérios e diretrizes para tal avaliação.

O resultado da avaliação é divulgado por meio do Documento de Área. Ao Ministério da Educação compete, por meio do CNE, reconhecer os resultados da avaliação dos cursos novos e da Avaliação Periódica da CAPES, os quais são então publicados no Diário Oficial da União, imprensa oficial do governo federal.

Desde o final da década de 1990, “para classificar a qualidade dos cursos” os programas são estratificados em uma escala de um (1) a sete (7) (Revista CAPES, 2011, p. 32). Notas um (1) e dois (2) reprovam o programa e, conseqüentemente, o descredencia do sistema, deixando de ser recomendado pela CAPES. A nota três (3) significa que o programa cumpre o requisito mínimo de qualidade para funcionamento de um mestrado, portanto, reflete desempenho regular. A nota quatro (4) significa bom desempenho, por sua vez, é requisito mínimo para o funcionamento de um doutorado. A nota cinco (5) significa que o programa é muito bem consolidado, sendo atribuída a cursos de excelência em nível nacional. A nota cinco (5) é a nota máxima para programa que possui apenas curso de mestrado. Já as notas seis (6) e sete (7) correspondem a programa de excelência internacional (Revista CAPES, 2011).

Atenta-se que programas de pós-graduação em nível de mestrado profissional e mestrado acadêmico são avaliados com notas que variam de três (3) a cinco (5). Os cursos em nível de doutorado são avaliados com notas que variam de quatro (4) a sete (7).

No processo de avaliação dos programas são considerados quesitos relacionados à: proposta do programa (estrutura curricular, a infraestrutura institucional e de pesquisa); corpo docente; corpo discente, teses e dissertações; produção intelectual; e inserção social.

Há, ainda, por parte do processo de avaliação considerações e definições acerca da internacionalização, que é um critério determinante para a atribuição de notas seis (6) e sete (7). Este critério pressupõe a internacionalização das universidades, da produção científica e dos pesquisadores. Cada um destes componentes distintos (universidades, produção científica e pesquisadores) deve lançar mão de estratégias diferentes, mas que podem vir a interagir entre si.

A proposta do programa é um quesito basilar para a avaliação, apesar de não ser gerador da nota a ser atribuída ao programa. É a partir deste aspecto que o programa é avaliado de forma global, levando-se em consideração questões como: a) a coerência, consistência, abrangência e atualização das áreas de concentração, linhas de pesquisa, projetos de pesquisa em andamento e o currículo do curso; b) o planejamento do programa com vistas a seu desenvolvimento futuro, contemplando os desafios internacionais da área na produção de conhecimentos, seus propósitos na melhor formação de seus alunos, suas metas quanto à inserção social mais rica dos seus egressos, conforme os parâmetros da área; c) a infraestrutura para ensino, pesquisa e, se for o caso, extensão; d) processos de autoavaliação, entre os quais, credenciamento e descredenciamento docente.

O quesito corpo docente, que deve ser formado por docentes permanentes<sup>98</sup> e colaboradores, leva em consideração os seguintes aspectos: a) perfil do corpo docente, contemplando titulação, diversificação na origem de formação, especialização, experiência e tempo de formação, compatibilidade e adequação à proposta do programa; b) adequação e dedicação dos docentes permanentes às atividades de pesquisa, orientação e ensino, considerando sua coerência com a área de concentração, linhas de pesquisa e projetos de pesquisa; c) distribuição das atividades de pesquisa e de formação entre os docentes do programa; d) contribuição dos docentes para as atividades de ensino e/ou de pesquisa nos cursos de graduação, com atenção tanto à repercussão que este item pode ter na formação de futuros ingressantes na pós-graduação, e na formação de profissionais mais capacitados, no plano da graduação; e) participação de professores e/ou pesquisadores visitantes, desde que não configure dependência institucional; f) participação em projetos de intercâmbio nacionais e internacionais; g) desenvolvimento de projetos de pesquisa com financiamento e bolsas de agências de fomento.

No tocante ao quesito corpo discente, dissertações e teses são levados em conta: a) a quantidade de teses e dissertações defendidas no período da avaliação em relação ao corpo docente permanente e à dimensão do corpo discente; b) a distribuição das orientações das teses e dissertações defendidas no período de avaliação em relação aos

---

<sup>98</sup> Determinou-se para o quadriênio 2017-2020 que o corpo docente mínimo para um curso de doutorado será de 10 professores permanentes. Na avaliação do quadriênio 2013-2016 este número era de oito professores permanentes.

docentes do programa; c) a qualidade das teses, dissertações e produção de discentes autores da pós-graduação e sua participação na produção científica do programa, mensurada por publicações; e d) a eficiência do programa na formação de mestres e doutores.

Dentro do aspecto inserção social são contempladas questões como: a) a inserção e o impacto regional e/ou nacional do programa; b) integração e cooperação com outros programas e centros de pesquisa e desenvolvimento profissional relacionados à área de conhecimento do programa, objetivando o desenvolvimento da pesquisa e da pós-graduação; e c) Visibilidade ou transparência dada pelo programa à sua atuação (manter *site* atualizado para divulgar informações sobre proposta, estrutura, regimento, legislação pertinente, linhas e projetos de pesquisa, nome do corpo docente, financiamentos recebidos, processo de seleção, intercâmbio e acesso às dissertações e teses).

Especificamente, quanto ao aspecto da produção intelectual são consideradas as seguintes questões: a) publicações qualificadas do programa por docente permanente; b) distribuição de publicações qualificadas em relação ao corpo docente permanente do programa; c) produção técnica, patentes e outras produções consideradas relevantes; e d) produção artística, nas áreas em que tal tipo de produção for pertinente.

A CAPES, considerando que a pesquisa e a consequente produção científica de docentes e discentes vinculados aos programas se constituem indicadores na determinação de qualidade dos programas, desenvolveu o Qualis.

Criado em 1998 para atender as demandas do SNPG, o Qualis se baseia nas informações fornecidas pelos programas de pós-graduação por meio do Módulo Coleta de Dados da Plataforma Sucupira<sup>99</sup>. O resultado das informações registradas na referida plataforma resulta na disponibilização de uma lista com a classificação dos veículos utilizados pelos programas de pós-graduação para difusão da sua produção.

Na maioria das áreas de conhecimento, salvo algumas exceções, a publicação em periódicos científicos se destaca dentre os meios utilizados para veiculação da produção científica. Levando em conta esta premissa, o Qualis Periódicos atribui aos periódicos científicos estratos indicativos de qualidade que permitem atestar a sua importância e,

---

<sup>99</sup> Ferramenta para coletar informações, realizar análises e avaliações e ser a base de referência do Sistema Nacional de Pós-Graduação (SNPG). Sua denominação é uma homenagem ao professor Newton Sucupira (CAPES, 2016).

ainda, mensurar a ciência e a atividade científica. Ressalte-se que um mesmo periódico pode ser avaliado em mais de uma área de conhecimento, obtendo, portanto, diferentes estratos.

Para atribuição do estrato é sabido que os periódicos devem atender os critérios determinados estabelecidos por representantes das diferentes áreas do conhecimento, “cada uma delas [com] liberdade de eleger os critérios segundo os quais procederia à classificação da produção em sua área” (Barata, 2016, p. 15).

Até 2006 os periódicos eram classificados quanto à circulação (local, nacional e internacional) e quanto à qualidade, sendo atribuído aos mesmos conceitos A, B ou C.

A partir de 2007 a CAPES estabeleceu mudanças nos critérios de avaliação, adotando, desde então, sete estratos para a classificação dos periódicos: A1, A2, B1, B2, B3, B4 e B5. Há, ainda, o estrato C.

O estrato A1 é o mais elevado, enquanto que o estrato C é representativo de peso zero, atribuído a periódicos considerados não científicos ou que não atendem aos critérios mínimos determinados por cada área. O estrato C pode designar, ainda, periódicos que, por seu foco e escopo, não pertencem à área de conhecimento em avaliação (Barata, 2016).

O Qualis Periódicos representa “uma hierarquização dos periódicos científicos por qualidade” (REVISTA CAPES, 2011, p. 34), tendo como resultado uma lista, periodicamente atualizada e divulgada anualmente, com a classificação dos periódicos utilizados pelos programas para veicular sua produção científica.

A divulgação da lista em questão é muito aguardada pela comunidade científica, especialmente por docentes vinculados aos programas de pós-graduação e pelos editores dos periódicos científicos. O motivo disto é que os primeiros (docentes) querem ter seu nome relacionado a um periódico de qualidade, ou seja, bem estratificado, enquanto que os editores almejam o reconhecimento da qualidade dos “seus” periódicos.

Apesar de ter reconhecida a sua importância na promoção da melhoria dos periódicos, o Qualis ainda divide opiniões por parte da comunidade científica no que respeita os critérios adotados para cada estrato.

Além da avaliação dos periódicos científicos, a CAPES incluiu, desde 2010, na avaliação sistemática da produção científica dos programas de pós-graduação a publicação de livros e a produção artística (REVISTA CAPES, 2011). Isso encontra

explicação na diferenciação entre as áreas de conhecimento na eleição do veículo mais utilizado para sua produção científica. Em algumas áreas, a exemplo das Ciências Humanas que tem a sua produção científica primordialmente veiculada em livros e capítulos de livros (Souza & Paula, 2002).

### 3.1.2.1 A Museologia na CAPES

A área da Museologia integra a área Comunicação e Informação juntamente com as áreas da Comunicação e Ciência da Informação.

Por sua vez, a área Comunicação e Informação<sup>100</sup> integra a grande área Ciências Sociais Aplicadas<sup>101</sup> que, juntamente com as grandes áreas Ciências Agrárias, Ciências Biológicas, Ciências da Saúde, Ciências Exatas e da Terra, Ciências Humanas, Engenharia, Multidisciplinar, Linguística, Letras e Artes, agrupadas em Colégios, formam o SNPG da CAPES, já comentado na seção anterior.

De modo a apresentar o panorama da Museologia no âmbito da CAPES, centrou-se nos Documentos de Área resultante das avaliações trienais realizadas pela agência referentes aos triênios 2004-2006 (Avaliação Trienal 2007 - Documento de Área 2007), 2007-2009 (Avaliação Trienal 2010 - Documento de Área 2009), 2010-2012 (Avaliação Trienal 2013 - Documento de Área 2013) e 2013-2016 (Avaliação Quadrienal 2017 – Documento de Área 2016).

No Documento de Área 2007, referente à Avaliação Trienal de 2004-2006 registrou-se a criação do primeiro curso de mestrado em Museologia no Brasil.

O quadro em referência se manteve inalterado no triênio seguinte avaliado 2007-2009. Tanto que o Documento de Área 2009 ao trazer um balanço do crescimento das áreas que integravam a então CSA I na primeira década dos anos 2000, registra que o crescimento das áreas não se deu na mesma proporção, pois as áreas de Comunicação e Ciência da Informação já contabilizavam certa quantidade de cursos de mestrado e

---

<sup>100</sup> Disponível em:

[http://capes.gov.br/images/stories/download/avaliacaotrienal/Docs\\_de\\_area/Ciencias\\_Sociais\\_Aplicadas\\_doc\\_area\\_e\\_comiss%C3%A3o\\_16out.pdf](http://capes.gov.br/images/stories/download/avaliacaotrienal/Docs_de_area/Ciencias_Sociais_Aplicadas_doc_area_e_comiss%C3%A3o_16out.pdf). Acesso em: 10 dez. 2016.

<sup>101</sup> Além da área Comunicação e Informação, a Grande Área Ciências Sociais Aplicadas é composta ainda pelas seguintes áreas: Administração Pública e de Empresas, Ciências Contábeis e Turismo; Arquitetura, Urbanismo e Design; Direito; Economia; Planejamento Urbano e Regional/Demografia; e Serviço Social (CAPES, 2016).

doutorado, diferentemente da Museologia que só a partir de 2006 passou a contar com um único curso de mestrado. O estágio da então área CSA I apresentava o seguinte balanço: 38 Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 12 em Ciência da Informação e um em Museologia.

Contudo, no documento em questão, o Comitê de Área já previa que corroborando a criação de inúmeros cursos de graduação em Museologia nas IES “fica patente a necessidade de que sejam implementadas iniciativas que levem à criação de estudos pós-graduados em Museologia” (Documento de Área, 2009, p. 2).

A previsão do Comitê de Área sobre a criação de programas de pós-graduação em Museologia se tornou realidade. No Documento de Área 2013, concernente à Avaliação Trienal de 2010-2012, apresenta-se que o cenário da pós-graduação em Museologia passou a contar com três cursos, sendo dois cursos de mestrado (acadêmico) e um de doutorado.

Em 2013 a CAPES aprovou a implementação de dois cursos de mestrado em nível profissional na área da Museologia: o Mestrado Profissional em Arte, Patrimônio e Museologia da Universidade Federal do Piauí (UFPI) e o Mestrado Profissional em Preservação de Acervos de Ciência e Tecnologia do MAST.

Inclusive, o Documento de Área 2016, referente à Avaliação Quadrienal 2017, assinala a expansão dos mestrados profissionais na CSAI e destaca a expansão da área da Museologia em termos do quantitativo de programas enfatizando que a área buscou diminuir a disparidade regional.

A Museologia passou a contar com cinco programas de pós-graduação em Museologia, sendo que apenas um programa oferece os cursos de mestrado acadêmico e doutorado. Os demais programas ofertam curso de mestrado acadêmico e profissional, conforme descrito no Quadro 4, com as respectivas notas/conceito dos cursos recomendados pela CAPES:

**Quadro 4** – Programas de pós-graduação *stricto sensu* em Museologia recomendados pela CAPES

REGIÃO	ESTADO	PROGRAMAS	SIGLA	ANO DE CRIAÇÃO	MP/M/D	NOTA
Sudeste	Rio de Janeiro	Museologia e Patrimônio	UNIRIO/MAST	2006	M	4
				2011	D	4
		Preservação de Acervos de Ciência e Tecnologia	MAST	2014	MP	3
	São Paulo	Museologia	USP	2012	M	3
Nordeste	Bahia	Museologia	UFBA	2013	M	3
	Piauí	Arte, Patrimônio e Museologia	UFPI	2014	MP	3

Fonte: Elaborado pela autora com base na CAPES (2015)

Nota: M=Mestrado Acadêmico; MP=Mestrado Profissional; e D=Doutorado

Assinala-se que, para efeito desta tese, foram contemplados os programas com mestrado acadêmico e doutorado pelo fato de se dedicarem à investigações sobre o *status quo* da área, diferentemente dos mestrados profissionais que se dedicam, por sua vez, à aplicação do conhecimento em atendimento às demandas do mercado não acadêmico. Daí a relevância dos mestrados acadêmicos na formação de profissionais de alto nível com fins à pesquisa e desenvolvimento do conhecimento científico e tecnológico comprometido com o avanço de uma área, portanto, com objetivos diferentes dos mestrados profissionais.

Mesmo com algum avanço, esse cenário faz da área de conhecimento da Museologia a menor entre as áreas que com ela integram a área Comunicação e Informação em termos de oferta de cursos de mestrado e doutorado no Brasil.

Tendo em conta o exposto, detém-se, na próxima seção, a descrever os programas de pós-graduação *stricto sensu* em Museologia com mestrados acadêmicos e doutorado contemplados nesta investigação.

### **3.2 Os programas de pós-graduação *stricto sensu* em Museologia**

#### **3.2.1 Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro e do Museu de Astronomia e Áreas Afins**

O Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio (PPG-PMUS) foi o primeiro programa *stricto sensu* em Museologia criado no Brasil, implantado a partir de maio de 2006. Nasceu a partir da parceria firmada entre a UNIRIO e o MAST.

Desde agosto daquele ano o PPG-PMUS passou a ofertar o curso de mestrado<sup>102</sup>. Após cinco anos da criação do mestrado, o PPG-PMUS teve aprovada, pela CAPES, em 2010, proposta de implantação do curso de doutorado em Museologia e Patrimônio<sup>103</sup>.

O PPG-PMUS tem como objetivo formar profissionais de alto nível para a pesquisa, comprometidos com o avanço do conhecimento na área. Trata-se, portanto, de um programa acadêmico de orientação teórica, destinado à formação de pesquisadores e docentes em nível universitário, no campo da Museologia e dos estudos patrimoniais aberto a profissionais com formação em diferentes campos do conhecimento com experiência e/ou interesse em Museologia e Patrimônio.

Os cursos de Mestrado e Doutorado são oferecidos em regime presencial, com atividades acadêmicas concentradas na UNIRIO e no MAST, contudo, aulas teóricas e práticas também são realizadas em instituições que colaboram com o PPG-PMUS, tais como: o Museu Nacional de Belas Artes, Museu Histórico Nacional, Museu de Ciências da Terra, Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro e o Museu Imperial.

O curso tem, também, formato flexível, o qual possibilita interfaces com outros cursos de pós-graduação *stricto sensu*, tanto do Brasil como do exterior. Possibilita,

---

<sup>102</sup> A aula inaugural do programa, por ocasião da abertura do primeiro semestre do PPG-PMUS, foi ministrada pela então Presidente do ICOM Alissandra Cummins (Cummins, 2008), que presidiu o ICOM no período de 2004 a 2010.

<sup>103</sup> Em comemoração aos cinco anos de criação do PPG-PMUS, a aula inaugural do curso de doutorado em Museologia, primeiro da América Latina, foi ministrada pelo então Presidente do ICOM, Hans-Martin Hinz, que presidiu o ICOM entre 2010 e 2016.

ainda, a integração com os cursos de graduação em Museologia e áreas afins, através do desenvolvimento de projetos de pesquisa.

As pesquisas e disciplinas do PPG-PMUS se encontram, atualmente, estruturadas na área de concentração *Museologia e Patrimônio*, organizadas em duas Linhas de Pesquisa: *Museus e Museologia*<sup>104</sup>; e *Museologia, Patrimônio Integral e Desenvolvimento Sustentável*<sup>105</sup>.

O PPG-PMUS se dedica à análise das linhas de inserção da Museologia do Patrimônio nas redes nacionais, regionais e mundiais de produção simbólica e cultural, especialmente na América Latina e no Caribe. Busca, ainda, desenvolver interfaces críticas com as políticas e diretrizes de ação educativa, cultural e de desenvolvimento – especialmente aquelas diretamente vinculadas ao seu campo de atuação.

Com relação ao corpo docente, de acordo com os dados obtidos por meio de acesso ao *site*, bem como por meio de lista nominal recebida da coordenação do programa, contabilizou 16 docentes pertencentes à categoria de docente permanente e cinco na categoria de docentes colaboradores. Reforça-se que nesta investigação foram considerados os 16 docentes do núcleo docente permanente.

Considerando que a reunião em grupos de pesquisas é consequência das relações formadas por pesquisadores no âmbito acadêmico e profissional e que a formação desses grupos de pesquisa possibilita a comunicação entre os pesquisadores, a troca e o compartilhamento de informações e, portanto, o crescimento da produção científica, observou-se que constam 10 grupos, devidamente cadastrados no CNPq, vinculados ao PPG-PMUS UNIRIO/ MAST. A descrição dos referidos Grupos de pesquisa, seguida do ano de formação constam do Quadro 5:

---

<sup>104</sup> Engloba os seguintes conteúdos temáticos: Abordagem do Museu como fenômeno e da Museologia como campo disciplinar, em suas relações com os diferentes campos do saber. Teoria da Museologia. Museu: gênese, desenvolvimento e representações no tempo e no espaço. Museu e indivíduo. Museu e Cultura. Museu e Sociedade. Modelos conceituais de Museu e suas relações com o corpo social. Museologia e Sistemas Simbólicos. Critérios semiológicos. Terminologia da Museologia. Museologia como geração do novo: interpretação de realidades. Discurso museológico - constituição e análise. Teoria da Exposição. Teoria do Objeto. Museologia e novas tecnologias da informação e da comunicação.

<sup>105</sup> Engloba os seguintes conteúdos temáticos: Análise das relações entre Museologia e Patrimônio, no tempo e no espaço, em todas as suas representações: patrimônio natural /cultural / material / imaterial. Patrimônio virtual. Patrimônio histórico e artístico. Patrimônio científico. Sociedade, cultura e patrimônio: identidade e diferenças culturais. Patrimônio instituído: local, nacional, regional, global. Políticas e diretrizes. O Patrimônio Mundial. Metodologias de preservação e conservação do patrimônio. Museologia, sociedade e o patrimônio integral. Museologia e os Novos Patrimônios. Museologia Aplicada a Acervos.

**Quadro 5 - Descrição dos Grupos de Pesquisa do PPG-PMUS UNIRIO/MAST**

<b>Grupos de pesquisa</b>	<b>Ano de formação</b>
Educação em Ciências em espaços não formais	1991
História e Etnografia em Fronteiras	2000
Museologia e Patrimônio	2001
Preservação de Acervos Culturais	2004
Memória e Preservação da Museologia no Brasil	2005
Políticas Culturais, Instituições e Poder	2006
Paleounirio: Paleontologia, Bioestratigrafia e evolução	2011
Campo da Museologia, perspectivas teóricas e práticas, musealização e patrimonialização	2013
Museologia, Conhecimentos Tradicionais e Ação Social	2013
Grupo de Estudos e Pesquisa em Museologia, Território e Comunicação	2014

Fonte: Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq (2016)

No que concerne ao corpo discente, a partir dos dados obtidos por meio da Ficha de Solicitação de Dados, bem como pelo acesso ao *site* do PPG-PMUS UNIRIO/MAST foi possível ter conhecimento da quantidade de estudantes que ingressaram nos cursos de mestrado e doutorado oferecidos pelo programa e também o número de estudantes egressos. Até 2016 o programa contava com 11 edições do mestrado e seis edições do doutorado. Em sequência, apresenta-se a Tabela 3 que condensa os dados aqui expostos:

**Tabela 3** – Distribuição de estudantes ingressos e egressos do PPG-PMUS UNIRIO/MAST

Edição do processo de seleção	Mestrado Ingressos	Mestrado Egressos	Doutorado Ingressos	Doutorado Egressos
2006	11	10		
2007	11	11		
2008	9	8		
2009	9	9		
2010	16	16		
2011	20	20	6	6
2012	15	15	8	7*
2013	15	15	9	7*
2014	10	10	10	
2015	19	18*	10	
2016	11		9	
<b>Total</b>	<b>145</b>		<b>52</b>	

Fonte: Ficha de Solicitação de Dados e contato por e-mail para atualização em 2017

Nota: Dois mestrandos a defender dissertação de mestrado

Edição 2012 do doutorado tem um doutorando a defender tese de doutoramento

Edição 2013 do doutorado tem dois doutorandos a defender tese de doutoramento

Um mestrando faleceu antes de concluir o curso.

Os dados condensados na Tabela 3 com a quantidade de estudantes ingressos e egressos indicam a eficiência do PPG-PMUS UNIRIO/MAST na formação de mestres e doutores na área da Museologia.

O PPG-PMUS UNIRIO/MAST publica o periódico científico eletrônico *Museologia e Patrimônio*, o qual está classificado no Qualis da Capes com estrato B1.

O PPG-PMUS UNIRIO/MAST dispõe de página *web* para divulgar informações atualizadas sobre o programa, em conformidade com o quesito de avaliação da CAPES *Inserção Social*, especificamente no que toca o aspecto que o quesito engloba que é o da visibilidade ou transparência dada ao programa à sua atuação. Assim, apresenta-se na Figura 5 a página *web* do PPG-PMUS:

Figura 5 – Página web do PPG-PMUS UNIRIO/MAST



Fonte: <http://ppg-pmus.mast.br/>.

### 3.2.2 Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia da Universidade de São Paulo

O segundo programa de pós-graduação *stricto sensu* em Museologia no Brasil foi criado em 2013 sob a denominação de Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia (PPGMus) da USP.

O PPGMus nasceu da iniciativa e da parceria dos diretores dos museus universitários vinculados à USP: Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE), Museu de Arte Contemporânea (MAC), Museu Paulista (MP) e Museu de Zoologia (MZ). Assim, o programa reúne docentes que atuam nos quatro museus citados.

O programa tem como área de concentração *Museologia*, encontrando-se organizado em três Linhas de Pesquisa: *História dos Processos Museológicos*<sup>106</sup>,

<sup>106</sup> Contempla: problematização das dimensões de historicidade de instituições e processos museológicos e os respectivos impactos socioculturais; análise e proposição de procedimentos curatoriais no que se refere às distintas possibilidades metodológicas, com vistas ao gerenciamento da informação museológica.

*Coleções e Acervos; Teoria e Método da Gestão Patrimonial e dos Processos Museológicos*<sup>107</sup>; e *Salvaguarda do Patrimônio Cultural e Coleções Museológicas*<sup>108</sup>.

Com relação ao corpo docente, conforme listagem nominal fornecida pela coordenação do programa, o PPGMus conta com 10 docentes pertencentes ao núcleo docente permanente e com dois docentes na categoria de docente colaborador. Assinala-se que nesta investigação foram considerados os 10 docentes do núcleo docente permanente.

No que concerne aos Grupos de pesquisa do PPGMus USP, cadastrados no CNPq, sob liderança dos docentes, contabilizam-se cinco grupos, conforme consta do Quadro 6:

**Quadro 6** - Descrição dos Grupos de Pesquisa do PPGMus USP

<b>Grupos de pesquisa</b>	<b>Ano de formação</b>
Arqueologia no Guarani no Estado de São Paulo	2003
Comunicação museológica	2007
Musealização da Arqueologia	2009
Grupo de Estudos em Arte Conceitual e Conceitualismos no museu	2011
Grupo de Trabalho Arquivos de Museus e Pesquisa	2012

Fonte: Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq (2016)

Quanto ao número de estudantes ingressantes no PPGMus, obtidos por meio de mensagem eletrônica, tem-se os seguintes números em cada edição do processo seletivo para o curso de mestrado: 14 estudantes ingressaram no ano de 2012 (ano de abertura do programa); 13 no ano de 2013; 12 em 2014; 11 estudantes ingressaram em 2015.

Já os números referentes aos egressos do PPGMus USP são os seguintes: da edição de 2012, 14 estudantes concluíram o mestrado em 2014, ou seja, o total dos ingressantes na referida edição. O mesmo aplicou-se à edição de 2013 do PPGMus em que os 13 estudantes concluíram o curso em 2015.

---

<sup>107</sup> Contempla: análise e proposta de modelos de salvaguarda e comunicação museais; análise e proposição de estratégias de planejamento e gerenciamento de bens patrimoniais e análise e proposição de instituições museológicas.

<sup>108</sup> Caracterizada pela transdisciplinaridade, uma vez que coleções museológicas, ou, no sentido mais amplo, o patrimônio cultural material em suas várias formas envolve diferentes tipos de materiais, para as quais a salvaguarda depende largamente não apenas de abordagens investigativas complementares, mas também da compreensão de que novas estratégias, baseadas em contextos específicos (composição química, tipo de microambiente, etc) que devem ser consideradas.

O PPGMus USP disponibiliza informações sobre o programa em sua página *web* em atendimento ao critério de avaliação da CAPES *Inserção Social* no tocante ao aspecto visibilidade ou transparência. A Figura 6 apresenta a página *web* do PPGMus USP:

**Figura 6** – Página *web* do PPGMus USP



Fonte: <http://sites.usp.br/ppgmus/>.

Assinala-se que, por ocasião do Seminário Educação e Museus realizado na USP entre os dias 26 e 27 de abril 2017, a coordenação do PPGMus USP anunciou na mesa de abertura do evento que o programa tem envidado esforços para a criação do curso de doutorado com previsão de que se concretize no ano de 2018.

### 3.2.3 Programa de Pós-Graduação em Museologia da Universidade Federal da Bahia

O Programa de Pós-Graduação em Museologia (PPGMuseu) da UFBA foi criado no primeiro semestre de 2013. Com sede na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FFCH) da UFBA, o programa oferta curso de mestrado.

O programa tem como área de concentração *Museologia e Sociedade Contemporânea*.

De acordo com o documento que regula o PPGMuseu UFBA, o programa “foi criado para desenvolver e aprofundar a formação de diplomados em cursos de graduação de duração plena, qualificando-os no grau de Mestres em Museologia” (Regulamento, n.d).

O curso tem sua ênfase na teoria museológica contemporânea, voltada para os estudos dos processos museais institucionais ou não. Tem, ainda, como foco as relações de poder e representações desenvolvidas entre grupos culturais, contemplando problemáticas inseridas em questões históricas e socioculturais de forma a ressaltar configurações teórico-conceituais, métodos de abordagem, estratégias, uso e apropriação do patrimônio cultural.

O PPGMuseu está ancorado em duas linhas de investigação: a Linha de pesquisa 1 sob a designação de *Museologia e Desenvolvimento Social*<sup>109</sup> e a Linha de pesquisa 2 *Patrimônio e Comunicação*<sup>110</sup>.

Quanto ao quadro de docentes do PPGMuseu, obteve-se que o mesmo era formado por 14 docentes, sendo 11 docentes pertencentes ao núcleo docente permanente, dois pertencentes à categoria de docente colaborador e um na qualidade de docente visitante em pós-doutoramento realizado no programa. Assinala-se que nesta investigação foram considerados os 11 docentes do núcleo docente permanente, conforme listagem nominal fornecida pela coordenação do programa.

Os docentes, além da atuação no ensino, organizam-se em grupos de pesquisa, os quais constituem um conjunto de indivíduos organizados hierarquicamente, estrilados na experiência, no destaque e na liderança no campo científico ou tecnológico; portanto os grupos se constituem de indivíduos envolvidos profissional e

---

<sup>109</sup> Contempla investigações relativas à teoria museológica contemporânea com base na relação patrimônio, cultura e preservação, compreendendo o museu como laboratório onde se processa a relação do homem com o bem cultural e produzem-se leituras e interpretações sobre os grupos sociais. Entende-se desenvolvimento social na perspectiva de formação dos sujeitos envolvidos na ação museal, tendo o patrimônio cultural como instrumento de inclusão social e cidadania. Preveem-se discussões sobre as trajetórias museológicas e/ou patrimoniais, os agentes e a constituição de coleções de natureza diversa, bem como os estudos sobre o patrimônio cultural, buscando compreender e valorizar as diversas realidades socioculturais das sociedades contemporâneas.

<sup>110</sup> Abarca investigações sobre a relação entre o patrimônio e a comunicação museológica. Tomam-se como referência, principalmente, as etapas dos processos de musealização, incluindo a documentação, conservação preventiva e difusão por meio das linguagens expográficas. Inclui abordagens sobre mediação cultural, estudos de público, bem como o uso e o manejo do ciberespaço e museus digitais, além do emprego de Tecnologias da Informação e Comunicação.

permanentemente com atividades de pesquisa e se estruturam em torno de linhas de pesquisa.

Desta forma, os grupos de pesquisa liderados por docentes do PPGMuseu da UFBA cadastrados no CNPq são: Grupo de Estudos sobre Cibermuseus, Observatório da Museologia Baiana e Grupos de Estudos em Museologia, Museus e Monumentos. A descrição dos referidos grupos seguida do ano de formação se encontra no Quadro 7:

**Quadro 7** - Descrição dos Grupos de Pesquisa do PPGMuseu da UFBA

<b>Grupos de pesquisa</b>	<b>Ano de formação</b>
Grupo de Estudos sobre Cibermuseus (GREC)	2002
Observatório da Museologia Baiana (OMB)	2004
Grupos de Estudos em Museologia, Museus e Monumentos (GREMM)	2005

Fonte: Autoria própria com base na *homepage* do PPGMuseu (2015) e no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq (2015)

O PPGMuseu UFBA, até 2016, realizou quatro editais de seleção. As atividades da primeira edição do mestrado tiveram início no segundo semestre de 2013. As demais edições foram realizadas no primeiro semestre de cada ano.

Quanto ao número de ingressos no PPGMuseu, tem-se o seguinte quadro: em 2013 ingressaram 10 mestrandos, em 2014 ingressaram cinco mestrandos, em 2015 oito mestrandos e em 2016 ingressaram 14 mestrandos.

O PPGMuseu UFBA dispõe de página *web* para divulgar suas informações, em conformidade às exigências do critério de avaliação da CAPES *Inserção Social*, especificamente, no que toca o aspecto da visibilidade ou transparência dada ao programa à sua atuação. Apresenta-se na Figura 7 a página *web* do PPG-Museu:

Figura 7 – Página web do PPGMuseu UFBA



Fonte: <http://www.ppgmuseu.ffch.ufba.br/>

Uma última informação sobre o PPGMuseu UFBA, obtida por correio eletrônico, é que por ocasião do VIII Seminário Internacional de Investigação em Museologia Social<sup>111</sup>, evento ocorrido no período de 14 a 16 de agosto de 2017 na UFBA, com a finalidade de aprofundar a reflexão sobre a investigação que se desenvolve em Museologia no Brasil e em Portugal, bem como nos espaços lusófonos de Moçambique e Cabo Verde, deu-se o segundo encontro entre o programa e a Universidade de Coimbra (UC), com a qual o programa mantém intercâmbio, para a concretização da parceria do PPGMuseu UFBA junto ao futuro curso de doutorado da UC.

<sup>111</sup> Disponível em: <http://ces.uc.pt/pt/agenda-noticias/agenda-de-eventos/2017/viii-seminario-internacional-de-investigacao>.

## **CAPÍTULO 4**

# **O ACESSO ABERTO: DISPONIBILIZAÇÃO ON LINE E IRRESTRITA À INFORMAÇÃO CIENTÍFICA**

---



## 4.1 Produção científica

O estado da arte sobre a pesquisa na área da Museologia pode atrair a atenção de associações científicas, agências de fomento à pesquisa científica e instituições de ensino e pesquisa. Estes são importantes espaços institucionais de interação e compartilhamento da comunidade científica de qualquer área de conhecimento.

Mais estritamente no espaço institucional da universidade, considera-se importante refletir sobre a produção científica gerada nas mais diversas áreas de conhecimento com vistas a contribuir para o seu incremento e sua comunicação entre os pares com fins a evolução da área.

Nesse intento, partindo-se do arcabouço teórico da área da Ciência da Informação, discute-se sobre a produção científica reconhecendo o seu valor no âmbito acadêmico-científico por pesquisadores de diferentes áreas científicas que disponibilizam saberes e conhecimentos adquiridos a partir de pesquisas científicas.

Na perspectiva de Geraldina Porto Witter, detentora de um conjunto de obras escritas sobre o tema, a produção científica:

está relacionada com a atuação dos cursos de pós-graduação, quer pelo seu fazer científico, quer pelo seu papel na formação de professores e pesquisadores que irão atuar em outras entidades, universitárias ou não. Seu produto é relevante, inclusive como veículo para a mudança da dependência para a independência científica e tecnológica e, conseqüentemente, econômica e política (Witter, 1989, p. 29).

Concordando com o exposto por Witter, os autores Mugnaini, Digiampietri e Mena-Chalco reforçam que a realização de levantamento da produção científica de um país possibilita investigar aspectos qualificados como resultados do trinômio ciência-tecnologia-inovação. Possibilita, ainda, “acompanhar o fluxo de comunicação científica das diversas áreas, (o que) facilita o processo de avaliação da pesquisa, cujas características são tão diversificadas quanto o é a própria ciência” (Mugnaini, Digiampietri, & Mena-Chalco, 2014, p. 240).

A produção científica é entendida como toda produção documental sobre um determinado assunto de interesse de uma comunidade científica específica, que

contribui para o desenvolvimento da ciência e, também, para a abertura de novas frentes de pesquisa (Lourenço, 1997).

Uma outra definição de produção científica parte de Osório e Oliveira que a definem como “(...) o conjunto de publicações geradas durante a realização e após o término de pesquisas” (Osório & Oliveira, 2011, p. 5).

Refletindo sobre a polêmica máxima do *publish or perish*, Maria das Graças Targino apresenta uma tentativa de categorização sobre o que vem a ser produção intelectual, produção científica e produção acadêmica justificando que existe dificuldade em categorizar o que se produz. A autora define a produção intelectual por aquilo que é produzido por intelectuais entendidos como indivíduos dotados de inteligência. Considerando a produção científica mais fácil de definir, Targino descreve esta como algo que “propicia o avanço da ciência e tecnologia (C&T), ou seja, acrescenta algo novo ao manancial de conhecimentos consolidados em determinada área ou especialidade”. Já a produção acadêmica se refere ao que é produzido nas instituições de ensino superior por docentes, discentes e também por técnicos administrativos (Targino, 2010, p. 32).

A produção científica é uma produção intelectual na sua essência que representa o “espelho da ciência e da comunidade de cientistas de um país e de uma disciplina, o que em última instância significa dizer que é elemento importante na mensuração do processo desenvolvimentista das nações” (Targino, 2010, p. 33).

Com efeito, uma considerável fatia da produção científica é gerada no âmbito das universidades, o que remete a dois aspectos fundamentais apontados por Denise Alvarez. O primeiro aspecto se refere aos pesquisadores que fazem ciência, são também docentes, que sugere nesta realidade o encontro de dois ofícios; e, o segundo aspecto de que a universidade é gerida pelo trinômio ensino, pesquisa e extensão (Alvarez, 2011).

No que se refere ao primeiro aspecto, Alvarez aponta que os docentes estão permanentemente sujeitos a duas formas de funcionamento organizacional composto por um conjunto de regras que suscitam em diferentes formas de trabalhar: “como pesquisadores estão sujeitos a regras e normas das agências financiadoras e fomentadores de pesquisa e ao seu próprio centro de pesquisa”. Enquanto que como professores “estão sujeitos à regras e normas da universidade com seus conselhos, comissões, congregações, cargos, hierarquias” (Alvarez, 2011, p. 1).

Quanto ao segundo aspecto, a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão indica uma gama de possibilidades: formação de pessoas aptas para o mercado de trabalho, formação de novos pesquisadores, realização de pesquisas em diferentes setores com diferentes parceiros com vistas a dar retorno à sociedade que a sustenta (Alvarez, 2011, p. 1).

É amplamente reconhecido que as atividades inovadoras de pesquisa se concentram no âmbito dos programas de pós-graduação com cursos de mestrado e doutorado (Velloso & Velho, 2001).

Nesse contexto, os cursos de mestrado e doutorado se constituem como responsáveis por parte significativa de pesquisa, oferecendo um campo amplo para o desenvolvimento intelectual gerador de produção científica (Osório & Oliveira, 2011).

Contudo, para que a produção científica desenvolvida no âmbito dos referidos cursos possa ser geradora de novos conhecimentos são necessários o reconhecimento e a aceitação da comunidade científica, com vistas à ampliação e permanente evolução do conhecimento produzido (Noronha & Maricato, 2008).

A aceitação acontece quando os resultados das pesquisas científicas são divulgados em canais reconhecidos pela comunidade científica, podendo, assim, oferecer novos subsídios para construção e crescimento das ciências.

O crescimento das ciências tem sido evidenciado pelo aumento no número de pesquisadores, pelos investimentos das agências de fomento e pelo volume da produção científica nas últimas décadas. Población e Noronha (2002, p. 105) assinalam que o crescimento das ciências “(...) se efetiva pelo esforço que os autores despendem para divulgar os resultados de suas investigações”, o que ocorre por meio da comunicação científica.

## **4.2 A comunicação científica**

É por meio da comunicação científica que se tornam públicos e acessíveis os resultados de investigações, que geram novas discussões, novos debates e outros questionamentos pertinentes para o desenvolvimento e para o crescimento da ciência (Osório & Oliveira, 2011).

John Desmond Bernal, físico irlandês e clássico historiador da ciência, cunhou o termo comunicação científica o qual aparece em seu livro *The social function of science*, escrito em 1939, em que dedica um capítulo ao tema (Christovão & Braga, 1997). Ao conceituar comunicação científica, Bernal incluiu atividades concernentes à produção, disseminação e uso da informação. Em sua obra defendeu a importância do processo de comunicação da produção científica.

Para Meadows (1999, p. vii), “a comunicação situa-se no próprio coração da ciência. É para ela tão vital quanto a própria pesquisa, pois a esta não cabe reivindicar com legitimidade este nome enquanto não houver sido analisada e aceita pelos pares”.

Autores da área da Ciência da Informação como Targino afirma que “a comunicação científica fundamenta-se na informação científica. Esta gera o conhecimento científico”. Para a autora o conhecimento científico representa um incremento ao entendimento universal até então existente sobre uma realidade. Considerando o seu caráter evolutivo e mutável, “a ciência faz da pesquisa científica o seu instrumento mor e da comunicação científica o seu elemento básico” (Targino, 2006, p. 192).

Dentre os diversos modelos de comunicação científica existentes na literatura, faz-se menção aqui ao modelo proposto por Lievrow em parceria com Sampson e Carley no ano de 1989. Trata-se de um modelo de comunicação científica em que o ciclo desta é baseado em duas definições fundamentais: processo e estrutura.

O processo de comunicação é entendido como qualquer atividade que facilita a construção de sentido entre os indivíduos, considerando o compartilhamento da comunicação envolvida de modo útil e apropriado para uma dada situação. A estrutura da comunicação é definida como o conjunto de relacionamento entre os indivíduos que estão ligados pelos significados que eles constroem e compartilham (Lievrow, 1990).

Apreende-se do exposto a importância do processo e da estrutura de comunicação. Nesse contexto, a pesquisa se torna legítima após sua publicação em meios aceitos pela comunidade científica, sendo assim identificada como um dos elementos que compõem a base da comunicação científica.

Traz-se à discussão Oliveira, Mota e Alvarado (2004), citados na dissertação de mestrado desta investigadora, já mencionada em nota na Introdução desta tese, retomados aqui porque elencam alguns elementos necessários para uma comunicação

científica de qualidade. Os autores reforçam a ideia de que apenas a continuidade e a validação dos pares não bastam para garantir tal qualidade, mas sim um conjunto de outros fatores integrados: a) instituições fortes e estáveis para abrigar os grupos de pesquisa, o que demanda recursos; b) recursos humanos qualificados para exercer a atividade; e c) canais de comunicação para fluir a produção científica. De acordo com estes autores, a ausência de um desses elementos gera condições desfavoráveis à institucionalização da ciência (Costa, 2008).

Autores como Mikailov, Chernyi e Giliareyskii (1984) também são retomados porque discutem que a comunicação científica é formada por vários processos realizados pelos cientistas, a saber: o diálogo direto entre estes e especialistas sobre pesquisas ou desenvolvimento de estudos em que estejam envolvidos; as visitas aos pares ou aos laboratórios científicos; as apresentações orais para cientistas e especialistas; a troca de cartas [e-mails]; a permuta de *pré-prints* (documentos que aguardam publicação, mas que ainda não foram aprovados) e *off-prints* (cópias de documentos já publicados recebidos pelo autor); a preparação do resultado de pesquisas e desenvolvimentos para editoração, publicação; os aspectos relativos à distribuição das publicações científicas; e, também, as atividades vinculadas à informação científica, ou seja, aquelas atividades voltadas à disseminação dos documentos científicos (Costa, 2008).

A obra de Meadows aponta que a comunicação científica se utiliza de dois canais de comunicação: os canais informais e os canais de comunicação formais como instrumentos, que podem ser suportes ou mídias, por meio dos quais a informação científica é transmitida (Meadows, 1999).

Os canais informais são utilizados quando a pesquisa se encontra em estágio inicial. Esse tipo de canal ocorre por meio da linguagem oral em contatos *face-to-face* ou interpessoal, utilizando-se de recursos que não sugere formalidade, por exemplo, os colégios invisíveis, as reuniões científicas, os telefonemas, *e-mails*, dentre outros (Meadows, 1999).

Diferentemente dos canais informais, os canais formais seguem padrões e regras definidas, são marcados por maior rigor e critérios. Os canais formais (publicações com divulgação ampla) são utilizados para comunicar os resultados dos processos de

pesquisa, quando finalizados, em forma de livros, artigos de periódicos científicos, relatórios de pesquisa.

Revisitando uma classificação ampliada sobre os tipos de canais de comunicação científica elaborados por Araújo (1998) em que, além dos canais formais e informais, já conhecidos, tem-se o acréscimo dos canais semiformais e supraformais, onde os canais supraformais se caracterizam pelas TIC. Apresentam-se no Quadro 8 os referidos canais de comunicação, seguidos de sua descrição e exemplos:

**Quadro 8** – Tipos de canais de comunicação científica

<b>Canais</b>	<b>Descrição</b>	<b>Exemplos</b>
Canais informais	São canais que se caracterizam “por contatos realizados entre os sujeitos emissores e receptores de informação”, configurando-se em contatos interpessoais	Reuniões, Trocas de correspondências institucionais/técnicas/científicas, Visitas técnicas, etc.
Canais formais	São canais que “veiculam informações já estabelecidas ou comprovadas através de estudos”	Documentos institucionais/técnicos/científicos, Livros, Periódicos científicos, Obras de referência, etc.
Canais semiformais	São canais que se constituem pela utilização simultânea dos canais formais e informais	Eventos acadêmicos, eventos técnico-científicos e profissionais, Desenvolvimento de pesquisas científicas, etc. Obs.: utilização, ao mesmo tempo, de textos, conversa face a face, palestras, mesas-redondas, exposição de trabalhos, livros, periódicos, dentre outros.
Canais supraformais	São canais que se configuram como canais de comunicação eletrônica	Documentos eletrônicos, Livros eletrônicos, Periódicos eletrônicos, A própria <i>internet</i> , <i>Sites</i> especializados de busca, Documentos <i>wiki</i> construídos de maneira livre e compartilhada via <i>internet</i> , Bases de dados, Bibliotecas digitais, Portais de informação científica, <i>E-mails</i> institucionais/técnicos/científicos, etc.

Fonte: Adaptado de Araújo (1998)

Com base nos canais de comunicação apresentados, coloca-se em relevo os artigos publicados em periódicos científicos, os quais refletem na prática, segundo Duarte (2003), o modo mais comum de comunicação científica, seja por sua ampla divulgação, seja porque estes são avaliados previamente pelos pares, ou mesmo pela atualidade do conhecimento científico que disseminam.

A julgar pelo exposto, os periódicos científicos são, portanto, reconhecidos canais para a ciência, desde aqueles enquadrados como canais formais, sejam os enquadrados nos mais atuais canais supraformais ou eletrônicos (Mueller, 2000).

Estes últimos refletem o debate atual em torno das mudanças significativas na comunicação científica, provocadas pelas tecnologias da informação e comunicação “em termos de formatos, padrões e protocolos no ambiente de pesquisa científica” (Costa, 2011, p. 1).

### **4.3 Periódicos Científicos Eletrônicos**

Os periódicos científicos se revelam como fontes necessárias para todas as áreas do conhecimento científico. Eles vêm suscitando um vasto rol de investigações sobre o seu surgimento, sobre o seu papel na construção e evolução das ciências, sobre a sua importância, formato, aumento do número de periódicos, visibilidade, impacto, dentre outras questões (Costa, Nunes & Lopes, 2015).

Nomeadamente, os periódicos científicos eletrônicos, coexistindo com os periódicos impressos ou análogos, surgidos a partir da revolução das tecnologias da informação e comunicação iniciada na segunda metade do século XX, têm como seus reconhecidos antecessores os periódicos *Journal des Sçavants* da *Académi des Science* de Paris e o *Philosophical Transactions of Royal Society of London*<sup>112</sup>, os quais encetaram, segundo Harcourt Brown, “a kind of revolution in the world of letters and science” (Brown, 1972, p. 377)<sup>113</sup>.

---

<sup>112</sup> Ambos datam de 1665. O surgimento dos referidos periódicos se deu em virtude da disputa da França e da Inglaterra pela soberania acadêmica, haja vista serem considerados os centros de excelência da ciência desde os séculos XVII a XIX. O *Journal des Sçavants* e o *Philosophical Transactions of Royal Society of London* surgiram no momento em que a sociedade passava por significativas mudanças, sobretudo, no campo científico.

<sup>113</sup> “Uma espécie de revolução no mundo das letras e das ciências” (Brown, 1972, p. 377, tradução nossa).

As experiências pioneiras para inserção de publicações na *Internet* aconteceram em 1978 no Instituto de Tecnologia de Nova Jérsei nos EUA com a produção do *Electronic Information System*. Posterior a esse, surgem o *Computer Human Factors* (1980-1984) na Inglaterra, e o *Journal Revue* (1984-1987) na França, contudo tais iniciativas fracassaram (Le Coadic, 1995; Couzinet & Muszkat, 1999).

Somente a partir da década de 1990, com o advento e a popularização da *Internet*, afirmaram-se os periódicos científicos publicados no formato eletrônico, denominados popularmente de *e-journals* pelo anglicismo (Costa, 2008).

O primeiro periódico eletrônico, sob o título de *The Online Journal of Current Clinical*, foi lançado em 1991 pela organização norte-americana sem fins lucrativos, considerada a maior cooperativa de bibliotecas, arquivos e museus do mundo, *Online Computer Library Center, Inc.* (OCLC) e pela renomada editora *American Association for the Advancement of Science* (AAAS). Também foram disponibilizados online *The Online Journal of Knowledge Synthesis for Nursing* e *Eletronic Letters Online*. E em 1995, a famosa *Applied Phisics Letters* (Le Coadic, 1996).

O periódico em formato eletrônico permite a rápida e contínua difusão dos itens publicados, acesso permanente, qualquer que seja o *locus* em que a pessoa se encontre, aumentando, assim, as possibilidades de pesquisa (Le Coadic, 1996).

Os periódicos científicos eletrônicos são definidos como “periódicos acadêmicos que são disponibilizados através da *Internet* e suas tecnologias associadas” (Harrison & Stephen, 1995, p. 593 tradução nossa).

Na perspectiva de Dias, que desenvolveu investigação que analisou as dinâmicas de acesso e uso dos periódicos científicos eletrônicos brasileiros da área da Ciência da Informação, periódico eletrônico é definido como “um material informativo científico, que foi transformado ou criado para padrões passíveis de publicação da *World Wide Web*, e nela disponibilizada” (Dias, 2003, p. 11).

Com base nas definições sobre os periódicos eletrônicos apresentadas, compreende-se periódico científico eletrônico, no âmbito desta tese, como canal de disponibilização de conteúdo científico como artigos, relatos de pesquisa, relatos de experiências, memória de eventos, dentre outros, que se vale das TIC, sobretudo da

*Internet*, e da possibilidade de disponibilização do conteúdo em seus mais variados suportes e formatos (HTML; epub<sup>114</sup>, áudio, etc.), bem como por dispositivos móveis.

A publicação desse tipo de periódico acrescentou novas características de acesso e uso quanto à interatividade, à hipertextualidade (interna e externa) e à hipermediação (Simeão, 2003).

Inúmeras são as vantagens dos periódicos científicos eletrônicos: menor custo; facilidade de avaliação de trabalhos para publicação no formato *on-line*, na versão *blind review by peers* (revisão às cegas por pares) e *ad hoc* (sob designação específica de especialistas para cada avaliação); maior divulgação; proteção do acervo; agilidade na publicação; facilidade de acesso; apresentação do documento adotando novos padrões; diversidade de formatos/mídias (sons, imagens, vídeos, hipertexto, etc.); e recuperação da informação automatizada e até personalizada, referindo-se da indexação à busca e localização de informações (Crespo, 2005; Maia, 2005).

No contexto da publicação de periódicos científicos na *Internet*, dois modelos de acesso se destacam: os periódicos por assinatura ou pagos, denominados periódicos de acesso restrito, e os periódicos com acesso aberto ou gratuito à informação científica, denominados de acesso livre.

Questões como o reconhecimento no meio acadêmico e entre os profissionais de informação da necessidade de que a informação científica seja compartilhada com vistas à promoção do processo de desenvolvimento das nações; o entendimento de que só o compartilhamento pode diminuir as desigualdades sofridas mundialmente; o custo de assinaturas dos periódicos e cancelamentos de assinaturas por bibliotecas (conhecido como “crise dos periódicos”); a limitação ao acesso à literatura ao próprio sistema científico; e a utilização da *Internet* acompanhada por maior compreensão das suas potencialidades e aplicações na publicação científica, é que fizeram surgir o movimento em favor do acesso livre à informação científica, principalmente, de artigos científicos que passaram por revisão de pares e foram aceitos ou publicados por revistas científicas (André, 2005; Kuramoto, 2006; Costa, 2006; Rodrigues, 2014).

---

<sup>114</sup> *Electronic Publication* é um formato de arquivo digital padrão.

#### 4.4 O Movimento de Acesso Aberto

O acesso aberto tem em seu bojo a premissa de que a pesquisa científica desenvolvida maioritariamente financiada com recursos públicos deve disponibilizar seus resultados e dar acesso gratuito aos indivíduos/usuários (Freire, 2011).

Para tanto, foi na década de 1990 que começou, em reconhecidas universidades do mundo, o movimento para que as publicações geradas no âmbito das mesmas fossem de acesso aberto com a finalidade de democratizar os resultados das pesquisas (Spinak, 2013, on line). Assim, o acesso aberto foi implementado por iniciativas que surgiram no final da referida década, o qual ganhou adeptos mundialmente por meio de declarações e manifestos (André, 2005; Kuramoto, 2006; Costa, 2006; Rodrigues, 2014).

As iniciativas pioneiras em torno do Acesso Aberto, tradução do inglês *Open Access* (OA), tiveram início com a Convenção de Santa Fé em 1999 que deu origem ao *Open Archives Initiative* (OAI); com a Declaração de Budapest em 2002 que definiu acesso aberto como disponibilidade livre e irrestrita; com a Reunião de Bethesda; e, com a Declaração de Berlim, ambas ocorridas em 2003<sup>115</sup>.

A OAI foi lançada durante a Convenção de Santa Fé realizada no México em 1999 sob patrocínio de três instituições a *Digital Library Federation*, a *Coalition for Networked Information* e a *Natural Science Foundation*, tendo como objetivos: a promoção e a transferência de dados entre diferentes sistemas de acesso livre; a promoção e o desenvolvimento de padrões de interoperabilidade e compartilhamento de metadados; além da disponibilização de toda a sua infraestrutura às instituições cadastradas no *site* das referidas instituições (Dias, Delfino Junior, & Silva, 2007; Gruszynski & Golin, 2007).

O *Budapest Open Access Initiative* (BOAI) se refere a um movimento de massiva reação da comunidade científica que ocorreu de forma planejada e organizada, contando com acadêmicos, cientistas, bibliotecários e outras personalidades interessadas no sistema de comunicação científica (Rodrigues, 2014). A definição e formalização do acesso aberto à literatura científica deu-se por meio da Declaração de Budapeste, considerado:

---

<sup>115</sup> Consideradas as que promovem maior aprofundamento sobre o tema do Acesso Aberto, contudo, mencionam-se Iniciativas anteriores às nomeadas aqui: o ArXiv, de Los Alamos, nos Estados Unidos, e o *E-Prints*, de *Southampton*, no Reino Unido.

o primeiro documento a estabelecer e definir o conceito e o termo *open access* (que em português se traduziu para acesso aberto ou acesso livre) e a apontar as duas formas ou vias para a sua concretização (as revistas e os repositórios de acesso aberto) (Rodrigues, 2014, p. 181).

A Declaração de Budapeste estabelece que o acesso aberto pode ocorrer por meio de duas vias: publicação de revistas de acesso aberto e pelo autoarquivamento/depósito em repositórios de acesso aberto, também designadas, de acordo com Harnad *et al.* (2001), como Via Dourada (*Golden Road*) e Via Verde (*Green Road*), respectivamente.

A Via Dourada se refere aos periódicos científicos eletrônicos com acesso aberto aos seus conteúdos garantido pelos editores dos periódicos (pela indexação dos periódicos em bases como SciELO, *Directory of Open Access Journals* (DOAJ), dentre outras). Já a Via Verde diz respeito ao arquivamento realizado por parte dos autores de artigos científicos já publicados ou aceitos para publicação, sob autorização dos editores, para que sejam disponibilizados em repositórios de acesso aberto (como o *ResearchGate*).

Além das referidas vias, Spinak (2013, on line) reforça a existência de mais três variantes consideradas de acesso aberto: Híbrido (autores pagam pela disponibilização em acesso aberto de seus artigos em um periódico comercial, daí o periódico fica disponibilizado pela Via dourada apenas nos artigos pagos pelo autor); Embargo (periódicos por assinatura que após um período de tempo liberam os artigos, tornando-os de acesso aberto pela Via dourada; e Por tempo limitado (periódicos oferecem alguns de seus artigos em acesso aberto por um tempo limitado, como uma promoção, mas em seguida são removidos).

Em 2003, durante a Reunião de Bethesda, foi elaborada uma declaração de princípios com o objetivo de fomentar discussões sobre como prover o acesso aberto. Definiu-se, também, o que são publicações de acesso aberto que, segundo Costa (2006, p. 41) “dessa definição – seminal – têm sido direcionados debates e decisões cruciais que vêm mudando o panorama da comunicação científica no mundo”.

A Declaração de Berlim contempla os resultados de reunião realizada primeiramente em 2003 intitulada *Open Access to Knowledge in the Sciences and*

*Humanities*. A reunião promoveu a *Internet* como o instrumento funcional para uma base global de conhecimento científico e reflexão humana, e a especificação de indicadores que formuladores de política, instituições de pesquisa, agências de fomento, bibliotecas e museus precisam considerar. Houve, ainda, a ampliação do conceito de acesso livre, já que resultados de pesquisas científicas originais, dados não processados e metadados, fontes originais foram incluídos (Costa, 2006). Na Declaração em questão, o OA deve atender a duas importantes condições: a primeira é que a autoria detentora de direitos autorais concede aos usuários o direito de acesso gratuito, irrevogável e mundial, licença para cópia, uso, distribuição, transmissão e exibição do trabalho publicamente, distribuição de obras em qualquer suporte digital, condicionado à devida atribuição da autoria. A segunda se refere à inserção de versão completa da obra em formato eletrônico normalizado e apropriado em pelo menos um repositório institucional que promova o acesso aberto (Freire, 2011).

Para além das iniciativas descritas, o movimento de acesso aberto à informação científica continua evoluindo dando origem a inúmeras outras iniciativas, conforme apresentado no Quadro 9:

**Quadro 9** - Cronologia do Movimento de Acesso Aberto à informação científica

<b>Período</b>	<b>Descrição</b>
1999	Convenção de Santa Fé – lançamento da <i>Open Archive Initiative</i>
2001	Carta aberta da <i>Public Library of Science</i> (PLoS)
2002	Iniciativa de Budapeste para o Acesso Aberto
2002	Carta ECHO
2003	Declaração de Bethesda
	<i>Association of Learned and Professionals Society Publishers</i> (ALPSP)
	Declaração de Berlim sobre o Livre Acesso ao Conhecimento
	Declaração de Princípios do <i>Welcome Trust</i> em apoio à edição em livre acesso
	Posicionamento do <i>InterAcademy Panel</i> sobre o acesso à informação científica
	Declaração do <i>International Federation Libraries Association</i> (IFLA) sobre o livre acesso à literatura científica e aos documentos da pesquisa
	Declaração de Princípios da Cúpula Mundial sobre a Sociedade da Informação (CMSI)
2004	Declaração de Valparaíso, lançada no Chile, para melhorar a comunicação científica em meio eletrônico
	Declaração da <i>Organization Economic Cooperation and Development</i> (OECD) sobre o acesso aos dados da pesquisa financiada por fundos públicos
	Princípios de Washington D. C. para o Livre Acesso à Ciência
	Lançamento da Declaração do Estoril sobre o Acesso à Informação durante o 8º Congresso Nacional de Bibliotecários Arquivistas e Documentalistas realizado em Estoril, Portugal
	Lançamento em Campinas – Brasil de uma declaração de apoio ao acesso aberto

	durante 2º Simpósio Internacional de Bibliotecas Digitais (SIBD)
	Publicação do relatório do comitê do Parlamento Britânico sobre edição científica
2005	Manifesto Brasileiro de Apoio ao Acesso Livre à Informação Científica
	Declaração de Salvador sobre Acesso Aberto: a perspectiva de países em desenvolvimento. Declaração de Salvador – compromisso com a equidade
	Declaração de São Paulo em Apoio ao Acesso Aberto lançada pelo Ibict
2006	Lançamento oficial do <i>Directory of Open Access Repositories</i> (OpenDOAR) pela Universidade de Nottingham (Reino Unido) e pela Universidade Lund (Suécia)
	Declaração de Florianópolis lançada durante o XI Simpósio de Intercâmbio Científico da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia
	Lançamento da Carta Aberta à Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) durante a realização da 58ª Reunião Anual da SBPC
2007	<i>Education Resources Information Center</i> (ERIC) dos Estados Unidos anuncia um programa para digitalizar 40 milhões de páginas de documentos em microfichas em acesso aberto
	<i>Open Access Research</i> emite chamada de trabalhos e se torna a primeira revista em acesso aberto revisada por pares dedicada especificamente acesso aberto
	Editora Polimetrica lança um Manifesto do Acesso Aberto, aparentemente o primeiro de uma editora de livros
	JISC e a Universidade de Glasgow lançam o <i>OpenLOCKSS</i> , um novo programa para o projeto LOCKSS ( <i>Lots of Copies Keep Stuff Safe</i> ) para a preservação de revistas em acesso aberto
	<i>National Science Foundation</i> (NSF), a PLoS e o San Diego Supercomputing Center lançam o SciVee (que transmite vídeos que explicam artigos em acesso aberto)
	UNESCO lança a versão final da Declaração de <i>Kronberg</i> sobre o Futuro da Aquisição do Conhecimento e Compartilhamento ( <i>Kronberg Declaration on the Future of Knowledge Acquisition and Sharing</i> )
	<i>Social Science Research Network</i> lança oficialmente a Rede de Pesquisa em Humanidades ( <i>Humanities Research Network</i> ), uma coleção de repositórios em acesso aberto em diferentes campos das ciências humanas
	Agência Nacional Francesa de Pesquisa ( <i>Agence Nationale de la Recherche – ANR</i> ) adota um mandato para o acesso aberto para as pesquisas que financia
	Um grupo de pesquisa da Universidade de Granada (Espanha) lança o SCImago, um banco de dados em acesso aberto de periódicos organizados por área e país
2008	<i>US National Institutes of Health</i> (NIH) divulgam seu mandato para o acesso aberto
	Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD) aprova modelos em acesso aberto para a troca de <i>software</i> e conhecimento
	Lançamento do <i>Planet e-Book</i> , um novo portal de livros sob domínio público em acesso aberto
	Peter Suber e Robin Peek lançam o <i>Open Access Directory</i>
	Governo da Comunidade Autónoma de Madrid aprova um mandato do acesso aberto que exige que resultados das pesquisas que financia sejam depositados em qualquer um dos repositórios em acesso livre “e-Ciência” da Espanha
	Declaração de Brisbane emitida durante a Conferência <i>Open Access and Research 2008</i> (Brisbane, 24-25 de setembro de 2008)
	14 de outubro de 2008 o primeiro Dia Internacional de Acesso Livre
	Lançamento oficial da <i>Open Access Scholarly Publishers Association</i> (OASPA)
2009	Os Países Baixos declaram 2009 o Ano do Acesso Aberto
	Lançamento da NECOBELAC ( <i>Network of Collaboration Between Europe and Latin American-Caribbean Countries</i> ), uma rede de colaboração entre a Europa e a América Latina e Caribe para promover o acesso aberto para informações na área

	de saúde
	A Biblioteca Nacional de Ciências da China ( <i>National Science Library-NSL</i> ) e da Academia Chinesa de Ciências ( <i>Chinese Academy of Sciences-CAS</i> ) lançam um repositório e adotam um mandato para o acesso aberto
	Declaração de <i>Kigali</i> sobre o desenvolvimento de uma sociedade da informação equitativa na África, apelando para o acesso equitativo à informação e ao conhecimento, mas não necessariamente em acesso aberto emitida por representantes de 27 governos africanos e quatro organizações intergovernamentais
	Peter Murray-Rust, Cameron Neylon e Rufus Pollock, entre outros, formulam os Princípios Panton para dados abertos
	A Bíblia <i>Codex Sinaiticus</i> foi digitalizada. Suas mais de 800 páginas foram reunidas por diferentes museus em quatro países para a nova edição <i>online</i> em acesso aberto
	O Papa Bento XVI critica o “excesso de zelo para proteger o conhecimento através de uma utilização demasiado rígida do direito de propriedade intelectual, especialmente no campo da saúde”
	No período de 19 a 23 de outubro de 2009 se comemora a primeira Semana Internacional do Acesso aberto ( <i>First International Open Access Week</i> )
2012	Lançamento do Projeto <i>SciELO Books</i>

Fonte: Adaptado de Kuramoto (2006), Peter Suber (2009) e Fausto (2013)

No âmbito europeu, tem-se acompanhado o crescimento do discurso, por parte de políticos e instituições da União Europeia, de que o acesso aberto à informação científica é fundamental para o crescimento da investigação no contexto deste continente, o que os tem levado a envidar iniciativas para que a investigação financiada por cidadãos da União Europeia seja devidamente disponibilizada em acesso aberto (Príncipe *et al.*, 2013).

O programa europeu de financiamento denominado de Horizon 2020, a decorrer entre os anos de 2014 e 2020, prevê que a investigação financiada com dinheiro público deve ser amplamente difundida por meio da publicação de dados e documentos científicos em acesso aberto. Prevê, ainda, a existência de políticas e projetos-piloto para garantir acesso aberto a dados científicos resultantes dos projetos financiados (Príncipe *et al.*, 2013).

A definição de políticas e iniciativas de Acesso Aberto na União Europeia, desenvolvidas principalmente no âmbito da ação da Comissão Europeia na “Agenda Digital para a Europa” e na área de “Ciência e Inovação”, tem sido consubstanciada na realização de vários projetos dinamizados pela comunidade científica e também na realização de estudos e inquéritos aos investigadores e outros participantes do processo de publicação e disseminação dos resultados da investigação (Príncipe *et al.*, 2013, p. 175).

Nomeadamente, quanto aos projetos da Comissão Europeia no quadro do Horizon 2020, não se pode deixar de mencionar os projetos financiados pelo 7º Programa Quadro da União Europeia: *Open Access Infrastructure for Research in Europe* (OpenAIRE), OpenAIREplus e o *Mediterranean Open Access Network* (MedOANet).

Desenvolvido em um período de três anos (dezembro de 2009 a novembro de 2012), o OpenAIRE foi ampliado para o OpenAIREplus (com início em dezembro de 2011) com duração de dois anos e seis meses, surgido no contexto da “política de Acesso Aberto da União Europeia (UE), onde se exige aos investigadores a disponibilização em Acesso Aberto dos artigos que resultem de investigação financiada pela União Europeia” (Príncipe *et al.*, 2013, p. 175).

Sob a designação de projeto MedOANet, com duração de dois anos (início em dezembro de 2012), o objetivo era coordenar as políticas de acesso aberto nos países que compõem o Mediterrâneo, partícipes do projeto com vistas “a criação de novas políticas, estratégias e estruturas reunindo as condições necessárias que propiciem o aparecimento de novas iniciativas” (Príncipe *et al.*, 2013, p. 175).

Quanto ao Brasil, no âmbito do que foi discutido a partir da BOAI, de Bethesda e de Berlim, já mencionadas, a história do acesso aberto no país tem sua marca cronológica no ano de 2003 como ano do início de suas iniciativas e ações em prol do acesso aberto à informação científica, envidadas, sobretudo, pelo Ibict, por universidades e institutos de pesquisas brasileiros (Costa, Kuramoto, & Leite, 2013).

Foi durante a *International Conference on Electronic Publishing* (ELPUB), em sua sétima edição, realizada em Guimarães (Portugal) em 2003, que investigadores brasileiros, vinculados ao Ibict, às universidades e aos institutos de pesquisas, partícipes do evento, tiveram contato “com questões relacionadas ao movimento mundial de acesso aberto, particularmente com aquelas questões que envolvem tanto a Via Verde quanto a Via Dourada” (Costa, Kuramoto, & Leite, 2013, p. 135).

As discussões do referido evento, bem como as apresentações sobre o *Open Journal System* (OJS) e sobre a criação do Repositório *Institucional do Massachusetts Institute of Technology* (MIT) foram cruciais para o embasamento das iniciativas e ações brasileiras (Costa, Kuramoto, & Leite, 2013, p. 135).

Costa, Kuramoto e Leite sinalizam que o Brasil dispunha de iniciativas que podem ser consideradas na vanguarda do movimento de acesso aberto que foi o advento do SciELO em 1997, “embora anterior ao movimento, é o maior exemplo do país” (Costa, Kuramoto, & Leite, 2013, p. 138).

Ao longo dos anos o Brasil conta, segundo Alves (2008), com diversas manifestações em prol do movimento de acesso aberto, ressaltando: o Manifesto Brasileiro em Favor do Acesso Aberto lançado em setembro de 2005; a Declaração de Salvador lançada na mesma época durante a nona edição do Congresso Mundial de Informação em Saúde e Bibliotecas; a Carta de São Paulo lançada em dezembro de 2005; a Declaração de Florianópolis lançada em dezembro de 2005 pela Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (ANPEPP); e a Carta Aberta elaborada em 2006 durante a 58ª Reunião Anual da SBPC.

Além destas manifestações, Alves (2008) assinala a atuação do Ibict, do Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde, também conhecido pelo seu nome original Biblioteca Regional de Medicina (BIREME) e da ANPEPP como instituições de reconhecido papel para que o Brasil discuta e implemente ações nesse sentido.

Especificamente no tocante ao Ibict, instituto de pesquisa vinculado ao então Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), atual Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC), tão logo após o estabelecimento da Declaração de Berlim, foi convidado oficialmente, em 2003, a aderir ao movimento de acesso aberto. Assim, o Manifesto brasileiro de apoio ao Acesso Aberto à informação científica está totalmente pautado na Declaração de Berlim, objetivando se constituir em documento referencial para a Política Nacional de Acesso Aberto no Brasil (Costa, Kuramoto, & Leite, 2013).

O Ibict coordena as atividades de informação em C&T no Brasil com a missão de promover a competência, o desenvolvimento de recursos e a infraestrutura de informação em ciência e tecnologia para a produção, socialização e integração do conhecimento científico e tecnológico. O Ibict atua também na promoção da popularização da informação científica e tecnológica por meio da idealização de vários produtos e serviços.

Trata-se de uma instituição de referência em projetos voltados ao movimento do acesso aberto ao conhecimento. Tanto que na linha da evolução global do movimento de acesso aberto, o instituto lançou mão de ações de capacitação (destinada a bibliotecários e analistas de sistemas de informação de universidades e institutos de pesquisa, a editores de periódicos científicos, a gestores de repositórios de todo o país), tecnologia (adaptação, aperfeiçoamento e transferência de tecnologias para a construção da base tecnológica para instauração da Via Dourada e Via Verde), sistemas de informação (provedores de dados e provedores de serviços) e políticas para o estabelecimento das duas estratégias de acesso aberto, ou seja, a Via Dourada e a Via Verde (sensibilização e influência no comportamento de investigadores, governo, bibliotecas, universidades e institutos de pesquisa, agências de fomento e editores científicos) (Costa, Kuramoto, & Leite, 2013).

Neste contexto, o primeiro exemplo de compromisso com o movimento, por parte do Ibict, foi o lançamento da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) que utiliza modernas tecnologias de arquivos abertos e integra sistemas de informação de teses e dissertações de instituições de ensino superior (defendidas no âmbito dos programas de pós-graduação) e pesquisa brasileiras.

Outra iniciativa do Ibict é o Portal Brasileiro de Publicações Científicas em Acesso Aberto (OASISbr). O OASISbr é um portal que engloba os resultados de pesquisas brasileiras (livros, capítulos de livros, artigos, periódicos científicos, teses e dissertações, anais de congressos, trabalhos apresentados em eventos, dentre outros documentos com texto completo e gratuito) com atualização automática e constante, o que garante o crescimento do acervo, bem como a consulta e realização de *download* de mais de um milhão de publicações científicas em acesso aberto, sendo, portanto, considerado o maior repositório de acesso aberto da América Latina. O Oasisbr disponibiliza, também, as produções do Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal (RCAAP)<sup>116</sup> (Ibict, 2015).

---

<sup>116</sup> RCAAP engloba um conjunto de serviços tais como: o Portal RCAAP, o Serviço de Alojamento de Repositórios Institucionais (SARI), o Serviço de Alojamento de Revistas Científicas (SARC) e o Repositório Comum. O Portal RCAAP engloba os repositórios científicos de Acesso Aberto das instituições científicas e de ensino superior portuguesas, além de revistas científicas associadas à estas. O SARI é destinado às instituições que desejam ter o seu repositório. O SARC hospeda a plataforma de publicação das revistas científicas. O Repósito Comum é destinado aos investigadores vinculados às instituições do sistema científico português que não possuam seu próprio repositório institucional.

Uma síntese das ações do Ibiict em números no que se refere às estratégias de acesso aberto, Via Doutorada e Via Verde, revela que a instituição apoiou a construção de 50 repositórios institucionais e que o Brasil contabiliza a existência de mais de 1491 revistas científicas em acesso aberto, conforme dados obtidos em 06 de novembro de 2015 no *Ulrichs Periodical's Directory*<sup>117</sup>.

Lamentavelmente, as iniciativas descritas até aqui não foram suficientes para o estabelecimento de políticas públicas de informação dedicada à produção científica brasileira. Em 2007, de modo a consolidar o compromisso do país com o movimento de acesso aberto, foi apresentado ao Congresso Nacional o Projeto de Lei nº 1120/2007<sup>118</sup> que trazia determinações para uma política de acesso aberto à informação. Segundo Costa, Kuramoto e Leite (2013), “o *leitmotif* do projeto reside nos pressupostos da Declaração de Berlim, fundamentando, assim, a política nacional brasileira”.

Contudo, o Projeto de Lei foi arquivado pela Câmara dos Deputados em razão de nova legislatura, mesmo após ter tramitado com êxito em comissões do Congresso Nacional. O arquivamento deu origem à idealização de uma petição pública que solicitou o desarquivamento, porém a mesma não obteve êxito, porque o Projeto de Lei só poderá ser desarquivado por solicitação de seu proponente (Kuramoto, 2011; Freire, 2011), o que até então não ocorreu.

Atualmente, tramita na instância do Senado Federal, o Projeto de Lei 387/2011<sup>119</sup> com igual conteúdo do anterior que foi arquivado. Lamentavelmente, o Brasil ainda se encontra acéfalo de uma política nacional governamental em prol do acesso aberto.

O que se deduz é que no Brasil a expansão do Movimento Acesso Aberto ocorre mais por esforços à criação de infraestruturas tecnológicas e operacionais para disponibilização de ambiente padronizado de gestão da produção científica brasileira, “do que propriamente ações federais e/ou estaduais fornecendo o apoio político e legal necessário à sua efetiva consolidação” (Ferreira, 2014, p. 197).

---

<sup>117</sup> Filtro de busca: acesso aberto, brasil, corrente, journal.

<sup>118</sup> Disponível em: <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=352237>. Acesso em 20 maio 2016.

<sup>119</sup> Disponível em: <http://www.camara.gov.br/sileg/integras/461698.pdf>. Acesso em 20 maio 2016.

No âmbito das IES e de pesquisa esta realidade é diferente. Tem-se conhecimento da elaboração e aprovação de políticas institucionais para o acesso aberto por parte destas, apesar de ainda serem poucas, sendo as políticas idealizadas com base nas determinações da Declaração de Berlim e do Manifesto Brasileiro.

Ferreira chama a atenção para os desafios enfrentados pelas universidades brasileiras na implementação do acesso aberto e elenca questões como:

a falta de políticas públicas de informação, desconhecimento dos autores sobre as questões envolvidas no tema dos direitos autorais legais e patrimoniais, pressão no processo de avaliação de produtividade pelos organismos federais ainda pautada fundamentalmente em revistas internacionais com alto fator de impacto, necessidade de intensa capacitação de equipes de informação para atuar em novo paradigma, exigência de perfis interdisciplinares inclusive com advogados habilitados e conhecedores do entorno da produção e aquisição de conhecimento científico, entre outros (Ferreira, 2014, p. 207).

Certamente, as iniciativas e ações em prol do acesso aberto precisam contar com o estabelecimento de políticas de acesso aberto nas instituições<sup>120</sup> por meio de documentos culminantes do reconhecimento da importância das estratégias da Via Verde e da Via Dourada para o compartilhamento e visibilidade da produção científica de seus investigadores (Amante, 2013; Carvalho, Moreira, & Saraiva, 2013; Ribeiro & Fernandes, 2013).

O acesso aberto traz uma reconhecida e decisiva colaboração para o avanço da pesquisa científica e para a sociedade, além de inserir os países em um sistema global de ciência com fins ao desenvolvimento econômico e social.

Nomeadamente, no cenário luso-brasileiro, em 2009, Brasil e Portugal firmaram cooperação por meio do Memorando de Entendimento entre MCTI e o Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, respectivamente de cada país, em que se procedeu a agregação da produção científica brasileira (teses, dissertações e demais produções) disponibilizada nos repositórios brasileiros.

---

<sup>120</sup> No Brasil, a título de exemplo, tem-se a política institucional da USP e a política de acesso aberto da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ) (deu origem ao Repositório Institucional Arca, Portal de Periódicos da FIOCRUZ, SciELO livros, newsgame sobre acesso aberto). Em Portugal, tem-se a criação da Política de Acesso Aberto da Universidade do Minho, do Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE) e da Universidade do Porto.

A partir disso, desde 2010 os dois países vêm realizando a Conferência Luso-Brasileira sobre Acesso Aberto (ConfOA) evento que acontece alternadamente a cada ano no Brasil e em Portugal. No Quadro 10 são descritas as edições do evento:

**Quadro 10** – Cronologia de realização da ConfOA

<b>Ano</b>	<b>Edições da ConfOA</b>	<b>País</b>	<b>Local</b>
2010	1ª ConfOA	Portugal	Braga
2011	2ª ConfOA	Brasil	Rio de Janeiro
2012	3ª ConfOA	Portugal	Lisboa
2013	4ª ConfOA	Brasil	São Paulo
2014	5ª ConfOA	Portugal	Coimbra
2015	6ª ConfOA	Brasil	Salvador
2016	7ª ConfOA	Portugal	Viseu
2017	8ª ConfOA	Brasil	Rio de Janeiro

Fonte: Autoria própria com base nas *homepages* da ConfOA

A ConfOA tem como objetivo promover o compartilhamento, a discussão, a produção e divulgação de conhecimentos, práticas e pesquisa sobre o acesso aberto em todas as suas dimensões e perspectivas, propiciando a disseminação de políticas, investigação e desenvolvimento na área.

A conferência reúne a comunidade luso-brasileira, com abertura internacional, que desenvolvem atividades (investigação, desenvolvimento, gestão de serviços e definição de políticas) relacionadas com o acesso aberto ao conhecimento, por meio de periódicos científicos de acesso aberto e de repositórios em instituições de investigação e de ensino superior.

Quanto às iniciativas e ações luso-brasileiras em prol do acesso aberto, a conclusão a que se chega é que Portugal mantém sua adesão ao movimento de acesso aberto pelo estabelecimento e consolidação de repositórios institucionais<sup>121</sup>. Já o Brasil, apesar de promover repositórios institucionais em universidades e institutos de pesquisa, tem reconhecida adesão, mais expressivamente, ao estabelecimento e consolidação de periódicos científicos de acesso aberto.

<sup>121</sup> A Universidade do Minho (UM) é considerada uma das instituições pioneiras no contexto dos repositórios institucionais em Portugal desde 2003 (ano em que apresentou à sua comunidade acadêmica o RepositoriUM) e também no contexto das políticas de acesso aberto em fins do ano de 2004. Outras iniciativas que merecem destaque: *Scientific Eletronic Library Online* (SciELO) Portugal, Biblioteca do Conhecimento Online (B-On), Repositório do ISCTE, Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal (RCAAP), conforme Rodrigues e Saraiva (2013) e Rodrigues (2014).

À guisa de síntese, o movimento de acesso aberto se configura como um amadurecimento da comunicação científica em que comungam atores individuais e institucionais em prol da disseminação e da visibilidade de sua produção científica em acesso aberto para evolução das áreas científicas. O movimento de acesso aberto se constitui como o acontecimento “mais interessante e talvez importante de nossa época no que se refere à comunicação científica”, pois ele é representativo da “mudança provocada no sistema tradicional e profundamente arraigado de comunicação do conhecimento científico” (Mueller, 2006, p. 27).



**CAPÍTULO 5**

**PERFIL DOS  
DOCENTES/PESQUISADORES  
DA PÓS-GRADUAÇÃO EM  
MUSEOLOGIA**

---



A Museologia é uma área acadêmica institucionalizada no Brasil. Esta assertiva encontra base na existência de ambientes de pesquisa e de formação de pesquisadores na área, bem como pela existência de produção científica e do reconhecimento da área da Museologia pelo espaço acadêmico e pelas agências brasileiras de financiamento.

Dessa forma, suscita uma agenda de reflexões sobre as perspectivas da área, sobre o percurso já trilhado e o que ainda precisa ser consolidado, dentre outras questões. Para isto, cumpre caracterizar quem são na atualidade os pesquisadores brasileiros da área da Museologia, onde atuam e a que temas se dedicam.

Assim, percorrendo uma história recente da Museologia, neste primeiro capítulo dedicado à análise e descrição dos resultados, busca-se compreender quem são os docentes/pesquisadores brasileiros vinculados aos programas de pós-graduação *stricto sensu* em Museologia, com estrita atenção para os que compõem o quadro de docentes permanentes dos programas.

Conforme descrito no *Desenho metodológico* desta tese, constante da *Introdução*, o quadro de docentes/pesquisadores permanentes dos programas é composto por 37 (100%) docentes/pesquisadores. O detalhamento deste total por programa de pós-graduação *stricto sensu* em Museologia consta da Tabela 4:

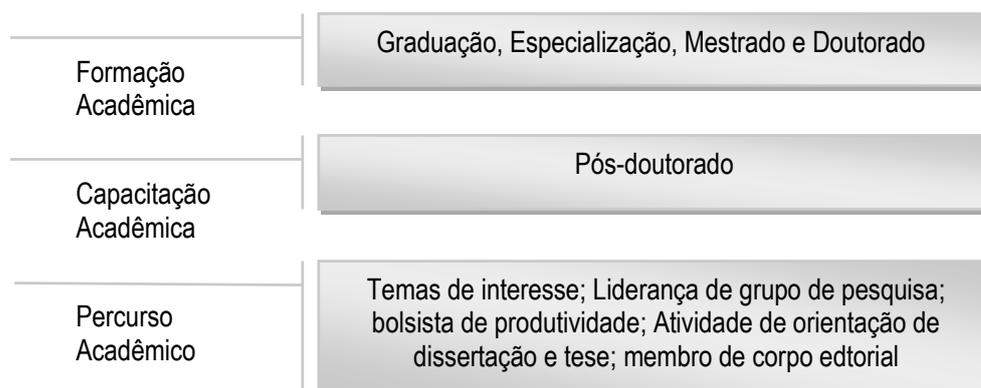
**Tabela 4** - Quantidade de docentes/pesquisadores permanentes por Programa

<b>Programas</b>	<b>Instituição</b>	<b>Quantidade de Docentes Permanentes</b>	<b>%</b>
Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio	Unirio/MAST	16	43%
Programa de Pós-Graduação em Museologia	UFBA	11	30%
Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia	USP	10	27%
<b>Total</b>		<b>37</b>	<b>100%</b>

Fonte: Formulário enviado às coordenações dos programas e consulta à *homepage* dos mesmos

Em sequência apresentam-se os resultados que viabilizaram delinear o perfil acadêmico do grupo investigado, de acordo com as categorias de análise definidas e o que as mesmas englobam (i.e subcategorias), conforme apresentado na Figura 8:

**Figura 8** - Categorias e subcategorias de análise do perfil acadêmico dos docentes/pesquisadores



Fonte: Autoria própria

Começa-se, portanto, pela categoria *Formação Acadêmica* que, além de descrever os cursos de Graduação, Especialização, Mestrado e Doutorado, também apresenta as instituições em que os mesmos foram realizados. Avança-se para a categoria *Capacitação Acadêmica* que contempla a área em que os docentes/pesquisadores realizaram o estágio pós-doutoral e, finalmente, para a categoria *Percurso Acadêmico* que engloba as subcategorias *Temas de interesse*, *Liderança de grupos de pesquisa*, *Bolsista de produtividade*, *Atividade de orientação de dissertação e tese* e o rol de periódicos científicos em que o grupo investigado é *Membro do corpo editorial*.

## 5.1 Formação acadêmica/Titulação

Acerca da categoria *Formação acadêmica/titulação* do grupo investigado, apresentados anteriormente, levantou-se a formação em nível de graduação, especialização, mestrado e doutorado.

### 5.1.1 Nível de Graduação

Os dados obtidos acerca da formação dos docentes/pesquisadores em nível de graduação revelou um quadro bastante diversificado, o qual compreendeu sete áreas de conhecimento. Em consonância com a Tabela de Áreas da CAPES, verificou-se na formação graduada o predomínio das Ciências Sociais Aplicadas (43%), seguida das

Ciências Humanas (33%), observando-se, ainda, ocorrência da área de Linguística, Letras e Artes e Ciências (9%), Ciências Biológicas (9%) e, também, as Ciências Exatas e da Terra (2%), Engenharias (2%) e Outros (2%).

Identificou-se que a formação graduada do grupo investigado é composta por 43 cursos de graduação, isso porque cinco (13%) docentes/pesquisadores realizaram mais de um curso de graduação. Algo que se aplica a três docentes/pesquisadores do PPG-PMUS UNIRIO/MAST e dois do PPGMuseu UFBA.

Os cursos de graduação identificados seguem detalhados na Tabela 5 obedecendo a nomenclatura registrada pelos docentes/pesquisadores no Currículo Lattes:

**Tabela 5** - Formação graduada dos docentes/pesquisadores

<b>GRADUAÇÃO</b>	<b>PPG-PMUS UNIRIO/MAST</b>	<b>PPGMUS USP</b>	<b>PPGMuseu UFBA</b>	<b>TOTAL</b>
Museologia	8		6	14
História	1	4	3	8
Ciências Biológicas	2	1		3
Arquitetura e Urbanismo		1	1	2
Geografia	1	1		2
Ciências	1			1
Ciências Sociais	1			1
Comunicação Social			1	1
Direito		1		1
Educação Artística		1		1
Engenharia Metalúrgica e de Materiais	1			1
Geologia	1			1
Letras	1			1
Letras Vernáculas com Francês			1	1
Pedagogia			1	1
Pintura	1			1
Psicologia		1		1
Sociologia e Política	1			1
Teologia			1	1
<b>Total</b>	<b>19</b>	<b>10</b>	<b>14</b>	<b>43</b>

Fonte: Dados da pesquisa (2016) - elaboração a partir das informações contidas no Currículo Lattes

Constatou-se que a formação graduada em Museologia aparece com maior incidência, 14 (38%) casos. Em seguida aparece a formação em História com oito (22%) ocorrências.

O PPG-PMUS UNIRIO/MAST é o programa com maior número de docentes/pesquisadores com graduação em Museologia. Do total de

docentes/pesquisadores do programa que totaliza 16 docentes, oito possuem graduação em Museologia. Do total de oito docentes/pesquisadores do referido programa, dois foram formados pelo MHN e os demais pela UNIRIO, instituição herdeira do Curso de Museus do MHN.

O PPGMuseu UFBA conta com seis docentes/pesquisadores graduados em Museologia, todos formados pelo segundo curso criado na área da Museologia no Brasil, o Curso de Graduação em Museologia da UFBA.

Diferentemente do PPG-PMUS UNIRIO/MAST e do PPGMuseu UFBA, o PPGMus USP não computa em seu quadro docente/pesquisador com graduação em Museologia. Algo que encontra explicação no fato de não existir em São Paulo curso de graduação em Museologia até a primeira década do século XXI. Somente a partir de 2011 é instalado o primeiro curso de graduação em Museologia na FAECA DOM BOSCO, instituição privada. Anos mais tarde, precisamente em 2014, outra instituição privada, a UNICASTELO, passou a ofertar o curso.

A explicação anteriormente dada pode reforçar a constatação de que o PPGMus USP é o programa que apresenta o maior número de docentes/pesquisadores com formação graduada em História pela própria USP.

Ao analisar a formação graduada dos docentes/pesquisadores, observou-se que a maioria, 26 (70%) docentes/pesquisadores realizou o curso de graduação em instituições públicas de ensino superior do Brasil e que seis (16%) docentes/pesquisadores realizaram o curso em instituições privadas.

Os demais docentes/pesquisadores, os quais possuem mais de um curso de graduação, o realizaram em instituições públicas e privadas, correspondente a quatro docentes/pesquisadores. Embora se tenha mencionado cinco (14%) docentes/pesquisadores com mais de uma graduação, esclarece-se que a diferença está na situação de que um dos docentes/pesquisadores cursou as duas graduações em universidades públicas.

Na Tabela 6 são listadas as instituições em que os docentes/pesquisadores cursaram a graduação:

**Tabela 6** - Instituições em que os docentes/pesquisadores realizaram os cursos de graduação

<b>INSTITUIÇÕES</b>	<b>PPG-PMUS UNIRIO/MAST</b>	<b>PPGMUS USP</b>	<b>PPGMuseu UFBA</b>	<b>TOTAL</b>
Universidade Federal da Bahia			9	9
Universidade Federal do Rio de Janeiro	3	2		5
Universidade do Estado do Rio de Janeiro	4			4
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro	4			4
Universidade de São Paulo		4		4
Universidade Católica de Salvador			3	3
Museu Histórico Nacional	2			2
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro	2			2
Universidade Federal do Pará	2			2
Faculdade de Belas Artes de São Paulo		1		1
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo			1	1
Pontifícia Universidade Lateranense			1	1
Universidade Católica de Santos		1		1
Universidade de Sorocaba		1		1
Universidade do Estácio de Sá	1			1
Universidade Estadual de Campinas		1		1
Universidade Federal Fluminense			1	1
<b>Total</b>	<b>18</b>	<b>10</b>	<b>15</b>	<b>43</b>

Fonte: Dados da pesquisa (2016) - elaboração a partir das informações contidas no Currículo Lattes

Conforme exposto na Tabela 6, apenas um curso de graduação foi realizado em instituição de ensino no exterior. No caso corresponde a um docente/pesquisador vinculado ao PPGMuseu UFBA que cursou a graduação em Teologia pela Pontifícia Universidade Lateranense (PUCLATERANUM) na Itália.

O cenário da realização de cursos de graduação, quase em sua totalidade no Brasil, permite concluir que a formação graduada do grupo investigado é uma formação local.

### 5.1.2 Nível de Especialização

No que se refere à formação em nível de especialização, constatou-se que 13 (35%) docentes/pesquisadores possuem título de especialista obtido por meio da realização de 20 cursos de especialização identificados.

A descrição dos cursos obedecendo a nomenclatura registrada no Currículo Lattes e a incidência de cada um deles compõem a Tabela 7:

**Tabela 7** - Formação especializada dos docentes/pesquisadores

ESPECIALIZAÇÃO	PPG-PMUS UNIRIO/MAST	PPGMUS USP	PPGMuseu UFBA	TOTAL
Museologia		2		2
Ação Educativa e Cultural em Museus	1			1
<i>Assesment and Management of Enviromental</i>	1			1
Conservação e Restauração de Monumentos e Conjunto			1	1
Cultura e Arte Barroca			1	1
Diálogos entre História e História da Ciência	1			1
Docência no Ensino Fundamental e Médio	1			1
História da Arte e Arquitetura no Brasil	1			1
Linguística Aplicada do Ensino do Português	1			1
Marketing	1			1
Médio de Francês I e II			1	1
Metodologia do Ensino Superior			1	1
Museologia – A conservação museológico Museu de Arte		1		1
Museologia – Museus de Indústria, Ciência e Técnica		1		1
Museologia Avançada			1	1
Museologia, Curadoria Museológica e Pequenos Museus		1		1
O Público em Ação Cultural			1	1
Orgnização de Arquivos			1	1
Pré-História		1		1
<b>Total</b>	<b>7</b>	<b>6</b>	<b>7</b>	<b>20</b>

Fonte: Dados da pesquisa (2016) - elaboração a partir das informações contidas no Currículo Lattes

Com base nos dados, observou-se que os docentes/pesquisadores dos três programas detém curso de especialização em Museologia ou especialização dentro do escopo de atuação da área.

A Tabela 8 apresenta as instituições em que os docentes/pesquisadores cursaram a especialização:

**Tabela 8** - Instituições em que os docentes/pesquisadores realizaram os cursos de especialização

INSTITUIÇÕES	PPG-PMUS UNIRIO/MAST	PPGMUS USP	PPGMuseu UFBA	TOTAL
Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo		5	1	6
Universidade de São Paulo		1	2	3
Centro Interamericano de Capacitación Turística	1			1
Fundação Getúlio Vargas	1			1
<i>Ghent University</i>	1			1
Instituto Católico de Paris			1	1
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro	1			1
UniverCidade	1			1
Universidade Cândido Mendes	1			1
Universidade Católica de Salvador			1	1
Universidade do Estado do Rio de Janeiro	1			1
Universidade Federal da Bahia			1	1
Universidade Federal de Ouro Preto			1	1
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro	1			1
Universidade Federal do Pará	1			1
<b>Total</b>	<b>9</b>	<b>6</b>	<b>7</b>	<b>22</b>

Fonte: Dados da pesquisa (2016) - elaboração a partir das informações contidas no Currículo Lattes

Pelos dados compilados na Tabela 8, identificou-se que os cursos de especialização foram realizados em 22 instituições. Destas, a maioria é do Brasil e apenas três são instituições estrangeiras com sede na Bélgica, na Espanha e na França.

Constatou-se grande incidência de curso de especialização realizado na FESPSP, instituição sede do primeiro curso *lato sensu* em Museologia, fundado por Waldisa Rússio, já comentado no Capítulo 2 desta tese.

Os docentes/pesquisadores investigados, precisamente os egressos do referido curso e com investigação orientada pela fundadora do curso, Waldisa Rússio, são, portanto, memórias vivas do pioneirismo e do esforço de Rússio na construção da área da Museologia em seus aspectos técnicos e conceituais, na época. Tanto que uma das egressas do curso de especialização encabeçou uma coletânea publicada em dois volumes dedicada à obra de Waldisa Rússio (Bruno, Araújo, & Coutinho, 2010). A notável Waldisa Rússio, além de preconizar a formação especializada em Museologia

no Brasil, compôs o grupo responsável por regulamentar a profissão de museólogo<sup>122</sup> e, mais tarde, o grupo que criou o Conselho Regional de Museologia de São Paulo<sup>123</sup>.

### 5.1.3 Nível de Mestrado

No tocante à formação em nível de mestrado, identificou-se, assim como na graduação, diversidade, mas também, em áreas correlatas como Memória Social, História, Ciência da Informação, dentre outras, além de áreas transversais.

Assim, identificou-se que 34 (92%) docentes/pesquisadores realizaram curso de mestrado. Os demais, três (8%) docentes/pesquisadores, não realizaram curso de mestrado, portanto, realizando após a graduação o doutorado direto.

Em seguida, na Tabela 9, descrevem-se os cursos de mestrado realizados pelos docentes/pesquisadores, conforme a nomenclatura registrada no Currículo Lattes:

---

<sup>122</sup> A profissão de Museólogo é regulamentada pela Lei 7.287 de 18 de dezembro de 1984. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L7287.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L7287.htm). Acesso em: 10 set. 2016.

<sup>123</sup> O quadro atual de Conselho Regional de Museologia (COREM) é o seguinte: COREM - 1ª Região (Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Sergipe), COREM - 2ª Região (Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo), COREM - 3ª Região (Rio Grande do Sul), COREM - 4ª Região (São Paulo, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás e Distrito Federal) e COREM - 5ª Região (Paraná e Santa Catarina). Disponível em: <http://cofem.org.br/aceso-a-informacao/>. Acesso em: 10 set. 2016.

**Tabela 9** - Titulação dos docentes/pesquisadores em nível de Mestrado

MESTRADO	PPG-PMUS UNIRIO/MAST	PPGMUS USP	PPGMuseu UFBA	TOTAL
Artes Visuais	2		2	4
Educação	3		1	4
História Social		3		3
Memória Social	3			3
Ciência da Informação	1		1	2
História		1	1	2
Antropologia	1			1
Arqueologia		1		1
Arquitetura e Urbanismo			1	1
Artes		1		1
Ciências Biológicas		1		1
Ciências da Comunicação		1		1
Ciências Sociais			1	1
Comunicação	1			1
Comunicação e Cultura Contemporânea			1	1
Engenharia Metalúrgica e de Materiais	1			1
Geologia	1			1
História e Crítica da Arte	1			1
Linguística	1			1
<i>Museologie et Mediation Culturelle Dea</i>			1	1
<i>Museums and Galleries Management</i>		1		1
Psicologia Social		1		1
Sociologia e Antropologia	1			1
Teologia dogmática			1	1
<b>Total</b>	<b>16</b>	<b>10</b>	<b>10</b>	<b>36</b>

Fonte: Dados da pesquisa (2016) - elaboração a partir das informações contidas no Currículo Lattes

Os dados condensados na Tabela 9 permitem observar que apenas dois (5%) docentes/pesquisadores possuem mestrado na área da Museologia. Trata-se dos cursos de mestrado sob a denominação de *Museums and Galleries Management* e *Museologie et Mediation Culturelle Dea*.

Constatou-se, ainda, que do universo de 37 docentes/pesquisadores, apenas um (3%) deles, pertencente ao PPGMus USP, realizou dois cursos de mestrado, sendo o primeiro em Psicologia Social e o segundo em *Museums and Galleries Management*, já mencionado em parágrafo anterior.

No que respeita à instituição em que os docentes/pesquisadores cursaram o mestrado, observou-se que 31 (84%) deles se titularam em IES públicas e privadas do Brasil.

Já os que realizaram os cursos de mestrado no exterior somam três (8%) docentes/pesquisadores sendo identificadas as seguintes instituições: Pontifícia Universidade Gregoriana (Itália), a *Université Dávignon* (França) e a *The City University* (Inglaterra).

Seguem descritas na Tabela 10 as instituições em que os docentes/pesquisadores realizaram os cursos de mestrado:

**Tabela 10** – Instituições em que os docentes/pesquisadores realizaram os cursos de mestrado

INSTITUIÇÕES	PPG-PMUS UNIRIO/MAST	PPGMUS USP	PPGMuseu UFBA	TOTAL
Universidade Federal do Rio de Janeiro	8	1		9
Universidade de São Paulo		6		6
Universidade Federal da Bahia			6	6
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro	3			3
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro	2			2
Universidade Estadual de Campinas	1	1		2
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo			1	1
Pontifícia Universidade Gregoriana			1	1
<i>The City University</i>		1		1
Universidade de Brasília	1			1
Universidade Federal Fluminense	1			1
<i>Université D'Avignon</i>			1	1
<b>Total</b>	16	9	9	34

Fonte: Dados da pesquisa (2016) - elaboração a partir das informações contidas no Currículo Lattes

Observou-se que três (8%) docentes/pesquisadores não realizaram curso de mestrado, pois seguiram para o doutorado direto. A modalidade de doutorado direto é oferecida por alguns programas de pós-graduação do Brasil em que o interessado, possuidor de formação graduada, pleiteia ingresso no doutorado direto diante de reconhecidos currículo e produção intelectual.

Trata-se de uma modalidade que, geralmente, atinge os que já atuam na docência e na pesquisa. Assim, o interessado na modalidade de doutorado direto deve apresentar uma proposta de pesquisa que terá o mérito julgado por meio de análise da maturidade da proposta apresentada, além do histórico escolar (Brocksom & Andrade, 1997).

#### 5.1.4 Nível de Doutorado

Os 37 docentes/pesquisadores dos programas de pós-graduação *stricto sensu* em Museologia são detentores do título de Doutor.

Ora bem, esta titulação é requisito básico para vinculação a qualquer programa de pós-graduação *stricto sensu* no Brasil com vistas a atuar em quaisquer das categorias de vinculação docente (permanente, colaborador ou visitante).

O quadro dos cursos de doutorado apresenta diversidade de áreas de formação. Foram identificadas 23 áreas científicas, conforme consta da Tabela 11, seguindo a nomenclatura registrada pelos docentes/pesquisadores no Currículo Lattes:

**Tabela 11** - Titulação dos docentes/pesquisadores em nível de Doutorado

<b>DOCTORADO</b>	<b>PPG-PMUS UNIRIO/MAST</b>	<b>PPGMUS USP</b>	<b>PPGMuseu UFBA</b>	<b>TOTAL</b>
Artes Visuais	3			3
Ciências Sociais	3			3
Educação	2		1	3
Arqueologia		2		2
Arquitetura e Urbanismo		2		2
Ciência da Informação	2			2
Ciências da Comunicação		1	1	2
Comunicação e Cultura Contemporânea			2	2
História			2	2
História da Arte			2	2
História Social		2		2
Artes		1		1
Ciências Biológicas		1		1
Comunicação	1			1
Engenharia Metalúrgica e de Materiais	1			1
Ensino e História de Ciências da Terra	1			1
Estudos Contemporâneos			1	1
Geociências	1			1
História das Ciências	1			1
Linguística	1			1
Psicologia Social		1		1
Sociologia			1	1
Teologia			1	1
<b>Total</b>	<b>16</b>	<b>10</b>	<b>11</b>	<b>37</b>

Fonte: Dados da pesquisa (2016) - elaboração a partir das informações contidas no Currículo Lattes

Uma outra constatação acerca do grupo investigado é que sete docentes/pesquisadores têm a mesma formação em área científica na graduação, no

mestrado e no doutorado. Este panorama está distribuído da seguinte forma: três docentes/pesquisadores do PPGPMUS UNIRIO (Engenharia Metalúrgica e de Materiais; Ciências Sociais; Letras), dois do PPGMus USP (Ciências Biológicas; Psicologia); e dois do PPGMuseu UFBA (Educação; Teologia).

No que concerne as áreas, obteve-se maioria das Ciências Humanas (44%), seguidas das áreas das Engenharias, Ciências Exatas e da Terra, Letras, Linguística e Artes e Ciências Biológicas, com 14%, cada.

Centrando-se ao local em que os docentes/pesquisadores se titularam, constatou-se que 32 (86%) docentes/pesquisadores realizaram o doutorado em instituições do Brasil, enquanto cinco (14%) se doutoraram em instituições do exterior.

A Tabela 12 contém as instituições do Brasil e do exterior em que os docentes/pesquisadores se titularam.

**Tabela 12** - Instituições em que os docentes/pesquisadores realizaram os cursos de doutorado

INSTITUIÇÕES	PPG-PMUS UNIRIO/MAST	PPGMUS USP	PPGMuseu UFBA	TOTAL
Universidade de São Paulo		10	1	11
Universidade Federal do Rio de Janeiro	6			6
Universidade Federal da Bahia			4	4
Universidade Estadual de Campinas	3			3
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	1		1	2
Universidade do Porto			2	2
Universidade Federal Fluminense	2			2
Fundação Oswaldo Cruz	1			1
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro	1			1
Pontifícia Universidade Gregoriana			1	1
Universidade de Coimbra			1	1
Universidade do Estado do Rio de Janeiro	1			1
Universidade Federal do Rio Grande do Sul	1			1
<i>Université du Québec à Montréal</i>			1	1
<b>Total</b>	16	10	11	37

Fonte: Dados da pesquisa (2016) - elaboração a partir das informações contidas no Currículo Lattes

No caso da realização do doutorado no Brasil, observou-se que a USP, a UFRJ e a UFBA são as instituições com maior incidência, inclusive os docentes/pesquisadores do PPGPMus USP são em sua totalidade doutores pela USP.

As IFES da região Sudeste concentram o maior número de docentes/pesquisadores titulados, 19 (51%), com exceção da UFBA, localizada na

região nordeste do país, com quatro (11%) titulações pela instituição. Identificaram-se, também, instituições de ensino superior estaduais que concentram quatro (11%) das titulações obtidas, com destaque para a UNICAMP, localizada em Campinas, São Paulo.

Particularmente no contexto de titulação obtida em universidades privadas do Brasil, que somam três docentes/pesquisadores, constatou-se que um (3%) docente/pesquisador se titulou pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC/RJ) e que dois (5%) docentes/pesquisadores se titularam pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP)

Entre as universidades estrangeiras em que os docentes/pesquisadores se titularam, destaca-se a Universidade do Porto (UP). A UP titulou em História da Arte dois (5%) docentes/pesquisadores, seguida da Universidade de Coimbra (UC), da *Université du Québec à Montreal* e da Pontifícia Universidade Gregoriana (PUG) que titularam um (3%) docente/pesquisador, cada, no caso em Estudos Contemporâneos, Sociologia e Teologia, respectivamente. Todos estes docentes titulados em universidades estrangeiras são do PPGMuseu UFBA.

## 5.2 Capacitação acadêmica

Com relação à categoria *Capacitação acadêmica*, levantou-se a capacitação do grupo investigado em termos de realização de estágio de pós-doutoramento.

Na senda da capacitação acadêmica dos docentes/pesquisadores via estágio pós-doutoral, cumpre esclarecer que esta consiste da realização de um estágio de pesquisa para o aprimoramento de competências e para a necessidade de reciclagem e atualização de qualquer docente/pesquisador. Aliado a isto, pressupõe que haja benefícios, também, para o programa de pós-graduação a que o docente/pesquisador está vinculado, já que se trata de uma modalidade de capacitação inserida no âmbito da pós-graduação .

Nesse sentido, um estudo que avaliou os resultados da capacitação docente via estágio pós-doutoral por meio da produção científica e bibliográfica, reforça que o pós-doutorado surge no cenário da pós-graduação como uma modalidade de capacitação a mais na carreira acadêmica, advertindo que, considerando o escalonamento vigente da

carreira docente, esta tem seu ponto máximo de exigência no título de doutorado (Calvosa, Repossi & Castro, 2011).

Nessa linha de capacitação acadêmica e educação continuada, faz-se menção ao Programa Nacional de Pós-Doutorado (PNPD)<sup>124</sup>, instituído pela CAPES em 2013 que, por meio de concessão institucional, financia estágios pós-doutorais em programas de pós-graduação *stricto sensu* recomendados pela CAPES.

O PNPD tem como finalidades promover a realização de estudos de alto nível ou excelência; reforçar os grupos de pesquisa nacionais; renovar os quadros dos programas de pós-graduação nas instituições de ensino superior e pesquisa; e, possibilitar a incursão de pesquisadores brasileiros e estrangeiros em estágio pós-doutoral, fomentando seu envolvimento em projetos de pesquisa desenvolvidos pelos programas de pós-graduação no país. O PNPD reforça a importância da educação continuada para a comunidade acadêmica, determinante para a excelência em quaisquer áreas de conhecimento (CAPES, 2016).

Desta forma, buscou-se identificar em quais dos programas existem docentes/pesquisadores com pós-doutorado. Obteve-se, portanto, que 15 (40%) docentes/pesquisadores realizaram estágio pós-doutoral. Este quadro se encontra distribuído da seguinte forma:

- O PPGMuseu UFBA tem em seu quadro oito (22%) docentes/pesquisadores com pós-doutorado;
- O PPG-PMUS UNIRIO/MAST tem em seu quadro cinco (13%) docentes/pesquisadores com pós-doutorado; e
- O PPGMus USP conta em seu quadro com dois (5%) docentes/pesquisadores com pós-doutorado.

Dentre os 15 docentes/pesquisadores que realizaram estágio pós-doutoral, evidenciou-se que dois docentes/pesquisadores realizaram mais de um pós-doutorado. Assim, chegou a um total de 19 estágios pós-doutorais.

---

<sup>124</sup> Portaria nº 086 de 03 de julho de 2013. Regulamento do PNPD se encontra disponível em: [http://www.capes.gov.br/images/stories/download/legislacao/Portaria\\_86\\_2013\\_Regulamento\\_PNPD.pdf](http://www.capes.gov.br/images/stories/download/legislacao/Portaria_86_2013_Regulamento_PNPD.pdf). Acesso em: 20 jan. 2017.

Enfocando-se a área em que os docentes/pesquisadores realizaram o estágio pós-doutoral, elaborou-se a Tabela 13 que apresenta os dados contemplando a Grande área, a área específica, a subárea e a especialidade conforme registro dos próprios docentes/pesquisadores no Currículo Lattes, seguindo a classificação da CAPES:

**Tabela 13** - Área de realização do pós-doutorado

<b>GRANDE ÁREA – ÁREA - SUBÁREA-ESPECIALIDADE</b>	<b>PPG-PMUS UNIRIO/MAST</b>	<b>PPGMUS USP</b>	<b>PPGMuseu UFBA</b>	<b>TOTAL</b>
Ciências Sociais Aplicadas – Museologia		4	2	6
Ciências Humanas. História	2	1	2	5
Ciências Humanas - Antropologia	1			1
Ciências Humanas - Sociologia	1			1
Ciências Humanas. Educação	1			1
Ciências Sociais Aplicadas – Ciência da Informação	1			1
Ciências Sociais Aplicadas – Comunicação – Comunicação Visual - Cibercultura			1	1
Linguística, Letras e Artes – Letras Clássicas			1	1
Não especificou			2	2
<b>Total</b>	<b>6</b>	<b>5</b>	<b>8</b>	<b>19</b>

Fonte: Dados da pesquisa (2016) - elaboração a partir das informações contidas no Currículo Lattes e consulta à Tabela de áreas da CAPES

Ao se considerar de forma específica a área em si, independentemente da grande área, nota-se que a área da Museologia foi a mais procurada para efeito de realização do estágio pós-doutoral, portanto, com maior incidência. Em seguida aparece a área da História. Além destas, incidiram outras áreas do conhecimento como Ciência da Informação, Educação, Sociologia, Antropologia, Letras, Ciências Sociais e Comunicação.

Do total de 19 pós-doutorados, observou-se que sete (37%) pós-doutorados foram subsidiados com concessão de bolsas de estudo obtidas da CAPES, do CNPq, da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e, também, da agência portuguesa Fundação de Ciência e Tecnologia (FCT). Em termos quantitativos, foi a FAPESP a agência que mais concedeu bolsas com total de quatro (58%). As demais agências subsidiaram um (14%) pós-doutorado cada.

Em termos de local de realização do pós-doutorado, cotejando o total de 19 pós-doutorados, constatou-se o predomínio de sua realização em instituições estrangeiras

que somam 11 (58%) pós-doutorados, seguido da realização no Brasil, que abarcou oito (42%) pós-doutorados. Este cenário é apresentado na Tabela 14:

**Tabela 14** - Instituições de realização do pós-doutorado

INSTITUIÇÕES	PPG-PMUS UNIRIO/MAST	PPGMUS USP	PPGMuseu UFBA	TOTAL
Universidade do Estado do Rio de Janeiro	2			2
Universidade Federal do Rio de Janeiro			2	2
Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia			2	2
<i>Musée Dauphinois</i>		1		1
<i>Musée de Bretagne</i>		1		1
<i>Musée de l'Homme</i>		1		1
Museu Histórico de Londrina		1		1
Museu Paulista			1	1
Universidade de Aveiro			1	1
Universidade de Coimbra	1			1
Universidade de Varsóvia	1			1
Universidade do Minho			1	1
Universidade Federal de Goiás/ <i>Universidad del Nortel Université Perpignan</i>			1	1
Universidade Federal do Rio de Janeiro/ Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia	1			1
<i>Université Paris-Sorbonne</i>		1		1
<i>University of California</i>	1			1
<b>Total</b>	<b>6</b>	<b>5</b>	<b>8</b>	<b>19</b>

Fonte: Dados da pesquisa (2016) - elaboração a partir das informações contidas no Currículo Lattes

A despeito da realização de pós-doutorado no exterior, é fato que esta oportuniza a interação e a convivência com pesquisadores internacionais de alto nível cientificamente, além de inserção em redes internacionais (Velho, 2001).

Nesse contexto de realização de pós-doutorado no exterior, no caso do grupo investigado, Portugal é o país predominante na realização do pós-doutorado. Acredita-se que isto se deve à facilidade da língua e, também, pela tradição das universidades portuguesas. Apesar de países como a França, os Estados Unidos e a Polônia terem incidência, é Portugal que representa sozinho 26% dos estágios de pós-doutorado. No caso em tela, foram realizados estágios pós-doutorais na Universidade de Coimbra

(UC)<sup>125</sup>, na Universidade de Aveiro (UA), na Universidade do Minho (UM) e na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT)<sup>126</sup>.

### 5.3 Percurso acadêmico

Acerca da categoria *Percurso acadêmico* do grupo investigado, levantou-se os *Temas de interesse, Liderança de grupo de pesquisa, Bolsista de produtividade em pesquisa; Atividade de orientação de dissertação e tese; e Membro do corpo editorial de periódicos científicos.*

#### 5.3.1 Temas de interesse

Dentro da categoria *Percurso acadêmico*, a subcategoria *Temas de interesse* gerou o espectro de 61 temas registrados no Currículo Lattes dos docentes/pesquisadores. Os mesmos foram organizados por programas e se optou por enquadrá-los nas linhas de pesquisa dos referidos programas. De modo a evidenciar a frequência dos termos, aplicou-se negrito aos termos de maior incidência, conforme apresentado no Quadro 11:

---

<sup>125</sup> Oferece curso de mestrado em História com especialização em Museologia, o qual foi criado em 2006 com vinculação à Faculdade de Letras (FLUC). A criação do curso deu-se como continuidade ao curso de mestrado em Museologia e Patrimônio Cultural, criado em 1998. Em pesquisa ao *site* da A3ES em 2016, identificou-se que, mesmo dentro do período de acreditação, o curso foi descontinuado pela UC.

<sup>126</sup> Primeira universidade em Portugal, nos termos da reforma de Bolonha, a assegurar o ensino específico da Museologia tanto em nível de mestrado quanto de doutorado. Os referidos cursos datam de 1998 e de 2007, respectivamente, ambos acreditados pela A3ES em 2012. Contudo, o fato é que a Museologia está presente na ULHT desde 1991, haja vista que a formação na área começou na instituição com um curso de especialização que sete anos mais tarde deu início ao curso de mestrado. A ULHT oferece curso de mestrado e doutorado em Museologia (ULHT, 2014). Assinala-se que a Diretora do Programa de Mestrado e Doutorado em Museologia da ULHT, a Professora Doutora Judite Santos Primo, é egressa do Curso de Graduação em Museologia da UFBA. Desde a criação dos cursos de mestrado e doutorado em Museologia, a ULHT conta com o apoio permanente de docentes brasileiros vinculados aos programas de Pós-Graduação *stricto sensu* em Museologia da UNIRIO, USP e UFBA. A importância da colaboração dos docentes brasileiros é expressa nas palavras de Mario Caneva Moutinho, Reitor da ULHT, ao dizer que “metade do que fazemos aqui na U. Lusófona se deve aos contributos de museólogos e professores das universidades brasileiras. Isso é uma dívida que temos de reconhecer permanentemente” (Moutinho, 2015).

Quadro 11 - Temas de interesse

PROGRAMAS	LINHAS DE PESQUISA	TEMAS DE INTERESSE DOS DOCENTES/PESQUISADORES
PPG-PMUS UNIRIO/MAST	Museu e Museologia	<b>Museologia; Museu; Educação em museus; Musealização;</b> História e memória da Museologia; Terminologia na Museologia; Discurso museológico Museologia social; Memória social; Museografia; Estudo de acervos; Formação do museólogo; Processo de comunicação e cognição entre museu e público; Acessibilidade em museus; Museologia e Ciência da Informação; Comunicação; Informação e comunicação em museus; Informação em arte; Turismo cultural; Paleozóico; Bivalvia; Comunidade paleozoicas; História da Ciência; Formação docente; Currículo; Acesso público; Educação em ciências; Fronteiras e colonialismo; Movimento indígena; Objetos fronteiriços.
	Museologia, Patrimônio Integral e Desenvolvimento	<b>Divulgação científica; Patrimônio; Memória e patrimônio;</b> Patrimônio científico; Patrimonialização; Patrimônio e educação; Política e patrimônio cultural; Conservação; Coleções histórico-científicas; Cultura; Cultura científica; Sociedade e desenvolvimento; Saúde cultural; História da arquitetura do Rio de Janeiro; Astronomia cultural; Educação ambiental; Jardim Botânico e meio ambiente.
PPGMus USP	História dos processos museológicos, coleções e acervos	<b>Museus; Exposições;</b> Museologia; História dos Museus de História Natural; Divulgação científica; Expografia; Arquitetura de museus;
	Teoria e método da gestão patrimonial e dos processos museológicos	<b>Gestão museológica; Comunicação museológica;</b> Teoria museológica; Historicidade dos processos museológicos; Avaliação museológica; Documentação museológica; Educação em museus; Educação patrimonial em museus; Público de museu; Gestão do patrimônio
	Salvaguarda do patrimônio cultural e coleções museológicas	<b>Crítica da arte; Teoria da arte;</b> Arte contemporânea; História da arte; História cultural; História urbana; História moderna e contemporânea; História da Arquitetura no Brasil; História dos museus na América Latina; História de São Paulo (cidade); Patrimônio cultural; Gestão do patrimônio cultural; Cultura material; Cultura visual; Fotografia; Fotojornalismo; Arqueologia; Arqueologia preventiva;
PPGMUSEU UFBA	Museologia e Desenvolvimento Social	<b>Museologia; História dos museus no Brasil; Documentação em museus; Estudo de coleções museológicas; Memórias afro-brasileiras;</b> Memória; Memória social; Teoria museológica; Museu; Museus virtuais; Planejamento e organização de espaços museais; Gestão de museus; Ação cultural e educativa em museus; História dos museus na Bahia; Gênero; Relações imagem e identidade; Ciência da Informação; Saúde cultural;
	Patrimônio e Comunicação	<b>Cultura e comunicação; Cultura material; Cultura</b>

		<b>afro-baiana</b> ; Comunicação museológica; Cultura popular; Cultura digital; Patrimônio; Patrimônio cultural; História cultural; Cibercultura; Patrimônio africano e afro-brasileiro; Conservação preventiva; Novas tecnologias em museus; Conservação e restauro; História da preservação no Brasil; Projeto arquitetônico; História da Arqueologia; Arqueologia religiosa; Escultura sacra; Epigrafia.
--	--	---

Fonte: Dados da pesquisa (2016) - elaboração a partir das informações contidas no Currículo Lattes

A partir dos termos registrados pelos docentes/pesquisadores, elaborou-se a Tabela 15 de modo a detalhar os temas de interesse e a sua frequência:

**Tabela 15** - Temas de interesse dos docentes/pesquisadores

TEMAS DE INTERESSE	FREQÜÊNCIA	TEMAS DE INTERESSE	FREQÜÊNCIA
Museologia	12	Conservação de objetos culturais e patrimoniais	1
Museu	11	Conservação do patrimônio científico	1
Patrimônio	11	Cibercultura	1
Comunicação em museus	5	Ciência da Informação	1
Memória	5	Comunicação paleozoica	1
Educação em museus	4	Cultura científica	1
Planejamento museológico	4	Currículos	1
Coleções	3	Educação ambiental	1
Crítica da Arte	3	Epigrafia	1
Cultura	3	Escultura sacra	1
Divulgação científica	3	Formação docente	1
Exposições	3	Fotojornalismo	1
Musealização	3	Fotografia	1
Comunicação	2	Gênero	1
Conservação e restauro	2	História da arqueologia	1
Documentação museológica	2	História da ciência	1
Expografia	2	Informação em arte	1
História da Arquitetura	2	Jardim botânico	1
História da Arte	2	Língua e Literatura	1
Museu e público	2	Meio ambiente	1
Novas tecnologias em museus	2	Metodologia acadêmica	1
Patrimônio e educação	2	Modelos de educação	1
Pintura	2	Museografia	1
Acervos e instituições científicas	1	Museologia e Ciência da Informação	1
Acessibilidade em museus	1	Paleozoico	1
Arqueologia preventiva	1	Religiosidade	1
Arquitetura de museus	1	Saúde cultural	1
Arquitetura religiosa	1	Sociedade e desenvolvimento	1
Arte contemporânea	1	Teoria da Arte	1

Bivalvia	1	Terminologia	1
		Turismo cultural	1

Fonte: Dados da pesquisa (2016) - elaboração a partir das informações contidas no Currículo Lattes

Observou-se que do total de 61 temas de interesse constantes da Tabela 15, 38 temas não se repetem. Isto permitiu concluir que há grande pulverização de temas, apesar da frequência dos temas *Museologia*, *Museu* e *Patrimônio*, pois se identificou, além de outros temas da área da Museologia, temas das áreas de Educação, Arqueologia, Arte, Arquitetura, Ciência da Informação, dentre outras.

Os temas explícitos e organizados podem se constituir desde logo bons indicadores das opções científicas dos docentes/pesquisadores, bem como do estado da investigação teórico-prática na temática museológica a que se dedicam.

### 5.3.2 Liderança de grupo de pesquisa

A área da Museologia experimentou crescimento considerável, expresso no aumento da quantidade de cursos de graduação, na criação de cursos de pós-graduação, na constituição de grupos de pesquisa e docentes/pesquisadores qualificados. Estes últimos, por sua vez, apresentam “características próprias como a necessidade de formação de grupos, de captação de alunos, o convívio com os órgãos de fomento à pesquisa” (Alvarez, 2011, on line).

Assim, estritamente no que diz respeito à categoria *Liderança de grupo de pesquisa*, coletou-se dados sobre tal aspecto no Currículo Lattes de cada docente/pesquisador. Em seguida, partiu-se para acessar o DGP do CNPq com o intuito de confirmar e cruzar os dados informados pelos docentes/pesquisadores em seus currículos, já que é no DGP que os grupos registram suas composições de atividades. Procedeu-se, portanto, busca no DGP pelo nome do grupo de pesquisa informado no Currículo Lattes e também pelo nome do docente/pesquisador.

Dessa forma, constatou-se que 23 (62%) docentes/pesquisadores lideram grupo de pesquisa. No Quadro 12 são detalhados os grupos de pesquisa, seguidos do ano em que foram formados e da área predominante:

**Quadro 12** - Grupos de pesquisa liderados pelos docentes/pesquisadores

<b>Grupo de pesquisa</b>	<b>Ano de formação</b>	<b>Área predominantemente</b>
<b>PPGPMUS UNIRIO/MAST</b>		
Educação em Ciências em espaços não formais	1991	Ciências Humanas; Educação
História e etnografia em fronteiras	2000	Ciências Humanas; Antropologia
Museologia e Patrimônio	2001	Ciências Sociais Aplicadas; Museologia
Museologia e preservação de acervos culturais	2004	Ciências Sociais Aplicadas; Museologia
Memória e preservação da Museologia no Brasil	2005	Ciências Sociais Aplicadas; Museologia
Práticas educativas (formais e não formais), formação e desenvolvimento social	2006	Ciências Humanas; Educação
Políticas culturais, instituições e poder	2006	Ciências Sociais Aplicadas; Ciência da Informação
Grupo de Estudos de Pesquisas em Museologia, Conhecimentos Tradicionais e Ação Social	2010	Ciências Sociais Aplicadas; Museologia
Paleouniário: paleontologia, bioestratigrafia e evolução	2011	Ciências Exatas e da Terra; Geociências
Campo da Museologia, perspectivas teóricas e práticas, musealização e patrimonialização	2013	Ciências Sociais Aplicadas; Museologia
<b>PPGMus USP</b>		
Arqueologia no Guarani no Estado de São Paulo	2003	Ciências Humanas; Arqueologia
Comunicação museológica	2007	Ciências Sociais Aplicadas; Museologia
Grupo de Estudos em Arte Conceitual e Conceitualismos no museu	2011	Linguística, Letras e Artes; Artes
Grupo de Trabalho Arquivos de museus e pesquisa	2012	Ciências Sociais Aplicadas; Museologia
<b>PPGPMUS UFBA</b>		
Grupo de Estudos sobre cibernúcleos	2002	Ciências Sociais Aplicadas; Comunicação
Observatório da Museologia baiana	2004	Ciências Sociais Aplicadas; Museologia
História das Artes visuais brasileiras	2004	Linguística, Letras e Artes; Artes
Grupo de Estudos em Museologia, museus e monumentos	2005	Ciências Sociais Aplicadas; Museologia
Design e Arquitetura no universo das artes visuais	2007	Linguística, Letras e Artes; Artes
Estudos interdisciplinares em cultura africana e afro-brasileira	2014	Ciências Humanas; Antropologia

Fonte: Dados da pesquisa (2016) - elaboração a partir das informações contidas no Diretório de Grupos de Pesquisa

À luz dos dados expostos no Quadro 12 é possível concluir que há prática de pesquisa disseminada em coletivos científicos na área da Museologia.

Em particular, a criação de um grupo de pesquisa de fato no âmbito da área predominante *Ciências Sociais Aplicadas; Museologia* se deu em 2001, por docente/pesquisador vinculado ao PPG-PMUS UNIRIO/MAST, inclusive antes da criação do curso de mestrado da instituição que data de 2006. Ainda antes da criação do mestrado, dentro da área predominante, identificam-se dois grupos de pesquisa: o Museologia e preservação de acervos culturais (criado em 2004) e Memória e preservação da Museologia no Brasil (criado em 2005).

Quanto aos grupos de pesquisa de docente/pesquisador vinculado ao PPGMUS USP, evidenciou-se que o primeiro na área predominante *Ciências Sociais Aplicadas; Museologia* data de 2007. O segundo data de 2012, um ano antes da criação do PPGMUS USP.

No caso dos grupos de pesquisa dos docentes/pesquisadores vinculados ao PPGMuseu da UFBA, observou-se que os mesmos datam de 2004 e 2005, sendo o primeiro criado nove anos antes da criação do programa e o segundo oito anos antes.

O quadro de existência de grupos de pesquisa ratifica a tradição de pesquisa na área, existente em alguns casos antes da criação dos programas de pós-graduação *stricto sensu* em Museologia como forma de subsidiá-los em lastros prático-epistemológicos já consolidados. Isto reflete o que vinha sendo desenvolvido na área já no contexto dos cursos de graduação, sobretudo no Rio de Janeiro e na Bahia, locais de tradição no ensino da Museologia, onde foram criados o primeiro e o segundo curso na área em nível de graduação.

Não se pode deixar de registrar que alguns docentes/pesquisadores lideram mais de um grupo, além também de participarem de outros grupos de pesquisa na condição de membro pesquisador. No entanto, nesta investigação, o docente/pesquisador foi computado apenas na condição de líder<sup>127</sup>.

E no que diz respeito à área predominante dos grupos de pesquisa, observou-se que os mesmos têm como áreas específicas Geociências, Educação, Antropologia, Arqueologia, Artes, Comunicação, Ciência da Informação e, obviamente, Museologia. Como área predominante, a Museologia concentra a maioria dos grupos.

---

<sup>127</sup> De acordo com informações do CNPq, cada grupo de pesquisa pode ter um primeiro e um segundo líderes que são igualmente considerados como líderes.

Considerando que os grupos de pesquisa são espaços de convivência para troca de experiências, realização de leituras e discussões sobre os temas de interesse de cada grupo, além de se constituir em espaço de formação para a pesquisa e, conseqüentemente, para a promoção da produção científica, é no âmbito dos grupos de pesquisa que se inserem os orientandos dos docentes/pesquisadores no intuito de que estes adquiram perfil de futuros pesquisadores (Witter, 2009).

### 5.3.3 Bolsista de produtividade em pesquisa

Acerca da categoria *Bolsista de produtividade em pesquisa*, assinala-se que a bolsa de produtividade é oferecida por órgão de fomento à pesquisa, o CNPq, aos docentes/pesquisadores que tenham posição de destaque entre os pares, como uma valorização da sua produção científica.

A bolsa é concedida individualmente ao docente/pesquisador que atenda os pré-requisitos estabelecidos pelo CNPq e os critérios de qualificação definidos pelos Comitês de Assessoramento de cada área, apoiada pelo mérito da proposta, conforme já abordado no Capítulo 3 desta tese sobre a atuação das agências responsáveis pela qualidade da pós-graduação e fomento à pesquisa.

Acerca disso, observou-se que do universo de 37 (100%) docentes/pesquisadores apenas sete (19%) são detentores de bolsa de produtividade em pesquisa em vigência. As bolsas de produtividade são nas áreas de Antropologia, Artes e Museologia.

Com base nos dados coletados no Currículo Lattes dos docentes/pesquisadores, os quais foram confrontados com consulta à seção “Bolsas em curso” no *site* do CNPq<sup>128</sup>, elaborou-se a Tabela 16 que detalha a área, a modalidade/nível e a quantidade de bolsas de produtividade por programa:

---

<sup>128</sup> Disponível em: [http://plsql1.cnpq.br/divulg/RESULTADO\\_PO\\_102003.curso](http://plsql1.cnpq.br/divulg/RESULTADO_PO_102003.curso). Acesso em: 24 jan. 2017.

**Tabela 16** - Bolsa de produtividade vigente

ÁREA DE CONHECIMENTO	MODALIDADE/ NÍVEL	PPG-PMUS UNIRIO/MAST	PPGMUS USP	PPGMuseu UFBA	TOTAL
Antropologia	1D	1			1
Artes	PQ 2		1	1	2
Museologia	PQ 2	2		1	3
	1C	1			1
<b>Total</b>		4	1	2	7

Fonte: Dados da pesquisa, 2016 - elaboração a partir das informações contidas no CNPq

Os dados compilados demonstram que os docentes/pesquisadores do PPGPMUS UNIRIO/MAST são os que detém o maior número de bolsa de produtividade e na área de conhecimento Museologia, sendo duas bolsas de produtividade PQ 2 e uma bolsa de produtividade 1C .

Um aspecto que convém destacar acerca da bolsa de produtividade é que dois docentes/pesquisadores do universo investigado, um do PPGMus USP e outro do PPGMuseu UFBA, detiveram bolsa de produtividade em pesquisa PQ 2 na área da Museologia, no entanto, estas não figuram na Tabela 16 porque o período de vigência das mesmas encerrou.

Considerando a importância em ser detentor de bolsa de produtividade, ratifica-se que os docentes/pesquisadores que a detém compõem a elite da comunidade científica em sua área de conhecimento. A bolsa é uma forma de possibilitar a inserção do docente/pesquisador em canais de fomento, em fundações nacionais de pesquisa e também na composição do quadro de avaliador de programas de pós-graduação junto à CAPES (Lima, 2012).

#### 5.3.4 Atividade de orientação de dissertações e teses

Com relação à categoria *Atividade de orientação de dissertações e teses* que juntamente com a pesquisa, o ensino e a produção intelectual compõe atividade própria da pós-graduação, levantou-se que 34 (92%) docentes/pesquisadores registraram em seus currículos atividade de orientação de dissertação e tese nos programas em

Museologia<sup>129</sup> (Apêndice F), mas também com orientação junto à ULHT, já que alguns docentes/pesquisadores compõem o quadro de docentes desta universidade.

Há incidência de orientação em outros programas como Antropologia Social (M), Arqueologia (M/D), Arquitetura e Urbanismo (M/D), Artes Visuais (M/D), Ciência da Informação (M), Ciências Sociais (D), Cultura e Sociedade (M), Divulgação da Ciência, Tecnologia e Saúde, Educação (M/D), Enfermagem (M), Estética e História da Arte (M/D), Estudos Étnicos e Africanos (M/D), Geologia (M/D), História (D), História Social (M/D), Informação e Comunicação em Saúde (D), Letras (D), Memória Social (M/D), Sistemática, Taxonomia Animal e Biodiversidade (M), a maioria em programas do Brasil, mas destacam-se orientações junto à Universidade de Aveiro e à Universidade de Coimbra.

Identificou-se, ainda, que do total de 37 docentes/pesquisadores, 15 (41%) possuem experiência com supervisão/orientação de estudos de pós-doutorado também com maioria no âmbito de programas do Brasil. No entanto, há supervisão/orientação realizada no âmbito das instituições europeias como a Universidade de Aveiro e a Universidade de Coimbra.

### 5.3.5 Membro de corpo editorial de periódicos científicos

A última categoria acerca do perfil dos docentes/pesquisadores diz respeito à participação destes como membro de corpo editorial de periódicos científicos.

Centrando-se, portanto, nesta categoria, identificaram-se que 25 (68%) docentes/pesquisadores pertencem ao corpo editorial de periódicos científicos.

Considerando que a maioria dos docentes/pesquisadores é membro do corpo editorial de mais de um periódico, identificaram-se 62 periódicos registrados no Currículo Lattes pelo grupo investigado.

Em seguida, acessou-se o *site* de cada um dos 62 periódicos levantados para verificar a tipologia dos periódicos, ou seja, se os mesmos são de fato periódicos científicos ou de divulgação científica, considerando que estes últimos não se

---

<sup>129</sup> A tese intitulada *Do asilo ao museu: ciência e arte nas coleções da loucura*, desenvolvida no âmbito do PPG-PMUS UNIRIO/MAST recebeu, em 2016, Menção Honrosa da CAPES. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/premiocapesdetese/noticias/pct/8150-mencoes-honrosas-em-2016>. Acesso em: 12 dez. 2016.

enquadram no objetivo da investigação. Este trabalho possibilitou detectar que, dos 62 periódicos inicialmente levantados, oito não foram localizados<sup>130</sup> e seis são periódicos de divulgação científica<sup>131</sup>, os quais foram imediatamente subtraídos do universo de 62 periódicos.

Chegou-se, assim, ao total de 48 periódicos científicos entre nacionais e internacionais, em que os docentes/pesquisadores são membros de corpo editorial. Os periódicos científicos se encontram descritos na Tabela 17 organizados por programa e seguidos da frequência:

**Tabela 17** - Periódicos científicos em que os docentes/pesquisadores são membros de corpo editorial

PERIÓDICO CIENTÍFICO	PPG-PMUS UNIRIO/MAST	PPGMus USP	PPGMuseu UFBA	TOTAL
Museologia e Patrimônio	6			6
Midas Museus e Estudos Interdisciplinares	2	2	1	5
Revista Eletrônica Jovem de Museologia: estudos sobre museus, museologia e patrimônio	4		1	5
Anais do Museu Paulista		1	1	2
Boletim do Museu Emílio Goeldi	2			2
Cadernos de Sociomuseologia	1	1		2
Cadernos do CEOM	1	1		2
Canindé – Revista do Museu de Arqueologia do Xingó	1	1		2
Ciência da Informação	2			2
Libero – Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero		1	1	2
Memória em Rede	2			2
Mouseion – Revista do Museu do Arquivo Histórico de La Salle	1	1		2
Musear – Revista do Departamento de Museologia da UFOP	1		1	2
Oculum		1	1	2
Oculum Ensaios	2			2
Revista CPC		2		2
Anais do Museu Histórico Nacional	1			1
Anuário do Museu Nacional de Belas Artes	1			1

<sup>130</sup> *Arquivo do Museu Paraense; Revista Museu, Arquivo e Etnografia; Caminhos da preservação; Coleção Museum; O despertar do conhecimento; Revista Intervenções; Revista Museologia Hoje; e, Stadium.*

<sup>131</sup> *Musas – Revista de Museu e Museologia; Achegas; Art Margins; Museum International; Revista Arquivo Histórico de Joinville; Revista Museu.*

Arte & Ensaio	1			1
Cadernos de Campo	1			1
Cadernos de Pesquisa da UFMA			1	1
Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais			1	1
Campus Social – Revista Lusófona de Ciências Sociais		1		1
Chronos – Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRN	1			1
Ciência & Saúde Coletiva	1			1
Cultura Histórica & Patrimônio		1		1
Cultura Visual			1	1
Culture et Musée			1	1
eRittenhouse	1			1
Fronteiras: Revista Catarinense de História		1		1
História, Ciências e Saúde Manguinhos	1			1
Humanística - Revista Lusófona de História, Arte e Patrimônio		1		1
International Journal Intangible Heritage	1			1
Memórias - Revista Digital História y Arqueología			1	1
PontodeAcesso			1	1
Raízes e Rumos	1			1
Resgate: Revista Interdisciplinar de Cultura		1		1
Revista Aluá	1			1
Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos	1			1
Revista Brasileira de Linguística Antropológica	1			1
Revista Brasileira do Caribe			1	1
Revista de Arqueologia da Sociedade de Arqueologia Brasileira		1		1
Revista Museologia & Interdisciplinaridade	1			1
Revista Recôncavos			1	1
RIDPHE_R - Revista Iberoamericana do Patrimônio Histórico-Educativo	1			1
Textos de La Cibersociedad	1			1
Transinformação	1			1
<b>Total</b>	<b>42</b>	<b>17</b>	<b>14</b>	<b>73</b>

Fonte: Dados da pesquisa (2016) - elaboração a partir das informações contidas no Currículo Lattes

Com base nos resultados obtidos, constatou-se que apenas quatro periódicos foram registrados com maior incidência de docentes/pesquisadores em seu corpo editorial: *Museologia e Patrimônio*; *Midas - Museus e Estudos Interdisciplinares*;

*Revista Eletrônica Jovem de Museologia: estudos sobre museus, museologia e patrimônio; e, Musas.*

A revista *Museologia e Patrimônio* foi o periódico que concentrou o maior número de docentes/pesquisadores do próprio PPG-PMUS UNIRIO/MAST como membro do seu corpo editorial, o que se explica por ser um periódico, criado em 2008, vinculado ao referido programa, portanto, algo normal que os docentes/pesquisadores do referido programa compunham o corpo editorial do periódico.

A revista portuguesa *Midas Museus e Estudos Interdisciplinares*, criada em 2011, com edição publicada a partir de 2013, vem em seguida. É um periódico que se dedica à esfera das instituições museais como campo de atuação e como reflexões de natureza interdisciplinar. A *Midas Museus e Estudos Interdisciplinares* se propõe a evidenciar relação dialógica com os países de língua portuguesa e espanhola.

A *Revista Eletrônica Jovem de Museologia: estudos sobre Museus, Museologia e Patrimônio* é um periódico científico do Curso de Graduação em Museologia da UNIRIO, criado em 2006, com a finalidade de promover a troca de informações e estudos que contemplem museus, patrimônio, memória e as áreas da Museologia e afins.

Ainda sobre o exposto na Tabela 17, observou-se que os periódicos nacionais mais antigos e tradicionais como os *Anais do Museu Paulista*, o *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi* e os *Anais do Museu Histórico Nacional* ainda não englobam em seu corpo editorial quantidade significativa de docentes/pesquisadores dos programas de pós-graduação em Museologia.

Por fim, convém destacar a presença de docentes/pesquisadores como membros do corpo editorial de periódicos científicos da área da Ciência da Informação. Nesse contexto, identificou-se a revista *Ciência da Informação*, uma das mais antigas da área, publicada pelo Ibiict desde 1972 que, inclusive em 2013, publicou número especial<sup>132</sup> sobre Museologia editorado por docente/pesquisador do PPGPMUS UNIRIO/MAST.

---

<sup>132</sup> Disponível em

<http://revista.ibict.br/cienciainformacao/index.php/ciinf/issue/view/123/showToc>. Acesso em: 20 jan. 2017. A edição é composta por artigos de autores da Museologia nacional e internacional.

Os docentes/pesquisadores, também, são membros do corpo editorial do periódico *PontodeAcesso*<sup>133</sup> do Instituto de Ciência da Informação (ICI) da UFBA publicado desde 2007 e do periódico *Transinformação*<sup>134</sup>, criado em 1982, publicado pela Faculdade de Biblioteconomia da UNICAMP.

Em resumo, este capítulo dedicado à caracterização do perfil acadêmico dos docentes/pesquisadores dos programas de pós-graduação *stricto sensu* em Museologia contemplou, para tanto, as categorias *Formação acadêmica/Titulação*, *Capacitação acadêmica* e *Percurso Acadêmico*.

Tendo isso em consideração e com base nos resultados obtidos, conclui-se que o grupo investigado apresenta perfil de formação que confirma a característica interdisciplinar da então área CSA I (atual Comunicação e Informação), conforme destacou o Documento de Área 2016, haja vista a pluralidade de formação nas mais diversas áreas de conhecimento. Também apresenta perfil condizente com os aspectos e definições de avaliação dos programas de pós-graduação por parte da CAPES no quesito *corpo docente*, constantes do Documento de Área 2016. Tal quesito envolve as atividades específicas da pós-graduação: pesquisa, orientação, ensino e produção intelectual.

---

<sup>133</sup> Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaici>. Acesso em: 20 jan. 2017. O periódico publicou entrevista com a Diretora do Programa de Doutorado em História e Filosofia da Ciência especialidade Museologia, Professora Doutora Maria de Fátima Nunes, supervisora desta tese. A entrevista teve como título *Desafios e novos olhares sobre a Museologia no século XXI: experiência portuguesa a partir da História e Filosofia da Ciência*. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/9222/6943>. Acesso em: 20 jan. 2017.

<sup>134</sup> Disponível em: <http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/transinfo/index>. Acesso em 20 jan. 2017.



## **CAPÍTULO 6**

# **CARACTERÍSTICAS DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA NA MUSEOLOGIA DO BRASIL**

---



A partir dos 37 docentes/pesquisadores do quadro permanente dos programas de pós-graduação *stricto sensu* em Museologia no Brasil em exercício, procedeu-se levantamento, a partir do Currículo Lattes, para identificar e, posteriormente, analisar a produção científica do grupo em referência com foco para os artigos publicados em periódicos científicos eletrônicos de acesso aberto.

Dessa forma, para efeito de caracterizar a produção científica dos docentes/pesquisadores, mediante a aplicação da técnica da Bibliometria com apoio da análise de conteúdo, optou-se por sua apresentação de acordo com a baliza cronológica da investigação (2006-2016) de modo a proporcionar visão do quantitativo anual em consonância com as categorias determinadas.

Em sequência, apresentam-se os resultados que possibilitaram caracterizar a produção científica do grupo investigado. A apresentação dos resultados obedece a sequência das categorias de análise definidas: *Artigos por ano*, *Periódico científico*, *Idioma*, *Tipologia documental referenciada* e *Tipologia de autoria*.

**Figura 9** - Categorias e subcategorias de análise dos artigos científicos

Artigos por ano	Número de artigos entre 2006 e 2016
Periódico científico	Origem dos periódicos Títulos nacionais / internacionais Classificação no Qualis
Idioma	Português Inglês Francês Espanhol
Tipologia documental referenciada	Fontes utilizadas na elaboração dos artigos Periódicos científicos mais referenciados Autores mais referenciados
Tipologia de autoria	Única e Múltipla Distribuição da autoria única e múltipla Origem institucional dos autores

Fonte: Autoria própria

## 6.1 Número de artigos de periódicos por ano

Os artigos de periódico são os mais comumente canais utilizados para comunicar os resultados de investigação de forma mais rápida. São reconhecidamente os mais utilizados pela maioria das áreas de conhecimento.

Com o objetivo de conhecer o quantitativo de artigos de periódicos publicado pelos docentes/pesquisadores dos programas de pós-graduação *stricto sensu* em Museologia no Brasil e a evolução da produção na área, procedeu-se o agrupamento dos artigos por ano de publicação de acordo com o período determinado nesta investigação.

A Tabela 18 concatena a quantidade anual de artigos de periódicos dos docentes/pesquisadores dos programas e apresenta as frequências em relação a cada ano do período investigado:

**Tabela 18** - Distribuição de artigos de periódicos por ano

Ano	PPG-PMUS UNIRIO/MAST	PPGMus USP	PPGMuseu UFBA	Total/Ano
2006	3	3	2	8
2007	12	2	6	20
2008	11	3	3	17
2009	8		2	10
2010	9		4	13
2011	13	2	1	16
2012	24	2	3	29
2013	19	2	5	26
2014	10	3	5	18
2015	11	4	8	23
2016	2	3	3	8
<b>Total</b>	<b>122</b>	<b>24</b>	<b>42</b>	<b>188</b>
<b>% por programa do total de artigos</b>	65	13	22	100

Fonte: Dados da pesquisa (2016) – elaboração a partir do *corpus* documental analisado

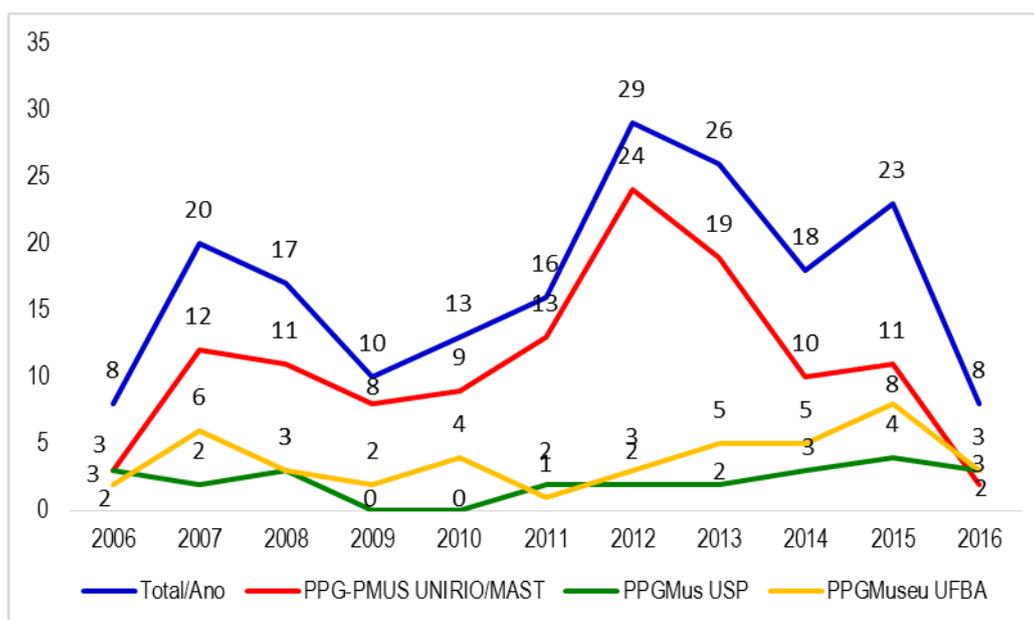
Identificou-se que o número de artigos de periódicos publicados no período de 2006 a 2016 alcançou o total de 188 (100%) artigos. Do total em questão, os docentes/pesquisadores do PPG-PMUS UNIRIO/MAST publicaram 122 (65%) artigos, os do PPGMuseu UFBA publicaram 42 (22%) e os do PPGMus USP publicaram 24 (13%) artigos.

Dos referidos programas, o PPG-PMUS UNIRIO/MAST e o PPGMuseu UFBA mantiveram constância na publicação de artigos ao longo do período investigado. No entanto, além da linearidade, o PPG-PMUS UNIRIO/MAST é o que apresenta crescimento na produção de artigos, o que se percebe a partir de 2007, ano sequente à criação do curso de mestrado que ocorreu em 2006. Porém, o pico evidente no número de artigos deste programa ocorreu entre 2012 e 2015, o que coaduna com a criação do curso de doutorado em 2011, podendo este fato explicar o pico. Para além disso, o que pode reforçar tal constatação é a de que sete do total de 16 docentes/pesquisadores deste programa atuam no mais antigo Curso de Graduação em Museologia da UNIRIO, herdeiro do Curso de Museus do MHN.

O programa da USP apresenta produção de artigos de periódicos tímida, sem qualquer crescimento mesmo após a criação do programa em 2013. Já a produção de artigos de periódicos da UFBA, mesmo registrando constância no período de 2006 e 2016, sofreu uma evolução tímida, a partir de 2013. Isto pode estar relacionado à criação do curso de mestrado no mesmo ano. Assim como o programa da UNIRIO/MAST, oito docentes/pesquisadores do PPGMuseu UFBA compõem o quadro de docentes do Curso de Graduação em Museologia da UFBA.

No Gráfico 2 visualiza-se a produção de artigos no período de 2006 a 2016:

**Gráfico 2** - Produção de artigos em relação aos anos de 2006 a 2016



Fonte: Dados da pesquisa (2016) – elaboração a partir do *corpus* documental analisado

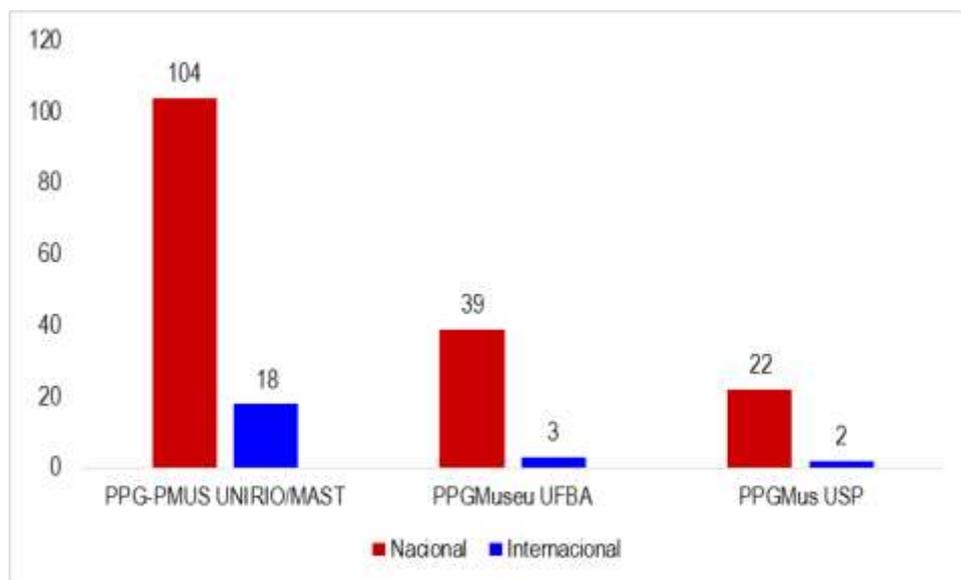
## 6.2 Origem dos periódicos científicos

Refletir sobre a origem dos periódicos científicos que veicularam os artigos dos docentes/pesquisadores permite conhecer a concentração de artigos nos mais diversos periódicos. Ao analisar a origem deste canal/fonte de comunicação científica é possível constatar se a produção científica é nacional ou internacionalizada.

Assim, no que concerne à nacionalidade dos periódicos verificou-se que os 188 (100%) artigos foram publicados em 85 periódicos científicos nacionais e internacionais. Do total de artigos publicados no período de 2006 a 2016, constatou-se que 165 (88%) foram publicados em periódicos nacionais e que apenas 23 (12%) artigos foram publicados em periódicos internacionais.

Com base nisto, elaborou-se o Gráfico 3 para melhor observação acerca do referido resultado:

**Gráfico 3 - Origem dos periódicos que publicaram os artigos**



Fonte: Dados da pesquisa (2016) – elaboração a partir do *corpus* documental analisado

O cenário exposto no Gráfico 3 permite constatar que há, por parte dos docentes/pesquisadores dos três programas, forte tendência para publicação de artigos em periódicos nacionais. Do total de 165 (100%) artigos em periódicos nacionais, o PPG-PMUS UNIRIO/MAST tem 104 (63%) artigos, o PPGMuseu da UFBA possui 39

(24%) e o PPGMus USP tem 22 (13%) artigos publicados. Estes foram publicados em 66 periódicos nacionais, do total de 84 já referido anteriormente.

Observou-se que a incidência de artigos em periódicos internacionais ainda é muito ínfima. Os artigos publicados em periódicos internacionais somaram 23 (100%), distribuídos assim entre os programas: o PPG-PMUS UNIRIO/MAST publicou 18 (78%) artigos, o PPGMuseu da UFBA três (13%) artigos e o PPGMus USP dois (9%) artigos. Os 23 artigos foram publicados em 18 periódicos internacionais oriundos dos seguintes países: Bélgica, Coreia, Espanha, México, Peru, Tailândia, Colômbia, EUA e Portugal. As publicações em periódicos destes países podem refletir uma agenda geográfica, cultural e científica diferenciada.

Em resumo, considerando a expressiva quantidade de artigos em periódicos nacionais, contra a ínfima presença de artigos em periódicos internacionais, pode-se concluir que a produção científica dos docentes/pesquisadores da área da Museologia no Brasil ainda é em sua maioria nacionalizada.

Em sequência, apresentam-se os títulos dos periódicos nacionais e internacionais.

#### 6.2.1 Títulos dos periódicos nacionais e internacionais

Na Tabela 19 são descritos os títulos de periódicos científicos adotados pelos docentes/pesquisadores dos três programas investigados para veiculação do *corpus* documental analisado.

Considera-se importante conhecer onde vem se distribuindo ou se disseminando o conhecimento gerado na Museologia. Acredita-se que estes dados possam agregar valor aos programas envolvidos na investigação de modo a subsidiar futuras escolhas e a determinação de estratégias para publicação em periódicos de conferida qualidade.

**Tabela 19** - Títulos dos periódicos nacionais e internacionais e quantitativo de artigos por periódico

<b>PERIÓDICO CIENTÍFICO</b>	<b>PPG-PMUS UNIRIO/MAST</b>	<b>PPGMus USP</b>	<b>PPGMuseu UFBA</b>	<b>TOTAL</b>
Museologia e Patrimônio	19	1	4	24
Revista Museologia e Interdisciplinaridade	10	6	2	18
Anais do Museu Histórico Nacional	7		2	9
Boletim do Museu Emílio Goeldi – Ciências Humanas	7		1	8
Anuário do Instituto de Geociências	7			7
Anais do Museu Paulista	3	2	1	6
Cadernos de Sociomuseologia	4	1	1	6
Ciência da Informação	4	1		5
Ensino em Revista	4	1		5
Revista Brasileira do Caribe			5	5
Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação	4		1	5
Revista Internacional de Folkcomunicação			4	4
Revista CPC	3	1		4
Cadernos do CEOM	2		2	4
Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia	1	2		3
Acervo – Revista do Arquivo Nacional	2			2
Revista Brasileira de História da Ciência	2			2
Educação Online	2			2
Revista Iberoamericana de Turismo			2	2
Revista FSA			2	2
Revista de Arqueologia Pública	1	1		2
Anuário do Museu de Belas Artes	1			1
Archivos Analíticos de Políticas Educativas/ <i>Education Policy Analysis Archive</i>	1			1
Benjamim Constant	1			1
Boletín de Antropología	1			1
Cadernos de História da Ciência	1			1
Cadernos Trama da Memória		1		1
CeRoART	1			1
Ciberlegenda			1	1
Complutum	1			1
Comunicação e Sociedade			1	1
Cuicuiló	1			1
Cultura Visual			1	1
Diálogos & Ciência			1	1
Dialogos de la comunicaci3n	1			1
Diálogos Possíveis			1	1
<i>E-Rittenhouse</i>	1			1
Estudos Avançados		1		1
Estudos Históricos		1		1
Fórum Patrimônio: Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável			1	1

História, Ciência e Saúde Manguinhos	1			1
<i>International Journal of Intangible Heritage</i>	1			1
<i>Journal for Critical</i>	1			1
<i>Journal of Astronomical History</i>	1			1
Labor & Engenho		1		1
Liinc em Revista	1			1
Mana	1			1
Maracanan	1			1
Memoria y Sociedad		1		1
Midas	1			1
Mosaico	1			1
Musear	1			1
<i>Paleontological Contributions</i>	1			1
Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação	1			1
Pontos de Interrogação: Revista de Crítica Cultural			1	1
PragMatizes	1			1
Redobra		1		1
Revista Antropológicas	1			1
Revista Baiana Enfermagem			1	1
Revista Brasileira de Educação	1			1
Revista Ciencias Estrategicas	1			1
Revista das Américas	1			1
Revista de Antropologia	1			1
Revista de História da Arte e Arqueologia		1		1
Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental	1			1
Revista do Instituto de Estudos Brasileiros		1		1
Revista Eco-Pós	1			1
Revista Eletrônica de Turismo Cultural			1	1
Revista Eletrônica Jovem Museologia	1			1
Revista Eletrônica Ventilando Acervos			1	1
Revista Ensaio	1			1
Revista Extraprensa			1	1
Revista FAEEBA			1	1
Revista Ibero Americana de Educação	1			1
Revista Letras	1			1
Revista Magistro			1	1
Revista Memória em Rede	1			1
Revista Pan Amazônica de Saúde	1			1
Revista Pedagogia em Foco	1			1
Scientia Plena	1			1
Temática			1	1
<i>University Museums and Collections</i>	1			1
Varia Historia			1	1
Vibrant – Virtual Brazilian Anthropology	1			1
<b>Total</b>	<b>122</b>	<b>24</b>	<b>42</b>	<b>188</b>

Fonte: Dados da pesquisa (2016) – elaboração a partir do *corpus* documental analisado

Os dados compilados na Tabela 19 revelam que há alta incidência de artigos publicados no título *Museologia e Patrimônio*, com total de 24 artigos, sobretudo por parte dos docentes/pesquisadores do PPG-PMUS UNIRIO/MAST que somaram 19 artigos veiculados neste periódico. Assinala-se que o periódico *Museologia e Patrimônio* é vinculado ao PPG-PMUS UNIRIO/MAST, o que explica a tendência à endogenia, já que os docentes/pesquisadores publicaram em periódico do próprio programa. Contudo, trata-se de uma prática que pode ser aceitável nos primeiros anos de criação do periódico, mas a mesma não deve ser mantida.

O título *Museologia e Patrimônio* é seguido da *Revista Museologia & Interdisciplinaridade*, com 18 artigos no total. O periódico foi criado pelo Curso de Graduação em Museologia da UnB e se encontra vinculado ao PPGCINF desta universidade.

Outros títulos figuram na lista, com destaque para *Anais do Museu Histórico Nacional*, *Anuário do Instituto de Geociências*, *Boletim do Museu Emílio Goeldi – Ciências Humanas*, *Anais do Museu Paulista*, *Cadernos de Sociomuseologia*, *Ciência da Informação*, *Ensino em Re-Vista*, *Revista Brasileira do Caribe* e *Tendências da Pesquisa em Ciência da Informação*. Quanto aos 18 periódicos internacionais, além do *Cadernos de Sociomuseologia* com maior incidência de seis artigos, identificaram-se outros títulos como *Archivos Analíticos de Políticas Educativas/ Education Policy Analysis Archive*, *Boletín de Antropología*, *CeRoART*, *Complutum*, *Cuicuiló*, *Dialogos de la Comunicación*, *E-Rittenhouse*, *International Journal of Intangible Heritage*, *Journal for Critical*, *Journal of Astronomical History*, *Memoria y Sociedad*, *Midas*, *Paleontological Contributions*, *Revista Ciencias Estratégicas*, *Revista Ibero-Americana de Educação* e *University Museums and Collections*, com incidência de apenas um artigo cada.

Apreende-se, pelo elenco dos periódicos científicos constantes da Tabela 19, abertura de vastos territórios de periódicos científicos que reforçam o cariz interdisciplinar da área da Museologia.

Considerando a diferença entre o número de periódicos nacionais e internacionais, bem como o número de publicações em cada, em que entre os 10 periódicos com maior número de artigos, nove são nacionais, assinala-se que é

necessário envidar esforços e estratégias para internacionalizar de modo mais expressivo a produção científica de artigos da área da Museologia no Brasil.

## 6.2.2 Publicação de artigos em periódicos classificados no Qualis

Considerando que o Qualis periódicos da CAPES é um indicador de qualidade dos periódicos científicos, buscou-se identificar se os periódicos que publicaram os artigos dos docentes/pesquisadores se encontram classificados na área de Comunicação e Informação nos estratos A1, A2, B1, B2, B3, B4, B5 e C.

Para isto, procedeu-se acesso à Plataforma Sucupira, seguido de acesso à aba Consultas, onde no campo Informações gerais acessou-se o *link* Periódicos Qualis. Em seguida, na tela Dados para consulta, escolheu-se o evento Classificação de Periódicos Quadriênio 2013-2016 divulgado em dezembro de 2016<sup>135</sup> e, por fim, a área Comunicação e Informação, que gerou arquivo de classificação em planilha *Excel*.

Sendo assim, elaborou-se a Tabela 20 onde são listados os periódicos e seus estratos, seguido da incidência de artigos publicados pelos docentes/pesquisadores dos programas:

**Tabela 20** - Títulos dos periódicos classificados no Qualis na área Comunicação e Informação

PERIÓDICO CIENTÍFICO	QUALIS	PPG-PMUS UNIRIO/MAST	PPGMus USP	PPGMuseu UFBA	TOTAL
Museologia e Patrimônio	B1	19	1	4	24
Revista Museologia e Interdisciplinaridade	B3	10	6	2	18
Anais do Museu Histórico Nacional	B1	7		2	9
Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi – Ciências Humanas	A2	7		1	8
Anuário do Instituto de Geociências*		7			7
Anais do Museu Paulista	A2	3	2	1	6
Cadernos de Sociomuseologia	B3	4	1	1	6
Ciência da Informação	B1	4	1		5
Ensino em Re-vista	B5	4	1		5

<sup>135</sup> Disponível em:

<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/veiculoPublicacaoQualis/listaConsultaGeralPeriodicos.jsf>. Acesso em: 28 dez. 2016.

Revista Brasileira do Caribe	B4			5	5
Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação	B1	4		1	5
Revista Internacional de Folkcomunicação	B3			4	4
Revista CPC	B2	3	1		4
Cadernos do CEOM	B5	2		2	4
Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia	B3	1	2		3
Acervo – Revista do Arquivo Nacional	B2	2			2
Revista Brasileira de História da Ciência	B2	2			2
Educação Online	B5	2			2
Revista de Arqueologia Pública	B3	1	1		2
Revista Iberoamericana de Turismo	B5			2	2
Revista FSA	B4			2	2
Anuário do Museu de Belas Artes*		1			1
Archivos Analíticos de Políticas Educativas/ <i>Education Policy Analysis Archive</i>	B1	1			1
Benjamim Constant	B5	1			1
Boletín de Antropología*		1			1
Cadernos de História da Ciência*		1			1
Cadernos Trama da Memória*			1		1
CeRoART*		1			1
Ciberlegenda	B1			1	1
Complutum	B1	1			1
Comunicação e Sociedade	B1			1	1
Cuicuiló*		1			1
Cultura Visual*				1	1
Diálogos & Ciência				1	1
Dialogos de la comunicaci3n	B1	1			1
Diálogos Possíveis*				1	1
<i>E-Rittenhouse</i>	B3	1			1
Estudos Avançados	A2		1		1
Estudos Históricos	B1		1		1
Fórum Patrimônio: Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável*				1	1
História, Ciência e Saúde Manguinhos	A2	1			1
<i>International Journal of Intagible Heritage</i>		1			1
<i>Journal for Critical Education Policy Studies</i>	B1	1			1
<i>Journal of Astronomical History</i>	B1	1			1
Labor & Engenho	B5		1		1

Liinc em Revista	B1	1			1
Revista Mana*		1			1
Maracanan	B3	1			1
Memoria y Sociedad	B1		1		1
Midas – Museus e Estudos Disciplinares	B2	1			1
Mosaico	B5	1			1
Musear*		1			1
<i>Paleontological Contributions*</i>		1			1
Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia	B1	1			1
Pontos de Interrogação: Revista de Crítica Cultural	C			1	1
PragMatizes	B3	1			1
Redobra	C		1		1
Revista Antropológicas*		1			1
Revista Baiana Enfermagem*				1	1
Revista Brasileira de Educação*		1			1
Revista Ciencias Estrategicas	B4	1			1
Revista Das Américas	C	1			1
Revista de Antropologia	A2	1			1
Revista de História da Arte e Arqueologia*			1		1
Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental*		1			1
Revista do Instituto de Estudos Brasileiros	B4		1		1
Revista Eco-Pós	B1	1			1
Revista Eletrônica de Turismo Cultural*				1	1
Revista Eletrônica Jovem Museologia*		1			1
Revista Eletrônica Ventilando Acervos	C			1	1
Revista Ensaio*		1			1
Revista Extraprensa	B2			1	1
Revista FAEEDBA*				1	1
Revista Ibero Americana de Educação	B2	1			1
Revista Letras	C	1			1
Revista Magistro*				1	1
Revista Memória em Rede*		1			1
Revista Pan Americana de Saúde*		1			1
Revista Pedagogia em Foco	B5	1			1
Scientia Plena	B5	1			1
Temática	B4			1	1
<i>University Museums and Collections*</i>		1			1
Varia Historia*				1	1
Vibrant - Virtual Brazilian		1			1

Antropology*					
<b>Total</b>		122	24	42	188

Fonte: Dados da pesquisa (2016) – elaboração a partir do *corpus* documental analisado

Onde:

\* = Sem classificação/estrato na área Comunicação e Informação

Analisando os dados que compõem a Tabela 20, observou-se que os 188 (100%) artigos publicados pelos docentes/pesquisadores dos três programas, entre 2006 e 2016, foram veiculados em 84 periódicos. Constatou-se que, desse total, a maioria referente a 54 periódicos possuem classificação no Qualis Periódicos e que 30 periódicos não foram classificados na área Comunicação e Informação.

O resultado em tela pode ser indicativo da preocupação da comunidade científica publicar em periódicos de qualidade, o que implica na validação da trajetória acadêmico-científica da referida comunidade registrada no Currículo Lattes.

Em sequência, apresenta-se, na Tabela 21, a distribuição dos artigos por estrato dos periódicos:

**Tabela 21** - Distribuição de artigos por estratos Qualis conforme Classificação de Periódicos Quadriênio 2013-2016

QUALIS	TOTAL DE PERIÓDICOS	Artigos publicados por programas			TOTAL DE ARTIGOS
		PPG-PMUS UNIRIO/MAST	PPGMus USP	PPGMuseu UFBA	
A1					
A2	5	12	3	2	17
B1	16	42	4	9	55
B2	6	9	1	1	11
B3	8	19	10	7	36
B4	5	1	1	8	10
B5	9	12	2	4	18
C	5	2	1	2	5
Sem estrato	30	25	2	9	36
<b>Total</b>	<b>84</b>	<b>122</b>	<b>24</b>	<b>42</b>	<b>188</b>

Fonte: Dados da pesquisa (2016) – elaboração a partir do *corpus* documental analisado

Do total de 188 (100%) artigos, verificou-se que 17 (9%) artigos foram publicados em cinco títulos de periódicos com Qualis A2: *Boletim do Museu Emílio Goeldi – Ciências Humanas*, *Anais do Museu Paulista*, *Estudos Avançados*, *História, Ciência e Saúde Manguinhos* e *Revista de Antropologia*, sendo os dois primeiros com oito e seis artigos, respectivamente, e os três últimos periódicos com um artigo cada. No contexto de artigos em periódicos classificados com estrato A2, os

docentes/pesquisadores do PPG-PMUS UNIRIO/MAST são os que concentram o maior número de artigos.

Segundo os dados, os docentes/pesquisadores publicaram 55 (29%) artigos em 16 periódicos com estrato B1, dos quais se destacam *Museologia e Patrimônio* com 24 artigos, *Anais do Museu Histórico Nacional* com nove artigos, *Ciência da Informação e Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação* com cinco artigos cada. Os demais 12 títulos de periódicos classificados no estrato B1 publicaram apenas um artigo.

O total de 11 (6%) artigos foi publicado em seis periódicos com estrato B2, destaque para *Revista CPC*, com quatro artigos, seguida da *Acervo – Revista do Arquivo Nacional* e *Revista Brasileira de História da Ciência*, ambas com dois artigos, cada. Os demais artigos foram publicados na *Midas – Museus e Estudos Disciplinares*, *Revista Extraprensa* e *Revista Ibero-Americana de Educação*.

Nos oito periódicos com estrato B3 constam 36 (19%) artigos do total. A *Revista Museologia e Interdisciplinaridade* concentrou 18 artigos, *Cadernos de Sociomuseologia* publicou seis artigos, a *Revista Internacional de Folkcomunicação* publicou quatro artigos, a *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia* concentrou dois e a *Revista de Arqueologia Pública* somou dois artigos. O restante dos periódicos publicaram um artigo, cada.

Nos periódicos com estrato B4, que perfaz cinco periódicos, o total foi de 10 (5%) artigos, nomeadamente publicados na *Revista Brasileira do Caribe* com cinco artigos, *Revista FSA* com dois artigos, seguida da *Revista Ciências Estratégicas*, *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros* e *Temática*, sendo que cada uma soma apenas um artigo.

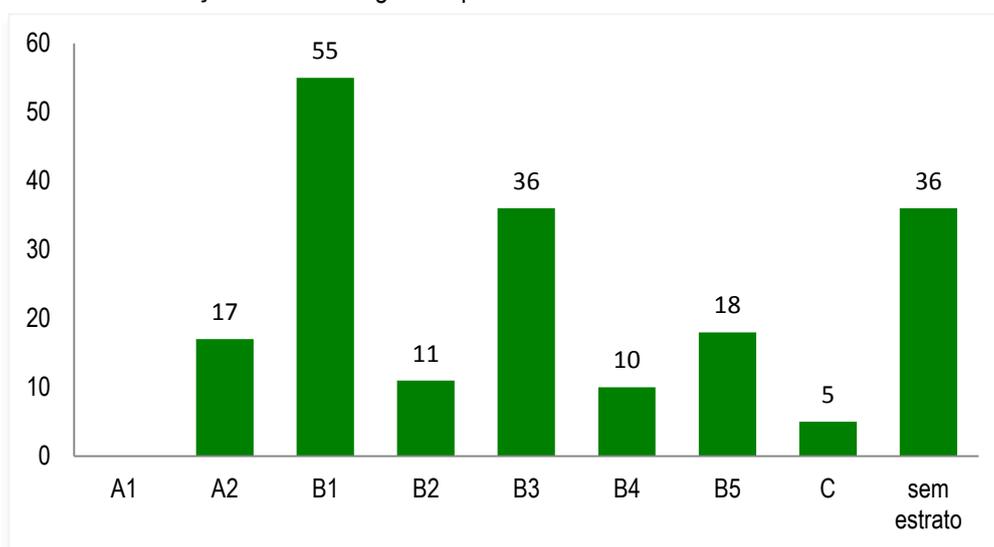
Os periódicos com estrato B5 somam nove, os quais veicularam 18 (10%) artigos. O periódico *Ensino em Re-Vista* publicou cinco artigos, *Cadernos do CEOM* quatro artigos e a *Revista Iberoamericana de Turismo* também com dois artigos. Os demais periódicos publicaram um artigo cada.

O total de cinco (2%) artigos foram publicados em cinco periódicos classificados no estrato C: *Pontos de Interrogação: Revista de Crítica Cultural*, *Revista Das Américas*, *Revista Eletrônica Ventilando Acervos* e *Revista Letras*.

Em periódicos sem classificação no Qualis Periódicos 2013-2016 da área Comunicação e Informação, que somam 30 periódicos, foram publicados 36 (19%) artigos. Nesta condição, destacam-se *Anuário do Instituto de Geociências* com sete artigos, *Ensino em Revista* com cinco artigos. Os demais periódicos sem estrato veicularam um artigo, cada.

Os resultados aqui descritos referentes ao número de artigos dos docentes/pesquisadores dos três programas por periódicos classificados no Qualis quadriênio 2013-2016 na área Comunicação e Informação foram condensados no Gráfico 4 para visualização otimizada.

**Gráfico 4** - Distribuição total dos artigos em periódicos classificados no Qualis Periódicos CAPES



Fonte: Dados da pesquisa (2016) – elaboração a partir do *corpus* documental analisado

É importante ressaltar, conforme já abordado no Capítulo 2 desta tese, que um periódico pode ser classificado em mais de uma área de conhecimento. Assim, muitos dos periódicos sem classificação na área Comunicação e Informação podem estar classificados em outras áreas, no entanto descrever a classificação dos mesmos em cada uma das outras áreas não é objetivo desta tese, mas sim abordar a classificação com foco na área Comunicação e Informação.

As classificações Qualis Periódicos do Triênio 2010-2012 e do Quadriênio 2013-2016 estão disponíveis para consulta pública na Plataforma Sucupira.

### 6.3 Idioma dos artigos

No intuito de identificar o idioma dos 188 artigos científicos publicados pelos docentes/pesquisadores, constatou-se que, no caso do grupo investigado, a língua portuguesa incide com proeminência na produção dos artigos, perfazendo total de 169 (90%) artigos.

Na Tabela 22 visualiza-se o detalhamento dos idiomas dos artigos por programa:

**Tabela 22 - Artigos científicos por idioma**

ANO	Nº DE ARTIGOS	PPG-PMUS UNIRIO/MAST				PPGMus USP				PPGMuseu UFBA			
		P	I	F	E	P	I	F	E	P	I	F	E
2006	8	3				3				2			
2007	20	11	1			2				6			
2008	17	9	2			3				3			
2009	10	7	1							2			
2010	13	7	2							3			1
2011	16	12	1			2				1			
2012	29	21	2	1		2				3			
2013	26	17	2			1			1	4			1
2014	18	10				3				5			
2015	23	8	2		1	4				8			
2016	8	2				3				3			
<b>Total</b>	<b>188</b>	<b>107</b>	<b>13</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>23</b>			<b>1</b>	<b>40</b>			<b>2</b>

Fonte: Dados da pesquisa (2016) – elaboração a partir do *corpus* documental analisado

Onde:

P = Português;

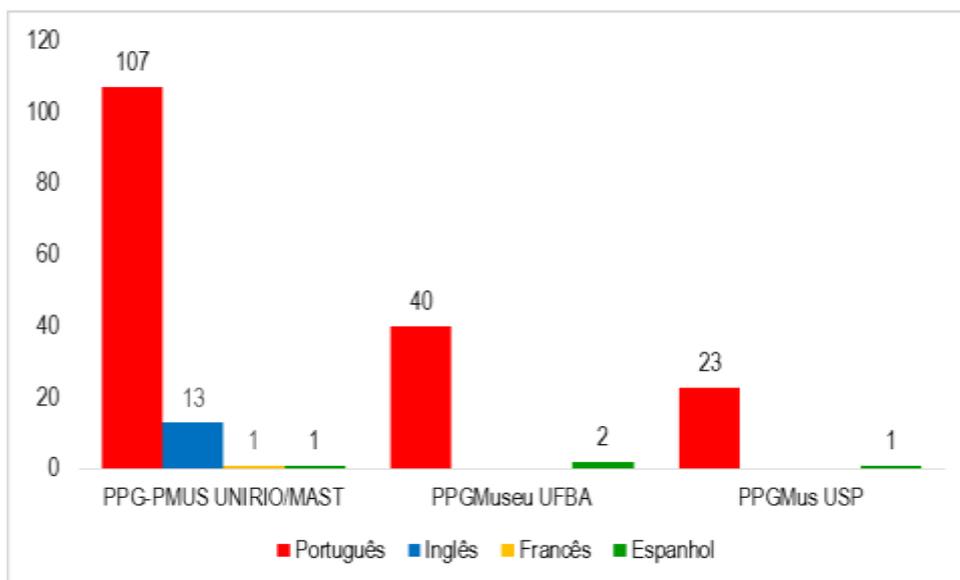
I = Inglês

F = Francês

E = Espanhol

Conforme dados condensados na Tabela 22, além do idioma português, evidenciaram-se artigos em língua inglesa, espanhola e francesa. Os artigos em inglês somam 13 (7%), em espanhol somam quatro (2%) e em francês houve a incidência de apenas um artigo. Tal constatação pode ser mais bem observada no Gráfico 5 em sequência:

**Gráfico 5 -** Frequência percentual do idioma nos artigos científicos



Fonte: Dados da pesquisa (2016) – elaboração a partir do *corpus* documental analisado

O fato de a maior parte da produção científica de artigos ter sido publicada em língua portuguesa pode indicar um alto grau de nacionalização do conhecimento produzido na área da Museologia brasileira, bem como indicar que as redes formadas pelos docentes/pesquisadores ainda são extremamente tímidas quando internacionais.

#### **6.4 Tipologia documental referenciada**

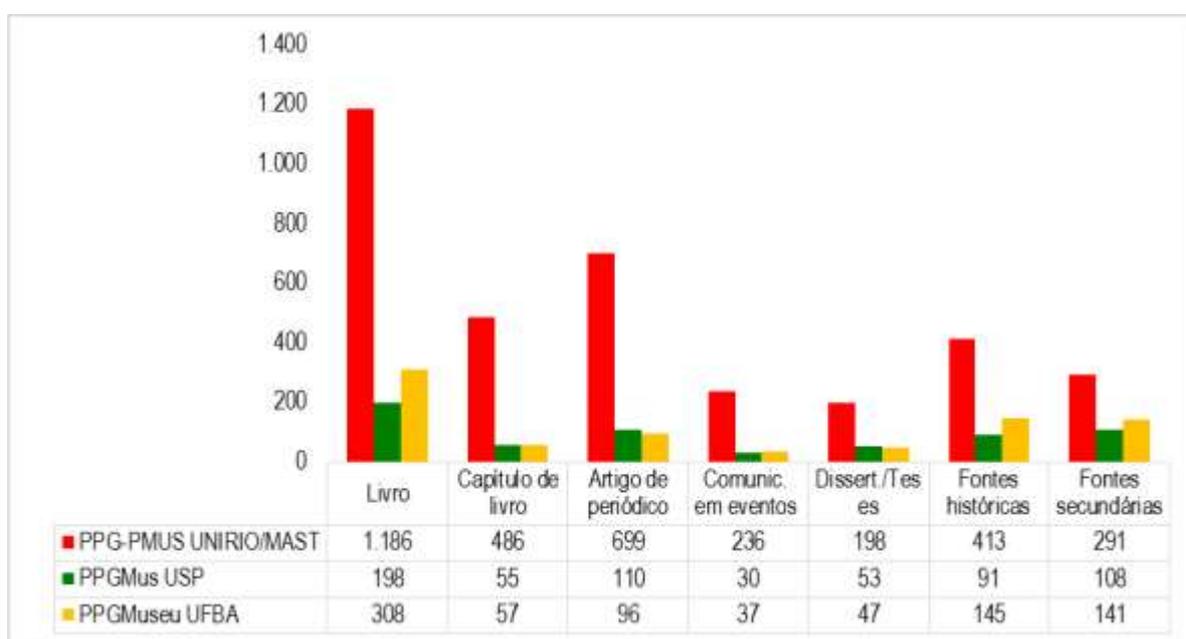
Nesta seção, procedeu-se a identificação e quantificação da tipologia documental que compõe a lista de referências dos artigos analisados, de modo a conhecer o tipo de documento utilizado na construção do conhecimento. Isto porque sem literatura científica uma área de conhecimento não poderá existir, ser validada e ter considerada sua cientificidade (Ziman, 1968).

Desta forma, no *corpus* documental de 188 artigos, identificaram-se 4.877 referências, assim distribuídas: nos artigos dos docentes/pesquisadores do PPG-PMUS UNIRIO/MAST, que somam 122 artigos, foram levantadas 3.401 referências. Nos 42 artigos dos docentes/pesquisadores do PPGMuseu UFBA, levantaram-se 831 referências. Já nos artigos dos docentes/pesquisadores do PPGMus USP que perfaz 24 artigos, levantaram-se 645 referências.

O tipo de documento identificado nas 4.877 referências corresponde a livros, capítulos de livros, artigos de periódicos, comunicações em eventos, dissertações e teses, fontes históricas e fontes secundárias. Estes tipos de documentos representam importante papel na seara da comunicação científica.

Os resultados acerca da incidência de cada tipologia documental identificada nos artigos e mais utilizados pelos docentes/pesquisadores da área são mostrados no Gráfico 6:

**Gráfico 6** – Tipologia documental referenciada nos artigos de periódicos



Fonte: Dados da pesquisa (2016) – elaboração a partir do *corpus* documental analisado

O tipo de documento com maior incidência de referências nos artigos dos docentes/pesquisadores dos três programas foi o livro com 1.692 referências. Este resultado revela a hegemonia do livro, em detrimento aos demais tipos de documentos, mesmo com o desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação que fomentaram o surgimento de novos suportes eletrônicos (*e-books*, periódicos eletrônicos, anais eletrônicos). Mas há que se ressaltar que na contagem dos livros referenciados foram consideradas as várias edições de uma mesma obra. De modo mais específico, constam do *corpus* documental analisado referências à livros nacionais e internacionais, sendo 1.080 nacionais e 612 internacionais, expressando a proeminência da utilização da literatura científica nacional.

Em sequência, como segundo tipo de documento mais referenciado, tem-se os artigos de periódicos científicos que somaram 905 referências a 349 periódicos nacionais e internacionais. Os periódicos que obtiveram incidência a partir de 10 referências foram: *Anais do Museu Paulista* (34 referências), *Revista Museologia e Patrimônio* (31 referências), *Cadernos de Sociomuseologia* (30 referências), *Anais do Museu Histórico Nacional* (25 referências), *Icofom Study Series* (23 referências), *Museological Working Papers/Documents de Travail sur la Muséologie* (21 referências), *Museum International* (14 referências), *Palaeontology* (14 referências), *Estudos Históricos* (14 referências), *Boletim do Museu Emílio Goeldi – Ciências Humanas* (13 referências), *História, Ciências, Saúde – Manguinhos* (12 referências), *Bulletin of the Scientific Instrument Society* (11 referências), *Journal of Palentology* (11 referências), *Museologia e Interdisciplinaridade* (10 referências), *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia* (10 referências) e *Studies in History and Philosophy of Science* (10 referências). Neste conjunto, observou-se referências a periódicos clássicos e contemporâneos, em sua maioria de acesso aberto.

Ainda no contexto de referências aos artigos de periódicos, identificaram-se, também, 11 periódicos científicos da área da Ciência da Informação, com incidência total de 20 referências, como os brasileiros *Ciência da Informação* (seis referências), *Perspectivas em Ciência da Informação* (uma referência), *Liinc em Revista* (uma referência), *Inclusão Social* (três referências), *Transinformação* (uma referência), *Informação & Sociedade: estudos* (uma referência), *Biblionline* (uma referência), *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação* (uma referência), *Informare* (uma referência), o peruano *Biblios* (duas referências) e o português *Prisma.com* (duas referências). Mesmo com incidência tímida, considera-se que este quadro reforça a existência da relação entre a Museologia e a Ciência da Informação, que como já referido, configura uma particularidade do Brasil.

Como terceiro tipo de documento mais referenciado aparecem as fontes históricas que totalizaram 649 referências. Houve referências às mais diversas fontes históricas institucionais como Arquivo do Instituto Biológico de São Paulo, Arquivos do MAST, Arquivo da Escola de Museologia da UNIRIO, *Rockefeller Archive Center*, Arquivo do MAC Veneza, Acervo da Pinacoteca de São Paulo, que possibilitam procurar e manusear documentos. Também constam inúmeras referências a documentos

oficiais como Decretos, Constituição Federal, Resoluções, bem como outras fontes como jornais (Diário Oficial – 1914; Correio Paulistano – 1903, e outros), entrevistas, fotografias, dentre outras importantes fontes para construção do conhecimento.

O quarto tipo de documento mais referenciado foi capítulo de livro com 598 referências. Deste total, 418 referências a capítulo de livro nacional e o restante, 180, a capítulo de livro internacional.

A menção às fontes secundárias somaram 540 referências. Estas correspondem a textos elaborados para cursos, apontamentos de disciplinas, apresentação de eventos, palestras, projetos de pesquisa, monografias de cursos de graduação, plano diretor de instituições museais, *sites* diversos (universidades, museus, redes sociais na *internet*, etc.), matérias em jornais, música, dentre outros tipos de documentos.

O sexto tipo de documento mais referenciado nos artigos dos docentes/pesquisadores diz respeito às comunicações em eventos com 303 referências. Nestas referências constam comunicações em eventos nacionais e internacionais diversos. Dentre eles, destacam-se eventos, em suas mais diversas edições, como o Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia<sup>136</sup>, o Congresso Luso-Brasileiro de História da Ciência, o Encontro Nacional da Rede de Educadores em Museus e Centros Culturais do Estado do Rio de Janeiro, o Seminário de Pesquisa em Museologia dos Países de Língua Portuguesa e Espanhola (SIAM), o Encontro Anual do ICOFOM LAM, a Conferência Internacional do MINOM, dentre outros eventos. Ora bem, referências às comunicações nos eventos descritos indicam que a produção dos docentes/pesquisadores está embasada por discussões que cruzam territórios e fronteiras internacionais, realçando o diálogo da Museologia com outras áreas do conhecimento como a História das Ciências e Ciência da Informação.

A exemplo de referências aos periódicos científicos da área da Ciência da Informação, também foram identificadas comunicações em eventos desta área como o ENANCIB que incidiu com 25 referências. Mais uma questão que reforça o diálogo da Museologia com a Ciência da Informação é que o evento, conforme já referido na

---

<sup>136</sup> Evento promovido pela Sociedade Brasileira de História da Ciência (SBHC), o qual é realizado desde o início da década de 1980, congregando pesquisadores de diversas origens e especialidades. A 15ª edição do evento ocorreu entre os dias 16, 17 e 18 de novembro de 2016 em Florianópolis. A referida edição contou com uma sessão temática intitulada *Lugares de patrimônio e história dos museus*, sob a coordenação de docente/pesquisador da UNIRIO/MAST. Disponível em: <http://www.15snhct.sbhct.org.br/>. Acesso em: 21 dez. 2016.

Introdução desta tese, possui um GT dedicado à Museologia, no caso o GT 09 - Museu, Patrimônio e Informação, criado em 2008, o qual é coordenado por docente/pesquisador do PPG-PMUS UNIRIO/MAST e que conta com maioria de docentes/pesquisadores desse programa como membros da Comissão Científica do GT, mas também com alguns docentes/pesquisadores do PPGMus USP e PPGMuseu UFBA.

Além do ENANCIB, nas referências dos artigos dos docentes/pesquisadores apareceu uma referência à comunicação em outro evento da área da CI. Trata-se do Encontro Nacional de Ensino e Pesquisa em Informação (CINFORM)<sup>137</sup> promovido, desde 1998, pelo Instituto de Ciência da Informação (ICI) da UFBA.

Por fim, dentre os sete tipos de documentos referenciados no *corpus* documental analisado, tem-se as dissertações e teses que juntas somam 298 referências. Deste total, 156 referências são de dissertações de mestrado e 142 referências são de teses de doutoramento. Do total de referências das dissertações, observou-se que 150 referências são de dissertações nacionais e que apenas seis referências correspondem à dissertações internacionais, oriundas das instituições ULHT e a UNL de Portugal, da *Clark University* dos EUA e da *Université Rennes II* da França.

Ainda sobre as dissertações, verificaram-se referências de dissertações realizadas nas mais diversas áreas como Artes, Comunicação, Educação, Geologia, Gestão e Difusão em Biociências, História, Memória Social, Turismo, dentre outras. Este quadro ratifica a adesão destas áreas às temáticas desenvolvidas no escopo da Museologia, já que a formação pós-graduada em Museologia teve início em 2006. Especificamente, no que concerne às dissertações realizadas em programas da área da Museologia, identificaram-se que 21 dissertações foram referenciadas. No caso, foram 20 dissertações do PPG-PMUS UNIRIO/MAST e uma dissertação do PPGMus USP. Também houve incidência de dissertações desenvolvidas no âmbito da área da Ciência da Informação, de onde se identificaram dissertações do PPGCI da USP e da UFBA, com total de três dissertações cada, referenciadas uma vez. Este resultado para dissertações em CI foi identificado apenas nos artigos dos docentes/pesquisadores do PPGMus USP e PPGMuseu UFBA.

---

<sup>137</sup> As edições do evento podem ser consultadas em: <http://www.cinform2015.ufba.br/>. Acesso em: 28 dez. 2016.

No que se refere às teses, observou-se que 131 teses são nacionais e apenas 11 teses são internacionais. As teses internacionais pertencem às seguintes instituições: ULHT e Universidade de Aveiro de Portugal, *University of Reading* da Inglaterra, *Conservatoire National des Arts et Métiers* e *École des hautes études en sciences sociales* (EHESS) ambas da França, *University of California*, *Universidade of Harvard*, *University of Cambridge*, *University of Cincinnati* todas dos EUA, *Université du Québec à Montreal* do Canadá, *University of Zagreb* da Croácia e Universidad Nacional de Colombia.

Identificaram-se referências às teses desenvolvidas nas áreas de Antropologia, Arqueologia, Arquitetura e Urbanismo, Artes Visuais, Comunicação, Educação, Ciências Sociais, Geologia, Geociências, História, História das Ciências, Ensino e História de Ciências da Terra, Ciência da Informação, Linguística, Psicologia Social, Serviço Social, Sociologia, Engenharia de Produção, Engenharia Metalúrgica e de Materiais, dentre outras. Assim, como as dissertações, algumas teses foram realizadas sobre temas no escopo da Museologia, inclusive por parte de docentes/pesquisadores dos programas. Referência à tese realizada em Programa de Pós-Graduação em Museologia houve uma, proveniente da ULHT. Constatou-se, ainda, incidência de teses na área da Ciência da Informação. No caso, foram identificadas cinco teses que obtiveram nove referências. As teses em CI são do PPGCI convênio UFRJ/IBICT e do PPGCI da USP, sendo identificadas nos artigos dos docentes/pesquisadores do PPG-PMUS UNIRIO/MAST e PPGMus USP.

## **6.5 Autores mais referenciados**

Em relação aos autores mais referenciados nas 4.877 referências constantes do *corpus* documental analisado, considerou-se pertinente determinar um valor de corte. Dessa forma, o critério assentou o sobre o fato de o autor ter sido referenciado pelo menos três vezes.

À partir do critério estabelecido, chegou-se a um total de 48 autores. O elenco dos autores, seguida da frequência com que foram referenciados pode ser visualizada na Tabela 23:

**Tabela 23** – Autores mais referenciados nos artigos

AUTORES MAIS REFERENCIADOS	FREQUÊNCIA	AUTORES MAIS REFERENCIADOS	FREQUÊNCIA
Pierre Bourdieu	55	Ivo Maroevic	9
Maria Margaret Lopes	41	Pierre Levy	9
Tereza Cristina M. Scheiner	30	Stuart Hall	9
Mário de Souza Chagas	28	Bruno Latour	8
Michel Foucault	25	Jacques Le Goff	8
Sibele Cazelli	23	Jesús Martín-Barbero	8
Maria Cristina Oliveira Bruno	19	Marília Xavier Cury	8
André Desvallees	18	Georges Henri Rivière	7
Néstor García Canclini	18	Suely Cerávolo	7
Ulpiano Menezes	18	Marcus Granato	6
Marta Lourenço	17	Augé Marc	6
François Mairesse	16	André Lemos	6
Regina Abreu	16	Dominique Poulot	6
Diana Farjalla Correia Lima	14	Ana Gregorova	5
Maria Esther Valente	13	Roger Chartier	5
Peter Van Mensch	13	Luciana Sepúlveda Köptcke	5
Françoise Choay	12	Umberto Eco	5
Waldisa Rússio C. Guarnieri	12	Bruno Brulon Soares	4
Paulo Freire	11	Helouisa Barbuy	4
Pierre Nora	11	Judite Primo	4
Cornelius Castoriadis	10	Lena Vânia Ribeiro Pinheiro	4
Ivan Coelho de Sá	10	Aline Montenegro Magalhães	3
Zbynek Stránský	10	Ecléia Bosi	3
Hugues de Varine	10	Tomislav Sola	3
		Total	582

Fonte: Dados da pesquisa (2016) – elaboração a partir do *corpus* documental analisado

Nota-se que autores de expressão na área da Museologia tais como André Desvalles, François Mairesse, Hugues de Varine-Bohan, Georges Henri Rivière, Peter Van Mensch, Zbynek Stránský e Waldisa Rússio Camargo Guarnieri aparecem na lista dos mais citados. No entanto, são os autores brasileiros que aparecem à frente dos autores clássicos. São eles: Maria Margaret Lopes, Teresa Scheiner, Mario de Souza Chagas e Maria Cristina Oliveira Bruno. Com efeito, conclui-se que a produção científica dos docentes/pesquisadores está alicerçada nos estudiosos pioneiros que denotam confiança, autoridade, credibilidade e conhecimento acumulado no exercício do domínio da área, mas também aponta para uma geração de autores brasileiros que vêm influenciando teoricamente a construção do conhecimento da Museologia no Brasil impondo a identidade deste conhecimento na história da Museologia global.

Há que salientar que figuram também da lista de autores referenciados outros autores não diretamente ligados à área da Museologia, entre eles Umberto Eco da área da Comunicação, Paulo Freire da área da Educação, Ecléia Bosi da área da Psicologia.

## 6.6 Tipologia de autorias

A discussão acerca de como se dá a produção do conhecimento científico por pesquisadores de modo individual ou em colaboração não é recente. A *Royal Society*, no Século XVII, mesmo produzindo uma gama de trabalhos individuais, já destacava que as pesquisas realizadas em colaboração se constituía um “modo de promover novas pesquisas” (Meadows, 1999, p. 107). Reforça-se a ideia de que a produção do conhecimento científico em colaboração tomou fôlego no final do Século XIX, sendo difundido na Europa no século XX, após a Segunda Guerra Mundial. Algo que contribuiu para o aumento do número de artigos científicos publicados.

Assim, buscou-se mapear o tipo de autoria presente nos artigos dos docentes/pesquisadores dos programas de pós-graduação *stricto sensu* em Museologia no Brasil, que consta detalhado na Tabela 24:

**Tabela 24** - Artigos científicos por tipo de autoria e ano de publicação

ANO	Nº TOTAL DE ARTIGOS	PPG-PMUS UNIRIO/MAST		PPGMus USP		PPGMuseu UFBA	
		Única	Múltipla	Única	Múltipla	Única	Múltipla
2006	8	1	2	3		1	1
2007	20	6	6	2		4	2
2008	17	6	5	2	1	3	
2009	10	5	3			1	1
2010	13	4	5			3	1
2011	16	5	8	2		1	
2012	29	8	16	2		3	
2013	26	9	10	2		2	3
2014	18	3	7	3		3	2
2015	23	4	7	3	1	4	4
2016	8		2	2	1	2	1
<b>Total</b>	<b>188</b>	<b>51</b>	<b>71</b>	<b>21</b>	<b>3</b>	<b>27</b>	<b>15</b>

Fonte: Dados da pesquisa (2016) – elaboração a partir do *corpus* documental analisado

Os dados constantes da Tabela 24 revelam que 99 (53%) artigos são de autoria única, enquanto 89 (47%) são de autoria múltipla.

De forma detalhada, dentre os três programas, a autoria única aparece com mais evidência nos artigos dos docentes/pesquisadores dos programas da UFBA e da USP, sendo 27 (64%) e 21 (87%) do total de artigos de cada programa, respectivamente.

Diferentemente, os docentes/pesquisadores do PPG-PMUS UNIRIO/MAST se destacam por apresentar maioria de artigos em autoria múltipla, total de 71 (58%) artigos dos 122 artigos deste programa, enquanto que artigos em autoria única somaram 51 (42%). Ainda quanto ao programa em questão, observou-se que a tendência de artigos em autoria múltipla obteve maior incidência entre 2012 e 2014.

Mapeou-se o número de autores constantes dos artigos. Especificamente, com relação apenas aos 89 (47%) artigos em autoria múltipla, identificou-se que predominam as autorias duplas presentes em 48 (54%) artigos. A distribuição de autoria múltipla com três autores soma 21 (24%) artigos, com quatro autores soma 12 (14%) artigos, com cinco autores soma três (3%) artigos, enquanto que autoria múltipla com mais de cinco autores perfaz seis (7%) artigos. Os totais dos números de autores são apresentados na Tabela 25:

**Tabela 25** - Distribuição de artigos publicados por número de autores

ANO	Nº DE ARTIGOS	PPG-PMUS UNIRIO/MAST						PPGMus USP					PPGMuseu UFBA						
		Número de Autores																	
		1	2	3	4	5	+5	1	2	3	4	5	+5	1	2	3	4	5	+5
2006	8	1	1	1				3						1		1			
2007	20	6	1	1		1	3	2						4	1	1			
2008	17	6	2	3				2		1				3					
2009	10	5	1		1	1								1		1			
2010	13	4	1	1	1	1	1							3	1				
2011	16	5	6				2	2						1					
2012	29	7	10	3	4			2						3					
2013	26	10	5	1	3			2						2	1	2			
2014	18	3	4	2	1			3						3	2				
2015	23	4	3	2	2			3	1					4	4				
2016	8		1	1				2	1					2	1				
<b>Total</b>	<b>188</b>	<b>51</b>	<b>35</b>	<b>15</b>	<b>12</b>	<b>3</b>	<b>6</b>	<b>21</b>	<b>2</b>	<b>1</b>				<b>27</b>	<b>10</b>	<b>5</b>			

Fonte: Dados da pesquisa (2016) – elaboração a partir do *corpus* documental analisado

Ainda em relação ao número de autores na produção dos artigos, observou-se que o PPG-PMUS UNIRIO/MAST é o único programa que possui artigos em autoria com dois, três, quatro, cinco e com mais de cinco autores, o que é indicativo da forte

tendência do desenvolvimento de trabalho em colaboração. Já o PPGMus USP e o PPGMuseu UFBA são os que apresentam resultados modestos para autoria múltipla, apesar de possuírem artigos em autoria dupla e com até três autores.

A produção científica em autoria múltipla ou em colaboração é uma realidade já consolidada, o que reflete a atuação de grupos proativos que faz diminuir o número de produções individuais, em consonância com o crescimento e a especialização da atividade científica (Meadows, 1999).

#### 6.6.1 Autoria múltipla

No que se refere aos artigos publicados em autoria múltipla, os quais somam 89 (47%) artigos, como visto anteriormente, buscou-se identificar em que âmbito ocorreram as autorias múltiplas, se nacional ou internacional.

Obteve-se que a incidência da autoria múltipla em nível nacional predominou nos artigos, perfazendo um total de 85 (96%) artigos. O PPG-PMUS UNIRIO/MAST é o programa que concentra mais da metade do seu total de artigos (122) em autoria múltipla em nível nacional. A autoria múltipla em nível internacional que perfaz apenas 4 (4%) do total de artigos se mostra um pouco tímida por parte do PPG-PMUS UNIRIO/MAST, chegando a inexistir na produção de artigos dos dois outros programas, conforme dados da Tabela 26:

**Tabela 26** - Incidência de artigos em autoria múltipla em nível nacional ou internacional

ANO	Nº DE ARTIGOS	PPG-PMUS UNIRIO/MAST		PPGMus USP		PPGMuseu UFBA	
		Nacional	Internacional	Nacional	Internacional	Nacional	Internacional
2006	8	2				1	
2007	20	6				2	
2008	17	5		1			
2009	10	3				1	
2010	13	5				1	
2011	16	6	2				
2012	29	16					
2013	26	9	1			3	
2014	18	7				2	
2015	23	6	1	1		4	
2016	8	2		1		1	
<b>Total</b>	<b>188</b>	<b>67</b>	<b>4</b>	<b>3</b>		<b>15</b>	

Fonte: Dados da pesquisa (2016) – elaboração a partir do *corpus* documental analisado

## 6.6.2 Titulação e vínculo institucional da autoria múltipla

Na análise da titulação e vínculo institucional referente aos autores dos 89 artigos em autoria múltipla não se fez distinção entre autores nacionais e internacionais, tendo sido identificada a formação acadêmica de 214 (100%) autores, suprimidos os docentes/pesquisadores dos programas. Os artigos em autoria múltipla do PPG-PMUS UNIRIO/MAST somaram 188 (88%) autores, os do PPGMus USP quatro (2%) autores e os artigos do PPGMuseu UFBA totalizaram 22 (10%) autores.

Do total de 214 autores, identificou-se que 106 possuem o título de doutor ou *Philosofae Doctor (PhD)* sendo que a maioria dos coautores obteve o seu título em programas de doutorado do Brasil, mas também há casos de obtenção do título em países da Europa como Portugal e França. O PPG-PMUS UNIRIO/MAST foi o programa com maior incidência de autores com tal titulação em seus artigos em autoria múltipla.

O total de autores mestres correspondeu a 32, todos com titulação obtida em programas de pós-graduação brasileiros. Somados os totais de alunos de pós-graduação (doutorandos e mestrandos) e alunos de graduação, obteve-se o total de 60. Este resultado pode caracterizar contribuição importante do corpo discente nos artigos publicados. Alguns artigos são oriundos de investigações em andamento, de monografias de graduação, de projetos de iniciação científica ou mesmo de investigações desenvolvidas em grupos de pesquisa, o que reforça o desenvolvimento de trabalho em colaboração na investigação/pesquisa e, também, na produção de *outputs*.

**Tabela 27** - Titulação dos autores dos artigos em autoria múltipla

TITULAÇÃO	PPG-PMUS UNIRIO/MAST	PPGMus USP	PPGMuseu UFBA	Total
Doutor	100		6	106
Doutorando	13		1	18
Mestre	26	1	2	32
Mestrando	11	1	1	10
Especialista	4			3
Graduado	12	2	2	17
Aluno de Graduação	22		10	32
<b>Total</b>	<b>188</b>	<b>4</b>	<b>22</b>	<b>214</b>

Fonte: Dados da pesquisa (2016) – elaboração a partir do *corpus* documental analisado

Constatou-se, ainda, a tendência da maioria dos coautores serem docentes e alunos vinculados a programas de pós-graduação, o que se entende como resultado das exigências de avaliação da CAPES sobre os programas de pós-graduação.

Especificamente quanto ao vínculo institucional dos coautores, observou-se que os mesmos são ligados à diversas instituições como Universidades, Institutos e Centros de Pesquisa, Fundações, Secretarias de governo e Instituições museológicas. Isto é contemplado de forma mais detalhada nas redes de coautoria dos docentes/pesquisadores.

## **6.7 Caracterização das Redes de coautoria**

A ciência contemporânea vem mostrando a tendência cada vez mais frequente e crescente de publicação com múltiplos autores (Spinak, 1996). Já há algum tempo, investigações voltadas à “mensurar a colaboração científica entre os pesquisadores, instituições e países para visualizar a frente de pesquisa de determinada área” (Oliveira, Santarém & Santarém Segundo, 2009, p. 313) cresceram nas mais diferentes áreas de conhecimento.

De acordo com Oliveira, Santarém & Santarém Segundo (2009), as publicações em coautoria ou em autoria múltipla são bem quistas, dado o seu impacto, por agências de fomento à pesquisa, tanto que contemplam em suas chamadas públicas a fomento os grupos de pesquisa e publicações em colaboração.

A coautoria ou autoria múltipla, “se dice de documentos em que dos ou más autores participaron de su creacion” (Spinak, 1996, p. 30). Isto configura uma rede que engloba grupo de indivíduos que, de forma agrupada ou individual, se relacionam com outros para atingirem um fim específico. As redes podem “ter muitos ou poucos actores e uma ou mais classes de relações entre pares de actores” (Silva, Fialho, & Saragoza, 2013, p. 5).

As relações ou interações entre os atores ou grupo de pessoas (nós ou atores representados por círculos) em torno de um mesmo objetivo é possibilitada pela ARS e são representadas de forma gráfica por grafo, sociograma ou rede (Silva, Fialho, & Saragoza, 2013).

De modo a identificar com quem os docentes/pesquisadores dos programas de pós-graduação *stricto sensu* em Museologia estabeleceram relação de coautoria, realizou-se a ARS. Assim, foi possível gerar a rede social de coautoria de 22 (59%) docentes/pesquisadores, do total de 37 (100%), sendo 14 docentes/pesquisadores do PPG-PMUS UNIRIO/MAST, dois do PPGMus USP e seis do PPGMuseu UFBA, os quais publicaram artigos em coautoria.

Em sequência, apresentam-se os grafos e a análise individual dos docentes/pesquisadores (designados pela sigla DP com número sequencial) e a relação com os seus coautores (designados pelo sobrenome escrito por extenso com seus nomes abreviados) de forma detalhada por programa. Nos Grafos, os docentes/pesquisadores que estabeleceram redes de coautoria nos artigos foram destacados na cor amarela e os coautores na cor azul.

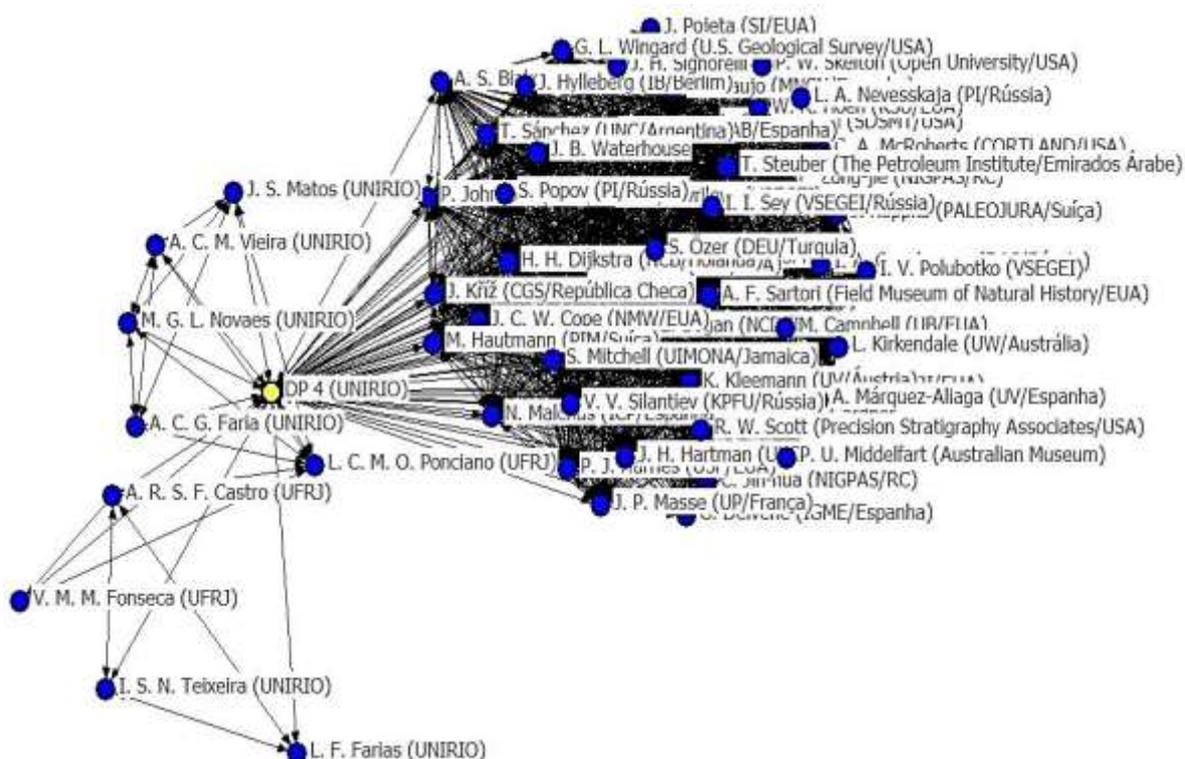
#### 6.7.1 Redes de coautoria do PPG-PMUS UNIRIO/MAST

Dos 16 docentes/pesquisadores do PPG-PMUS UNIRIO/MAST, 14 possuem artigos em coautoria. Nessa condição, foram publicados 71 artigos, dos quais constam 149 coautores. Incluem-se neste total de coautorias os próprios docentes/pesquisadores quando figuraram como coautores na publicação de artigo de colega do programa.

Iniciou-se a análise pela rede de coautoria de docente/pesquisador 4 (DP4) que manteve o maior número de coautores nos artigos. DP4 se relacionou com 59 coautores

e com 39 instituições na publicação de sete artigos. O exposto pode ser observado no Grafo 1:

**Grafo 1 – Rede social de coautoria de DP4**



Fonte: Dados da pesquisa (2016) – elaboração a partir do *corpus* documental analisado

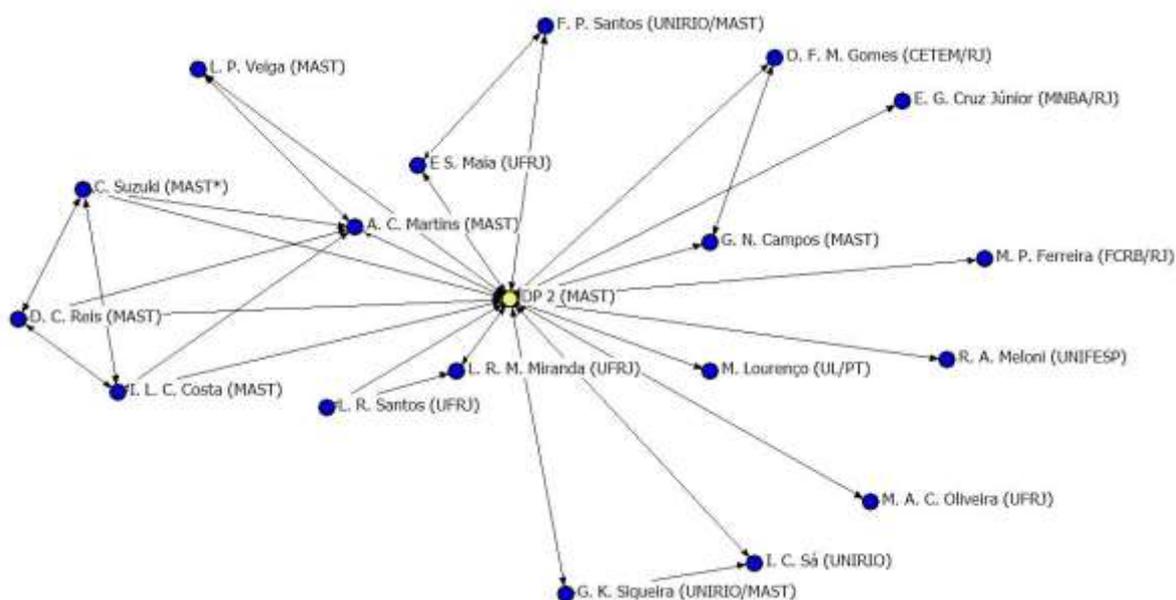
O maior número de relacionamento em coautoria de DP4 se deu com L. C. M. O. Ponciano, o qual é representado por cinco artigos. Além disso, observa-se que há relação de proximidade também com A. C. M. Vieira, M. G. L. Novaes, J. S. Matos e A. G. F. Farias com quem DP4 manteve relação por meio da publicação de três artigos, seguida de proximidade com A. R. S. F. Castro na publicação de dois artigos. Os demais autores são considerados elementos mais distantes na rede, pois DP4 estabeleceu apenas uma relação de coautoria.

Ainda sobre a rede de DP4, percebe-se que a UNIRIO (instituição de vínculo do indivíduo central) e a UFRJ são as instituições de vínculo dos coautores com maior número de relações, constituindo-se o centro da relação institucional. A relação com coautores da UNIRIO revela que esta é composta por alunos do Curso de Graduação em Museologia da instituição, enquanto que a relação com a UFRJ se deu com docentes

desta universidade. Além desta, DP4 manteve relação com grande número de coautores de universidades, centros de pesquisa e instituições museais internacionais de diversos países, como Espanha, Rússia, Alemanha, EUA, dentre outros em um único artigo.

DP2 possui total de 18 artigos, dos quais 17 são em coautoria. DP2 manteve relação com 18 coautores e oito instituições, conforme apresentado no Grafo 2:

**Grafo 2 – Rede social de coautoria de DP2**



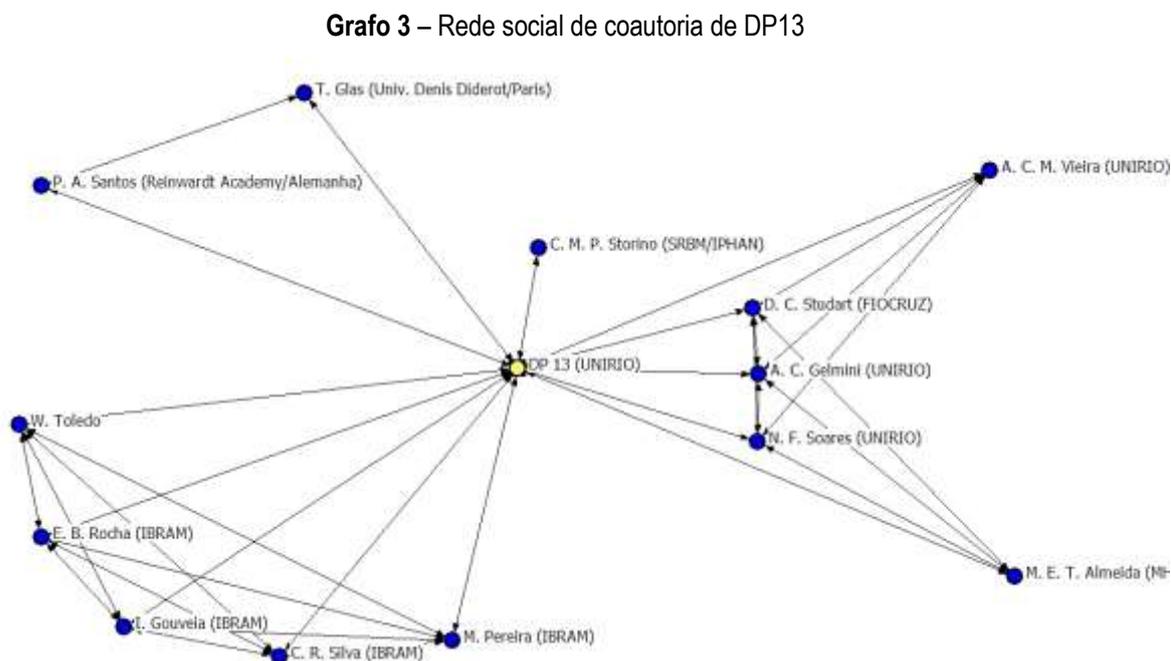
Fonte: Dados da pesquisa (2016) – elaboração a partir do *corpus* documental analisado

De acordo com o Grafo 2, observa-se a proximidade de L. R. M. Miranda a DP2. Juntos publicaram três artigos. Visualiza-se relação de proximidade também com E. S. Maia, A. C. Martins, L. R. Santos, G. N. Campos e M. Lourenço com quem DP2 publicou dois artigos com cada, seguida de proximidade com A. R. S. F. Castro com quem publicou dois artigos. Na rede de coautoria de DP2 se observa que 12 coautores são elementos distantes na rede, haja vista a publicação de apenas um artigo com os mesmos.

Percebe-se que DP2, além de estabelecer relação com o MAST, sua instituição de vínculo, mantém relações com a UFRJ, a UNIFESP, o Centro de Tecnologia Mineral (CETEM/RJ), o Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro (MNBA/RJ), a FCRB, também do Rio de Janeiro, e relação internacional representada pela

Universidade de Lisboa. A relação com esta instituição portuguesa é citada na descrição do grupo de pesquisa liderado por DP2.

O DP13 estabeleceu 13 relações de coautoria na publicação de seis artigos. O Grafo 3 apresenta a rede de coautoria de DP13:



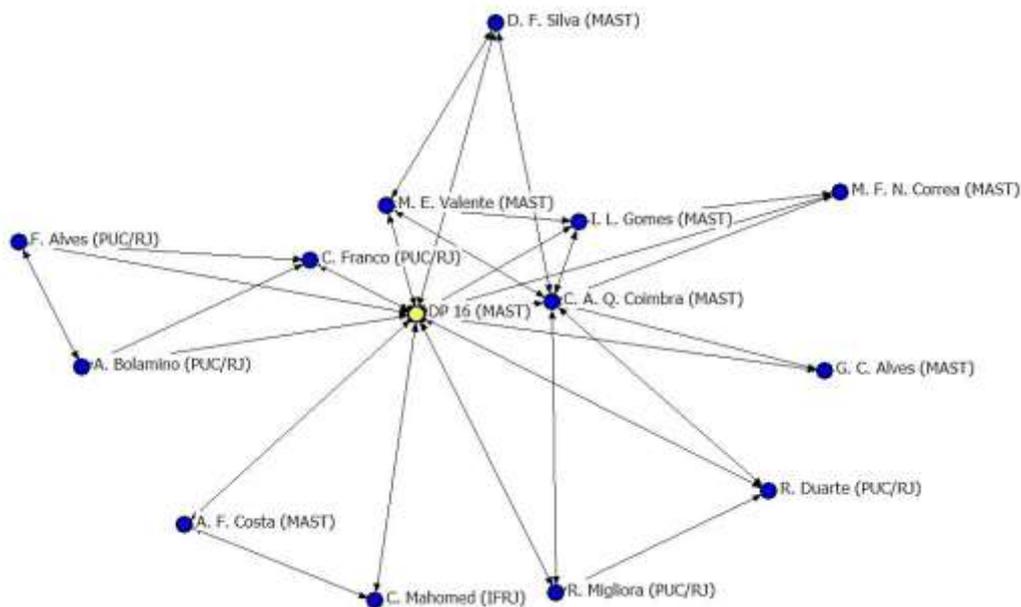
Fonte: Dados da pesquisa (2016) – elaboração a partir do *corpus* documental analisado

A rede de DP13 possibilita observar relação de proximidade com quatro coautores: C. M. P. Storino, D. C. Studart, A. C. Gelmini e N. F. Soares. As demais relações, total de nove, são elementos distantes na rede.

A maioria das coautorias se deu com coautores vinculados à diversas instituições brasileiras como a FIOCRUZ, o IBRAM, o MHN, o SRBM/IPHAN e a própria UNIRIO, sendo esta última de vinculação de discentes do Curso de Graduação em Museologia. DP13 estabeleceu relação de coautoria com autores vinculados às instituições internacionais como a *Reinwardt Academy* e a Universidade Denis Diderot.

Em sequência, apresenta-se o Grafo 4 que corresponde à rede social de coautoria de DP16. Este, na totalidade dos 11 artigos publicados manteve relação com 12 coautores, contudo, estabelecendo relação de proximidade com quatro coautores.

**Grafo 4 – Rede social de coautoria de DP16**



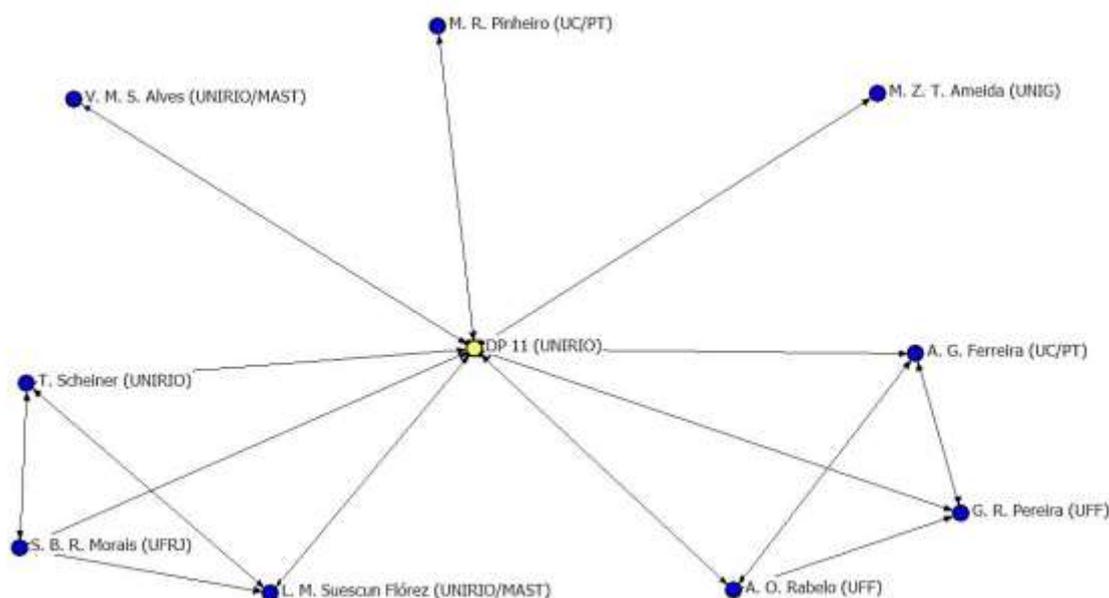
Fonte: Dados da pesquisa (2016) – elaboração a partir do *corpus* documental analisado

Identificou-se na rede social de coautoria de DP16 que a relação de proximidade se deu com quatro autores, sendo uma relação estabelecida com colega do PPG-PMUS/UNIRIO/MAST, no caso com M. E. Valente, por meio de dois artigos. Na rede de DP16 a relação com elementos distantes na rede ficou por conta de nove coautores com os quais foi estabelecida apenas uma relação de coautoria.

Na relação de DP16 com 12 coautores se identificou que os mesmos são vinculados ao MAST e à PUC/RJ.

Acerca da rede social de coautoria de DP11, obteve-se que o mesmo manteve cinco relações com nove coautores. Não houve relação de proximidade com nenhum coautor. A relação com os nove autores se deu de modo distante, por conta de apenas uma relação de coautoria com cada coautor. O Grafo 5 apresenta o exposto.

**Grafo 5 – Rede social de coautoria de DP11**

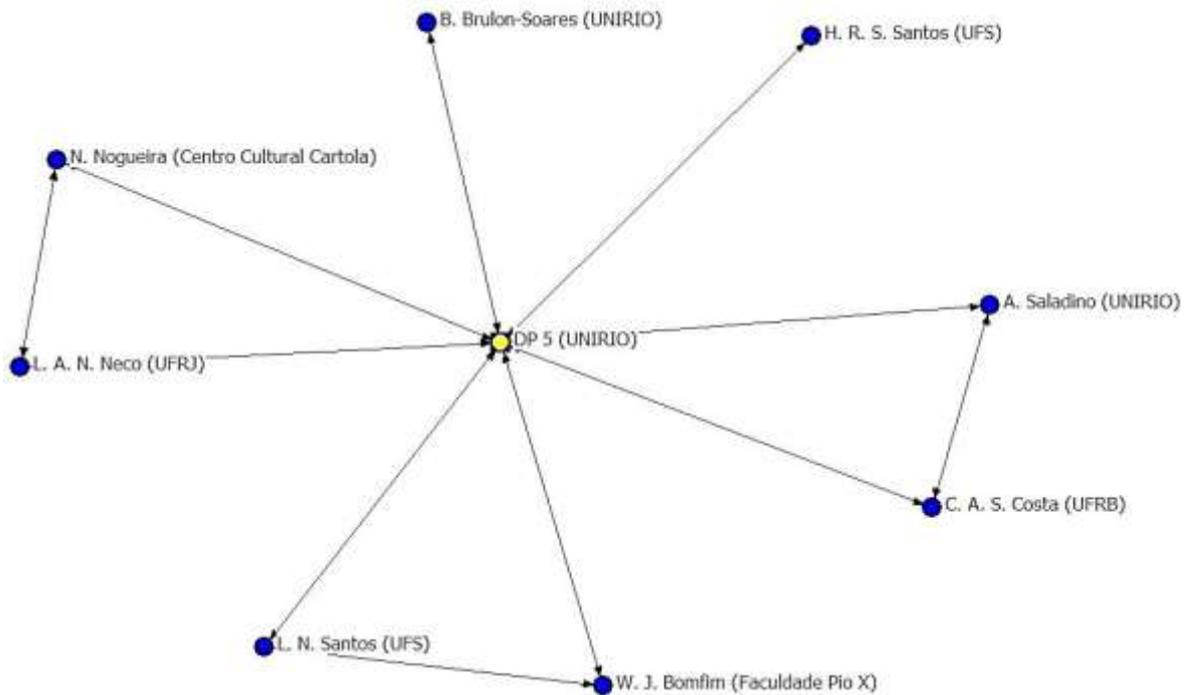


Fonte: Dados da pesquisa (2016) – elaboração a partir do *corpus* documental analisado

Observou-se, ainda, que DP11 possui uma relação de coautoria com um docente/pesquisador do PPG-PMUS UNIRIO/MAST. Figuras em sua rede cinco instituições brasileiras e uma instituição internacional, no caso a UC em Portugal. A relação de DP11 com a UC é oriunda de vínculo estabelecido quando da realização do estágio pós-doutoral em Ciências da Educação, na condição de bolsista da FCT, no período de 2006-2009. DP 11 é, ainda, membro do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX – CEIS 20 da UC, o qual é coordenado por M. R. Pinheiro, docente da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação desta universidade portuguesa.

A rede social de DP5 se deu pelo estabelecimento de cinco relações de coautoria com oito coautores. O Grafo 6 reflete a rede de coautoria de DP5:

**Grafo 6** – Rede social de coautoria de DP5



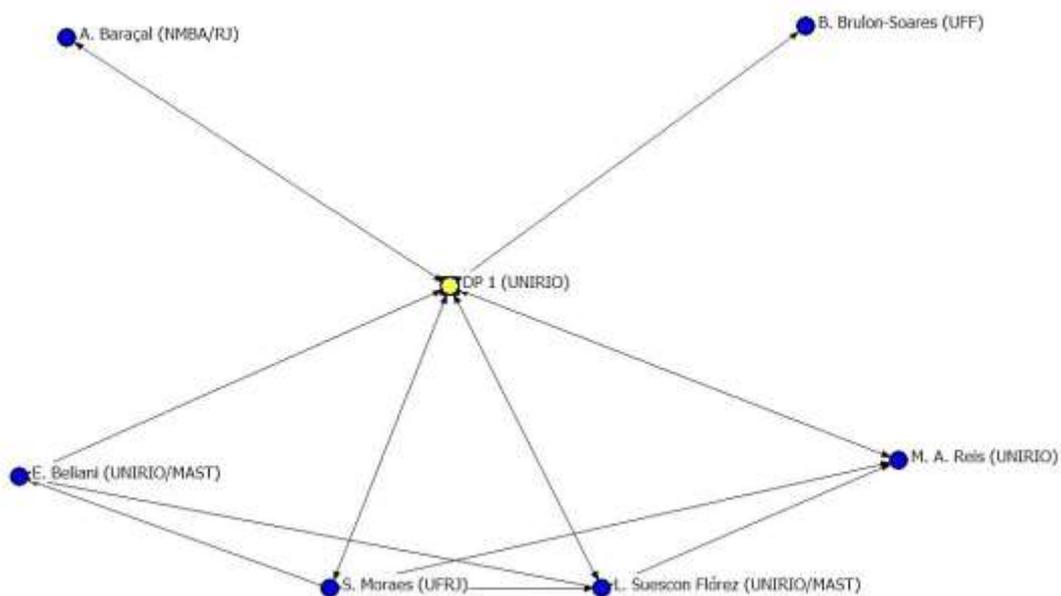
Fonte: Dados da pesquisa (2016) – elaboração a partir do *corpus* documental analisado

Observa-se na rede social de DP5 que não houve relação de proximidade com nenhum coautor e, também, nenhuma relação com colega do programa. Porém, observou-se relação com coautores vinculados às instituições de ensino superior como a própria UNIRIO, UFRJ, UFRB, UFS e a Faculdade Pio X.

A relação com a UFS é explicada pelo vínculo de DP5 com a referida instituição no período de 2009 a 2013 com atuação no Curso de Graduação em Museologia da UFS. Além disto, DP5 atua no Programa de Pós-Graduação em Arqueologia (PROARQ) desta universidade.

No que se refere à rede de DP1, constatou-se que o mesmo manteve quatro relações de coautoria com seis coautores. Em sua rede, conforme Grafo 7, não consta qualquer relação de proximidade, já que foi estabelecida apenas uma relação de coautoria com cada um dos seis coautores, no entanto, uma delas se deu com colega do PPG-PMUS UNIRIO/MAST. Houve relação de coautoria com mestrandas do programa.

**Grafo 7 – Rede social de coautoria de DP1**

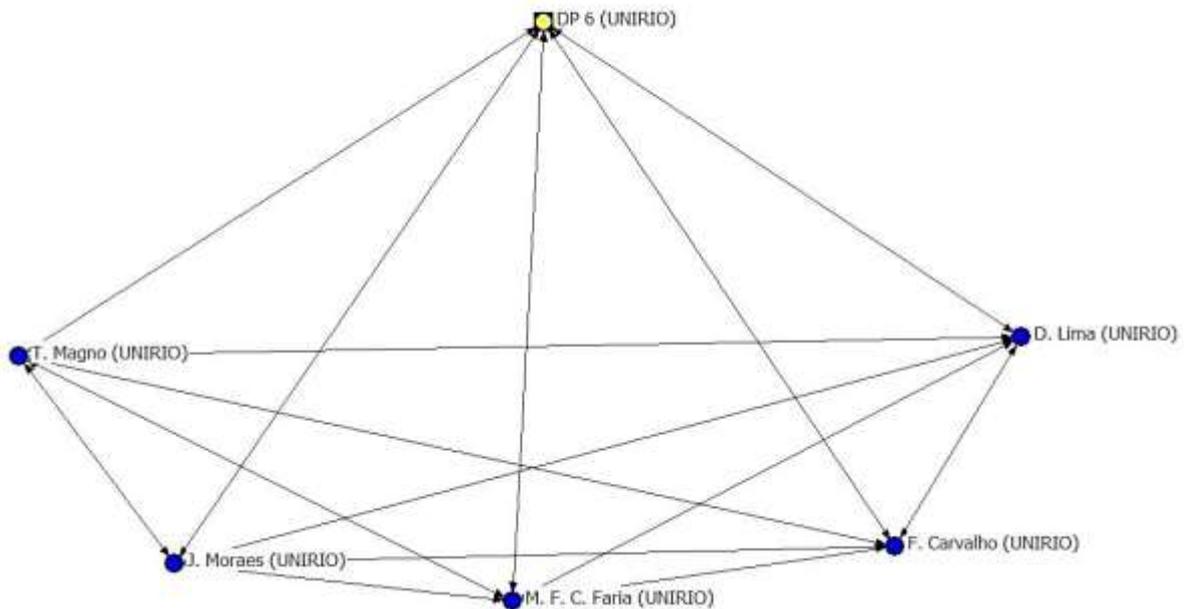


Fonte: Dados da pesquisa (2016) – elaboração a partir do *corpus* documental analisado

DP1 estabeleceu relação com três instituições, NMBA/RJ, UFRJ e UFF, além da que possui vínculo.

No caso da rede social de DP6, identificou-se relação com cinco coautores, em um único artigo, conforme Grafo 8:

**Grafo 8** – Rede social de coautoria de DP6

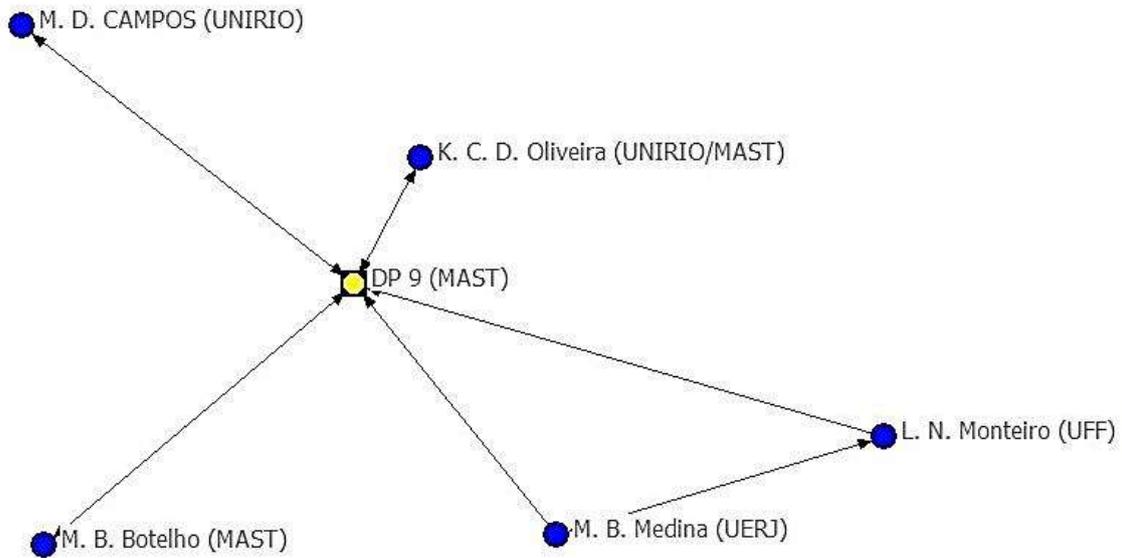


Fonte: Dados da pesquisa (2016) – elaboração a partir do *corpus* documental analisado

Observa-se por meio do Grafo 8 que todos os coautores com quem DP6 estabeleceu relação possuem vínculo com a UNIRIO. No entanto, a relação não se deu com nenhum colega do PPG-PMUS, mas com alunos do Curso de Graduação em Museologia da UNIRIO. Esses alunos são participantes de um projeto de observação de público intitulado *Determinação das Densidades Adequadas dos Objetos Expostos nas Exposições Museológicas. Os limites do espaço e observação e circulação*.

O Grafo 9 representa a rede social de coautoria de DP9. Quanto a este, foi estabelecida uma relação de coautoria com cinco coautores.

**Grafo 9** – Rede social de coautoria de DP9

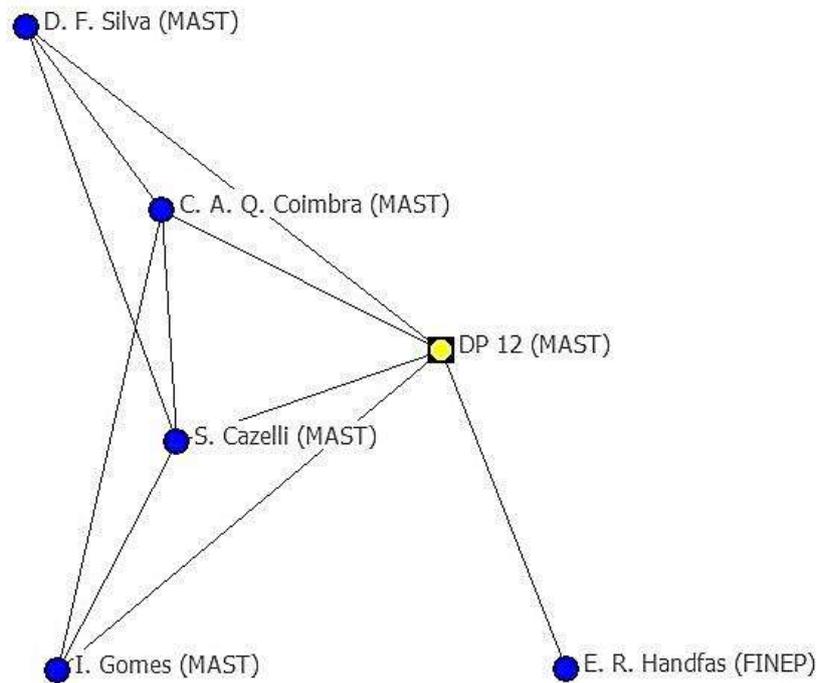


Fonte: Dados da pesquisa (2016) – elaboração a partir do *corpus* documental analisado

Com um total de quatro artigos em coautoria, observa-se que a relação de proximidade de DP9 se deu com K. C. D. Oliveira, doutoranda do PPG-PMUS sob sua orientação. Houve com os demais coautores vinculados ao MAST e a própria UNIRIO apenas um artigo.

Na rede social de DP12, representada no Grafo 10, a relação de coautoria com cinco coautores se deu em três artigos.

**Grafo 10** – Rede social de coautoria de DP12

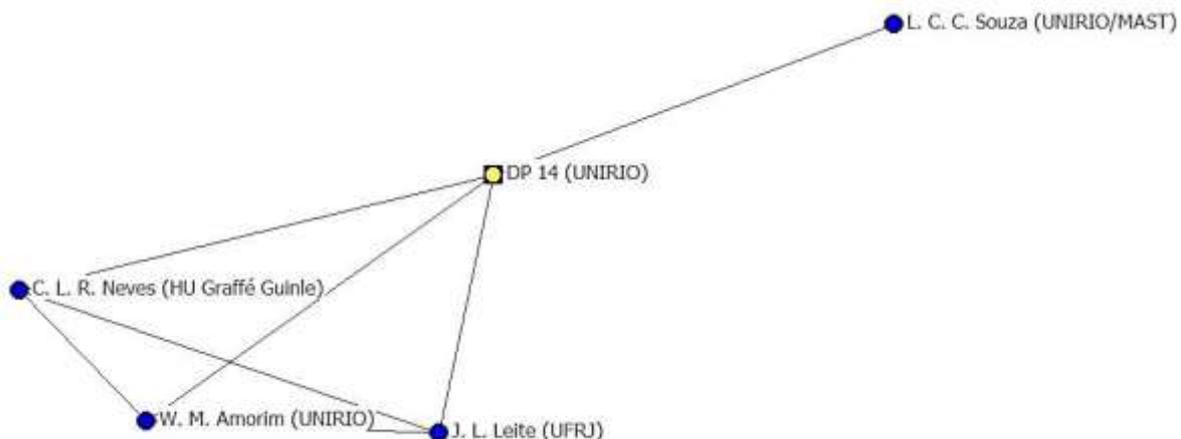


Fonte: Dados da pesquisa (2016) – elaboração a partir do *corpus* documental analisado

Observa-se na rede social de DP12 que duas das relações foi com colega do PPG-PMUS e a outra relação se deu com mestrando do programa com vinculação institucional à FINEP. A relação de proximidade de DP12 deu-se com S. Cazelli (coautora do convênio UNIRIO/MAST) e com C. A. Q. Coimbra.

No tocante à rede de coautoria de DP14, constatou-se que o mesmo estabeleceu relação de coautoria com quatro coautores, representada pela publicação de dois artigos em coautoria. O exposto está representado no Grafo 11:

**Grafo 11** – Rede social de coautoria de DP14

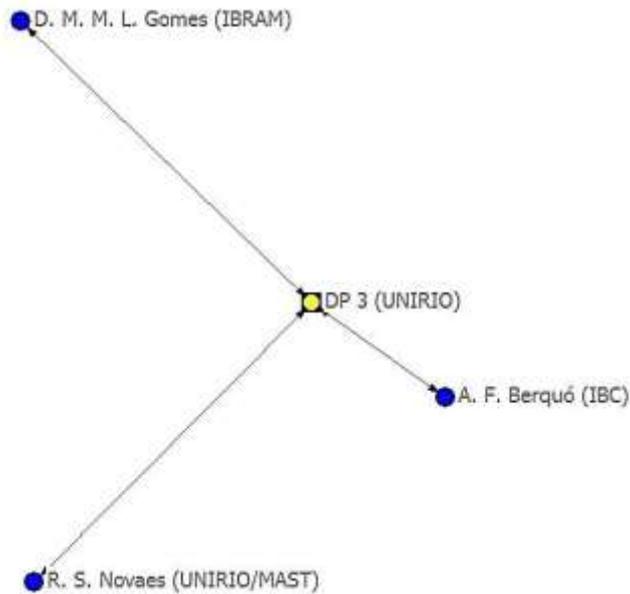


Fonte: Dados da pesquisa (2016) – elaboração a partir do *corpus* documental analisado

Na rede social de DP14 não foi estabelecida relação de proximidade. Observa-se que houve relação com coautor do convênio UNIRIO/MAST, com a UNIRIO, a UFRJ e com o Hospital Universitário Graffé Guinle.

DP3 estabeleceu relação com três coautores em quatro artigos. A relação de proximidade se deu com apenas um coautor, no caso A. F. Berquó do IBC, que fora mestranda do PPG-PMUS. As demais relações se deram com coautor vinculado ao convênio UNIRIO/MAST e com o IBRAM.

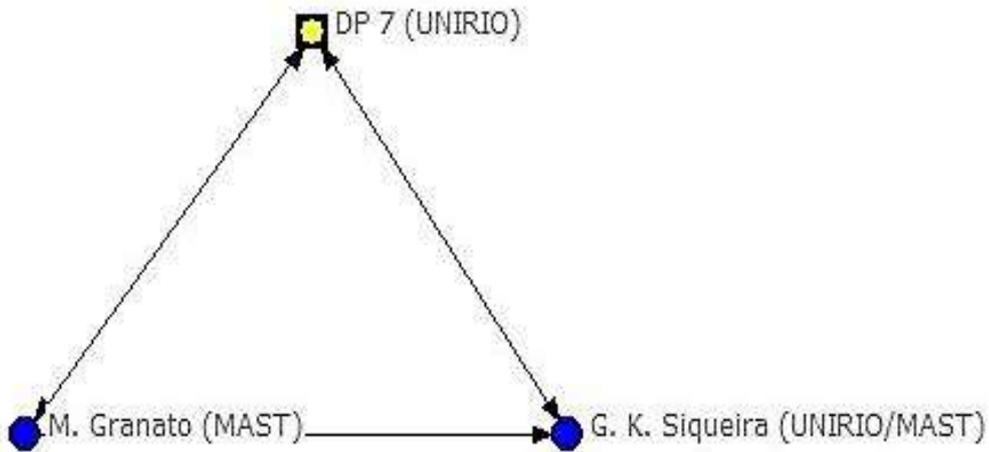
**Grafo 12** – Rede social de coautoria de DP3



Fonte: Dados da pesquisa (2016) – elaboração a partir do *corpus* documental analisado

DP7 possui apenas uma relação de coautoria com dois coautores, sendo com colega do PPG-PMUS UNIRIO/MAST e com estudante do programa.

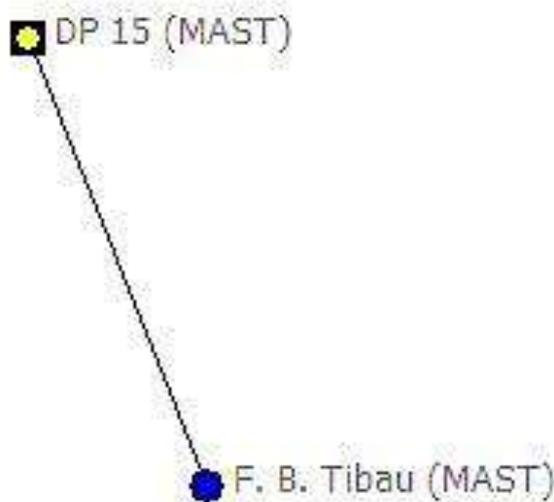
**Grafo 13** – Rede social de coautoria de DP7



Fonte: Dados da pesquisa (2016) – elaboração a partir do *corpus* documental analisado

DP15 estabeleceu apenas uma relação de coautoria com um coautor, conforme se observa no Grafo 14. A relação se deu com coautor vinculado ao MAST.

**Grafo 14** – Rede social de coautoria de DP 15



Fonte: Dados da pesquisa (2016) – elaboração a partir do *corpus* documental analisado

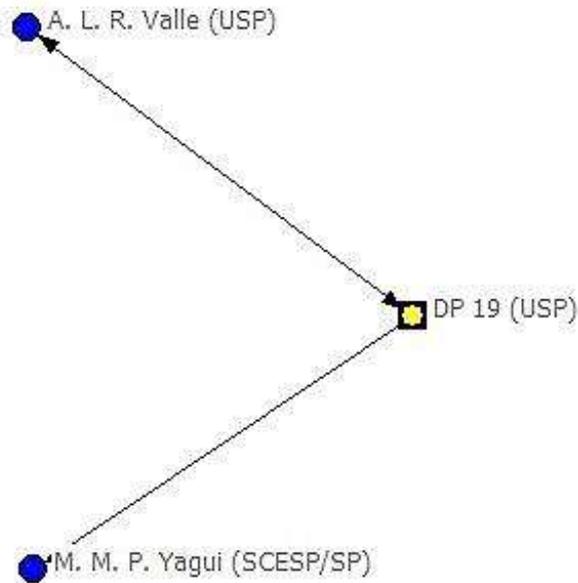
A análise da rede social dos 14 docentes/pesquisadores do PPG-PMus UNIRIO/MAST que publicaram em coautoria culminou na constatação de que a rede social de 11 docentes/pesquisadores (DP1, DP2, DP3, DP4, DP5, DP9, DP11, DP12, DP13, DP14 e DP16) é do tipo mista (intrainstitucional e interinstitucional), enquanto que a rede social de três docentes/pesquisadores (DP6, DP7 e DP15) é do tipo intrainstitucional.

#### 6.7.2 Redes de coautoria do PPGMus USP

Dos 10 docentes/pesquisadores que compõem o quadro do PPGMus USP, apenas dois possuem artigos em coautoria: DP19 e DP22.

Começando a análise da rede social de DP19, verificou-se que o mesmo estabeleceu relação de coautoria com dois coautores, sendo um artigo com cada.

**Grafo 15** – Rede social de coautoria de DP19

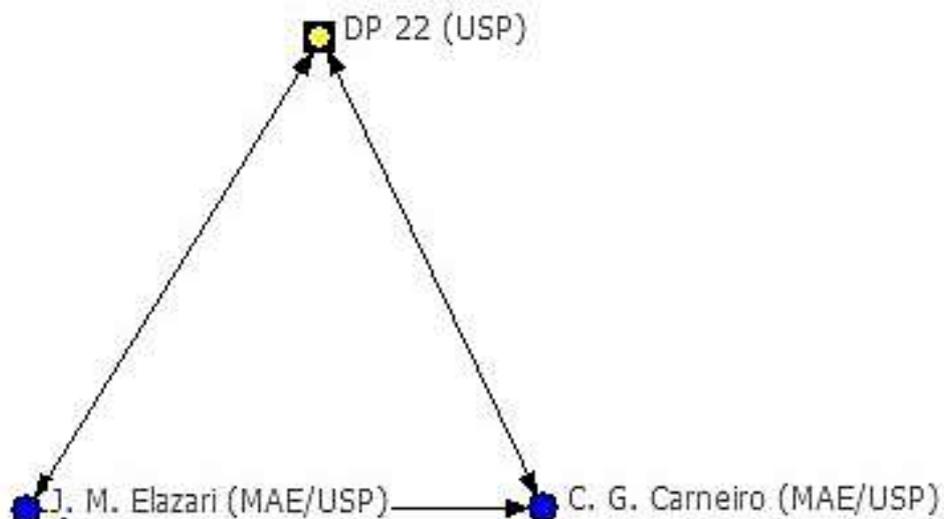


Fonte: Dados da pesquisa (2016) – elaboração a partir do *corpus* documental analisado

Observa-se na rede social de DP19 que um coautor é vinculado à USP e o outro à Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo (SCESP). O coautor vinculado à USP realiza mestrado pelo PPGMuseu com bolsa da FAPESP e com estágio de pesquisa no exterior. Já o coautor vinculado à SCESP tem a função de Técnica da Unidade de Preservação do Patrimônio Museológico, possui mestrado em Museologia pelo PPGMus USP com dissertação sob a orientação de DP19 que originou o artigo.

Com relação ao DP22, identificou-se que o mesmo estabeleceu relação de coautoria com dois coautores em um artigo: J. M. Elazari e C. G. Carneiro, conforme se observa no Grafo 16:

**Grafo 16** – Rede social de coautoria de DP22



Fonte: Dados da pesquisa (2016) – elaboração a partir do *corpus* documental analisado

Os coautores com quais DP22 estabeleceu relação ambos são vinculados ao MAE da USP, são Historiadores e Educadores, com atuação no Serviço Técnico de Musealização do museu.

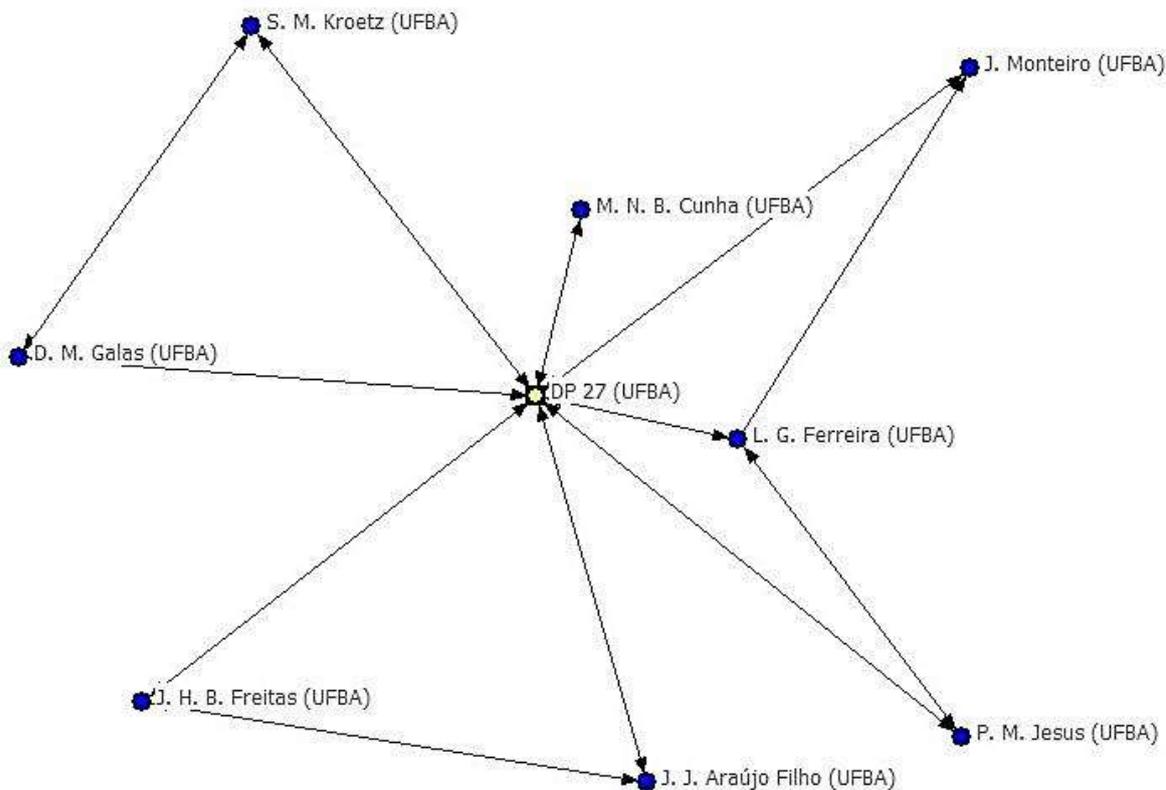
Em resumo, a análise da rede social dos dois docentes/pesquisadores do PPGMus USP revelou que a rede social de DP19 é do tipo mista e a rede social de DP22 é do tipo intrainstitucional.

### 6.7.3 Redes de coautoria do PPGMuseu UFBA

Dos docentes/pesquisadores que compõem o PPGMuseu UFBA, no caso 11, seis possuem artigos em coautoria.

Inicia-se a análise pelo docente/pesquisador que estabeleceu o maior número de relação com coautores. No caso, isto se aplica a DP27 que estabeleceu relação com oito coautores. Identificou-se que os coautores são vinculados à UFBA, inclusive, destacam-se duas relações de coautoria com colega do programa, M. N. B. Cunha, representativa de proximidade com o indivíduo central. Também houve relação de proximidade com L. G. Ferreira, com vinculação à UFBA na condição de estudante do Curso de Graduação em Museologia, de iniciação científica integrante de projeto de pesquisa. Atualmente, L. G. Ferreira é doutoranda em Museologia pela ULHT.

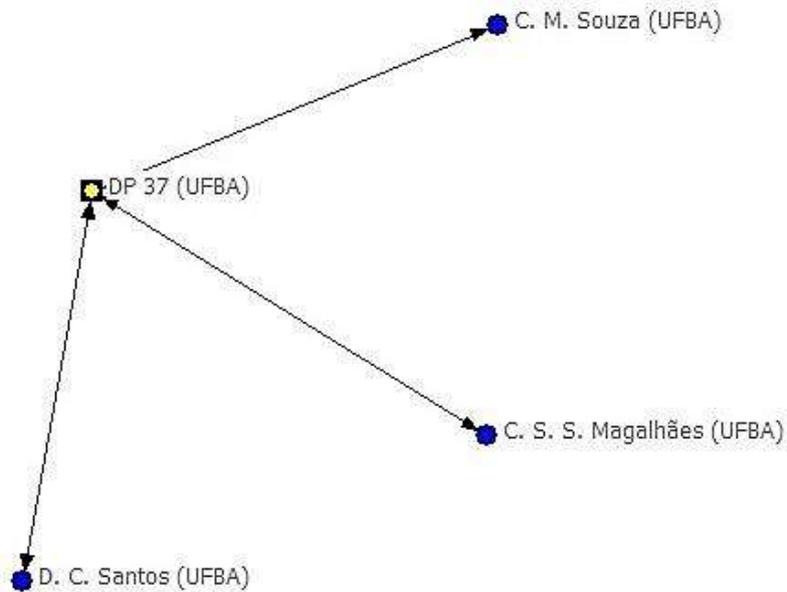
**Grafo 17 – Rede social de coautoria de DP27**



Fonte: Dados da pesquisa (2016) – elaboração a partir do *corpus* documental analisado

A rede de coautoria de DP37 é formada por relação com três coautores em artigos: C. M. Souza, C. S. S. Magalhães e D. C. Santos, todos vinculados à UFBA. A relação com C. M. Souza é oriunda da orientação de Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Museologia, sob orientação de DP37 e da integração no Grupo de Pesquisa Observatório da Museologia Baiana. A relação com C. S. S. Magalhães é oriunda da orientação de dissertação de Mestrado desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. Por fim, a relação com D. C. Santos se deu na condição de estudante do Curso de Graduação em Museologia e como bolsista de Programa Institucional de Iniciação Científica (PIBIC), no *Projeto Museologia Baiana: inventário de fontes bibliográficas*. Na rede social de coautoria de DP37 não houve relação de proximidade.

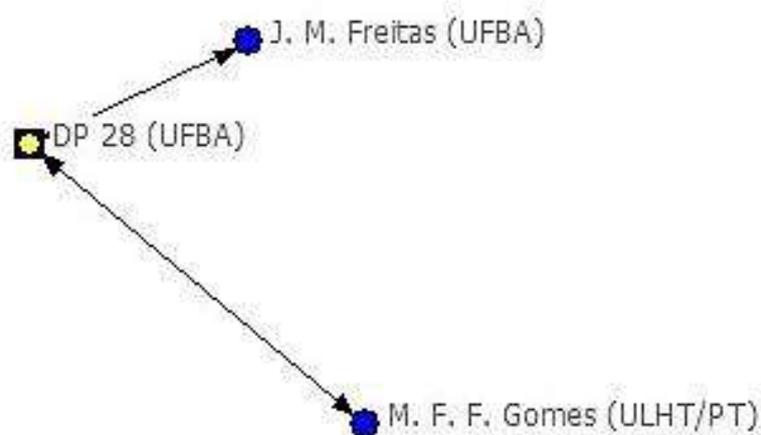
**Grafo 18** – Rede social de coautoria de DP 37



Fonte: Dados da pesquisa (2016) – elaboração a partir do *corpus* documental analisado

DP28 estabeleceu relação com dois coautores em três artigos. A relação se deu com coautores vinculados à UFBA e à ULHT. Destaca-se duas relações de coautoria com colega do programa, J. M. Freitas, representativa de relação de proximidade, conforme apresentado no Grafo 19. A relação com coautoria da ULHT é oriunda de orientação de dissertação de mestrado na referida instituição, onde DP28 é docente convidado do Programa de Doutorado em Museologia da ULHT.

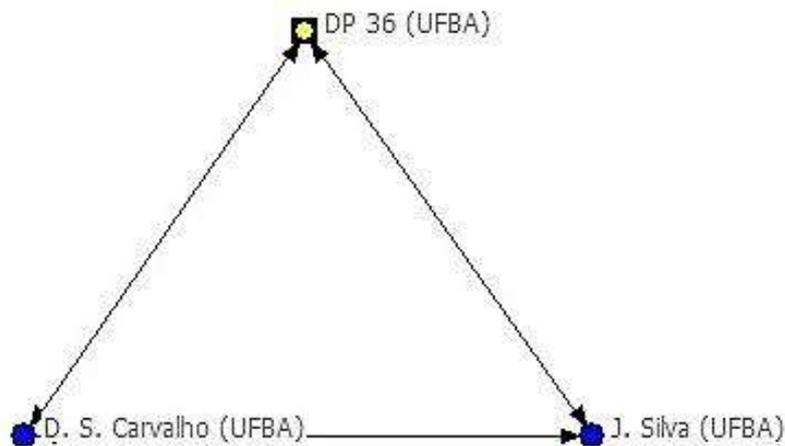
**Grafo 19** – Rede social de coautoria de DP28



Fonte: Dados da pesquisa (2016) – elaboração a partir do *corpus* documental analisado

DP36 possui um artigo em coautoria com dois coautores. A relação se deu com coautores vinculados à UFBA na condição de estudantes do Curso de Graduação em Museologia da instituição.

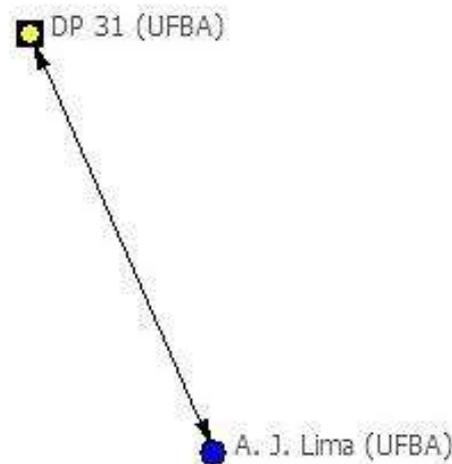
**Grafo 20** – Rede social de coautoria de DP36



Fonte: Dados da pesquisa (2016) – elaboração a partir do *corpus* documental analisado

A rede de DP31 possibilita observar relação com um coautor A. J. Lima, no caso apenas um artigo. A instituição de vínculo do coautor é a UFBA na condição de estudante do PPGMuseu.

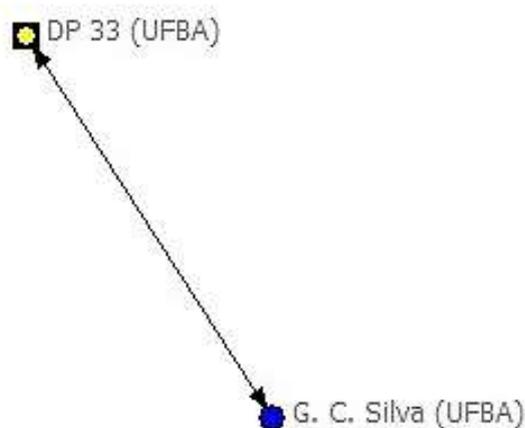
**Grafo 21** – Rede social de coautoria de DP31



Fonte: Dados da pesquisa (2016) – elaboração a partir do *corpus* documental analisado

Assim como a rede de DP31, a relação de coautoria de DP33 foi estabelecida com um coautor, também vinculado à UFBA como egresso do Curso de Graduação em Museologia e do PPGMuseu, além de integrante do Grupo de Estudos sobre Cibermuseus (GREC) do CNPq liderado por DP31.

**Grafo 22** – Rede social de coautoria de DP33



Fonte: Dados da pesquisa (2016) – elaboração a partir do *corpus* documental analisado

A análise da rede social dos seis docentes/pesquisadores do PPGMuseu UFBA que publicaram em coautoria, revelou que cinco docentes/pesquisadores estabeleceram rede do tipo intrainstitucional (DP27, DP31, DP33, DP36, DP37) e que apenas um docente/pesquisador (DP28) estabeleceu rede do tipo mista.

## **6.8 Tendências temáticas da produção científica**

Apresenta-se nesta seção a análise do *corpus* documental em relação às temáticas presentes nos artigos científicos dos docentes/pesquisadores da área da Museologia no Brasil, de modo a evidenciar uma parcela da contribuição teórica e prática desta produção científica publicada em acesso aberto.

A partir do total de 188 artigos, excluindo-se as repetições de artigos em coautoria com colega do próprio programa (total de seis artigos), foram considerados 182 artigos para a determinação de categorias temáticas de análise.

Na busca por apreender o panorama das temáticas desenvolvidas na produção científica do grupo investigado, mediante *corpus* documental já quantificado, foram determinadas 19 categorias, sendo 18 delas representativas de temas no escopo da Museologia e uma delas referente à categoria *Outras agendas de investigação*. Esta última foi determinada a partir da identificação de que os docentes/pesquisadores lidam com outros temas ligados a áreas distintas, o que coaduna com a diversidade de áreas de formação acadêmica dos atores em todos os níveis (graduação, especialização, mestrado e doutorado).

Na Figura 10 se visualizam as categorias determinadas que auxiliam o processo de análise do *corpus* documental. As categorias foram definidas a partir dos seguintes elementos do artigo: título, resumo e palavras-chave e, sobretudo, texto completo, conforme detalhado no percurso metodológico desta tese. No entanto, esclarece-se que as categorias temáticas de análise determinadas não são limitadoras de outras possibilidades de leitura, interpretação e classificação.

**Figura 10** – Categorias de análise do *corpus* documental



Fonte: Dados da pesquisa (2017) a partir do *corpus* documental analisado

As categorias temáticas definidas para interpretação analítica propiciam subsídios ao panorama do que vem sendo produzido na área da Museologia, em acesso aberto, a partir da institucionalização dos programas de pós-graduação *stricto sensu* da área no Brasil.

Em sequência, apresentam-se as categorias de análise, consoante ao *corpus* documental analisado, sendo cada uma delas iniciada por descrição conceitual aportada pela literatura, seguida da distribuição de artigos dentro da baliza cronológica de 2006 a 2016 e de aspectos como filiação dos artigos, relação com as linhas de pesquisas dos programas, temáticas abordadas nos artigos no âmbito das categorias e que instituição se desenvolveram.

#### 6.8.1 Categoria: Objeto/ Coleção/ Acervo

O objeto no âmbito de uma instituição museológica, dentre outras questões, é uma representação concreta/física/palpável da memória. É ele que estabelece ligação entre o passado e o presente. A incorporação dos objetos ao museu pode ocorrer por coleta, doação, legado, empréstimo, compra, transferência, permuta ou depósito. Aspectos como raridade, fabricação, relevância científica e cultural, antiguidade, preciosidade do objeto, são alguns dos motivos que levam os museus a salvaguardarem os objetos em seu acervo.

Mas para que um objeto seja incorporado ao acervo de um museu, o mesmo precisa ser pesquisado de modo a levantar informações que o identifique com a missão da instituição museológica. Após o referido processo de pesquisa e análise, o objeto adquire valor documental, ou seja, “passa a compor uma coleção determinada pela instituição e assim se torna elemento de algo ainda maior, denominado acervo museológico” (Padilha, 2014, p. 19).

Por sua vez, o acervo museológico é formado por objetos de vasta tipologia, podendo ser etnográfico, antropológico, arqueológico, artístico, histórico, tecnológico, imagético, sonoro, virtual, de ciências naturais, entre outros (Padilha, 2014).

O acervo museológico engloba objetos relacionados ao interesse e finalidade de preservação, pesquisa e comunicação de uma instituição museológica.

A categoria *Objeto/ Coleção/ Acervo* diz respeito aos objetos culturais; aos acervos como marcadores sociais; à dimensão testemunhal e representativa das coleções museológicas; aos sistemas de documentação/informação de acervos museológicos; formação, registro, classificação, catalogação, inventário e acondicionamento de coleções; coleções de objetos tangíveis e indicadores culturais intangíveis; à catalogação, classificação e indexação de acervos; à implantação de sistemas informatizados de documentação dos processos de conservação e restauração

Na referida categoria, classificaram-se 18 artigos, sendo seis do PPG-PMUS UNIRIO/MAST, quatro do PPGMus USP e oito do PPGMuseu UFBA.

Esse resultado consta da Tabela 28 que apresenta a distribuição anual dos artigos:

**Tabela 28** – Distribuição anual dos artigos na categoria *Objeto/ Coleção/ Acervo*

Objeto/ Coleção/ Acervo												
Programas	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	Total
PPG-PMUS UNIRIO/MAST			2	1		1	1	1				6
PPGMus USP		2	1				1					4
PPGMuseu UFBA		1					1	1	2	1	2	8
<b>Total</b>		<b>3</b>	<b>3</b>	<b>1</b>		<b>1</b>	<b>4</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>18</b>

Fonte: Dados da pesquisa (2016) – Elaboração a partir do *corpus* documental analisado

Segundo os dados expostos na Tabela 28, vê-se que houve uma sequência de artigos a partir do ano de 2012 especificamente por parte do PPGMuseu UFBA, programa que apresentou maior incidência de artigos classificados na categoria *Objeto/ Coleção/ Acervo*.

No que concerne à filiação do conjunto de 18 artigos, verificou-se que a maioria se enquadra no contexto de projetos de pesquisa (F= 10), seguida de projeto de extensão universitária (F= 1) intitulado *Núcleo de Memória da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia* desenvolvido de forma interinstitucional entre o Departamento de Museologia e as Pró-Reitorias de Extensão e Atenção Estudantil, de orientação de dissertação (F= 1) no âmbito da Pós-Graduação em Museologia e, também, oriunda de tese do docente/pesquisador (F= 1). Apenas quatro artigos não especificaram a filiação da produção científica.

Quanto aos artigos oriundos de projetos de pesquisa, levantou-se que os mesmos foram financiados pelo CNPq, pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB) e pela FAPESP.

Os artigos classificados na categoria *Objeto/ Coleção/ Acervo* discorrem sobre os mais diversos tipos de representações. As contribuições versam sobre objetos como fontes históricas (incluindo: fotografias, depoimentos, entrevistas, jornais e até mesmo edificações), como representativos de mito (objetos míticos), como objeto de referência e resistência que agrega aspectos de identidade local e memória social (objeto de transporte fabricado na Inglaterra no século XIX, a diligência Mazeppa), como vetor da memória social (acervo ex-votivo<sup>138</sup>), como eixo interpretativo da história brasileira por meio dos objetos (pinturas e esculturas). Ainda, estudos críticos sobre a aquisição de coleção italiana por parte de um museu. Destaca-se estudo que discute casos de pedido de restituição e/ou repatriação de bens patrimoniais que estão sob a guarda de museus europeus. Essa questão tem mobilizado museólogos, legisladores, governos e organismos internacionais, a exemplo da ONU e da UNESCO, e, também, pesquisadores.

Em termos de instituição, identificou-se no conjunto de artigos analisados que os mesmos trataram *Objeto/ Coleção/ Acervo* em instituições como Museu Histórico da Cidade do Rio de Janeiro, Museu de Arte Contemporânea de São Paulo, Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM), Museu Paulista, Escola de Enfermagem da UFBA, salas de milagres da Bahia e dos santuários do Brasil.

#### 6.8.2 Categoria: Exposição museológica

As funções museais foram descritas na literatura ao longo do tempo de diversas formas, mas foi a *Reinwardt Academie* que, no final da década de 1980, delineou três funções para o museu: *preservação*, *pesquisa* e *comunicação* designando o modelo PPC. A comunicação compreende a educação e a exposição (Desvallées & Mairesse, 2013).

---

<sup>138</sup> O ex-voto engloba quadro pictórico, desenho, escultura, fotografia, peça de roupa, joia, mecha de cabelo ou outra variedade de objeto ofertado ou exposto em capelas, igrejas ou salas de milagres, representando o agradecimento da graça alcançada (Oliveira, 2007).

A comunicação em museus está relacionada às ações desenvolvidas em um museu. Mas e a comunicação museológica? Cury explica que esta é uma subárea do conhecimento da Museologia. A autora, preocupada com a falta de distinção no emprego dos termos, e com o objetivo de dirimir quaisquer dúvidas, esclarece que “os dois termos estão ligados, mas é a comunicação museológica que fundamenta as ações comunicacionais em museus, além de construir conhecimento teórico” (Cury, 2010, p. 270).

No contexto da função comunicação que engloba a exposição como forma de comunicação, de acordo com Cury, assim como a história dos museus (de ambiente reservado para poucas coleções particulares à local de comunicação do patrimônio cultural preservado), a exposição passou por transformações. Em sua compreensão, a exposição é entendida como uma forma de comunicação (complexa e articulada com o cotidiano), ou seja, como um ambiente de interação entre dois polos: o patrimônio cultural e o público no espaço das instituições museológicas (Cury, 1999, 2005).

O termo *exposição*, no livro *Conceitos-chave de Museologia*, denota “tanto o resultado da ação de expor, quanto o conjunto daquilo que é exposto e o lugar onde se expõe” (Desvallées & Mairesse, 2013, p. 34).

Interpretando essas denotações, com relação à exposição como resultado da ação de expor, tem-se que a mesma possibilita a visualização contextualizada de acontecimentos passados ou ausentes por meio dos objetos. Como conjunto daquilo que é exposto, a exposição engloba os objetos de museu, os objetos substitutos (réplicas, moldes, etc.), o material expográfico (vitrines, divisórias, etc.), os suportes de informação (textos, filmes, etc.) e a sinalização utilitária. Por fim, a exposição como lugar onde se expõe está relacionada ao lugar de modo geral, já que uma exposição pode ser organizada por instituições que visam lucro ou não, pode ser organizada em lugar fechado, aberto ou *in situ* (sem deslocamento do objeto) (Desvallées & Mairesse, 2013).

No espectro da temática *Exposição Museológica* podem ser investigadas as seguintes subtemáticas: a tipologia das exposições; a linguagem e/ou narrativa/discurso nas exposições; o planejamento e implementação de exposição; critérios de avaliação da exposição e do espaço expositivo; recursos expográficos (suportes, cor, som, luz, imagens, dentre outros); as exposições e seus mais variados públicos visitantes;

documentação e divulgação da exposição; resultados obtidos e impacto social da exposição.

Nesta investigação, o conjunto de artigos classificados na categoria *Exposição museológica* somam 17 artigos, sendo sete do PPG-PMUS UNIRIO/MAST, sete do PPGMus USP e três do PPGMuseu UFBA.

Em sequência, o resultado descrito consta da Tabela 29 que apresenta a distribuição anual dos artigos por programa:

**Tabela 29** – Distribuição anual dos artigos na categoria Exposição

Exposição museológica												
Programas	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	Total
PPG-PMUS UNIRIO/MAST			2			2	2	1				7
PPGMus USP	1		1			1	1		1	1	1	7
PPGMuseu UFBA			1		1				1			3
<b>Total</b>	<b>1</b>		<b>4</b>		<b>1</b>	<b>3</b>	<b>3</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>17</b>

Fonte: Dados da pesquisa (2016) – Elaboração a partir do *corpus* documental analisado

De acordo com os dados da Tabela 29, observou-se que, no período investigado, os anos de 2008, 2011 e 2012 foram os que apresentaram maior produtividade de artigos no escopo da categoria *Exposição museológica*.

Um resultado que expressa relação com as Linhas de pesquisa dos programas. No caso do PPG-PMUS UNIRIO/MAST a produção de artigos sobre exposição coaduna com a Linha de pesquisa 1 *Museus e Museologia*, sob eixo temático *Teoria da exposição*. Quanto aos artigos do PPGMus USP, considera-se que os mesmos mantêm relação com duas Linhas de pesquisa do programa *História dos processos museológicos, coleções e acervos* e *Teoria e método da gestão patrimonial e dos processos museológicos*. Os artigos do PPGMuseu UFBA coadunam com a Linha de pesquisa *Patrimônio e Comunicação*, especificamente, em seus eixos temáticos *relação do patrimônio e comunicação museológica e linguagens exprográficas*.

Quanto à filiação do conjunto dos 17 artigos classificados na referida categoria, identificou-se que apenas sete artigos apresentam informação acerca da filiação. Portanto, identificaram-se artigos oriundos de projeto de pesquisa (F= 3), de tese do docente/pesquisador (F= 3) e de orientação de dissertação de mestrado (F= 1).

Os artigos analisados que se relacionam à categoria *Exposição museológica* trazem enfoques que se centram sobre: exposição como estratégia de comunicação; cultura das exposições no século XIX; concepção e montagem de exposição, organização do espaço expositivo, arquitetura e condições estruturais e ambientais (temperatura); narrativa/discurso construído pela exposição a partir dos objetos; limites de fruição; e avaliação dos resultados de uma exposição.

Dentre os tipos de exposições, identificaram-se nos artigos relatos sobre exposições do tipo histórica (exposição em que são exibidos aspectos de um período histórico específico), comemorativa (exposição que destaca um acontecimento ou uma personalidade de importância histórica ou cultural) e temática (exposição que destaca um tema específico).

Concernente à duração das exposições abordadas nos artigos, foram identificadas exposições de longa duração, temporária e itinerante.

Destacam-se, ainda, nos artigos exposições ambientadas em instituições museológicas localizadas no Rio de Janeiro como o MAST, o Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (CNFCP) e o Navio-Museu Bauru. As instituições localizadas em São Paulo são: o Museu da Língua Portuguesa<sup>139</sup>, o Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuíre, o Museu de Zoologia da USP, o Museu de Antropologia e Etnologia (MAE) da USP, e a Biblioteca Municipal de São Paulo. Aparece, ainda, nos artigos o Museu Afro-brasileiro da UFBA (MAFRO) localizado na Bahia. Os dados em questão revelaram que os docentes/pesquisadores tendem a centrar suas pesquisas em sua localização geográfica e em instituições de seu próprio vínculo institucional, com exceção de apenas um artigo de docente/pesquisador do PPG-PMUS UNIRIO/MAST que enfocou exposição do Museu da Língua Portuguesa.

---

<sup>139</sup> Dedicado à valorização e difusão da língua portuguesa enquanto patrimônio imaterial. Inaugurado oficialmente no dia 20 de março de 2006 com abertura ao público no dia 21 de março de 2006. Em 21 de dezembro de 2015 um incêndio de grandes proporções atingiu suas instalações, obrigando o fechamento do museu. Contudo, o museu continua realizando ações educativas e exposições itinerantes. Desde janeiro de 2016 o Governo do Estado de São Paulo, por meio da Secretaria da Cultura, assinou convênio com a Fundação Roberto Marinho e a organização social ID Brasil com o objetivo de unir esforços para a reconstrução do museu, que conta, também, com empresas privadas patrocinadoras como a portuguesa EDP, o Grupo Itaú e o Grupo Globo. O início das obras de restauração se deu um ano após o incêndio, encontrando-se em andamento. Disponível em: [http://www.museudalinguaportuguesa.org.br/?page\\_id=5](http://www.museudalinguaportuguesa.org.br/?page_id=5)

### 6.8.3 Categoria: Preservação e Conservação do Patrimônio de Ciência e Tecnologia

A análise de Marta Lourenço (2009) acerca do Patrimônio de Ciência & Tecnologia (C&T), que segundo a autora é considerado 'matéria negra' no escopo do patrimônio, traz constatações preocupantes: a dispersão de parcela considerável do patrimônio em instituições não comprometidas com este tipo de coleção e que, dentre questões financeiras e até mesmo de missão institucional, não dispõem de recursos humanos abalizados para o trato das coleções; ínfima parcela do patrimônio alocada em museus; situação de vulnerabilidade da coleção; e a desvalorização deste patrimônio por pesquisadores que poderiam primar por sua conservação. Essas são algumas constatações elencadas pela autora que se remete ao contexto europeu, mas Marcus Granato (2009), estudioso deste tipo de patrimônio, adverte que este cenário se aplica também ao contexto brasileiro.

De acordo com Granato (2009) o patrimônio de C&T corresponde aos objetos, aos documentos em papel, as coleções arqueológicas, as coleções etnográficas, os espécimes de coleções biológicas e da terra, os quais são vestígios do desenvolvimento científico e tecnológico. Fazem parte também do patrimônio de C&T, as edificações arquitetônicas (laboratórios, observatórios, etc.) criadas com a finalidade de ambientar a funcionalidade dos objetos.

O patrimônio de C&T, enquanto parte do patrimônio cultural, geralmente não recebe a devida atenção. Trata-se de um patrimônio ainda carente de iniciativas de preservação tanto por parte das instituições que os alocam, como também por parte do poder público.

No Brasil, o MAST criado em 1985 com a missão de preservar a memória científica brasileira, detém um dos mais importantes conjuntos de objetos de C&T em seu acervo. A instituição vem trabalhando incansavelmente na preservação deste patrimônio sob a sua guarda. No entanto, a preocupação com este tipo de patrimônio ultrapassa o trabalho desenvolvido com seu acervo. O MAST, em conjunto com outras instituições, realizou mapeamento da existência de objetos de valor científico em todo país, a partir do projeto *Valorização do patrimônio científico e tecnológico brasileiro*<sup>140</sup>, desenvolvido no âmbito do Grupo de Pesquisas em Preservação de Acervos Culturais

---

<sup>140</sup> Disponível em: <http://www.mast.br/projetovalorizacao/new-page.html>. Acesso em 20 mar. 2017.

(GPAC), o qual evidenciou que uma considerada parte dos objetos já foi descartada. Para além disso, o MAST desenvolve pesquisas em conjunto com instituições nacionais e internacionais, a exemplo do MUHNAC da Universidade de Lisboa, promove eventos sobre o tema da preservação do patrimônio de C&T, sobre gestão deste patrimônio, dentre outros temas, e, ainda, oferece um curso de mestrado profissional em Preservação de Acervos de Ciência e Tecnologia desde 2013.

Os projetos de pesquisa desenvolvidos em Museologia e Preservação de Acervos de C&T pelo MAST no período de 1998 a 2015 constam de obra organizada por Marcus Granato (2015) em comemoração pelos 30 anos do MAST em 2015, elaborada com a finalidade de dar a conhecer o compromisso e os esforços dessa instituição com o acervo de C&T.

Assinala-se em 2017 a elaboração da Carta do Rio de Janeiro sobre o Patrimônio Cultural da Ciência e Tecnologia. No entanto, a origem do documento se deu a partir do IV Seminário Internacional Cultura Material e Patrimônio de Tecnologia, realizado no MAST, em dezembro de 2016.

A Carta do Rio de Janeiro sobre o Patrimônio Cultural da Ciência e Tecnologia tem como finalidade manifestar a importância do patrimônio de C&T, bem como apresentar as diretrizes para a elaboração de políticas voltadas à sua salvaguarda. Registra, inclusive, que ações voltadas para a preservação do Patrimônio de C&T é, na esfera pública, responsabilidade do MinC, conforme Decreto nº 8.837 de 17 de agosto de 2016. A cronologia das iniciativas governamentais com vistas à preservação do patrimônio pode ser encontrada na obra de Granato (2009).

A categoria *Preservação e Conservação do Patrimônio de Ciência e Tecnologia (C&T)* está relacionada à história, conservação e documentação de coleções de instrumentos científicos utilizados na pesquisa e no ensino; à preocupação com o patrimônio de C&T e as ações voltadas para a sua preservação; ao levantamento da existência deste tipo de patrimônio no Brasil e, também, às políticas públicas de preservação deste patrimônio; à legislação, cartas e recomendações nacionais e internacionais sobre preservação do patrimônio de C&T; e Preservação e metodologias de tombamento.

Na referida categoria foram classificados 16 artigos pertencentes estritamente ao PPG-PMUS UNIRIO/MAST, o que não surpreende considerando a importância das ações e do papel do MAST para o Brasil.

A distribuição anual dos artigos consta da Tabela 30:

**Tabela 30** – Distribuição anual dos artigos na categoria Preservação e conservação do patrimônio de Ciência e Tecnologia

Preservação e conservação do patrimônio de Ciência & Tecnologia												
Programas	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	Total
PPG-PMUS UNIRIO/MAST	1	2		1		3	4	2	2	1		16
PPGMus USP												
PPGMuseu UFBA												
<b>Total</b>	<b>1</b>	<b>2</b>		<b>1</b>		<b>3</b>	<b>4</b>	<b>2</b>	<b>2</b>	<b>1</b>		<b>16</b>

Fonte: Dados da pesquisa (2016) – Elaboração a partir do *corpus* documental analisado

O conjunto de artigos no escopo da categoria *Preservação e Conservação do Patrimônio de C&T* aparece em praticamente todos os anos do período investigado, com exceção dos anos de 2008, 2010 e 2016. A Tabela 30 mostra que o ano de 2012 foi o que apresentou maior incidência de artigos.

O resultado de artigos do PPG-PMUS UNIRIO/MAST classificados na categoria *Preservação e Conservação do Patrimônio de Ciência & Tecnologia (C&T)* reflete a pertinência dos mesmos a uma das linhas de pesquisa do programa, Linha de pesquisa 2 - *Museologia, Patrimônio Integral e Desenvolvimento*, já apresentada no Capítulo 3 da tese, linha esta que engloba, dentre outros eixos temáticos, *Metodologias de Preservação e Conservação do Patrimônio*.

Acerca da filiação dos 16 artigos, obteve-se que alguns artigos são oriundos de projetos de pesquisa (F= 7) e de tese do docente/pesquisador (F= 1). Quanto aos artigos oriundos de projetos de pesquisa, levantou-se que os mesmos foram financiados pelo CNPq, pela Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), pela Fundação Vitae, pelo próprio MAST e, também, pela FCT. Especificamente em relação ao financiamento da FCT, ressalta-se o trabalho conjunto do MAST com o Museu Nacional de História Natural e da Ciência (MUHNAC) da Universidade de Lisboa, Portugal.

Os artigos classificados na categoria *Preservação e Conservação do Patrimônio de Ciência & Tecnologia (C&T)* reforçam questões sobre: a conservação de objetos culturais, contemplando o tipo de material empregado para o trabalho interdisciplinar de conservação; a conservação dos objetos considerados “fora do padrão” criados por pessoas com doença mental; a importância histórica e contemporânea do patrimônio de C&T, o mapeamento da existência de objetos de C&T no Brasil e sua condição; as intervenções em objetos de C&T; e a preocupação com o estabelecimento de políticas públicas para a preservação deste tipo de patrimônio.

A abordagem dos artigos em termos de *loci* se centra em sua maioria no próprio MAST, com uma incidência para o Memorial Carlos Chagas Filho e uma para o Theatro Municipal do Rio de Janeiro.

#### 6.8.4 Categoria: Teoria da Museologia

Questões sobre a Museologia como aquela que estuda a finalidade e a organização dos museus; como estudo da implementação e integração de um conjunto de atividades voltadas à preservação e ao uso da herança cultural e natural; como estudo dos objetos de museu; como estudo da musealidade; e, ainda, como estudo da relação específica do homem com a realidade, são algumas das tendências, segundo Mensch (1994), que nortearam a conformação da Museologia como área científica. O autor delineou estas tendências a partir da análise da produção científica registrada e organizada pelo ICOFOM.

As tendências de pensamento apresentadas por Mensch, de acordo com Maria Cristina Oliveira Bruno, demonstram que a conformação da Museologia como disciplina científica vem ocorrendo mediante linhas de pensamento distintos que a autora aponta compor duas grandes linhas de abordagens: “as definições pragmático-institucionais cobrem todo o universo mental e, por outro lado, as preocupações prendem-se à compreensão das relações entre o homem e o objeto” (Bruno, 1996, p. 23).

Por sua vez, Scheiner (1998, p. 89) explica que a teoria museológica possibilita compreender o “caráter fenomênico do museu e sua capacidade de manifestar-se de diferentes maneiras no tempo e no espaço, para além das formas instituídas e/ou já

reconhecidas”. Desta forma, o entendimento do museu como fenômeno perpassa pela possibilidade de compreendê-lo como processo, ou seja, atribuindo-lhe uma nova conotação ao considerá-lo “um evento, um acontecimento, uma eclosão da mente e dos sentidos” e não apenas como “espaço ou território patrimonializado” (Scheiner, 1998, p. 144).

A teoria museológica se fundamenta, conforme Stránsky, primeiramente, na produção museológica, documentada por meio das bibliografias museológicas. O autor assinala que a teoria museológica tem seu desenvolvimento no ensino da Museologia e no trabalho de instituições especializadas dedicados à teorizar a prática museológica (Stransky, 1980 tradução Scheiner, 2008).

A categoria *Teoria da Museologia* é concernente à compreensão do processo histórico de advento e de desenvolvimento da instituição museu e da Museologia como área de conhecimento, base para o fazer museológico; às reflexões sobre as experiências dos museus e da área na contemporaneidade; ao movimento da Museologia social dedicada à renovação das práticas museológicas; à compreensão de museu e Museologia em articulação com as diversas áreas do conhecimento.

Na referida categoria, classificaram-se 14 artigos. Deste total, 12 artigos pertencem ao PPG-PMUS UNIRIO/MAST e dois artigos do PPGMus USP. Nenhum artigo do PPGMuseu UFBA foi classificado na categoria *Teoria da Museologia*.

A Tabela 31 apresenta a distribuição anual dos artigos:

**Tabela 31** – Distribuição anual dos artigos na categoria Teoria da Museologia

Teoria da Museologia												
Programas	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	Total
PPG-PMUS UNIRIO/MAST	1				1		3	4	2	1		12
PPGMus USP	1								1			2
PPGMuseu UFBA												
<b>Total</b>	<b>2</b>				<b>1</b>		<b>3</b>	<b>4</b>	<b>3</b>	<b>1</b>		<b>14</b>

Fonte: Dados da pesquisa (2016) – Elaboração a partir do *corpus* documental analisado

De acordo com os dados da Tabela 31, vê-se que o tema constou de dois artigos no ano de 2006. Segue-se um longo intervalo de anos, até o tema constituir a produção científica em 2010 e nos anos de 2012, 2013, 2014 e 2015. Os anos de 2012, 2013 e

2014 foram os que apresentaram maior incidência de artigos classificados na categoria *Teoria da Museologia*.

No que toca à filiação dos 14 artigos, verificou-se que nove artigos não apresentam informação sobre a origem do artigo. No entanto, identificou-se que quatro artigos têm filiação à projeto de pesquisa e que um artigo é oriundo de orientação de dissertação no âmbito do programa. Os artigos oriundos de pesquisa foram desenvolvidos no âmbito do PPG-PMUS UNIRIO/MAST e, também, de pesquisa de produtividade, financiada pelo CNPq, intitulada *Musealização e Patrimonialização – Termos e Conceitos da Museologia em ação: identificando e explicitando indicadores teórico-práticos para aplicação*. Somam-se a estes, projeto de pesquisa que contou com financiamento de convênio firmado entre uma organização social de cultura, a Associação Cultural de Apoio ao Museu Casa de Portinari (ACAM Portinari)<sup>141</sup> e a USP.

Os artigos classificados na categoria *Teoria da Museologia* trazem em suas abordagens questões sobre premissas que constituem o campo de atuação da Museologia, considerando que a consolidação desta área ou disciplina depende da sua experimentação nos museus. Há um artigo que traz à tona a clássica pergunta, debatida no âmbito do ICOFOM em 1980: Museologia, ciência ou trabalho prático em museus? Questões como o desenvolvimento sistemático e consistente da Museologia como campo disciplinar que mantém relação com outras áreas para dar conta do seu objeto de estudo. Reflexões sobre a consolidação da Museologia como campo científico, a partir da teoria de social, vislumbrando a área e os museus como lugares sociais de memória. Destaca-se artigo sobre a Museologia tcheca abordada em uma exposição no ano de 1971. Trata-se em outros artigos a linguagem de especialidade da área da Museologia, ou seja, seus termos e conceitos representativos da teoria e da prática da área em referência, com especial atenção para a musealização, patrimonialização e museu. Também é enfocada a institucionalização da Museologia no Brasil, a partir de instituições de referência que marcam sua história, como o MHN, o Curso de Museus

---

<sup>141</sup> Fundada em 27 de novembro de 1996, a organização social tem como missão a gerência de instituições museológicas por meio de pesquisas, conservação e difusão dos acervos, com responsabilidade sócioambiental, contribuindo para o desenvolvimento humano e comprometendo-se com a justiça social, a democracia e a cidadania. Disponível em: <https://www.acamportinari.org/acam-portinari/institucional/sobre-a-acam-portinari>. Acesso em 12 mar. 2017.

do MHN e a Inspetoria de Monumentos Nacionais. O artigo ainda versa sobre a imposição de uma Museologia Social com características que abarcam sensibilidade, compreensão e atitude libertária, definida na Declaração do MINON 2013 forjada durante a XXIII Conferência Geral do ICOM em 2013 no Rio de Janeiro.

#### 6.8.5 Categoria: Patrimônio cultural

A ideia de patrimônio cultural passou por evolução, sofreu mudanças e ampliação ao longo dos séculos, acompanhando o movimento de permanente transformação da sociedade.

A ideia de patrimônio cultural passou a contemplar no seu escopo, não apenas os monumentos históricos e artísticos representativos do patrimônio, mas outras formas de expressão patrimonial até então não consideradas.

Um retrato da noção ampliada de patrimônio cultural é encontrado na Declaração de Caracas, elaborada por ocasião do Seminário *A missão dos museus na América Latina hoje: novos desafios* que ocorreu na Venezuela em 1992, sob responsabilidade do Comitê Venezuelano do ICOM (evento inscrito no âmbito do Projeto Regular de Cultura da UNESCO para a América Latina), que objetivou, dentre outras questões, atualizar os conceitos que foram formulados na Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 20 anos antes. Assim sendo, consoante ao processo de mudanças e a proximidade do século XXI, a Declaração de Caracas registra que “o patrimônio cultural de uma nação, região ou de uma comunidade é composto de todas as expressões materiais e espirituais que o constituem, incluindo o meio ambiente natural” (UNESCO, 1992).

Sabe-se que, na atualidade, o Patrimônio cultural não se limita aos monumentos e às coleções de objetos, mas abrange, também, as tradições e manifestações de vida que são herdadas dos antepassados e transmitidos às gerações futuras.

São considerados patrimônio cultural no contexto da evolução do termo: as formas de expressão; os modos de criar, de fazer e viver, as criações científicas, artísticas e tecnológicas; as obras, objetos, documentos, edificações voltadas às manifestações artístico-culturais; e os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

Na categoria *Patrimônio cultural* englobam-se discussões sobre o patrimônio etnográfico, religioso, urbano, material e imaterial.

Os artigos classificados na categoria *Patrimônio cultural* somam 13 artigos. Deste total, sete artigos são do PPG-PMUS UNIRIO/MAST e os demais são do PPGMuseu UFBA. Não houve incidência de artigos do PPGMus USP.

A distribuição anual dos artigos é detalhada na Tabela 32:

**Tabela 32** – Distribuição anual dos artigos na categoria Patrimônio cultural

Patrimônio cultural												
Programas	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	Total
PPG-PMUS UNIRIO/MAST		2	2			2	1					7
PPGMus USP												
PPGMuseu UFBA		1	2		1		1			1		6
<b>Total</b>		<b>3</b>	<b>4</b>		<b>1</b>	<b>2</b>	<b>2</b>			<b>1</b>		<b>13</b>

Fonte: Dados da pesquisa (2016) – elaboração a partir do *corpus* documental analisado

Observa-se, conforme exposto na Tabela 32 que o ano de 2008 condensou o maior número de artigos quanto ao tema do *Patrimônio Cultural* nas suas mais diversas representações.

Em termos de filiação dos artigos, levantou-se que a massiva maioria não apresentou sua origem, enquanto apenas um artigo citou ser oriundo de projeto de pesquisa desenvolvido no âmbito do MAFRO da UFBA.

Os artigos classificados na categoria *Patrimônio cultural* foram divididos de acordo com o seu enfoque em *Patrimônio etnográfico* (F= 6), *Patrimônio Religioso* (F= 3), *Patrimônio Imaterial* (F= 2) e *Patrimônio Urbano e Arquitetônico* (F= 2).

Nos artigos que abordaram o *patrimônio etnográfico*, todos pertencentes ao PPG-PMUS UNIRIO/MAST, constatou-se que os mesmos versam sobre: a etnografia de um povo indígena (Ticuna) que vive na fronteira entre o Brasil, a Colômbia e o Peru e sua coleção de artefatos rituais retirada do contexto social e cultural da sua produção por coleta de um etnógrafo alemão, durante os anos de 1941 e 1942, para o Museu Paraense Emílio Goeldi e para o Museu Nacional. Assim, a coleção de artefatos etnográficos em museus é discutida em termos de apropriação patrimonial, mas também de preservação e conservação desses objetos; A vivência dos Ticunas no momento atual

é investigada. Há referência ao trabalho de pesquisadores etnográficos no Brasil, enfocando o financiamento das pesquisas e o registro das mesmas por meio de artigos publicados em revistas especializadas e livros.

No âmbito do *Patrimônio Religioso*, os artigos se dedicam a: focar uma cidade brasileira, especificamente na Bahia, edificada ao pé de um morro, palco de peregrinação religiosa por suas romarias; a Arte-Sacra representada nos modelos de retábulos do século XVIII em Salvador, Bahia; e a apresentar a formação de uma tradição retabilística desenvolvida na Bahia oitocentista, além de especificar o trabalho de um entalhador baiano na criação do retábulo-mor da Catedral da Sé de Campinas, para onde migrou.

Em termos de *Patrimônio Imaterial*, um dos artigos traz reflexões acerca de narrativas míticas de povos indígenas, estritamente os Guarani Mbyá, com aldeamentos no Rio de Janeiro visitados pelo docente/pesquisador, abordadas em sua dupla característica de instituinte do patrimônio imaterial e de discurso fundador de significados, de modo a compreender propriedades do discurso religioso do grupo indígena. Outro artigo versa sobre práticas culturais de expressiva herança afrodescendente da Colômbia e do Brasil, o Carnaval de Barranquilla, o Palenque de San Basílio e o Samba de roda do Recôncavo Baiano, respectivamente. As práticas culturais em questão foram distinguidas como Obras Primas do Patrimônio Oral e Imaterial da Humanidade.

Nos artigos em que foram identificados o *Patrimônio Urbano* e o *Patrimônio Arquitetônico*, um deles traz em sua abordagem a análise do surgimento do conceito de “saúde cultural” aportado pela relação Museologia, Patrimônio e Cidadania, coadunando as considerações das cidades contemporâneas como espaço para viver, representativas de memória e patrimônio. Já o outro artigo se refere ao Patrimônio Arquitetônico da Bahia que é discutido na perspectiva de José Antônio do Prado Valladares (tratado na categoria *Narrativa biográfica*), por meio de seus escritos publicados em jornais.

#### 6.8.6 Categoria: Ação cultural e educativa em museus

No âmbito da função social dos museus, que ensejou mudança no perfil de atuação dos museus (da coleção ao público), a interface com a sociedade ocorre por meio de ações culturais e educativas.

Nesse sentido, de acordo com Cury, o museu se realiza como museu com o público, pois são os usos que o público faz do museu que lhe dão forma social. Mesmo o museu sendo um sistema, o público agrega qualidades e valores à sinergia (Cury, 2004). No entanto, Cury alerta que o agregar valor se relaciona à contribuição dada pelo público ao significado de patrimônio cultural, algo que não se aplica apenas à sua presença, pura e simplesmente, mas à sua capacidade crítica.

Historicamente, a educação em museus se diversificou no século XIX em consonância com a abertura dos museus a um público mais amplo e variado e com o redirecionamento de suas finalidades, que incluía o diálogo com as instituições educativas formais. Contudo, foi a partir da segunda metade do século XX que a função educativa, acompanhando o momento de democratização do acesso aos museus, passou a ser prioridade, embora desenvolvida de forma pouco organizada (Martins, 2011).

Durante o período em questão, de acordo com Bruno (1995), a discussão em torno da temática foi uma constante em eventos da área da Museologia, tais como o Seminário Internacional da UNESCO, em 1952, sob o título de *O papel dos museus na educação*; Na Mesa-Redonda de Santiago do Chile, em 1972; na Declaração de Quebec em 1984 e na Declaração de Caracas em 1992. Em discussão nos referidos eventos e documentos a função social e a função educativa dos museus.

A educação é vista como uma forma de promover ao público o aprendizado no uso dos museus, o que pode abranger, dentre outras questões, seu funcionamento, seu modo de operacionalização, a compreensão da sua função social e dos seus processos museológicos (Meneses, 2000).

A educação em museus, conforme definição na obra *Conceitos-chave da Museologia*, é “um conjunto de valores, de conceitos, de saberes e práticas que têm como fim o desenvolvimento do visitante” (Desvallés & Mairesse, 2013, p. 38).

No contexto da função comunicação, que engloba a educação, Scheiner alerta que “o importante não é onde se aprende, mas o *que e como* se aprende, sendo o objetivo maior o próprio processo da construção do conhecimento”, daí as formas de interação com o público, sugeridas pela Museologia, como exposições itinerantes, mostras em locais de movimentação fora do espaço dos museus, atividades extra-muros, dentre outras (Scheiner, 1992, p. 16)

A *Ação cultural e Educativa em museus*, promotora de uma gama de benefícios para a sociedade, está relacionada às mais diversas propostas de ações que objetivam mobilizar conhecimentos (saberes, habilidades e atitudes) relacionados com os museus e promover a sensibilização do público e novas experiências ao mesmo.

Nesta investigação, classificaram-se na categoria *Ação cultural e Educativa em museus* 12 artigos, sendo oito do PPG-PMUS UNIRIO/MAST, três do PPGMus USP e apenas um do PPGMuseu UFBA.

A distribuição anual dos artigos consta da Tabela 33:

**Tabela 33** – Distribuição anual dos artigos na categoria *Ação cultural e educativa em museus* - 2006 a 2016

Ação cultural e educativa em museus												
Programas	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	Total
PPG-PMUS UNIRIO/MAST	1	2			1			2	1	1		8
PPGMus USP			1					2				3
PPGMuseu UFBA					1							1
<b>Total</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>1</b>		<b>2</b>			<b>4</b>	<b>1</b>	<b>1</b>		<b>12</b>

Fonte: Dados da pesquisa (2016) – elaboração a partir do *corpus* documental analisado

Conforme os dados condensados na Tabela 33, observa-se que o ano de 2013 foi o que concentrou o maior quantitativo de artigos sobre a temática.

A ocorrência de artigos classificados na categoria *Ação cultural e educativa em museus* estabelece relação com as Linhas de pesquisa dos programas. Quanto ao PPG-PMUS UNIRIO/MAST a produção de artigos no escopo da temática coaduna com a Linha de pesquisa 1 *Museus e Museologia*, sob dois eixos temáticos *Museu e indivíduo* e *Museu e Sociedade*. Com relação aos artigos do PPGMus USP, considera-se que os mesmos mantêm relação com a Linha de pesquisa do programa *Teoria e método da gestão patrimonial e dos processos museológicos*, especificamente quanto ao conteúdo

*comunicação museais*. O artigo do PPGMuseu UFBA relaciona-se com a Linha de pesquisa *Patrimônio e Comunicação*, especificamente, em seu eixo temático *Comunicação museológica*.

Com relação à filiação dos doze artigos, levantou-se que apenas cinco trouxeram informação sobre sua origem. A filiação paira em projeto de pesquisa (F= 4) e em supervisão de estágio (F= 1). Identificou-se, quanto aos artigos oriundos de projetos de pesquisa, o desenvolvimento destes com recursos da FINEP, da FAPERJ e também em parceria com outra universidade, no caso com a UFF.

Nos artigos classificados na categoria *Ação cultural e educativa em museus*, percebe-se que as discussões giram em torno do reconhecimento de que a cultura pode ser ampliada e aperfeiçoada com o estreitamento da interação entre a educação formal e não formal, sendo, portanto, os museus considerados espaços de destaque nesta interação. Há estudo que descreve a trajetória de ações educativas do MAST, isto porque os museus de ciência, por sua história e característica particular, mantêm forte ligação com a questão educacional. Destacam-se, também, enfoques acerca da prática pedagógica mensurada por meio de visita ao museu e reflexões sobre a formação de mediadores em museus e de como as instituições museais podem contribuir no processo formativo e, também, para possibilitar o conhecimento de áreas em específico (exemplo: Paleontologia e outras). Discute-se, ainda, os projetos culturais de uma determinada instituição ou equipamento cultural viabilizados por obtenção de recursos públicos por meio de participação em editais, considerados principais fontes de recursos.

Alguns dos artigos trazem as ações culturais e educativas desenvolvidas no âmbito do MAST, MAE/USP e MAE/UFBA. Destacam-se em alguns artigos o trabalho integrado entre os museus e as escolas.

#### 6.8.7 Categoria: Instituições museológicas no Brasil

Data do século XIX a origem dos museus no Brasil, ao que Lopes atribui a dois momentos considerados marcos da cultura brasileira: “a transição para o século XIX, caracterizada pela crise do Antigo Sistema Colonial e a transferência da monarquia

portuguesa para o Brasil” e “os anos inaugurados pela década de 1870 (...) período de “bando de ideias novas” e de “ebulição intelectual do país” (Lopes, 1997, p. 12).

O século XIX é representativo da inserção dos padrões institucionais europeus no Brasil. Precisamente, em 1818 foi criado o primeiro museu do Brasil, o Museu Real instalado no Campo de Santana, no Rio de Janeiro. O Museu Real nasceu motivado pela intenção da monarquia portuguesa de criar uma instituição destinada às questões científicas, daí o Museu Real se tornar um museu de história natural. Seu acervo englobava objetos trazidos por naturalistas, instrumentos e coleções mineralógicas, artefatos indígenas e objetos doados pela Coroa portuguesa.

Mais tarde, outras instituições de cunho museológico foram surgindo no Brasil em outros locais como o Museu Paraense Emílio Goeldi, criado em 1866, em Belém do Pará e o Museu Paranaense em Curitiba criado em 1876. Em 1895, já no período republicano, foi criado o Museu Paulista em São Paulo na condição de Museu de História Natural. Este, posteriormente, tornou-se marco representativo da independência do Brasil, da história do país e do Estado de São Paulo (Lopes, 1997).

Estes museus foram, portanto, “um ponto de partida para a formação dos acervos, que então combinavam elementos das ciências humanas e naturais, era a busca de compreensão sobre as origens do homem brasileiro” (Duarte Cândido, 2014, p. 37).

A chegada do século XX, com suas transformações políticas, econômicas, sociais e culturais, gerou um sentimento nacionalista e, conseqüentemente, de valorização da cultura. Tanto que data de 1922 a criação do MHN, cuja criação e trajetória marcou a institucionalização do ensino da Museologia no Brasil.

Segundo Mário Chagas (2003), o século XX marca a manifestação do fenômeno museológico no Brasil devido, sobretudo, aos projetos de construção da memória nacional suscitados no período republicano, mas não apenas por isso. Assim, o século XX é considerado o século dos museus no Brasil em consonância com desenvolvimento quantitativo das instituições museológicas (surgimento dos museus especializados, dos primeiros museus universitários, dentre outras tipologias de museu) e, também, em acompanhamento ao movimento intelectual que estava acontecendo no cenário internacional (Rangel, 2011).

No tocante aos acontecimentos do século XXI, merece destaque o investimento em política cultural que colocou as instituições museológicas como centro das ações.

Daí, a criação da PNM, do SBM, do CNM e, por fim, do IBRAM, o que reflete que as instituições museológicas ocuparam espaço na seara da administração pública.

O Brasil, conforme dados do CNM (responsável por recolha, registro e disseminação de informações sobre museus), possui um número superior a 3.000 museus (históricos, arqueológicos, etnográficos, biográficos, de artes, ecomuseus, museus de sítios, virtuais). Em 2011 o IBRAM publicou o Guia dos Museus Brasileiros, que registrou a existência de 3.118 museus (incluindo 23 museus virtuais) no território nacional. Passados seis anos do levantamento que culminou com a publicação do guia em questão, certamente faz-se necessário a atualização deste quantitativo.

A categoria *Instituições museológicas no Brasil* está relacionada com a origem, desenvolvimento e representação dos museus brasileiros, com a sua história ao longo dos séculos, com as diversas tipologias de museus, dentre outras questões.

O conjunto de artigos classificados na categoria *Instituições museológicas do Brasil* somam 12 artigos. Deste total, sete artigos são do PPG-PMUS UNIRIO/MAST, três artigos do PPGMus USP e dois artigos são do PPGMuseu UFBA.

A distribuição anual dos artigos é detalhada na Tabela 34:

**Tabela 34** – Distribuição anual dos artigos na categoria Instituições museológicas no Brasil

Instituições museológicas no Brasil												
Programas	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	Total
PPG-PMUS UNIRIO/MAST				1		1	1	1	2		1	7
PPGMus USP						1				1	1	3
PPGMuseu UFBA						1				1		2
<b>Total</b>				<b>1</b>		<b>3</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>2</b>	<b>2</b>	<b>12</b>

Fonte: Dados da pesquisa (2016) – elaboração a partir do *corpus* documental analisado

De acordo com os dados da distribuição anual dos artigos classificados na categoria *Instituições museológicas no Brasil*, observou-se que, no período investigado, a temática aparece em artigos no ano de 2009 e em seguida nos artigos publicados a partir de 2011.

A ocorrência de artigos classificados na categoria *Instituições museológicas no Brasil* demonstra relação com as Linhas de pesquisa dos programas. No caso do PPG-PMUS UNIRIO/MAST a produção de artigos no escopo da categoria *Instituições*

*museológicas no Brasil* coaduna com a Linha de pesquisa 1 *Museus e Museologia*, sob eixo temático *Museu: gênese, desenvolvimento e representações no tempo e no espaço*. No que tange aos artigos do PPGMus USP, considera-se que os mesmos mantêm relação com a Linha de pesquisa *História dos processos museológicos*, especificamente, no eixo temático *Análise sobre a historicidade de instituições e processos museológicos e os respectivos impactos socioculturais*. Os artigos do PPGMuseu UFBA, classificados nessa categoria, coadunam com a Linha de pesquisa *Patrimônio e Comunicação*, especificamente, quanto ao eixo temático *trajetórias museológicas e/ou patrimoniais*.

Quanto à filiação dos 12 artigos, evidenciou-se que sete artigos não apresentam informação sobre sua origem, enquanto que cinco trazem tal informação. Constataram-se, assim, que os cinco artigos possuem filiação à projeto de pesquisa (F= 1), projeto de pós-doutoramento (F= 1) e orientação de dissertação (F= 3). No caso do projeto de pós-doutoramento do docente/pesquisador, o mesmo foi realizado no Museu Paulista, sob o título de *Matrizes da preservação de bens culturais na Bahia (1918-1959)*. Quanto aos artigos oriundos de dissertação, observou-se que dois têm origem em orientação de dissertações já concluídas e um artigo em orientação de dissertação em andamento.

O conjunto de artigos classificados na categoria *Instituições museológicas no Brasil* trazem a institucionalização dos museus e, sobretudo, a sua institucionalização no território brasileiro, consoante a proliferação de museus em todo o mundo no século XX. A maioria dos artigos discute a trajetória de criação dos museus de ciência, enfocando-o a partir da perspectiva da História da Ciência. Além deste tipo de museu, outras diversas tipologias de museus têm sua história de criação, manutenção, funcionamento, estrutura, desafios a serem enfrentados, práticas museológicas e estratégias de preservação do patrimônio, apresentados nos estudos. Reflexões sobre como os museus se aproximaram da sociedade, os tipos de museus que apresentam mais proximidade com a prática turística.

Assim sendo, constam dos artigos classificados nesta categoria, a história, o desenvolvimento e a representação dos seguintes museus: Museu Paulista, Museu de Zoologia da USP, Museu de Arte Moderna do Brasil (hoje Museu de Arte Contemporânea – MAC USP), Museu de Arte Sacra de Paraty, Museu do Estado da Bahia, Museu do Marajó e Museu-Casa. Nesta última tipologia, foram explorados os Museus Casa de personalidades brasileiras como a poetisa Cora Coralina, o artesão

Mestre Vitalino e o ativista ambiental Chico Mendes, que compuseram um único artigo. Também constam dos artigos o Museu Casa do poeta modernista Guilherme de Almeida que participou da Semana de Arte Moderna em 1922. Destacam-se em um dos artigos, categorias e tipologias como o *Museum Bus*, Museu ao ar livre, Museu de Sítio, o Ecomuseu ou Museu comunitário, na perspectiva da abertura à comunidade com vistas à preservação de suas tradições e costumes.

#### 6.8.8 Categoria: Função Social dos Museus

A partir da realização da Mesa Redonda de Santiago do Chile, em 1972, acerca do papel dos museus na América Latina, foi imputado aos museus mudanças no modo tradicional que os caracterizava. Desta feita, foi-lhes imputado um papel social que os levaria, a partir de então, a comprometerem-se com problemáticas do presente, com questões comunitárias, educacionais, culturais e ambientais (Cury, 2005).

A Mesa Redonda de Santiago do Chile, juntamente com a realização, na França, do Colóquio *Museus e Meio Ambiente*, também em 1972, constituem-se os marcos fundadores da Nova Museologia, apesar de discussões anteriores no âmbito de outros eventos (Desvallés, 1992, Duarte Cândido, 2014).

A chamada Nova Museologia, surgida a partir da década de 1970, designa uma faceta renovada da Museologia tradicional. Não se trata, portanto, de uma outra Museologia, mas sim de importantes movimentos de renovação surgidos em decorrência das transformações e ampliações conceituais na Museologia que culminaram na necessidade de repensar os museus tradicionais de modo a lhes incorporar uma nova função: a social (Duarte Cândido, 2007, 2014), evidenciando, portanto, a prioridade da ação museal na esfera da intervenção social (Moutinho, 1989). A busca por um movimento de renovação da prática museológica.

A função social dos museus perpassa pelo entendimento de que a instituição museu não pode existir alheia aos acontecimentos e à dinâmica da sociedade, o que implica no seu compromisso com as questões que fazem parte da sociedade em que está inserido.

Por essa razão, o discurso e a ação dos museus devem ser plurais, multilíngues e multifacetadas assim como se apresentam as experiências das diferentes sociedades (Hernández-Hernández, 2006).

O conjunto de artigos classificados na categoria *Função Social dos Museus* somam 11 artigos. Deste total, 10 artigos são do PPG-PMUS UNIRIO/MAST e um artigo é do PPGMuseu UFBA. Não houve artigos do PPGMus USP classificado nesta categoria.

A distribuição anual dos artigos é detalhada na Tabela 35:

**Tabela 35** – Distribuição anual dos artigos na categoria Função Social dos Museus

Função Social dos Museus												
Programas	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	Total
PPG-PMUS UNIRIO/MAST			1	1		1	2	1	2	2		10
PPGMus USP												
PPGMuseu UFBA								1				1
<b>Total</b>			<b>1</b>	<b>1</b>		<b>1</b>	<b>2</b>	<b>2</b>	<b>2</b>	<b>2</b>		<b>11</b>

Fonte: Dados da pesquisa (2016) – elaboração a partir do *corpus* documental analisado

De acordo com os dados da distribuição anual dos artigos classificados na categoria *Função Social dos Museus*, observou-se que, no período investigado, os anos de 2012, 2013, 2014 e 2015 apresentaram o maior número de artigos no escopo da categoria.

A incidência de artigos classificados na categoria *Função Social dos Museus* coaduna com as Linhas de pesquisa do PPG-PMUS UNIRIO/MAST e do PPGMuseu UFBA. No caso do primeiro programa, a produção de artigos no escopo da *Função Social dos Museus* coaduna com a Linha de pesquisa 1 *Museus e Museologia*, especificamente em dois eixos temáticos *Museu e Sociedade* e *Modelos conceituais de Museu e suas relações com o corpo social*. O artigo do PPGMuseu UFBA tem relação com a Linha de pesquisa *Museologia e Desenvolvimento Social*, especificamente, em discussões em torno da compreensão do *museu como laboratório onde se processa a relação do homem com o bem cultural*.

Quanto à filiação dos 11 artigos, evidenciou-se que oito artigos não apresentam tal informação, sendo, portanto, apenas três artigos com menção à sua origem. No caso,

o primeiro deles é fruto de discussões no âmbito de unidade curricular de um dos programas de pós-graduação em Museologia investigados, o segundo na orientação de dissertação de mestrado defendida junto à ULHT em Portugal sob o título de *O museu como vetor da inclusão cultural* e, por último, um artigo com origem em orientação de Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Museologia intitulado *Museus e ações afirmativas: Perspectivas de aplicação da Lei Federal 10.639/03 no Museu Afro-Brasileiro de Sergipe – MABS*.

Desse modo, o conjunto de artigos classificados na categoria *Função Social dos Museus* discute acerca de questões como: a aderência da instituição museu às mudanças sociais e culturais ocasionadas pela globalização, reforçando a responsabilidade dos museus. Traz questões sobre a necessidade de reinvenção do museu em face, na contemporaneidade, do avanço da técnica, da ciência e da arte, que levam o museu a ser um espaço vivo e não apenas um espaço de contemplação, elitista e sagrado. Os desafios dos museus no contexto de abordagem de questões atuais como a degradação do meio ambiente e preocupação com a sua preservação. Ainda, nos artigos, percebe-se o museu encarado como intelectual-coletivo que é considerado como condutor dos que se encontram em processo de aprendizagem, como um acontecimento histórico, político e ideológico no cotidiano das cidades. Assinala-se, por fim, a discussão sobre a influência do pensamento do educador brasileiro Paulo Freire na Mesa-Redonda de Santiago do Chile, em 1972. O pedagogo brasileiro foi convidado a presidir a Mesa-Redonda de Santiago do Chile pelo museólogo francês Hugues de Varine Bohan, então Presidente do ICOM de 1968 a 1974. A participação de Paulo Freire no evento foi vetada pelo delegado brasileiro da UNESCO por questões políticas (Varine, 2012; Alves, & Reis, 2013).

Em termos de *loci*, dois artigos foram desenvolvidos no âmbito de instituições museais: um deles, num estudo de caso comparativo, aborda o Jardim Botânico do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro – Brasil) e o Jardim Botânico José Celestino Mutis (Bogotá - Colômbia). O outro artigo explora a função social do museu no âmbito do MABS.

#### 6.8.9 Categoria: Museu, Memória e Movimentos Sociais

A relação da Museologia e dos museus com os conteúdos da memória é fato. A partir da origem do termo museu, reconhece-o como lugar de construção de memória e lugar de poder ao mesmo tempo. É interessante perceber que os dois conceitos (memória e poder) fazem parte de todas as instituições museológicas, além de manterem relação permanente. Portanto, observa-se em algumas instituições museológicas o modelo de celebração da memória do poder e em outras a celebração do poder da memória (Nora, 1984; Chagas, 1999).

Em linhas gerais, a perspectiva de celebrar a memória do poder está relacionada às questões de autoridade, prestígio social e predomínio de um grupo (social, étnico, religioso ou econômico) sobre outro grupo, onde o trabalho das instituições museológicas é pouco democrático. Já a perspectiva do poder da memória ratifica o poder dos museus como instituições comprometidas com a sua função social, instrumentalizando os indivíduos e grupos diversos (Chagas, 1999).

As instituições museológicas têm recebido a demanda de diversos grupos e movimentos sociais que a partir do reconhecimento da importância de suas memórias primam por sua preservação como forma de afirmação e poder no âmbito da sociedade. Tal percepção tem feito com que os grupos ou movimentos sociais sejam, cada vez mais, partícipes da escrita ou narrativa de suas memórias no palco dos museus, integradas aos objetos das coleções museológicas.

Ao considerar a memória como fundamental para grupos ou movimentos sociais devido à sua ligação com a conformação identitária dos mesmos, Verena Alberti (2011, p. 167) destaca que a memória “(...) é o resultado de um trabalho de organização e seleção do que é importante para o sentimento de unidade, de continuidade e de coerência - isto é - de identidade”.

No Brasil, o Museu da Maré no Rio de Janeiro, o Museu Magüta no Amazonas e o Museu Casa de Chico Mendes no Acre são alguns exemplos de museus relacionados à representação da memória de grupos e movimentos sociais de origem diversa. Esses museus foram criados para registrar, preservar e divulgar a história e a identidade destes segmentos sociais, conseqüentemente, expressando os sentimentos descritos por Alberti (2011). Para além disso, evoca-se o caráter pessoal da memória, mas, sobretudo, o

caráter familiar, grupal, social (Bosi, 1987), reforçando que as memórias são mais coletivas que individuais porque se vive em sociedade. Vive-se em uma sociedade que interage constantemente.

A categoria *Museu, Memória e Movimentos Sociais* aqui está relacionada aos museus e sua ligação inexorável com a memória. Também se relaciona ao reconhecimento dos museus como espaços férteis de divulgação da memória, de afirmação da identidade cultural dos mais diferentes grupos ou movimentos sociais.

Nesta investigação, classificaram-se na referida categoria 10 artigos, sendo cinco artigos são do PPG-PMUS UNIRIO/MAST e cinco artigos do PPGMuseu UFBA. Não houve artigo do PPGMus USP classificado nesta categoria.

A distribuição anual dos artigos consta da Tabela 36:

**Tabela 36** – Distribuição anual dos artigos na categoria Museus, Memória e Movimentos Sociais

Museu, memória e movimentos sociais												
Programas	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	Total
PPG-PMUS UNIRIO/MAST		1	1		2	1						5
PPGMus USP												
PPGMuseu UFBA	1				1			1		2		5
<b>Total</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>1</b>		<b>3</b>	<b>1</b>		<b>1</b>		<b>2</b>		<b>10</b>

Fonte: Dados da pesquisa (2016) – elaboração a partir do *corpus* documental analisado

Conforme os dados condensados na Tabela 36, observa-se que o ano de 2010, foi o que concentrou o maior número de artigos sobre a temática.

Os artigos do PPG-PMUS UNIRIO/MAST no âmbito da categoria *Museu, Memória e Movimentos Sociais* se enquadra na linha de pesquisa 1 *Museus e Museologia*, especificamente no conteúdo temático *Museu e sociedade*

A vertente temática dos artigos PPGMuseu UFBA estabelece relação com a linha de pesquisa 1, *Museologia e Desenvolvimento*, que se debruça sobre a *teoria museológica contemporânea na sua relação com o patrimônio, com a cultura e com os diversos grupos sociais*.

Com relação à filiação dos artigos do PPG-PMUS UNIRIO/MAST, verificou-se que são oriundos de trabalhos já apresentados em eventos. Um deles cita ter tomado como base uma comunicação realizada no Simpósio ICOFOM que ocorreu no Rio de

Janeiro em 1997. Quanto à filiação dos artigos do PPGMuseu UFBA, evidenciou-se que os artigos são originários de: trabalho em evento (F= 1), no caso do *X Congreso Argentino de Antropología Social*, especificamente no GT *De ecologias riesgos y conservaciones: la relación naturaliza-cultura em la antropologia del siglo XXI*; projeto *Ações Afirmativas Museológicas* desenvolvido no âmbito do MAFRO/UFBA com o objetivo de reconhecer e afirmar as práticas desenvolvidas por organizações negras (F= 2); trabalho apresentado no *III Congreso Internacional de Estudios Caribeños*, evento realizado na *Universidad del Magdalena* na Colômbia, no ano de 2014 (F= 1); e, trabalho de pesquisa realizado no âmbito das disciplinas Laboratório de Cultura Material Africana e Afro-Brasileira e Arte Decorativa, ambas do Curso de Graduação em Museologia da UFBA, o qual contou com a colaboração de docente portuguesa vinculada ao Instituto de Investigação Científica e Tropical de Lisboa (F= 1).

Os artigos classificados na categoria *Museus, Memória e Movimentos Sociais* se dedicam a: encarar o museu como terreno fértil de disseminação da memória social, já que em seu espaço são instauradas práticas e representações da cultura; refletir sobre o interesse que o museu vem despertando nos mais diversos tipos de movimentos sociais, a exemplo de movimentos étnicos-raciais, movimentos que lidam com questões de gênero, movimentos rurais, dentre muitos outros; discutir a idealização do Programa Pontos de Memória do DEMU do IPHAN, criado com o objetivo de fomentar a participação popular em questões voltadas à memória social e aos museus; discutir as mobilizações sociais indígenas e apresenta a título de exemplo um museu criado com a participação de índios e por eles gerido, o Museu Magüta; apresentar o Cemitério do Campo Santo, considerado um museu a céu aberto e sítio histórico da cidade de Salvador que abriga em seu espaço obras de arte e registros epigráficos (inscrições nas lápides) nos mausoléus, que expressam a história social, política e religiosa do povo; discutir a compreensão de objetos (especificamente roupas ou trajes) do século XIX, que na contemporaneidade são indumentárias, representativos da identidade de um grupo social específico, no caso as mulheres negras no contexto da sociedade da Bahia e do Brasil como um todo; discutir o patrimônio cultural afrodescendente e a sua construção a partir de memórias ancestrais que são materializadas; analisar as memórias africanas dos escravizados na América Latina e no Caribe a partir de dois autores afro-

latino-americanos: o brasileiro Manuel Raimundo Querino (1851- 1923) e o colombiano Manuel Zapata Olivella (1920-2004); e apresentar reflexões sobre uma festa (Carnaval Barranquilla) e suas expressões da cultura tradicional.

#### 6.8.10 Categoria: Estudo de público

Considerando as mais diversas compreensões de museu como ambiente de socialização, ambiente que possibilita interação social, vivências afetivas, sensoriais, intuitivas e cognitivas, resume-se que o museu é o ambiente que possibilita interação entre o patrimônio cultural e o público.

O conhecimento desta interação, diálogo ou relação público-museu é uma tarefa dos chamados Estudos de público (*visitors studies*), os quais tomaram corpo no início do século XX, com surgimento nos Estados Unidos. No Brasil, também no início do referido século, o Museu Nacional já registrava a presença de notáveis figuras em um Livro de Ouro e no Livro dos visitantes a quantidade de visitas (Köptche, 2010). Na Europa, tem-se o registro de visitas a museus de Portugal por viajantes estrangeiros ao longo dos séculos XVIII e XIX no livro *Os viajantes e o 'livros dos museus'* (Brigola, 2010).

Menciona-se a clássica obra de Pierre Bourdieu e Alan Darbel intitulada *O amor pela arte: os museus de arte na Europa e seu público*, originalmente publicada em francês no ano de 1966, a qual apresenta uma investigação realizada por meio da aplicação de questionário com milhares de visitantes dos museus europeus (França, Espanha, Grécia, Itália, Holanda e Polônia). Trata-se de um estudo de público de museus com a finalidade de saber o porquê alguns visitantes possuem uma matriz cultural que possibilita uma museofilia e outros não, desprovidos dessa oportunidade sem saber compreender ou ler os museus de arte na Europa (Bourdieu & Darbel, 2007).

A relação público-museu contempla diversas questões “desde os diversos tipos de museus até os diferentes públicos, estes desdobrados segundo gênero, idade, formação e procedência, entre outros” (Valente, Cazelli, & Alves, 2005, p. 184).

Assim, os estudos de público de museus têm sido realizados com frequência e interesse crescente, pois averiguam questões como: o perfil do visitante, seus gostos, suas preferências culturais, sua opinião sobre a experiência vivida no museu, o impacto

cognitivo no visitante, além do impacto econômico das grandes exposições que atraem grande número de visitantes de outras regiões, o que possibilita aos museus planejarem melhor sua programação e fomentar cada vez mais a frequência e fidelização do público. Áreas, portanto, como Comunicação Social, Ciência da Informação e Documentação, Psicologia, História, dentre outras, tornam-se significativamente contributivas aos Estudos de público em museus (Costa & Brigola, 2014).

Os Estudos de público podem ser de cunho avaliativo e investigativo. Os do tipo avaliativo correspondem às partes que integram processos de exposições e atividades de natureza educativa e cultural. Já os estudos de público investigativos são estudos de cunho teórico e acadêmico que se dedicam a conhecer o público visitante e o não-visitante, seu perfil, seu comportamento, seus aspectos afetivos, cognitivos, motivacionais, dentre outros (Studart, 2000, Studart, Almeida, & Valente, 2003).

Segundo consta da obra *Conceitos-chave de Museologia*, público significa “o conjunto de usuários do museu (público dos museus), mas também, por extrapolação, a partir do seu fim público, o conjunto da população à qual cada estabelecimento se dirige” (Desvallées & Mairesse, 2013, p. 87). Na compreensão de Desvallées & Mairesse, o conceito de público é central nas definições contemporâneas de museu. Assim, é notória a utilização de outros termos derivados ou associados à noção de público, tais como: usuário de museu, povo, população, grande público, público específico, público numeroso, não público, público distante ou impedido, público com deficiência, visitante, observadores, espectadores, consumidores, audiência, frequentador (Desvallées & Mairesse, 2013).

Pelo exposto, observa-se um grande espectro de denominações, algo que segundo Cury (2015) pode motivar profícuas discussões na área da Museologia. Tanto que a autora propôs a categorização dos termos na tentativa de reuni-los por aproximação, a exemplo de usuário e consumidor, visitante e não visitante ou público e não-público, dentre outros.

O conjunto de artigos classificados na categoria *Estudo de público* totalizam nove artigos, sendo que deste total seis artigos são do PPG-PMUS UNIRIO/MAST, dois artigos são do PPGMus USP e um artigo é do PPGMuseu UFBA.

A distribuição anual dos artigos é detalhada na Tabela 37:

**Tabela 37** – Distribuição anual dos artigos na categoria Estudo de público - 2006 a 2016

Estudo de público												
Programas	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	Total
PPG-PMUS UNIRIO/MAST				1	1	1	1		1	1		6
PPGMus USP	1									1		2
PPGMuseu UFBA											1	1
<b>Total</b>	<b>1</b>			<b>1</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>1</b>		<b>1</b>	<b>2</b>	<b>1</b>	<b>9</b>

Fonte: Dados da pesquisa (2016) – elaboração a partir do *corpus* documental analisado

De acordo com os dados da distribuição anual dos artigos, observou-se que a produtividade de artigos no escopo da temática aparece em quase todos os anos, porém de modo mais expressivo na produção científica do PPG-PMUS UNIRIO/MAST.

A ocorrência de artigos classificados na categoria *Estudo de público* coaduna com as Linhas de pesquisa dos programas. No caso do PPG-PMUS UNIRIO/MAST a produção de artigos se relaciona com a Linha de pesquisa 1 *Museus e Museologia*, sob eixo temático *Museu e indivíduo*. Quanto aos artigos do PPGMus USP, considera-se que os mesmos mantêm relação com a Linha de pesquisa *Teoria e método da gestão patrimonial e dos processos museológicos*. Já o artigo do PPGMuseu UFBA coaduna com a Linha de pesquisa *Patrimônio e Comunicação*, especificamente, em seu eixo temático *estudos de público*.

Quanto à filiação dos nove artigos, evidenciou-se que seis artigos mencionaram ser filiados à projeto de pesquisa (F= 2), projeto de iniciação científica (F= 1) e projeto de extensão (F= 1). Identificaram-se, também, artigos oriundos de orientação de dissertação (F= 1) e com origem na tese do docente/pesquisador (F= 1).

Os artigos classificados na categoria *Estudo de público*, todos de natureza aplicada, versam sobre a percepção do público acerca dos museus concernente à imagem que o público tem desta instituição e a relação público-museu. Enfocam questões de como o público entende e valoriza o patrimônio cultural. Reforçam a necessidade de realização de estudos acerca dos diferentes tipos de audiências de público em museus (espontânea, programada e estimulada) de modo que conhecendo a diversidade das audiências o museu possa ter impacto social mais preciso e contundente na sociedade. Ainda, nos artigos, percebe-se o discurso de que o público é o sujeito, não mais passivo, dos processos museológicos.

Os artigos classificados como *Estudo de público* foram desenvolvidos no âmbito do MAST, do Morro do Corcovado, de escolas do Rio de Janeiro e de São Paulo, do Museu Água Vermelha de Arqueologia Regional em São Paulo, do MAE/USP, do Museu de Artes e Ofícios em Belo Horizonte e do MAFRO/UFBA.

Nesse sentido, os artigos realizados nos espaços já citados, tiveram como sujeitos estudantes de escolas do ensino fundamental públicas e privadas do Rio de Janeiro (pesquisa realizada *in loco*) e de São Paulo (pesquisa realizada no museu após visita à exposição), estudantes do ensino médio, mas também o público visitante em geral, os quais forneceram dados, de acordo com o objetivo de cada estudo, por meio de questionário, instrumento de coleta de dados mais comum neste tipo de estudo, mas também por textos e imagens produzidos.

#### 6.8.11 Categoria: Documentação museológica

A documentação museológica, diferentemente da exposição que é um aspecto mais conhecido e visível nos museus, configura-se por ser um trabalho de certa forma imperceptível por parte do público e até mesmo inacessível (Barbuy, 2002).

A documentação museológica, enquanto atividade de gestão do acervo que acompanha o trajeto do objeto a partir de sua entrada no museu até a exposição, é um instrumento que possibilita a localização de itens da coleção, bem como o controle do deslocamento da coleção, seja interno ou externamente. Também é fonte de pesquisa e um instrumento auxiliar para o desenvolvimento de exposições, além de embasar outras atividades do museu (Loureiro, 1998).

Daí a importância de que os museus possuam um sistema de documentação que assegure, na perspectiva de Hernández-Hernández (2001), três características: confiabilidade (contemplar todos os processos de documentação), flexibilidade (adaptação aos mais diferentes tipos de museus e de coleções) e economia (no sentido de que o sistema ofereça a informação necessária no menor tempo possível).

Ao que Cerávolo e Tálamo (2002) explicam que um sistema de documentação engloba três eixos que atendem às necessidades informativas de modo distinto: o administrativo voltado para o trabalho de tratamento das coleções, o curatorial para o trabalho de pesquisa e o documental para o trabalho de identificação dos

objetos/coleções. No entanto, apesar dos três eixos trabalharem de modo diferenciado, faz-se necessário que o desenvolvimento do trabalho seja atrelado.

Nesse sentido, a categoria *Documentação museológica* tem em seu rol conteúdos sobre: Sistemas de documentação/informação de acervos museológicos; Adoção de vocabulário controlado; Formação, registro, classificação, catalogação, inventário e acondicionamento de coleções; Coleções de objetos tangíveis e indicadores culturais intangíveis; Catalogação, classificação e indexação de acervos; Implantação de sistemas informatizados; documentação dos processos de conservação e restauração; política de segurança de dados; e acesso da documentação a pesquisadores.

Os artigos classificados na categoria *Documentação museológica* somam seis artigos. Deste total, quatro artigos são do PPGMuseu UFBA e dois artigos são do PPG-PMUS UNIRIO/MAST. Não houve incidência de artigos do PPGMus USP.

A distribuição anual dos artigos é detalhada na Tabela 38:

**Tabela 38** – Distribuição anual dos artigos na categoria Documentação museológica

Documentação museológica												
Programas	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	Total
PPG-PMUS UNIRIO/MAST			1				1					2
PPGMus USP												
PPGMuseu UFBA				1				2		1		4
<b>Total</b>			<b>1</b>	<b>1</b>			<b>1</b>	<b>2</b>		<b>1</b>		<b>6</b>

Fonte: Dados da pesquisa (2016) – elaboração a partir do *corpus* documental analisado

De acordo com os dados da distribuição anual dos artigos classificados na categoria *Documentação museológica*, observou-se que, no período investigado, a produtividade de artigos anual sobre a temática é tímida.

A ocorrência de artigos classificados na categoria *Documentação museológica* coaduna com as Linhas de pesquisa dos programas. No caso do PPG-PMUS UNIRIO/MAST, considera-se que a produção de artigos sobre a temática tem relação com a Linha de pesquisa 1 *Museu e Museologia* e com a Linha de pesquisa 2 *Museologia, Patrimônio Integral e Desenvolvimento*. No caso da linha de pesquisa 1 ao eixo temático *Teoria do objeto*, enquanto que na Linha de pesquisa 2 está sob eixo temático *Museologia aplicada a acervo*.

Quanto aos artigos do PPGMuseu UFBA, considera-se que os mesmos mantêm relação com a Linha de pesquisa *Patrimônio e Comunicação*, especificamente, quanto ao conteúdo *etapas dos processos de musealização, incluindo a documentação, conservação preventiva e difusão por meio das linguagens expográficas*.

Em termos de filiação dos artigos, evidenciou-se que três artigos não apresentam tal informação, enquanto outros três artigos registraram sua filiação à projeto de pesquisa (F= 2) e projeto de iniciação científica (F= 1). Um dos projetos de pesquisa tem como título *A musealização do patrimônio arqueológico em Sergipe: estudo de caso sobre os processos de documentação no MAX/UFS* e o outro é relacionado ao projeto *Documentação museológica: organização e tratamento da informação para coleções de objetos científicos*.

O conjunto de artigos classificados na categoria *Documentação museológica* apresenta como um núcleo de documentação criado na UNIRIO, o NUMMUS, organizou e tratou documentos oriundos de personalidades que contribuíram para a formação e atuação profissional na área da Museologia, de modo a destacar a memória e os vestígios de uma série de documentos representativos de uma memória coletiva. Em outro estudo, destaca-se a análise do processo de gestão de acervo, sinalizando como a documentação museológica auxilia as instituições museais na potencialização do acervo como indicador de memória. Traz uma proposta de criação de um Centro de Documentação do Patrimônio Arquitetônico junto à Faculdade de Arquitetura da UFBA tendo como princípio que a documentação é a primeira ação para a salvaguarda dos bens culturais. Em seguida, o foco no registro documental de uma coleção específica, objeto de estudo do artigo, considerando que ao investigar uma coleção museológica se tem a oportunidade de revisar os conceitos básicos tratados pela Museologia, principalmente no tocante à documentação, de forma a tecer argumentos para a compreensão dos objetos e suas implicações.

Em termos de instituição, os artigos foram desenvolvidos no NUMMUS da UNIRIO, no Museu de Arqueologia de Xingó (MAX) da UFS, no MAFRO/UFBA, na Faculdade de Arquitetura da UFBA e no Laboratório de Geomensura Theodoro Sampaio do Departamento de Engenharia de Transportes e Geodésia da Escola Politécnica da UFBA.

### 6.8.12 Categoria: Narrativa biográfica

O termo narrativa designa um relato, desenvolvido de modo minucioso, acerca de um fato, acontecimento ou sequência de eventos. A narrativa designa, também, em vertente literária, relato que apresenta um universo constituído por personagens reais ou imaginários; um conto; uma história.

O conceito de biografia diz respeito ao todo biográfico narrado, uma construção realizada de algo passado, tanto pelo indivíduo quanto pelos pesquisadores ou biógrafos, com a finalidade de descrever de modo coerente um conjunto de histórias de vida, possibilitando um conhecimento prévio de histórias passadas (Bourdieu, 1996).

A *Narrativa biográfica* está relacionada à possibilidade de apreensão do papel histórico desempenhado por determinada personalidade, à sua dinâmica pessoal e coletiva no desenvolvimento de atividades, seu contributo científico e profissional para uma área de conhecimento específica, dentre outras questões. Para tanto, impõe-se uma “eleição e organização de resíduos biográficos capazes de dar corpo a uma forma narrativa que represente, de maneira coerente, o sentido projetado sobre o indivíduo biografado” (Souza, 2011, p. 81).

Assim, a categoria *Narrativa biográfica* nesta investigação corresponde às trajetórias individuais de pessoas que contribuíram para a Museologia, sendo essas pessoas consideradas testemunhas privilegiadas de um momento histórico específico.

Classificaram-se na categoria *Narrativa biográfica* seis artigos, sendo quatro do PPG-PMUS UNIRIO/MAST, um para o PPGMus USP e PPGMuseu UFBA, cada.

A distribuição anual dos artigos consta da Tabela 39:

**Tabela 39** – Distribuição anual dos artigos na categoria Narrativa biográfica

Narrativa biográfica												
Programas	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	Total
PPG-PMUS UNIRIO/MAST					1		1	1		1		4
PPGMus USP									1			1
PPGMuseu UFBA		1										1
<b>Total</b>		<b>1</b>			<b>1</b>		<b>1</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>1</b>		<b>6</b>

Fonte: Dados da pesquisa (2016) – elaboração a partir do *corpus* documental analisado

Conforme os dados condensados na Tabela 39, observa-se que estudos dedicados a abordar a contribuição de personalidades com a área da Museologia ou com aspectos voltados aos museus é pouco explorada, apesar de presente em seis anos do total de anos investigado.

Com relação à filiação dos seis artigos, identificou-se que apenas dois artigos mencionaram ser filiados à projeto de iniciação científica (F= 1) e projeto de extensão (F= 1), enquanto os demais não especificaram informação acerca de sua origem. O projeto de iniciação científica foi realizado entre 2006 e 2007 sob o título de *Projeto Museologia Baiana: inventário de fontes bibliográficas*, já o projeto de extensão intitulava-se *Centenário de Lygia Martins Costa: uma reflexão sobre histórias de vidas pioneiras*, desenvolvido em articulação com projeto de pesquisa *Recuperação e Preservação da Memória da Museologia no Brasil*, tendo como base de pesquisa o acervo documental do NUMMUS.

Observaram-se nos artigos classificados na categoria *Narrativa biográfica*, estudos sobre a contribuição de Lygia Martins Costa, egressa do Curso de Museus do MHN, para a Museologia brasileira e também para o Patrimônio dada a sua atuação como Museóloga do MNBA entre 1940 e 1951 e do IPHAN entre 1952 e 1996. Também na seara da Museologia, destaca-se o artigo que apresenta a contribuição de José Antônio do Prado Valladares, considerado “um homem de museus” pelo trabalho desenvolvido no Museu do Estado da Bahia sob sua direção no período de 1939 a 1959. Valladares é autor da clássica obra *Museus para o povo: um estudo sobre museus americanos* e detentor de vasta bibliografia sobre os museus publicada em jornais da Bahia. Outro artigo se volta para abordar a biografia de Isidoro Valcárcel Medina, precursor das práticas artísticas da Espanha, que expôs no MAC/USP em 1976 a convite do então diretor do museu Walter Zanini, o que afirmou o papel do MAC/USP como disseminador da vanguarda artística internacional entre as décadas de 1960 e 1970. Destacam-se dois artigos, em viés relacional com a História da Ciência, que pairam sobre a figura de Ângelo Moreira da Costa Lima, um importante cientista da pesquisa entomológica, que durante o tempo que passou no Museu Nacional do Rio de Janeiro, por suas pesquisas, possibilitou que o referido museu passasse a ser reconhecido não só pela atribuição de divulgador e preservador de objetos ou artefatos da história e

memória brasileira, mas também como centro de pesquisa brasileiro no combate às pragas agrícolas.

#### 6.8.13 Categoria: Ensino em Museologia

A história do ensino da Museologia no Brasil tem início com a criação do MHN em 1922 e dez anos depois com a efetiva criação do Curso de Museus pelo MHN, conforme trajetória já delineada no Capítulo 2 desta tese.

Com base na literatura (Sá, 2007), (Chagas, 2009), (Siqueira, 2009), (Tanus, 2013) e no percurso desta investigação, considera-se pertinente dividir a história do ensino da Museologia no Brasil em seis momentos: o primeiro com a criação do Curso de Museus do MHN, em 1932, sob a batuta de Gustavo Barroso; o segundo, quando da criação do segundo curso de Museologia, em 1969, sendo o primeiro curso criado dentro de uma universidade, no caso na UFBA; o terceiro, quando o Curso de Museus do MHN obtém *status* de curso universitário (que se deu em 1951) culminando, em 1979, com a sua transferência para a UNIRIO; o quarto com a criação do terceiro curso de graduação em funcionamento em IES privada, em 1975; o quinto momento com a criação do curso *lato sensu* em Museologia idealizado por Waldisa Rússio em São Paulo no ano de 1977; o sexto momento com o *boom* dos cursos de graduação em Museologia, a partir de 2003 (antes contava apenas com o curso da UNIRIO e da UFBA, já que o curso da instituição de ensino superior privada encerrou em 1995) marcado pela PNM e, sobretudo, pelo REUNI, os quais têm em seu projeto político pedagógico forte tendência interdisciplinar motivada por profícua relação com outras áreas de conhecimento, especialmente, com a Ciência da Informação.

Acrescenta-se a estes momentos, a partir do contexto conjuntural apresentado e com a realização desta tese, a criação de programas de pós-graduação *stricto sensu* em Museologia. O primeiro curso de mestrado em Museologia foi criado em 2006 pela UNIRIO. O quadro atual da pós-graduação *stricto sensu* em Museologia no Brasil totaliza seis programas de pós-graduação, sendo quatro de cariz acadêmico e dois de cariz profissional. O mais recente, conforme já comentado no decorrer da tese, foi criado em dezembro de 2016 com funcionamento a partir de 2017.

Coelho (2015), enfoca o momento de gestação do pensamento museológico brasileiro com base em dois vieses discursivos: primeiro a partir dos três coordenadores dos primeiros cursos de Museologia no Brasil e os seus respectivos períodos temporais (Gustavo Barroso – 1932 a 1958; Valentin Calderón – 1969 a 1980; e Waldisa Rússio – 1977 a 1985), e segundo a partir da regulamentação da profissão de Museólogo com a Lei nº 7.287, de 18 de dezembro de 1984 e com o Decreto no 91.775, de 15 de outubro de 1985.

A categoria *Ensino em Museologia* está relacionada ao percurso de institucionalização da área por meio da oferta formativa em Museologia; às discussões em torno do currículo dos cursos; e ao perfil do profissional em Museologia.

Nesta investigação, classificaram-se na categoria *Ensino em Museologia* cinco artigos, sendo quatro do PPG-PMUS UNIRIO/MAST e um do PPGMuseu UFBA. Não se classificou artigos do PPGMus USP nesta categoria.

A distribuição anual dos artigos consta da Tabela 40:

**Tabela 40** – Distribuição anual dos artigos na categoria Ensino em Museologia

Ensino em Museologia												
Programas	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	Total
PPG-PMUS UNIRIO/MAST		1					1	1		1		4
PPGMus USP												
PPGMuseu UFBA				1								1
<b>Total</b>		<b>1</b>		<b>1</b>			<b>1</b>	<b>1</b>		<b>1</b>		<b>5</b>

Fonte: Dados da pesquisa (2016) – elaboração a partir do *corpus* documental analisado

Conforme os dados condensados na Tabela 40, observa-se que na produção científica investigada a temática aparece no ano de 2007 nos artigos do PPG-PMUS UNIRIO/MAST, ano seguinte à criação do seu curso de mestrado.

A incidência de artigos classificados na categoria *Ensino em Museologia* coaduna com as Linhas de pesquisa dos programas. No que se refere ao PPG-PMUS UNIRIO/MAST há relação com a Linha de pesquisa 1 *Museu e Museologia*, sob eixo temático (...) *Museologia como campo disciplinar, em suas relações com os diferentes campos do saber*. No que diz respeito ao artigo do PPGMuseu UFBA, pode-se estabelecer a relação do mesmo com a Linha de pesquisa *Museologia e Desenvolvimento Social*, que explora, entre outros eixos temáticos, a questão do

*desenvolvimento social na perspectiva de formação dos sujeitos envolvidos na ação museal.*

Nenhum dos artigos classificados na categoria *Ensino em Museologia* apresenta informação sobre a sua filiação, algo compreensível já que se trata de artigos de reflexão teórica.

Dentro desse contexto, os artigos classificados na categoria em questão, pertencentes ao PPG-PMUS UNIRIO/MAST e ao PPGMuseu UFBA apresentam reflexões sobre questões que perpassam a área da Museologia em seu contexto de institucionalização pela oferta de ensino universitário. O conjunto de artigos do PPG-PMUS UNIRIO/MAST versam sobre: a trajetória de criação do Curso de Museus do MHN e de seu herdeiro o Curso de Graduação em Museologia da UNIRIO; a influência das matrizes francesas, nomeadamente da *École de Chartes* e da *École du Louvre*, na implantação e no desenvolvimento dos primeiros cursos de Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia; as mudanças ocorridas nas disciplinas ao longo da trajetória do curso são abordadas como contributo para a história e a memória da área, bem como para o caso específico da disciplina Preservação-Conservação, a partir de consulta às fontes primárias como programas de disciplinas, manuais acadêmicos, pareceres, resoluções, dentre outras fontes; as perspectivas teóricas da Museologia que compuseram os projetos pedagógicos dos cursos do MHN e da UNIRIO. O único artigo do PPGMuseu UFBA apresenta o contexto de formação em Museologia na UFBA, especificamente com relação ao Curso de Graduação em Museologia, o segundo curso da área criado no Brasil. A trajetória do curso, os desafios enfrentados e o perfil do profissional em Museologia são algumas das questões enfatizadas.

#### 6.8.14 Categoria: Musealização do patrimônio

O termo musealização, em utilização desde a década de 1980, conforme definição no livro *Conceitos-chave de Museologia*, em sentido comum, “designa o tornar-se museu” (Desvallées & Mairesse, 2013, p. 56).

A musealização se refere à operação de retirada física e conceitual de um objeto do seu ambiente natural ou cultural nato para conferir ao mesmo um *status* museal. Tal

*status* se dá a partir da mudança de contexto e do processo de seleção, de documentação e de apresentação (Desvallées & Mairesse, 2013).

Na perspectiva de Bruno a musealização se constitui por um “conjunto de fatores e diversos procedimentos que possibilitam que parcelas do patrimônio cultural se transformem em herança na medida em que são alvo de conservação e preservação” (Bruno, 1996, p. 56).

Por sua vez, de acordo com Lima (2014), que estuda o entrelace dos termos musealização e patrimonialização, os dois termos se constituem processos culturais que atribuem valor a elementos da natureza e da cultura, conferindo-lhes um padrão distinto, ou seja, torna-os bens musealizados e bens patrimonializados.

Mas é preciso deixar claro que o emprego do termo patrimonialização se aplica tão somente à noção de preservação de um objeto ou de um local. Portanto, o mesmo não se aplica ao conjunto do processo museológico (Desvallées & Mairesse, 2013).

A categoria *Musealização do patrimônio* corresponde a procedimentos técnicos e estratégias para implementação da preservação do patrimônio. Relaciona-se à um processo que pode ocorrer em qualquer tempo e lugar.

O conjunto de artigos classificados na categoria *Musealização do patrimônio* somam cinco artigos. Do referido total, quatro artigos são do PPG-PMUS UNIRIO/MAST e um artigo pertence ao PPGMus USP. Não houve incidência de artigos do PPGMuseu UFBA nesta categoria.

A distribuição anual dos artigos é detalhada na Tabela 41:

**Tabela 41** – Distribuição anual dos artigos na categoria *Musealização do patrimônio*

Musealização do patrimônio												
Programas	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	Total
PPG-PMUS UNIRIO/MAST							3			1		4
PPGMus USP										1		1
PPGMuseu UFBA												
<b>Total</b>							<b>3</b>			<b>2</b>		<b>5</b>

Fonte: Dados da pesquisa (2016) – elaboração a partir do *corpus* documental analisado

Conforme os dados constantes da Tabela 41, constata-se que artigos no escopo da categoria *Musealização do Patrimônio* aparecem a partir do ano de 2012.

Os artigos expressam relação com as Linhas de pesquisa dos programas. No caso do PPG-PMUS UNIRIO/MAST a relação é com a Linha de pesquisa 2 *Museologia, Patrimônio Integral e Desenvolvimento*, sob eixo temático *Metodologias de preservação e conservação do patrimônio*. Quanto aos artigos do PPGMus USP, considera-se que os mesmos mantêm relação com duas Linhas de pesquisa do programa *História dos processos museológicos, coleções e acervos*, quanto ao conteúdo *Análise sobre a historicidade de instituições e processos museológicos*.

Evidenciou-se, quanto à filiação dos cinco artigos que dois artigos citam ser oriundos de projeto de pesquisa, enquanto os demais não apresentam qualquer informação sobre. No caso dos artigos filiados à projetos de pesquisa, identificou-se que um deles, pertencente ao PPG-PMUS UNIRIO/MAST, parte do projeto vinculado ao Departamento de Estudos e Processos Museológicos e também ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Museologia, Conhecimentos Tradicionais e Ação Social (GEMCTAS). O outro artigo é oriundo de projeto intitulado *História da Energia Elétrica no Estado de São Paulo: construção (1890-1960): patrimônio industrial, paisagem e meio-ambiente*, financiado pela FAPESP.

Na categoria *Musealização do Patrimônio*, os artigos versam sobre proposta de musealização *in situ* de estruturas arqueológicas de um monumento de relevância, religiosa, arqueológica, histórica e arquitetônica do Rio de Janeiro, o Convento de Santa Teresa, sugerindo, a criação de um Museu de Sítio. Busca-se, em outro estudo, compreender o processo de musealização da área de conhecimento da Botânica por meio da idealização, por João Barbosa Rodrigues, do Museu Botânico do Jardim Botânico do Rio de Janeiro. O Parque Nacional da Tijuca, patrimônio geológico, Unidade de Conservação Federal é apresentado enquanto território integral de muitos valores. Assim se entende a necessidade de interferência da Museologia para que este patrimônio seja valorizado e comunicado, de modo que a área lhe garanta a preservação por meio de processos de documentação, pesquisa, preservação e comunicação. Em seguida, a musealização como forma de preservação do patrimônio é abordada em sua relação ao setor elétrico brasileiro. Um outro artigo aborda a musealização de um patrimônio imaterial brasileiro: o samba carioca, no âmbito da Política Nacional de Patrimônio Imaterial (PNPI).

Os artigos classificados como *Musealização do patrimônio* foram desenvolvidos no âmbito das mais diversas instituições. No caso dos artigos do PPG-PMUS UNIRIO/MAST, os mesmos trouxeram reflexões sobre o Convento de Santa Teresa, Museu Botânico do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Parque Nacional da Tijuca, Centro Cultural Cartola na sua proposta de criação do Museu do Samba, todos localizados no Rio de Janeiro. No contexto de São Paulo, o artigo da USP contemplou museus situados em cidades que detiveram pequenas centrais hidrelétricas e usinas hidrelétricas, criadas durante o período de 1890 e 1960, em seus territórios. Alguns exemplos de instituições museológicas com acervo que engloba patrimônio do setor elétrico são: o Museu do Porto de Santos, Museu da Cidade de Santo Ettore Liberalesso e Museu Histórico Constantino Leman, dentre outros.

#### 6.8.15 Categoria: Cibercultura museal

Vive-se na sociedade contemporânea uma cibercultura. A cibercultura, de acordo com Lévy (1999), é a própria cultura da sociedade contemporânea quando se trata dos novos espaços virtuais, promovidos e constituídos pelas TIC, ou seja, é a cultura do ciberespaço.

A cibercultura “tem suas raízes no surgimento dos meios de comunicação de massa, mas ganha contornos definidos na atualidade com o computador pessoal, a micro-eletrônica de massa e as redes telemáticas” (Lemos, 2002, p. 282-283).

A cibercultura, portanto, é a cultura identitária do real ao virtual, é a cultura da interconectividade, da interação em rede, da digitalização, dos novos suportes de navegação *on line* e da virtualidade, promotora das mais diversas e complexas redes de informação e comunicação, via TIC ou por elas influenciadas (Costa, 2008).

No caso de museus estabelecidos no meio físico, a virtualidade se configura como instrumento que, dentre outras inúmeras possibilidades (marketing, interação com outras instituições, etc.), pode colaborar para que o visitante se planeje previamente para uma visita presencial, sobretudo, em casos de visitantes em viagem. É fato que, no caso deste tipo de museu, o intuito da virtualidade não é substituir a visita presencial (Carvalho, 2005), mas uma forma de fazer com que o museu desempenhe a sua função social levando o consumo cultural para o espaço da cibercultura. Obviamente, que no

contexto dos museus que já nasceram virtuais isto acontece naturalmente. Neste tipo de museu o visitante tem uma atitude proativa, traçando seu caminho de acordo com o seu interesse e motivação, sem ter que cumprir um roteiro pré-estabelecido.

No Brasil, o MHN, museu de tipologia tradicional, é considerado pioneiro em sua inserção no mundo virtual (Carvalho, 2005).

Diferentemente do museu tradicional (estruturado a partir da existência de edifício, coleção e público), o museu virtual é caracterizado pela inexistência da materialidade, desprovido de público (no significado literal da palavra), mas sim provido da presença do visitante individual. O museu virtual é, portanto, uma criação no contexto da cibernética (Scheiner, 1998).

No entanto, além do termo museu virtual, é comum encontrarmos na literatura outros termos e tipologias que refletem a presença dos museus no ambiente digital ou da cibercultura: *Cibermuseu*; *Webmuseu*; *Museu digital*; *Museu virtual*; *Museu Online*; *Museu Eletrônico*; *Hipermuseu* (Magaldi, 2010). No entendimento de Loureiro, estas nomenclaturas representam a noção de “centralidade da informação, e não mais a materialidade dos lugares e dos objetos físicos, traço que acompanhou o fenômeno museu desde suas origens, sem grandes abalos” (Loureiro, 2003).

A categoria *Cibercultura museal* está relacionada ao ciberespaço e sociabilidade; aos Museus virtuais, às coleções e aos acervos digitais.

Nesta investigação, classificaram-se na categoria *Cibercultura Museal* quatro artigos, todos do PPGMuseu UFBA. Não houve incidência de artigos do PPG-PMUS UNIRIO/MAST e PPGMus USP.

A distribuição anual dos artigos consta da Tabela 42:

**Tabela 42** – Distribuição anual dos artigos na categoria Cibercultura museal

Cibercultura museal												
Programas	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	Total
PPG-PMUS UNIRIO/MAST												
PPGMus USP												
PPGMuseu UFBA		2					1		1			4
<b>Total</b>		<b>2</b>					<b>1</b>		<b>1</b>			<b>4</b>

Fonte: Dados da pesquisa (2016) – elaboração a partir do *corpus* documental analisado

Conforme os dados condensados na Tabela 42, observa-se que na produção científica investigada a temática aparece no ano de 2007 nos artigos de docente/pesquisador vinculado ao PPGMuseu UFBA.

O resultado de artigos do programa classificados na categoria *Cibercultura Museal* revela a pertinência a uma das linhas de pesquisa do programa, Linha de pesquisa 2 – *Patrimônio e Comunicação*, que engloba, dentre outros eixos temáticos, o eixo *uso e o manejo do ciberespaço e museus digitais, incluindo tecnologias da informação e comunicação*. Para além disso, tem estreita relação com a formação doutoral do docente/pesquisador pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da UFBA, onde é ofertada a disciplina denominada Cibercultura lecionada pelo Professor Doutor André Lemos, reconhecido estudioso da cultura digital ou cibercultura.

Nenhum dos artigos classificados na categoria *Cibercultura Museal* apresenta informação sobre filiação científica.

Dentro desse contexto, os artigos classificados na categoria em questão, pertencentes ao PPGMuseu UFBA se propõem a analisar a diversificação e o crescimento dos museus digitais em termos de arquitetura no ciberespaço, bem como a enfocar as possibilidades de ruptura com o modelo tradicional de museu; a apresentar o museu presencial e o museu digital, refletindo sobre as perspectivas de ambos no uso das tecnologias de informação e comunicação para dar a conhecer seus acervos e exposições; refletir sobre o museu na era da globalização, sobretudo em relação à disponibilidade de informação sobre os objetos dos acervos no ciberespaço; e, analisar a forma de comunicação e de busca de informações sobre os objetos dos museus virtuais *on-line*, por parte de pesquisadores e instituições, acerca das informações dos objetos (qualidade e quantidade de informações) e a quantidade do acervo.

#### 6.8.16 Categoria: Identidade cultural

A questão da identidade cultural ou a “problemática”, como denomina Menezes (1993), fez-se presente em um dos documentos do ICOM. De modo mais específico no documento elaborado em Buenos Aires, no ano de 1986, que atribuía ao museu propiciar meios “para que a comunidade tome consciência de sua própria identidade que

geralmente tenha sido escamoteada por razões de ordem histórica, cultural e social” (Documento do ICOM, 1986).

Assim, como uma questão a ser considerada e perseguida pelos museus, a identidade cultural passou a ser um objetivo a alcançar e a promover, de modo a reforçar as identidades frágeis, estabilizar as identidades desestruturadas, recriar as identidades rescindidas e proteger as identidades ameaçadas (Menezes, 1993).

Nesse contexto, a partir de então, era suscitado às instituições museológicas não mais a transmissão de uma mensagem universal, mas a necessidade de que suas práticas conduzissem o público ou a comunidade local a se conscientizar da sua própria identidade (Menezes, 1993).

As instituições museológicas são importantes no processo de conscientização dos indivíduos para maior valorização de sua história, para o despertar do sentimento de pertencimento e identidade com a mesma.

A categoria *Identidade cultural* engloba as tradições, a cultura, a religião, a música, a culinária, a forma de vestir, falar, dentre outros, representativos dos hábitos e costumes dos indivíduos e da coletividade da qual faz parte.

Os artigos classificados na categoria *Identidade cultural* somam três artigos: dois artigos são do PPG-PMUS UNIRIO/MAST e um artigo pertence ao PPGMuseu UFBA. Não houve incidência de artigos do PPGMus USP.

A distribuição anual dos artigos é detalhada na Tabela 43:

**Tabela 43** – Distribuição anual dos artigos na categoria Identidade cultural

Identidade cultural												
Programas	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	Total
PPG-PMUS UNIRIO/MAST				1	1							2
PPGMus USP												
PPGMuseu UFBA		1										1
<b>Total</b>		<b>1</b>		<b>1</b>	<b>1</b>							<b>3</b>

Fonte: Dados da pesquisa (2016) – elaboração a partir do *corpus* documental analisado

De acordo com os dados da distribuição anual dos artigos classificados na categoria *Identidade cultural*, observou-se que estes datam da primeira década do século XXI.

A incidência de artigos classificados na categoria *Identidade cultural* coaduna com as Linhas de pesquisa dos programas. No que se refere ao PPG-PMUS UNIRIO/MAST há relação com a Linha de pesquisa 1 *Museologia, Patrimônio Integral e Desenvolvimento* sob eixo temático *Sociedade, cultura e patrimônio: identidade e diferenças culturais*. No que diz respeito ao artigo do PPGMuseu UFBA, pode-se estabelecer a relação do mesmo com a Linha de pesquisa *Museologia e Desenvolvimento Social*, que explora a questão dos *estudos sobre o patrimônio cultural, buscando compreender e valorizar as diversas realidades socioculturais das sociedades contemporâneas*.

Apenas dois artigos fizeram menção à sua filiação. Um tem origem em orientação de dissertação no âmbito do PPG-PMUS UNIRIO/MAST, em 2008, sob o título de *Quando o museu abre as portas e janelas: o reencontro com o humano no museu contemporâneo*. O outro artigo, pertencente ao PPGMuseu UFBA, citou que o estudo teve como base o trabalho de pesquisa junto ao Centro de Estudos Latino-Americanos da Universidade de Varsóvia.

Os artigos classificados na categoria *Identidade cultural* trazem em suas abordagens questões como: a presença das identidades culturais na concepção de museus, presença esta demarcada por três momentos, sendo o primeiro durante o período do Renascimento (valorização de ruínas e os testemunhos da Antiguidade greco-romana), o segundo a partir do século XIX, quando os museus assumem a função de fundar e manifestar uma identidade nacional e, o terceiro momento é marcado pelos grupos socioculturais que assumem atitude proativa e consciente do papel que podem desempenhar. Atitude que faz com que os museus atentem para a construção de uma identidade cultural impregnada de futuro, colocando a identidade e a memória como centrais em suas ações; o trabalho de valorização da imagem do negro por meio das produções culturais de um bloco formado totalmente por negros, criado em 1974, em Salvador, o Bloco Ilê Aiyê<sup>142</sup>. Em suas produções culturais (desfiles de carnaval e espetáculos) emite-se uma imagem do negro diferente da habitual, o que suscita, portanto, novas formas de identificação da população afrodescendente local e mundial; a compreensão da identidade cultural como geradora da existência de um sentimento de pertencimento, daí, de modo mais específico, as reflexões giram em torno da identidade

---

<sup>142</sup> Quer dizer “Casa de todos”, conforme a tradução do nome em iorubá para o português.

cultural latino-americana, no sentido de entendimento desta como conjunto de identidades culturais existentes e produzidas em uma dada região que refletem o sentimento de pertença. Assim, as festas, o artesanato, o consumo material e simbólico são elementos identitários como campo de análise dos povos da América Latina.

#### 6.8.17 Categoria: Políticas públicas de cultura

As reflexões em torno da responsabilidade do Estado sobre a produção cultural do Brasil e sobre a necessidade de delinear os princípios de elaboração de políticas públicas de cultura se intensificaram na última década, tanto na esfera federal como na esfera estadual (Calabre, 2005).

A compreensão de política pública de cultura se caracteriza por ser um “conjunto ordenado e coerente de preceitos e objetivos que orientam linhas de ações públicas mais imediatas no campo da cultura” (Calabre, 2005, p. 2).

No Brasil, a política pública de cultura é marcada por momentos distintos. O início com o governo reformista de Getúlio Vargas (período de 1934 a 1945); em seguida, o investimento em infraestrutura do regime militar (período de 1964 a 1985); depois a fragilidade institucional e a necessidade de criação de novas bases na redemocratização do país (período de 1985 a 1994) e a cultura política neoliberal do Presidente Fernando Henrique Cardoso (período de 1995 a 2002); até a gestão do Presidente Luís Inácio Lula da Silva (período 2002 a 2010) (Bezerra & Gadelha, s.d).

Durante a gestão do Presidente Luís Inácio Lula da Silva, considerado o governo mais intervencionista na formulação de políticas públicas de cultura, é que em maio de 2003, o então MinC criou secretarias e programas para atender as áreas da cultura (Bezerra & Gadelha, s.d) e anunciou que o museu seria protagonista em suas ações. Na verdade, “o MinC não produziu apenas um discurso, transformou o museu em prioridade e formulou políticas, liderou um processo de mudanças” (Mores, 2009, p. 61).

Nesse contexto, a PNM foi instituída ainda em 2003, trazendo em seu bojo o objetivo de “promover a valorização, a preservação e a fruição do patrimônio cultural brasileiro (...) por meio do desenvolvimento e da revitalização das instituições museológicas existentes” (Política Nacional de Museus, 2004, p. 7).

A partir da PNM foi criado em novembro de 2004 o Sistema Brasileiro de Museus (SBM). As diretrizes do mesmo perpassam pela valorização, registro e disseminação do saber-fazer específico do campo museológico, dentre questões de organização, otimização da gestão e do desenvolvimento das instituições museológicas e dos seus acervos (conforme Decreto 5.264 de 2004).

Destacam-se, em 2009, duas questões importantes para o quadro da política cultural de museus: a institucionalização do Estatuto dos Museus e a criação do IBRAM, autarquia com sede em Brasília, criada com o fito de formular políticas culturais para os museus públicos e privados do Brasil, dentre outros objetivos.

Os artigos classificados na categoria *Políticas públicas de cultura* somam três artigos, sendo dois artigos do PPG-PMUS UNIRIO/MAST e um artigo do PPGMus USP. Não houve incidência de artigos do PPGMuseu UFBA.

A distribuição anual dos artigos é detalhada na Tabela 44:

**Tabela 44** – Distribuição anual dos artigos na categoria Políticas públicas de cultura

Políticas públicas de cultura												
Programas	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	Total
PPG-PMUS UNIRIO/MAST				1				1				2
PPGMus USP											1	1
PPGMuseu UFBA												
<b>Total</b>				<b>1</b>				<b>1</b>			<b>1</b>	<b>3</b>

Fonte: Dados da pesquisa (2016) – elaboração a partir do *corpus* documental analisado

Conforme os dados constantes da Tabela 44, observa-se que artigos no escopo da categoria *Políticas públicas de cultura* aparece de forma tímida na produção científica, com início no ano de 2009, coadunando com o ano de criação do Estatuto de Museus e do IBRAM.

O resultado de artigos do PPG-PMUS UNIRIO/MAST classificados na categoria *Políticas públicas de cultura* reflete a relação dos mesmos às duas linhas de pesquisa do programa, Linha de pesquisa 1 – *Museu e Museologia* que engloba o eixo *Museu e cultura* e a Linha de pesquisa 2 – *Museologia, patrimônio Integral e Desenvolvimento*, eixo temático *Políticas e Diretrizes*. Quanto ao artigo do PPGMus USP na categoria, observa-se a sua pertinência à Linha de pesquisa 2 - *Teoria e método da gestão*

*patrimonial e dos processos museológicos no tocante ao conteúdo análise e proposição de estratégias de planejamento e gerenciamento de bens patrimoniais e análise e proposição de instituições museológicas.*

Evidenciou-se, quanto à filiação dos três artigos, que dois deles tiveram origem em discussões da disciplina Sociologia na UNIRIO, enquanto o outro é fruto de uma comunicação apresentada no IV Seminário de Geografia, Turismo e Patrimônio Cultural, realizado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) no ano de 2012.

Na categoria *Políticas públicas de cultura*, os assuntos tratados nos artigos versam sobre: o papel do Estado na idealização, na gestão e no financiamento de políticas públicas e de políticas culturais, bem como sobre o papel dos museus nesta conjuntura para o governo, onde aborda-se especificamente, o governo do Presidente Luís Inácio Lula da Silva que criou o IBRAM; as atribuições das organizações formais (IPHAN, IBRAM) e a possibilidade de trabalho de modo articulado e colaborativo para a salvaguarda do patrimônio cultural (a reflexão do artigo paira sobre a preservação do patrimônio arqueológico); e, a trajetória das práticas de preservação do patrimônio cultural no âmbito do governo federal a partir da década de 1980, época da redemocratização do país, com atenção para os bens tombados e registrados.

#### 6.8.18 Categoria: Acessibilidade em museus

A questão da acessibilidade aos museus está elencada na Lei nº 11.904 de 14 de janeiro de 2009 que institui o Estatuto dos Museus onde em seu Art. 35 registra que “os museus caracterizar-se-ão pela acessibilidade universal dos diferentes públicos, na forma da legislação vigente”.

Questões de acessibilidade foram registradas quando da idealização da PNM, especificamente no seu eixo 2 *Democratização e acesso aos bens culturais*, também no Plano Nacional Setorial de Museus (PNMS) criado em 2009 que tem validade no período de 2010 e 2020. O PNMS sinaliza a necessidade de implementação de uma política de acessibilidade universal para museus e centros culturais e no Estatuto dos Museus já citado (Chagas & Storino, 2012).

Esse quadro revela que as questões de acessibilidade constam dos documentos de criação e regulação da Política Pública de Museus, sob a responsabilidade do IBRAM. Este, por sua vez, tem, dentre outras obrigações, “a busca sistemática de um padrão de excelência no que se refere à acessibilidade” (Chagas & Storino, 2012, p. 12).

A acessibilidade, na perspectiva inclusiva, vem suscitando aos mais diversos museus iniciativas que possibilitem que diferentes públicos possam usufruir e se apropriar dos bens culturais (Chalhub, 2014), especialmente, os públicos que apresentam deficiência visual, auditiva, motora, intelectual, múltipla (mental, visual, auditiva e física). É preciso atentar que a acessibilidade envolve questões de adequação de estrutura física, edificação, mobiliário, elementos ao alcance, acesso à informação/ linguagem acessível ao público com distintos níveis intelectuais e cognitivos, estratégias de mediação cultural, dentre outras (Sarraf, 2008).

Segundo Sarraf (2008), a acessibilidade em museus significa que todos os serviços básicos e especiais (exposições, ambientes de convivência, serviços de informação, etc.) oferecidos pelos equipamentos culturais estejam ao alcance de todos os tipos de público, permitindo-lhes autonomia.

Pode-se citar, com base na investigação de Sarraf, alguns exemplos de museus acessíveis na Inglaterra, como o *Tate Modern*, o *British Museum* e o *Victoria and Albert Museum*, os quais desenvolvem estratégias para a inclusão de pessoas deficientes a exemplo de esculturas acessíveis ao tato no espaço das exposições, vídeos em língua de sinais, curso de arte em língua de sinais, *sites* acessíveis, dentre outras estratégias.

No caso do Brasil, o que se percebe mais intensamente são museus com implantação de adequações físicas. No entanto, os museus vêm desenvolvendo ações de acessibilidade criando projetos inclusivos, mesmo não dispondo de um setor destinado à acessibilidade e inclusão social, como ocorre em museus internacionais. Sarraf elenca projetos desenvolvidos pela Pinacoteca do Estado de São Paulo, pelo Museu de Zoologia da USP e pelo MAC/USP (Sarraf, 2008).

Assim, a categoria *Acessibilidade em museus* está relacionada à inclusão social de pessoas com deficiência para usufruto, com autonomia, do patrimônio cultural; à forma como a legislação brasileira assegura este direito; como os museus e instituições culturais vem atuando no sentido de promover ações e estratégias de inclusão; uso das tecnologias assistivas no âmbito das instituições.

No caso do *corpus* documental analisado, apenas dois artigos foram classificados na categoria Acessibilidade em museus. Os mesmos pertencem estritamente ao PPG-PMUS UNIRIO/MAST.

A distribuição anual dos artigos consta da Tabela 45:

**Tabela 45** – Distribuição anual dos artigos na categoria Acessibilidade em museus

Acessibilidade em museus												
Programas	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	Total
PPG-PMUS UNIRIO/MAST						1	1					2
PPGMus USP												
PPGMuseu UFBA												
<b>Total</b>						<b>1</b>	<b>1</b>					<b>2</b>

Fonte: Dados da pesquisa (2016) – elaboração a partir do *corpus* documental analisado

A Tabela 45 mostra que os artigos classificados na categoria *Acessibilidade em museus* constam dos anos de 2011 e 2012.

O resultado de artigos do PPG-PMUS UNIRIO/MAST classificados na categoria *Acessibilidade em museus* reflete a pertinência dos mesmos a uma das linhas de pesquisa do programa, Linha de pesquisa 1 – *Museu e Museologia*, que dentre outros eixos temáticos, elenca o eixo *Modelos conceituais de Museu e suas relações com o corpo social*.

Acerca da filiação dos artigos, identificou-se que os dois artigos são oriundos de orientação de dissertação de mestrado defendida pelo PPG-PMUS UNIRIO/MAST, sob o título de *Dedos de ver: informação especial no museu e a inclusão social da pessoa com deficiência visual*.

Os artigos classificados na categoria *Acessibilidade em museus* discutem a questão da inclusão social de pessoas com deficiência visual nos museus. Para tanto, um dos artigos analisa o caso de museus reconhecidos no cenário brasileiro acerca do atendimento a este segmento de público e quanto ao uso de tecnologias assistivas que possibilite o devido acesso. A ocorrência de barreiras ou obstáculos que impedem o desejável atendimento das pessoas com necessidades especiais - seja em contexto eletrônico, por via da rede internacional de computadores – *site* do Museu na *Internet* – seja no próprio ambiente físico no qual está localizado o Museu também é discutido.

Os artigos em pauta centraram-se em três instituições museológicas: MHN, Museu Nacional de Belas Artes (MNBA) e no MAST.

Inclusive, o MHN foi agraciado com o certificado Acessibilidade Nota 10, em 2005, conferido pela Comissão de Defesa da Pessoa Portadora de Deficiência da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro, em reconhecimento ao trabalho de ampliação e aperfeiçoamento de projeto de acessibilidade desenvolvido no museu (Chagas & Storino, 2012).

Já o MNBA desenvolve, desde 2007, o projeto *Ver e Sentir através do toque* que se dedica à promover acessibilidade, experimentação e leitura de obras de arte de seu acervo às pessoas deficientes visuais, possibilitando inclusão social.

#### 6.8.19 Categoria: Outras agendas de investigação

Identificando-se que alguns artigos do *corpus* documental analisado não se enquadram em temáticas no escopo da Museologia, optou-se por incluí-los em uma categoria nomeada *Outras agendas de investigação*.

Nesse caso, foram classificados na referida categoria 16 artigos, sendo 14 do PPG-PMUS UNIRIO/MAST e dois do PPGMuseu UFBA, conforme visualiza-se na Tabela 46:

**Tabela 46** – Distribuição anual dos artigos na categoria Outras agendas de investigação

Outras agendas de investigação												
Programas	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	Total
PPG-PMUS UNIRIO/MAST		4	1	1	2	1	1	2	1	1		14
PPGMus USP												
PPGMuseu UFBA	1									1		2
<b>Total</b>	<b>1</b>	<b>4</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>1</b>	<b>2</b>		<b>16</b>

Fonte: Dados da pesquisa (2016) – elaboração a partir do *corpus* documental analisado

Os artigos classificados na categoria *Outras agendas de investigação* refletem a pluralidade da formação dos docentes/pesquisadores que, com atuação nos programas em Museologia, contribuem em suas áreas específicas confirmando seus temas de interesse registrados no Currículo Lattes e apresentados nesta tese. Identificaram-se

artigos com temáticas específicas no âmbito de áreas de conhecimento como a História, História das Ciências, Comunicação, Educação, Saúde, Geociências e Biblioteconomia.

Nesse sentido, no âmbito das referidas áreas os artigos classificados em *Outras Agendas de Investigação* versam sobre: institucionalização da pesquisa na Amazônia; estudos paleobiogeográficos; classificação e organização de fósseis paleozoicos – Biválvia; hábitos de vida das faunas paleozoicas de gastrópodes; habilidades no uso do computador por parte de comunidade escolar; educação sexual na escola; relação comunicação e saúde na perspectiva informacional; estratégias no cuidado de enfermagem aos clientes com HIV/Aids; lógica científica e o pensamento mítico na história da ciência; trajetória política de um líder colombiano; motivação para o aprendizado por parte de estudantes de escolas públicas; potencial explicativo dos capitais econômico, social e cultural na análise do desempenho educacional; relação cibercultura, ciberespaço e História; e, formação de coleções de livros digitais nas bibliotecas universitárias públicas do Brasil.

#### 6.8.20 Síntese das tendências temáticas

Visando dar mais visibilidade aos resultados obtidos acerca das tendências temáticas na produção científica em Museologia, elaborou-se a Tabela 47 que corresponde ao panorama geral da quantificação dos artigos por programa a partir da classificação dos mesmos em cada uma das 19 categorias temáticas de análise:

**Tabela 47** – Distribuição da classificação dos artigos em categorias temáticas por programa

CATEGORIAS	PPG-PMUS UNIRIO/MAST	PPGMus USP	PPGMuseu UFBA	TOTAL
Objeto/ Coleção/ Acervo	6	4	8	18
Exposição museológica	7	7	3	17
Preservação e conservação do Patrimônio de Ciência e Tecnologia (C&T)	16			16
Teoria da Museologia	12	2		14
Patrimônio cultural	7		6	13
Ação cultural e educativa em museus	8	3	1	12
Instituições museológicas no Brasil	7	3	2	12
Função social dos museus	10		1	11
Museu, memória e Movimentos sociais	5		5	10
Estudo de público	6	2	1	9
Documentação museológica	2		4	6
Narrativa biográfica	4	1	1	6
Ensino da Museologia	4		1	5
Musealização do patrimônio	4		1	5
Cibercultura museal			4	4
Identidade cultural	2		1	3
Políticas públicas de cultura	2	1		3
Acessibilidade em museus	2			2
Outras agendas de investigação	14		2	16
<b>Total</b>	<b>118</b>	<b>23</b>	<b>41</b>	<b>182</b>

Fonte: Dados da pesquisa (2016) – elaboração a partir do *corpus* documental analisado

A partir do exposto na Tabela 47 é possível perceber que algumas temáticas se destacam de forma única na produção científica dos programas. Um exemplo disso é a temática *Preservação e Conservação do Patrimônio de C&T* identificada estritamente na produção científica do PPG-PMUS UNIRIO/MAST. O programa foi o que teve sua produção científica classificada em 18 das 19 categorias de análise, o que demonstra que o PPG-PMUS UNIRIO/MAST é autoridade em diversas temáticas no escopo da Museologia, sobretudo, em *Preservação do Patrimônio de C&T*, *Teoria da Museologia* e *Função Social dos Museus*, categorias com maior número de incidência na produção científica do programa.

O PPGMus USP teve a sua produção científica classificada em oito das 19 categorias de análise. Considera-se que a categoria *Exposição museológica* é uma forte temática em sua produção científica.

Já o PPGMuseu UFBA deteve a temática *Cibercultura Museal* presente unicamente na produção científica do programa. A produção científica do programa incidiu em 15 das 19 categorias temáticas, sendo as categorias *Objeto/ Coleção/ Acervo*,

*Patrimônio Cultural, Museu, Memória e Movimentos Sociais* e a já citada *Cibercultura Museal* as de maior frequência.

Buscou-se estabelecer a relação da produção científica analisada com o Quadro Geral da Disciplina Museológica delineado no âmbito do Encontro Internacional do ICOFOM/ICOM na década de 1980. O Quadro Geral da Disciplina Museológica tem origem na proposta de Stránský, em 1960, sobre um sistema da Museologia aportado em historicidade, aspectos práticos dos museus e no diálogo da área com outras disciplinas, mas também é fruto dos debates e discussões intensificados desde então (Cury, 2014).

Nesse contexto, o Quadro Geral da Disciplina Museológica foi estruturado, a partir da proposta tripartite ou tripartida (contou com a colaboração de Vinos Sofka, dentre outros pensadores da área, no âmbito do ICOFOM), em Museologia Geral, Museologia Especial e Museologia Aplicada (Cury, 2014; Duarte Cândido, 2014).

Nesse sentido interessa por referir ao que cada uma das estruturas está relacionada. A Museologia Geral engloba a Teoria museológica, a História dos museus e a Administração de museus. A Museologia Especial está relacionada aos diferentes Textos (i.e tipologias específicas de museus) e Contextos museológicos (realidades sociais específicas). A Museologia Aplicada contempla a Formação e/ou desenvolvimento de coleções, a Salvaguarda (conservação e documentação), a Comunicação (Exposição e Educação) e a Gestão (Cury, 2014).

Na atualidade, segundo Cury, o Quadro Geral da Disciplina Museológica ainda se mantém inalterado em termos estruturais, contudo o seu detalhamento vem sofrendo adequação por parte de alguns estudiosos da área, porém a autora, por seu turno, alerta que os estudos para adequações não foram publicados até o momento (Cury, 2014).

Assim, a partir deste enquadramento, acostando a produção científica analisada ao Quadro Geral da Disciplina Museológica, com vista a estabelecer um paralelo, constatou-se que a mesma se enquadra, a partir da categorização temática, nos termos da Museologia Geral e da Museologia Aplicada, sendo o enquadramento da produção científica na última estrutura bastante expressiva.

Considera-se, portanto, que os artigos classificados nas categorias *Objeto/ Coleção/ Acervo; Exposição museológica; Preservação e Conservação do Patrimônio de Ciência & Tecnologia; Patrimônio Cultural, Ação Cultural e Educativa em Museus;*

*Função Social dos Museus; Estudo de público; Documentação Museológica; Museu, Memória e Movimentos Sociais; Musealização do Patrimônio; Cibercultura Museal; Identidade Cultural; Políticas Públicas de Cultura; Acessibilidade em Museus;* correspondem à Museologia Aplicada.

Já os artigos classificados nas categorias *Teoria da Museologia, Instituições Museológicas no Brasil, Ensino da Museologia e Narrativa biográfica* se enquadram na Museologia Geral.

Posto isso, é preciso reconhecer a necessidade de movimentação, adequação e interação entre a Museologia Geral, Museologia Especial e Museologia Aplicada, pois este tripé pode, em muito, ampliar e englobar tendências centrais da Museologia do século XXI de forma mais específica. Essas tendências, segundo Mensch & Mensch (2011), perpassam por temas como: as coleções na sua relação com as exigências da contemporaneidade; a aprendizagem e a função da experiência em contexto museológico; estratégias de participação, grande questão do século XXI, como vetor de inclusão e de responsabilidade social; avaliação da atuação e da performance dos museus; relação integrada dos museus e do patrimônio atentando para aspectos como a interdisciplinaridade, as biografias culturais, as redes temáticas; e, por fim, as questões éticas dos museus.



# **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

---



Com a presente tese intitulada *Museologia no Brasil, século XXI: atores, instituições, produção científica e estratégias*, apoiada no percurso acadêmico-profissional da investigadora na área da Ciência da Informação e seguida de incursão na agenda alargada e inovadora do Programa de Doutorado em História e Filosofia da Ciência Especialidade Museologia, almejou-se desvelar a área da Museologia no Brasil no século XXI a partir da sua prática científica decorrente da interação entre atores científicos, instituições, produção e comunicação científica, trocas e circulação de conhecimentos.

Assinala-se que os primeiros anos do século XXI são representativos da significativa ampliação e dinamização da Museologia no país como campo de estudos no ensino superior, tanto pelo alargamento da oferta de cursos de graduação em todo o território nacional, como pela institucionalização da pós-graduação *stricto sensu* na área, iniciada com a criação, em 2006, do então único curso de mestrado em Museologia no Brasil, seguida da criação, em 2011, do primeiro e único curso de doutorado até o momento.

Nesse quadro, de modo a contribuir para o entendimento da conformação e do estágio de evolução da área da Museologia como disciplina científica, constituiu-se objetivo da presente tese analisar a produção científica gerada no âmbito dos programas de Pós-Graduação *stricto sensu* em Museologia no Brasil, a partir de sua veiculação em periódicos científicos de acesso aberto no período de 2006 a 2016.

O Movimento de Acesso Aberto é reconhecidamente o fato mais importante na contemporaneidade da informação e comunicação científica, pois promoveu significativa mudança no tradicional sistema de difusão da produção do conhecimento científico ao tornar acessível, de forma gratuita, o resultado dos feitos científicos. O acesso aberto e irrestrito à informação científica se tornou possível no final do século XX com o avanço das tecnologias de informação e comunicação.

No que toca o alcance do objetivo proposto nesta tese, a investigação envolveu os atores - docentes/pesquisadores – vinculados aos programas de pós-graduação *stricto sensu* em Museologia (PPG-PMUS UNIRIO/MAST, PPGMus USP e PPGMuseu UFBA) e a produção científica de artigos de periódicos de acesso aberto.

Assim, numa fase inicial do percurso dos resultados da investigação, apresentaram-se os atores científicos – docentes/pesquisadores – no que concerne ao

perfil acadêmico e, em seguida, os resultados acerca da caracterização e das tendências da produção científica da área da Museologia.

Foi, então, possível, a partir de um conjunto de categorias, delinear o perfil dos 37 docentes/pesquisadores, o qual dá conta de que a formação acadêmica nos quatro níveis – graduação, especialização, mestrado e doutorado – reflete uma formação interdisciplinar com filiação às várias áreas do conhecimento científico. Em termos de formação em Museologia, identificaram-se egressos dos cursos do MHN, da UNIRIO e UFBA, também especialistas em Museologia ou no âmbito do seu escopo temático pelo primeiro curso *lato sensu* em Museologia no Brasil (“curso da Waldisa”) e por instituições estrangeiras sediadas na Bélgica, na Espanha e na França. No tocante ao mestrado na área da Museologia, evidenciaram-se titulações em *Museologie et Mediation Culturelle Dea* e em *Museums and Galleries Management*, realizadas na *Université Dávignon*, França e na *The City University*, Inglaterra, respectivamente. As áreas de formação no doutorado apresentam múltiplas especialidades, contudo em alguns casos com tese no âmbito das temáticas da Museologia em áreas que dialogam com a mesma como a Ciência da Informação, Comunicação, Educação e História, com maioria no Brasil, já que apenas cinco docentes/pesquisadores se doutoraram em instituições estrangeiras, com destaque para a Universidade do Porto, Universidade de Coimbra, ambas em Portugal, e a *Université du Québec à Montreal*, Canadá. Diferentemente, os estudos pós-doutorais incidiram com maior número nas áreas da Museologia e da História, realizados em sua maioria no exterior, novamente com destaque para as universidades portuguesas: Universidade de Coimbra, Universidade de Aveiro, Universidade do Minho e Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Ainda no âmbito do perfil, reforçando o quadro de formação interdisciplinar, os temas de interesse dos docentes/pesquisadores, além dos referentes à área da Museologia, perpassam por temas das áreas de Educação, Arqueologia, Arte, Arquitetura, Ciência da Informação, dentre outros, representativos do estado da investigação teórico-prática a que se dedicam e/ou estabelecem relação de diálogo. Quanto aos Grupos de pesquisa, levantou-se que dos 20 grupos liderados pelos docentes/pesquisadores, nove têm como área predominante as Ciências Sociais Aplicadas – Museologia. Apenas sete (19%) docentes/pesquisadores são bolsistas de

produtividade em pesquisa do CNPq nas áreas de Antropologia, Artes e Museologia, sendo que deste total, quatro docentes/pesquisadores são bolsistas de produtividade em Museologia e se concentram nos programas da UNIRIO/MAST e UFBA. O grupo investigado desenvolve atividade de orientação de teses e dissertações nos programas em Museologia, mas também nos programas em Educação, Arqueologia, Ciência da Informação, dentre outros. Por fim, a maioria dos docentes/pesquisadores, 68%, integra o corpo editorial de 48 periódicos nacionais e internacionais.

Tendo esse quadro em apreço, é possível concluir que os docentes/pesquisadores apresentam perfil de formação que confirma a característica interdisciplinar da então área CSA I, atual Comunicação e Informação (constituída pelas três áreas básicas: Comunicação, Ciência da Informação e Museologia), destacada no Documento de Área 2016 (Avaliação do Quadriênio 2013-2016) e perfil condizente com os aspectos e definições do quesito corpo docente de avaliação dos programas por parte da CAPES, constante do documento em questão, o qual envolve as atividades específicas da pós-graduação (pesquisa, orientação, ensino e produção intelectual).

A caracterização da produção científica de artigos de periódicos *open access* se deu, também, a partir de um conjunto de categorias: número de artigos por ano (2006 a 2016), periódico científico de veiculação dos artigos, idioma, tipo de documentos mais citados, autores mais referenciados e, tipologia de autoria dos artigos.

Assim, no âmbito do *corpus* documental analisado, 188 artigos, observou-se que se trata de produção expressivamente publicada em periódicos nacionais, com presença tímida em periódicos internacionais. Os periódicos que concentraram o maior número de artigos foram *Museologia e Patrimônio*, *Revista Museologia & Interdisciplinaridade* e os *Anais do Museu Histórico Nacional*. A maioria dos artigos foi publicada em periódicos classificados no Qualis da CAPES na área de Comunicação e Informação (antes CSA I) com estrato B1, embora tenha-se identificado publicações em periódicos com estrato C e, até mesmo, sem classificação no Qualis, algo que pode interferir negativamente na avaliação do programa, já que a produção científica veiculada em periódicos com Qualis é um requisito de avaliação dos programas de pós-graduação no Brasil. Outra questão que requer lançar mão de estratégias por parte dos programas é o grau de nacionalização do conhecimento produzido na área da Museologia no Brasil, considerando o predomínio da língua portuguesa nos artigos, uma questão que pode

interferir na visibilidade do trabalho, das reflexões e discussões desenvolvidas pela comunidade científica no domínio da área Museologia no Brasil, conseqüentemente no posicionamento da comunidade científica brasileira frente à comunidade científica internacional. O livro (34%) e os periódicos científicos (18%) foram os documentos bibliográficos com maior incidência nas 4.877 referências levantadas nos artigos. Entre os autores mais citados estão os conceituados e clássicos estudiosos da Museologia como André Desvallés, François Mairesse, Hugues de Varine-Bohan, Georges Henri Rivière, Peter Van Mensch, Zbynek Stránský, bem como a estudiosa brasileira Waldisa Rússio Camargo Guarnieri, ademais outros autores brasileiros como Maria Margaret Lopes, Tereza Cristina Moletta Scheiner, Mário de Souza Chagas e Maria Cristina Oliveira Bruno, um reflexo de que a produção científica dos docentes/pesquisadores está alicerçada nos estudiosos pioneiros que exercem o domínio da área, mas também nos que pertencem à geração posterior que vêm influenciando teoricamente a construção do conhecimento da Museologia no Brasil impondo a identidade deste conhecimento na história da Museologia global.

O mapeamento do tipo de autoria dos artigos revelou que 53% dos artigos têm autoria única e 47% têm autoria múltipla. Como a pouca diferença do resultado entre a autoria única e múltipla, acredita-se que os autores investigados parecem ter incorporado a cultura da colaboração científica, visto que esta, além de proporcionar economia de tempo e materiais, troca de conhecimentos e ações em conjunto, é motivada pelas agências de fomento à pesquisa que a consideram essencial à prática científica contemporânea.

A análise das redes de coautoria, tratada sob o enfoque da rede egocêntrica, evidenciou que a maioria das redes de coautoria do PPG-PMUS UNIRIO/MAST foi do tipo mista com maior intensidade como rede interinstitucional, o que pode indicar a representatividade das parcerias do programa no cenário brasileiro e internacional. As redes de coautoria do PPGMuseu UFBA foram em sua maioria do tipo intrainstitucional. Já o PPGMus USP não apresentou resultado de maioria para nenhum tipo de rede, pois no caso do programa se identificou apenas uma rede do tipo mista e uma rede do tipo intrainstitucional. Pela análise de redes de coautoria foi possível perceber, ainda, baixa colaboração entre os docentes/pesquisadores. Assim, presumi-se que se faz necessário intensificar a rede intrainstitucional e, sobretudo, o alargamento da

rede interinstitucional que já ocorre. Essa última poderá ser alargada por estratégias que viabilizem outras relações para além das que já acontecem com pesquisadores de instituições de ensino e de pesquisa museológica internacionais.

A análise temática do *corpus* documental desta investigação, excluindo-se as duplicidades dos artigos em coautoria, versou sobre 182 artigos, os quais foram classificados em 19 categorias temáticas, sendo 18 delas representativas de temáticas *full time* Museologia e uma categoria referente às temáticas consideradas fora da agenda de investigação da área, denominada *Outras agendas de investigação*.

As categorias revelam a pluralidade de temáticas abordadas no escopo da Museologia que pode ser reflexo da pluralidade da formação interdisciplinar do grupo investigado, já que se identificaram em alguns artigos perspectivas integradoras do conhecimento de outras áreas com a Museologia, consideradas essenciais para a compreensão do diálogo que pode ser firmado com outras áreas de conhecimento, mas também são indicativas das frentes de investigação na produção científica da área.

Com efeito, as agendas de investigação no escopo da área estão em compasso com as linhas de pesquisa dos programas de pós-graduação que envolvem aspectos teóricos, conceituais, práticos e metodológicos. Nesse sentido, as temáticas com maior incidência foram: *objetos/coleções/acervos* com 18 artigos; *exposição museológica* com 17 artigos; *preservação e conservação do patrimônio cultural de C&T* com 16 artigos; *e, teoria museológica* com 14 artigos; *Patrimônio cultural* com 13 artigos; *Ação cultural e educativa em museus* com 12 artigos; *Instituições museológicas no Brasil* com 12 artigos; *Função social dos museus* com 11 artigos; e, *Museus, memória e movimentos sociais* com 10 artigos.

Os resultados obtidos dão conta que a área da Museologia no Brasil, na atualidade, estrutura-se em torno de 18 grandes frentes de pesquisa com alguma conexão ou relação entre elas, as quais confirmam o Quadro Geral da Disciplina Museológica, delineado no âmbito do Encontro Internacional do ICOFOM/ICOM na década de 1980, sobretudo, no âmbito de duas das três estruturas do quadro, no caso com a Museologia Geral e com a Museologia Aplicada. No entanto, assenta com maior incidência Museologia Aplicada.

Pode-se dizer que parte da produção científica analisada dá sinais de abertura à novas agendas de investigação que atendam as questões mais atuais, conforme remetem

Mensch & Mensch (2011), tais como: as coleções na sua relação com as exigências da contemporaneidade; a aprendizagem e a função da experiência em contexto museológico; estratégias de participação para inclusão e responsabilidade social; avaliação da atuação e da performance dos museus; relação integrada dos museus e do patrimônio atentando para aspectos como a interdisciplinaridade; as biografias culturais; e as redes temáticas.

À luz dessas considerações, acredita-se que o cenário aqui delineado e desvelado nesta tese é um contributo para a compreensão e para o enriquecimento da história da ciência museológica recente do Brasil numa perspectiva político-epistemológica, sem desconsiderar os registros de seus antecedentes, sua gênese e seus momentos-chave, sobretudo, no que importa, mais especificamente, ao contexto dos programas de pós-graduação, em que se desenvolvem as práticas científicas da área decorrente da interação entre atores científicos, instituições, produção e comunicação científica, trocas e circulação de conhecimentos. São essas práticas científicas que, por sua vez, vêm conformando a identidade da área de conhecimento da Museologia e contribuindo para o seu desenvolvimento sob a tônica das intercessões necessárias com outras áreas do conhecimento que, no Brasil, dá-se de forma muito particular com a Ciência da Informação.

Consciente de que a pesquisa em relato, dedicada à análise do conhecimento produzido na área da Museologia a partir do estudo dos artigos de periódicos científicos de acesso aberto, refletiu acerca de um tema relevante para a área da Museologia como disciplina científica, para a sua comunidade científica, para as instituições de ensino com oferta de cursos na área, bem como para as agências reguladoras e decisórias no âmbito da Ciência e Tecnologia, considera-se que a investigação realizada, sem a pretensão de esgotar o tema, contribui para gerar interesse pela área e pelo desenvolvimento da Museologia, constituindo-se, portanto, como um caminho aberto para estudos posteriores.

Ficam como sugestões para futuras investigações, de modo a consubstanciar mais um mapa da atividade científica desenvolvida na área da Museologia, apesar do interesse desta investigadora em dar continuidade ao estudo desta temática: a análise das comunicações em eventos nacionais e internacionais registrados em anais; a análise das dissertações e teses produzidas nos programas de pós-graduação *stricto sensu* em

Museologia; a análise da produção científica dos grupos de pesquisa da área da Museologia; a análise de temas de interesse comum da comunidade científica com vistas ao estabelecimento de redes de conexões temáticas entre os programas de pós-graduação em Museologia; e, análise das percepções e práticas dos pesquisadores da área da Museologia acerca do acesso aberto.

Uma vez apresentadas as possibilidades de novas investigações, registra-se, por fim, que a investigadora pretende dar continuidade a esta investida científica no âmbito da REDMUS da Universidade Federal da Paraíba e de sua cooperação científica com o IHC - CEHFCi da Universidade de Évora, mas, especialmente, em estudo de pós-doutoramento, quiçá em terras lusitanas, dando seguimento à perspectiva e importância da Atlantização do conhecimento museológico.



## **FONTES E BIBLIOGRAFIA**

---



## **- Fontes**

Acervo Documental do Núcleo de Memória da Museologia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Série temática documental: Curso de Museus e Série temática documental: Fotografias).

Brasil. Decreto nº 21.129, de 7 de março de 1932. Retrieved January 10, 2012, from <http://www2.camara.gov.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-21129-7-marco-1932-502948-publicacaooriginal-1-pe.html>.

Brasil. Decreto-lei nº 16.078, de 13 de julho de 1944. Retrieved November 23, 2015, from <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1940-1949/decreto-16078-13-julho-1944-461459-publicacaooriginal-1-pe.html>.

Currículo Lattes. (2016). Ana Gonçalves Magalhães. Retrieved from <http://lattes.cnpq.br/4989205049222352>.

Currículo Lattes. (2016). Camilo de Mello Vasconcellos. Retrieved from <http://lattes.cnpq.br/3492672646750915>.

Currículo Lattes. (2016). Diana Farjalla Correia Lima. Retrieved from <http://lattes.cnpq.br/6632884800640353>.

Currículo Lattes. (2016). Deusana Maria da Costa Machado. Retrieved from <http://lattes.cnpq.br/6496506269708770>.

Currículo Lattes. (2016). Elizabete de Castro Mendonça. Retrieved from <http://lattes.cnpq.br/2843353426336965>.

Currículo Lattes. (2016). Eugênio de Ávila Lins. Retrieved from <http://lattes.cnpq.br/2786164983630481>.

Currículo Lattes. (2016). Gilson Magno dos Santos. Retrieved from <http://lattes.cnpq.br/8492837269715863>.

Currículo Lattes. (2016). Helena Cunha Uzeda. Retrieved from <http://lattes.cnpq.br/6212113543282002>.

Currículo Lattes. (2016). Heloisa Helena Fernandes Gonçalves da Costa. Retrieved from <http://lattes.cnpq.br/1346345582705216>.

Currículo Lattes. (2016). Heloisa Maria Silveira Barbuy. Retrieved from <http://lattes.cnpq.br/8742815851577473>.

Currículo Lattes. (2016). Helouise Lima Costa. Retrieved from <http://lattes.cnpq.br/5075146054349883>.

Currículo Lattes. (2016). Ivan Coelho de Sá. Retrieved from <http://lattes.cnpq.br/7655274726492200>.

Currículo Lattes. (2016). José Cláudio Alves de Oliveira. Retrieved from <http://lattes.cnpq.br/8556052856793278>.

Currículo Lattes. (2016). José Luiz de Moraes. Retrieved from <http://lattes.cnpq.br/6914312331091142>.

Currículo Lattes. (2016). Joseania Miranda Freitas. Retrieved from <http://lattes.cnpq.br/2522358867008495>.

Currículo Lattes. (2016). Luisa Maria de Mattos Rocha. Retrieved from <http://lattes.cnpq.br/0931343115963268>.

Currículo Lattes. (2016). Luiz Alberto Ribeiro Freire. Retrieved from <http://lattes.cnpq.br/6943378023348996>.

Currículo Lattes. (2016). Luiz Carlos Borges. Retrieved from <http://lattes.cnpq.br/4452796093237238>.

Currículo Lattes. (2016). Marcio Ferreira Rangel. Retrieved from <http://lattes.cnpq.br/8746315302380257>.

Currículo Lattes. (2016). Maria Amélia Gomes de Souza Reis. Retrieved from <http://lattes.cnpq.br/0334448997937512>.

Currículo Lattes. (2016). Maria Cristina Machado Freire. Retrieved from <http://lattes.cnpq.br/8576165544879155>.

Currículo Lattes. (2016). Maria Cristina Oliveira Bruno. Retrieved from <http://lattes.cnpq.br/4517763344714967>.

Currículo Lattes. (2016). Maria das Graças de Sousa Teixeira. Retrieved from <http://lattes.cnpq.br/5157646083732098>.

Currículo Lattes. (2016). Maria Esther Alvarez Valente. Retrieved from <http://lattes.cnpq.br/9985087988385256>.

Currículo Lattes. (2016). Marcelo Nascimento Bernardo Cunha. Retrieved from <http://lattes.cnpq.br/8246819454433878>.

Currículo Lattes. (2016). Marcus Granato. Retrieved from <http://lattes.cnpq.br/0488653952117827>.

Currículo Lattes. (2016). Marília Xavier Cury. Retrieved from <http://lattes.cnpq.br/1362575549351097>.

Currículo Lattes. (2016). Mario de Souza Chagas. Retrieved from <http://lattes.cnpq.br/6889976283803861>.

Currículo Lattes. (2016). Nilson Alves de Moraes. Retrieved from <http://lattes.cnpq.br/8041321913986964>.

Currículo Lattes. (2016). Paulo Cesar Garcez Marins. Retrieved from <http://lattes.cnpq.br/8083557939863361>.

Currículo Lattes. (2016). Priscila Faulhaber Barbosa. Retrieved from <http://lattes.cnpq.br/0627069259285805>.

Currículo Lattes. (2016). Rita de Cássia Maia da Silva. Retrieved from <http://lattes.cnpq.br/7369127117378262>.

Currículo Lattes. (2016). Sibeles Cazelli. Retrieved from <http://lattes.cnpq.br/2306141621040404>.

Currículo Lattes. (2016). Sidélia Santos Teixeira. Retrieved from <http://lattes.cnpq.br/8304917919087345>.

Currículo Lattes. (2016). Suely Moraes Cerávolo. Retrieved from <http://lattes.cnpq.br/3520955054532444>.

Currículo Lattes. (2016). Tereza Cristina Moletta Scheiner. Retrieved from <http://lattes.cnpq.br/3365427281617058>.

Ficha de Solicitação de Dados enviada ao Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro em convênio com o Museu de Astronomia e Ciências Afins.

Ficha de Solicitação de Dados enviada ao Programa de Pós-Graduação em Museologia da Universidade Federal da Bahia.

Ficha de Solicitação de Dados enviada ao Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia da Universidade de São Paulo.

Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Brasil. Retrieved from [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=221961\\_01&PagFis=10878&Pesq=Curso%20Universit%C3%A1rio](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=221961_01&PagFis=10878&Pesq=Curso%20Universit%C3%A1rio).

Regulamento Geral do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro em convênio com o Museu de Astronomia e Ciências Afins. p. 1-16.

Regulamento Geral do Programa de Pós-Graduação em Museologia da Universidade Federal da Bahia. p. 1-14.

Regulamento Geral do Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia da da Universidade de São Paulo. p. 1-3.

### - Bibliografia

- Abreu, Alzira, & Beloch, Israel (Orgs.). (1983). *Dicionário histórico biográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV.
- Abreu, Regina. (1995). O paradigma evolucionista e o Museu Histórico Nacional. *Anais do Museu Histórico Nacional*, 27(1), 7-19.
- Albarello, Luc et al. (1997). *Práticas e métodos de investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Alberti, Verena. (2011). Histórias dentro da História. In: Carla Bassanezi Pinski (Org.). *Fontes históricas*. (3rd ed.). São Paulo: Contexto.
- Almeida, Maria Christina Barbosa de. (2016). Bibliotecas, arquivos e museus: convergências. *Revista Conhecimento em Ação*, 1(1), 162-185. Retrieved July 20, 2015, from: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rca/article/view/2737/2807>.
- Alvarez, Denise. (2011). Comentários a partir da ressonância do encontro avaliação da produção científica brasileira: pensando com a História das Ciências. (2011). In: *Seminário Avaliação da Produção Científica Brasileira: pensando com a História das Ciências*, SBHC. Rio de Janeiro. Retrieved July 20, 2015, from: [http://intervox.nce.ufrj.br/hcte-sbhc-2011/contribui%C3%A7oes/denise\\_alvarez.docx](http://intervox.nce.ufrj.br/hcte-sbhc-2011/contribui%C3%A7oes/denise_alvarez.docx).
- Alves, Vânia Maria Siqueira, & Reis, Maria Amélia Gomes de Souza. (2013). Tecendo relações entre as reflexões de Paulo Freire e a Mesa Redonda de Santiago do Chile, 1972. *Revista Museologia e Patrimônio*, 6(1), 113-134. Retrieved from <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/viewFile/253/220>.
- Alves, Virginia Barbara Aguiar. (2008). Open Archives: via verde ou via dourada? *PontodeAcesso*, 2(2), 127-137. Retrieved from <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaici/article/viewArticle/1780>.
- Amante, Maria João. (2013). Acesso aberto @ICSTE-IUL. In: Eloy Rodrigues, Alma Swan & Ana Alice Baptista (Ed.). *Uma década de acesso aberto na UMinho e no mundo* (pp. 187-202). Braga: Universidade do Minho Serviços de Documentação. Retrieved August 20, 2015, from <http://hdl.handle.net/1822/27502>.
- André, Francis. (2005). *Libre Accès aux savoirs*. Paris: Futuribles, juillet.

- Araújo, Carlos Alberto Ávila. (2006). Bibliometria: evolução histórica e questões atuais. *Em Questão*, 12(1), 11-32. Retrieved may 20, 2013, from <http://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/16/5>.
- Araújo, Carlos Alberto Ávila. (2011). Ciência da Informação, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia: relações teóricas e institucionais *Encontros Bibli*, 16(3), 110-130.
- Araújo, Carlos Alberto Ávila, Marques, Angélica Alves da Cunha, & Vanz, Samille Andréa Souza. (2011). Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia integradas na Ciência da Informação: as experiências da UFMG, da UnB e da UFRGS. *PontodeAcesso*, 5(1), 85-108. Retrieved december 02, 2015, from <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/4707/3666>.
- Araújo, Eliany Alvarenga de. (1998). *A construção social da informação: práticas informacionais no contexto de Organizações Não-Governamentais/ONGs brasileiras*. (Tese de Doutorado em Ciência da Informação). Universidade de Brasília, Brasília.
- Araújo, Marcelo Mattos. (2013). Apresentação. In: André Desvalées & François Mairesse. *Conceitos-chave de Museologia* (p. 7). São Paulo: Armand Colin. Retrieved from [http://icom.museum/fileadmin/user\\_upload/pdf/Key\\_Concepts\\_of\\_Museology/Conceitos-ChavedeMuseologia\\_pt.pdf](http://icom.museum/fileadmin/user_upload/pdf/Key_Concepts_of_Museology/Conceitos-ChavedeMuseologia_pt.pdf).
- Autran, Marynice de Medeiros Matos. (2014). *Comunicação da ciência, produção científica e rede de colaboração acadêmica: análise dos programas brasileiros de Pós-Graduação em Ciência da Informação*. (Tese de Doutorado em Informação e Comunicação em Plataformas Digitais). Universidade de Aveiro e Universidade do Porto.
- Associação Brasileira de Centros e Museus de Ciência. (2009). *Centros e museus de ciência do Brasil*. Rio de Janeiro: ABCMC; UFRJ; FIOCRUZ.
- Barata, Rita de Cássia Barradas. (2016). Dez coisas que você deveria saber sobre o Qualis. *RBPG*, 13(30), 13-40. Retrieved July 20, 2016, from <http://ojs.rbpg.capes.gov.br/index.php/rbpg/article/view/947/pdf>.
- Barbuy, Heloisa. (2002). Os museus e seus acervos: sistemas de documentação em desenvolvimento. In: *Anais do 1º Congresso Internacional de Arquivos, Bibliotecas, Centros de Documentação e Museus, INTEGRAR*. São Paulo.
- Bardin, Laurence. (1979). *Análise de conteúdo*. Lisboa, Edições 70.
- Barros, Elionora Maria Cavlacanti de. (1998). *Política de Pós-Graduação : um estudo da participação da comunidade científica*. São Carlos: Editora da UFSCar.

- Barros, Elionora Maria Cavlacanti de, Valentim, Márcia Cristina, & Melo, Maria Amélia Aragão. (2005). O debate sobre o mestrado profissional na Capes: trajetória e definições. *RBPG*, 2(4), 124-138, 2005. Retrieved from [http://www.mped.uneb.br/wp-content/uploads/2015/12/anexo8\\_texto\\_MP\\_RBPG\\_Barros\\_etal\\_2005.pdf](http://www.mped.uneb.br/wp-content/uploads/2015/12/anexo8_texto_MP_RBPG_Barros_etal_2005.pdf).
- Barroso, Gustavo. (1944). O Curso de Museus. *Anais do Museu Histórico Nacional*, 5, 191-200. Retrieved from <http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=MHN&PagFis=15976&Pesq=Sobre%20patronos>.
- Barroso, Gustavo. (1946). *Introdução à técnica de museus: parte geral e parte básica*. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica. Vol. I.
- Barroso, Gustavo. (1947). *Introdução à técnica de museus: parte especializada*. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica. Vol. II.
- Bezerra, Jokastra Holanda, & Gadelha, Rachel Weyne. (2013). Política Cultural no Brasil Contemporâneo: percursos, conquistas e desafios. In: *IV Seminário Internacional de Políticas Culturais*. Rio de Janeiro.
- Bosi, Ecléa. (1987). *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. (2nd ed.). São Paulo: T.A. Queiroz: Editora da Universidade de São Paulo.
- Bourdieu, Pierre. (1996). *As regras da arte: Gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das letras.
- Bourdieu, Pierre, & Darbel, Alain. (2007). *O amor pela arte: os museus de arte na Europa e seu público*. (2nd ed.). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Porto Alegre: Zouk.
- Boylan, Patrick J. (1996a). La préhistoire de l'ICOM. *Nouvelles de l'ICOM*, 49(1), 4-5, 1996a.
- Boylan, Patrick J. (1996b). Cincuenta años del ICOM. *Museum Internacional*, 48(3), 47-50.
- Brandão, José Manuel. (1993). International Summer School of Museology (ICOM/UNESCO). *Cadernos de Museologia*, (1), 72-78, 1993. Retrieved from [http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/156/13\\_international\\_summer\\_school\\_of\\_museology.pdf?sequence=1](http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/156/13_international_summer_school_of_museology.pdf?sequence=1).
- Brigola, João Carlos Pires. (2003). *Coleções, gabinetes e museus em Portugal no século XVIII*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Brigola, João Carlos Pires. (2010). *Os viajantes e o 'livro dos museus'*. Porto: Chaia & Dafne Editora.

- Brigola, João Carlos Pires. (2013). Museologia. Évora. [web log post]. Blog no Mundo dos Museus. Entrevista concedida a Ana Carvalho. Retrieved June 15, 2013, from <http://nomundodosmuseus.hypotheses.org/5293>.
- Brigola, João Carlos Pires. (2009). O actual ensino universitário da Museologia: uma reflexão crítica e uma proposta. *Museologia.pt*, (3), 13-18.
- Brocksom, Timothy John, & Andrade, Jailson Bittencourt de. (1997). A evolução da Pós-Graduação em Química do Brasil. *Química Nova*, 20(número especial).
- Brown, Harcourt. (1972). History and the learned journals. *Journal of the History of Ideas*, 33(3), 365–378. doi: 10.2307/2709041.
- Brulon-Soares, Bruno César, Carvalho, Luciana Menezes de, & Cruz, Henrique de Vasconcelos. (2014). O nascimento da Museologia: confluências e tendências do campo museológico no Brasil. In: Aline Montenegro Magalhães, & Rafael Zamorano Bezerra. *90 anos do Museu Histórico Nacional em debate (1922-2012)* (pp. 242-260). Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional. Retrieved from [https://www.academia.edu/8889489/O\\_nascimento\\_da\\_Museologia\\_conflu%C3%Aancias\\_e\\_tend%C3%Aancias\\_do\\_campo\\_museol%C3%B3gico\\_no\\_Brasil?auto=download](https://www.academia.edu/8889489/O_nascimento_da_Museologia_conflu%C3%Aancias_e_tend%C3%Aancias_do_campo_museol%C3%B3gico_no_Brasil?auto=download).
- Bruno, Maria Cristina Oliveira. (1996). Formas de humanidade: concepção e desafios da musealização. *Cadernos de Sociomuseologia*, (9), 66.
- Bruno, Maria Cristina Oliveira. (2006). Museus e Museologia: os inevitáveis caminhos entrelaçados. *Cadernos de Sociomuseologia*, (25), 5-20. Retrieved January 12, 2015, from <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/419/324>.
- Bruno, Maria Cristina Oliveira, Araújo, Marcelo Mattos, & Coutinho, Maria Inês Lopes (Org.). (2010). *Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional*. São Paulo: Pinacoteca do Estado, Secretaria de Estado da Cultura; Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus.
- Bruno, Maria Cristina Oliveira. (2015). Um ponto de vista sobre os cenários e articulações para formação profissional em Museologia: conquistas e perspectivas no Brasil. In: Luís Gerardo Morales Moreno (Ed.). *Tendencias de la Museología Latina: articulaciones, horizontes, diseminaciones* (pp. 104-108). Instituto Nacional de Antropología e Historia: Mexico.
- Burton, Gideon. (2009). *The open scholar. Academic Evolution*. Retrieved from <http://www.academicrevolution.com/2009/08/the-open-scholar.html>.
- Calabre, Lia. Política Cultural no Brasil: Um histórico. (2005). In: *I Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura*, ENECULT.

- Calvosa, Marcello Vinicius Doria, Repposi, Melina Garcia, & Castro, Pedro Marcos Roma. (2011). Avaliação de resultados da capacitação docente: o pós-doutorado na Universidade Federal Fluminense sob a ótica da produção científica e bibliográfica. *Avaliação*, 6(1), 99-122.
- Camacho, Maria Clara de Frayão. (2014). *Credenciação, sistema e redes nacionais de museus: uma panorâmica europeia contemporânea*. (Tese de Doutorado em História). Universidade de Évora, Évora.
- Carvalho, Ana Alexandra Rodrigues. (2014). *Diversidade cultural e museus no século XXI*. (Tese de Doutorado em História e Filosofia da Ciência Especialidade Museologia). Universidade de Évora, Évora.
- Carvalho, Rosane. (2005). A transformação da relação museu e público: a influência das tecnologias da informação e comunicação no desenvolvimento de um público virtual. (Tese de Doutorado em Ciência da Informação). Universidade Federal do Rio de Janeiro/ Instituto de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro.
- Carvalho, José, Moreira, João Mendes, & Saraiva, Ricardo. (2013). O RCAAP e a evolução do acesso aberto em Portugal. In: Eloy Rodrigues, Alma Swan & Ana Alice Baptista (Ed.). *Uma década de acesso aberto na UMinho e no mundo* (pp. 25-48). Braga: Universidade do Minho Serviços de Documentação. Retrieved august, 20, 2015, from <http://hdl.handle.net/1822/27502>.
- Ceravolo, Suely Moraes; Tálamo, Maria de Fátima Gonçalves Moreira. (2000). Tratamento e organização de informações documentárias em museus. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, (10), 241-253.
- Cerávolo, Suely Moraes. (2004). *Da palavra ao termo: um caminho para compreender Museologia*. (Tese de Doutorado em Biblioteconomia e Documentação). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Cerávolo, Suely Moraes. (2004b). Delineamentos para uma teoria da Museologia. *Anais do Museu Paulista*, 12(1), 237-268. jan./dez. Retrieved from <http://www.scielo.br/pdf/anaismp/v12n1/19.pdf>.
- Cervo, Amado, & Bervian, Pedro. (1996). *Metodologia Científica*. São Paulo: Makron Books.
- Chagas, Mario de Souza. (1999). *Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mário de Andrade*. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.
- Chagas, Mario de Souza. (2003). *Imaginação museal: museu, memória e poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro*. (Tese de Doutorado em Ciências Sociais). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

- Chagas, Mario de Souza. (2009). Editorial. *Musas – Revista Brasileira de Museus e Museologia*, (4), 4-5. Retrieved from <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2012/03/musas20120327.pdf>.
- Chagas, Mario de Souza e Storino, Claudia. (2012). O desafio da acessibilidade aos museus. In: Regina Cohen, Cristiane Duarte & Alice Brasileiro. *Acessibilidade a Museus*. Brasília: MinC/Ibram. Retrieved from [http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/07/acessibilidade\\_a\\_museu\\_miolo.pdf](http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/07/acessibilidade_a_museu_miolo.pdf).
- Chalhub, Tania. (2014). Acessibilidade a museus brasileiros: reflexões sobre a inclusão de surdos. *Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação*, 7(2), 328-344, 2014. Retrieved from <http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/17428>.
- Coelho, Priscilla Arigoni. (2015). *Metáforas em rede no processo de institucionalização: um estudo sobre memória e discurso da Museologia no Brasil (1932 a 1985)*. (Tese de Doutorado em Memória Social). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Conferência Luso-Brasileira de Acesso Aberto, 1., (2010), Portugal, Braga. Retrieved July, 20, 2015, from <http://www.acessoaberto.pt/c/index.php/confoa/2010>.
- Conferência Luso-Brasileira de Acesso Aberto, 2., (2011), Brasil, Rio de Janeiro. Retrieved from <http://www.acessoaberto.pt/c/index.php/confoa2011/confoa2>.
- Conferência Luso-Brasileira de Acesso Aberto, 3., (2012), Portugal, Lisboa. Retrieved from <http://www.acessoaberto.pt/c/index.php/confoa2012/confoa2012>.
- Conferência Luso-Brasileira de Acesso Aberto, 4., (2013), Brasil, São Paulo. Retrieved from <http://www.acessoaberto.pt/c/index.php/confoa2013/2013>.
- Conferência Luso-Brasileira de Acesso Aberto, 5., (2014), Portugal, Coimbra. Retrieved from <http://www.acessoaberto.pt/c/index.php/confoa2014/2014>.
- Conferência Luso-Brasileira de Acesso Aberto, 6., (2015), Brasil, Salvador. Retrieved from <http://www.acessoaberto.pt/c/index.php/confoa2015/c/>.
- Conferência Luso-Brasileira de Acesso Aberto, 7., (2016), Portugal, Viseu. Retrieved from <https://conferencias.rcaap.pt/confoa2016/2016>.
- Conferência Luso-Brasileira de Acesso Aberto, 8., (2017), Brasil, Rio de Janeiro. Retrieved from <http://confoa.rcaap.pt/2017/>.
- Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. (s.d.). *COCHS Artes, Ciência da Informação, Museologia e Comunicação*. Retrieved July, 26, 2014, from [http://cnpq.br/view/-/journal\\_content/56\\_INSTANCE\\_0oED/10157/47778](http://cnpq.br/view/-/journal_content/56_INSTANCE_0oED/10157/47778).
- Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. (2015). Diretório de Grupos de Pesquisa. Retrieved from <http://lattes.cnpq.br/web/dgp>.

- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. (2002). *Infocapes – Boletim Informativo da CAPES*, 10(1), 7-34. Retrieved December, 1, 2015, from [https://www.capes.gov.br/images/stories/download/bolsas/Infocapes10\\_2\\_2002.pdf](https://www.capes.gov.br/images/stories/download/bolsas/Infocapes10_2_2002.pdf).
- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. (2011). *CAPES 60 anos. Revista Comemorativa*. Retrieved October, 26, 2016, from: <https://www.capes.gov.br/images/stories/download/Revista-Capes-60-anos.pdf>.
- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. (2014). *Tabela de áreas de conhecimento/avaliação*. Retrieved July, 26, 2014, from <http://www.capes.gov.br/avaliacao/instrumentos-de-apoio/tabela-de-areas-do-conhecimento-avaliacao>.
- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. (2014). *Relação de cursos reconhecidos e recomendados. Grande Área Ciências Sociais Aplicadas. Área Museologia*. Retrieved July, 26, 2014, from <http://conteudoweb.capes.gov.br/conteudoweb/ProjetoRelacaoCursosServlet?acao=pesquisarIes&codigoArea=60800003&descricaoArea=&descricaoAreaConhecimento=MUSEOLOGIA&descricaoAreaAvaliacao=CI%20CANCIIAS+SOCIIAIS+APLICADAS+I>.
- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. (2015). *História e missão*. Retrieved October, 26, 2015, from <http://www.capes.gov.br/historia-e-missao>.
- Coordenação de Pessoal de Nível Superior. (2016). *Documento de Área 2016*. Retrieved from [https://www.capes.gov.br/images/documentos/Documentos\\_de\\_area\\_2017/31\\_CSA\\_I\\_docarea\\_2016.pdf](https://www.capes.gov.br/images/documentos/Documentos_de_area_2017/31_CSA_I_docarea_2016.pdf).
- Coordenação de Pessoal de Nível Superior. (2016). *Sistema Nacional de Pós-Graduação*. Retrieved from <http://www.capes.gov.br/avaliacao>.
- Coordenação de Pessoal de Nível Superior. (2016). *Qualis periódicos. Classificação de periódicos quadriênio 2013-2016*. <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/veiculoPublicacaoQualis/listaConsultaGeralPeriodicos.jsf>.
- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. (2017). *MEC institui modalidade de doutorado profissional*. Retrieved January, 27, 2017, from: <http://www.capes.gov.br/sala-de-imprensa/noticias/8328-portaria-institui-doutorado-profissional>.
- Costa, Heloísa Helena F. G. Da. (2009). *Formação em Museologia - o caso da Bahia. Anais do Museu Histórico Nacional*, 41, 239-253. Retrieved from

<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=MHN&PagFis=15976&Pesq=Sobre%20patronos>.

- Costa, Luciana Ferreira da. (2008). *Usabilidade do Portal de Periódicos da CAPES*. (Dissertação de Mestrado em Ciência da Informação). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.
- Costa, Luciana Ferreira da, & Brigola, João Carlos Pires. (2014). Hábito cultural de visita a museus: estudo de público sobre o Museu do Homem do Nordeste, Brasil. *Revista Iberoamericana de Turismo*, 4(Número Especial), 121-141. Retrieved from <http://www.seer.ufal.br/index.php/ritur/article/view/1501/1045>.
- Costa, Luciana Ferreira da, Nunes, Maria de Fátima, & Lopes, Maria Margaret. (2015). Scientific electronics journals from Brasil in Museology. In: *Anais da XII International Conference on Information Systems and Technology Management - CONTECSI* (p. 4663-4677). São Paulo: USP.
- Costa, Sely Maria de Souza. (2011). *A comunicação científica nos dias atuais: impactos de uma filosofia aberta*. Retrieved October, 3, 2011, from [http://www.sbpnet.org.br/livro/57ra/programas/CONF\\_SIMP/textos/s](http://www.sbpnet.org.br/livro/57ra/programas/CONF_SIMP/textos/s).
- Costa, Sely Maria de Souza, Kuramoto, Hélio, & Leite, Fernando C. L. (2013). Acesso aberto no Brasil: aspectos históricos, ações institucionais e panorama atual. In: Eloy Rodrigues, Alma Swan & Ana Alice Baptista (Ed.). *Uma década de acesso aberto na UMinho e no mundo* (pp. 133-150). Braga: Universidade do Minho Serviços de Documentação. Retrieved August, 20, 2015, from <http://hdl.handle.net/1822/27502>.
- Costa, Sely Maria de Souza. (2006). Filosofia aberta, modelos de negócios e agências de fomento: elementos essenciais a uma discussão sobre o acesso aberto à informação científica. *Ciência da Informação*, 35(2), 39-50. Retrieved from <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1139/1295>.
- Coutinho, Maria Inês Lopes. (2010). Waldisa o curso de Museologia e o alunado. In: Maria Cristina Oliveira Bruno, Marcelo Mattos Araújo & Maria Inês Lopes Coutinho (Org.). *Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional*. São Paulo: Pinacoteca do Estado, Secretaria de Estado da Cultura; Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus. Vol. 2.
- Couzinet, Viviane, & Muszkat, Estera Menezes. (1999). O interesse das revistas brasileiras e francesas de biblioteconomia e ciências da informação pela revista eletrônica no período de 1990-1999. *Ciência da Informação*, 28(3), 276-283. Retrieved from <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/831/863>.
- Crespo, Isabel Merlo. (2005). *Um estudo sobre o comportamento de busca e uso de informação de pesquisadores das áreas de Biologia Molecular e Biotecnologia*:

*impactos do periódico científico eletrônico*. (Dissertação de Mestrado em Comunicação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Christovão, Heloísa Tardin, & Braga, Gilda Maria. (1997). Ciência da Informação e Sociologia do Conhecimento Científico: a intertemacidade plural. *Transinformação*, 9(3), 33-45. Retrieved from <http://basessibi.c3sl.ufpr.br/brapci/index.php/article/download/14813>.

Cruz, Henrique de Vasconcelos. (2008). *Era uma vez, há 60 anos atrás...: o Brasil e a criação do Conselho Internacional de Museus*. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus - ICOM-BR. Retrieved from [https://www.academia.edu/3519747/Era\\_uma\\_vez\\_h%C3%A1\\_60\\_anos\\_atr%C3%A1s...\\_O\\_Brasil\\_e\\_a\\_cria%C3%A7%C3%A3o\\_do\\_Conselho\\_Internacional\\_de\\_Museus?auto=download](https://www.academia.edu/3519747/Era_uma_vez_h%C3%A1_60_anos_atr%C3%A1s..._O_Brasil_e_a_cria%C3%A7%C3%A3o_do_Conselho_Internacional_de_Museus?auto=download).

Cury, Marília Xavier. (1999). *Exposição: análise metodológica do processo de concepção, montagem e avaliação*. (Dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação). Universidade de São Paulo, São Paulo.

Cury, Marília Xavier. (2004). Os usos que o público faz dos museus: a (re)significação da cultural material e do museu. *Musas - Revista Brasileira de Museus e Museologia*, 1(1), 87-106.

Cury, Marília Xavier. (2005). *Comunicação museológica: uma perspectiva teórica e metodológica de recepção*. (Tese de Doutorado em Ciências da Comunicação). Universidade de São Paulo, São Paulo.

Cury, Marília Xavier. (2005). Museologia - marcos referenciais. *Cadernos do CEOM*, 18 (21), 45-74, Retrieved december, 20, 2015, from <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/2271/1353>.

Cury, Marília Xavier. (2010). Novas perspectivas para a comunicação museológica e os desafios da pesquisa de recepção em museus. In: *Actas do I Seminário de Investigação em Museologia dos Países de Língua Portuguesa e Espanhola* (pp. 269-279). Porto: Universidade do Porto. Retrieved from <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/8132.pdf>.

Cury, Marília Xavier. (2014) Museologia e conhecimento museológico: uma perspectiva dentre muitas. *Museologia & Interdisciplinaridade*, 3(5), Retrieved december, 26, 2015, from <http://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/10949/7824>.

Cummins, Alissandra. (2008). PPG-PMUS Inaugural Address. *Museologia e Patrimônio*, 1(1), 106-113. Retrieved from <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/11/6>

- Decarolis, Nely. (2000). ICOFOM LAM 1990-2000. *Cahiers d'études*. Comité International de ICOM pour la museologie, (8), 14-15, 2000. Retrieved from [http://archives.icom.museum/study\\_series\\_pdf/8\\_ICOM-ICOFOM.pdf](http://archives.icom.museum/study_series_pdf/8_ICOM-ICOFOM.pdf).
- Desvallées, André. (2000). Pour une terminologie muséologique de base. *Cahiers d'étude/Study Series*, Comité International de ICOM pour la museologie, (8), 8, 2000. Retrieved from [http://archives.icom.museum/study\\_series\\_pdf/8\\_ICOM-ICOFOM.pdf](http://archives.icom.museum/study_series_pdf/8_ICOM-ICOFOM.pdf).
- Desvalées, André, & Mairesse, François (Eds.). (2013). *Conceitos-chave de Museologia*. São Paulo: Armand Colin. Retrieved from [http://icom.museum/fileadmin/user\\_upload/pdf/Key\\_Concepts\\_of\\_Museology/Conceitos-ChavedeMuseologia\\_pt.pdf](http://icom.museum/fileadmin/user_upload/pdf/Key_Concepts_of_Museology/Conceitos-ChavedeMuseologia_pt.pdf).
- Dias, Guilherme Ataíde. (2003). Periódicos científicos eletrônicos brasileiros na área da Ciência da Informação. (Tese de Doutorado em Ciências da Comunicação). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Dias, Guilherme Ataíde, Delfino Junior, João Bosco, & Silva, José Wendell de Moraes. (2007). Open Journal System – OJS: migrando um periódico científico eletrônico para um sistema automatizado de gerência e publicação de periódicos científicos eletrônicos. *Inf. & Soc.: Est.*, 17(2), 75-82.
- Duarte, Alexandre Nóbrega. (2013). *Uma análise sobre a distribuição de bolsas de produtividade*. Retrieved from <http://alexandre.ci.ufpb.br/bolsas-produtividade/>.
- Duarte Cândido, Manuelina Maria. (2007). A função social dos museus. *Canindé – Revista do Museu de Arqueologia de Xingó*, (9). 169-187.
- Duarte Cândido, Manuelina Maria, & Ruoso, Carolina. (2012). Museologia no Brasil e em Portugal: alguns atores e ideias em circulação. *Anais do Museu Histórico Nacional*, 44, 33-52. Retrieved from <http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=MHN&PagFis=28791&Pesq=Forma%C3%A7%C3%A3o%20em%20Museologia>.
- Duarte Cândido, Manuelina Maria. (2013). Relações Brasil-Portugal na Museologia contemporânea. In: *Atas do 6º Colóquio do PPRLB (Pólo de Pesquisa sobre Relações Luso-Brasileiras) – Portugal no Brasil, Pontes para o Presente*. Rio de Janeiro: Real Gabinete Português de Leitura. Retrieved from [http://www.mygead.com/geadmedia/packages/giadrgpl\\_rgpl/documentsmain/20130612121687039f\\_manuelinamduarteoriginal.pdf](http://www.mygead.com/geadmedia/packages/giadrgpl_rgpl/documentsmain/20130612121687039f_manuelinamduarteoriginal.pdf).
- Duarte Cândido, Manuelina Maria. (2014). *Gestão de museus, um desafio contemporâneo: diagnóstico museológico e planejamento*. (2nd ed.) Porto Alegre: Editora Medianiz.

- Fausto, Sibeles. (2013). Evolução do Acesso Aberto – breve histórico. *SciELO em Perspectiva*. Retrieved August, 16, 2015, from <http://blog.scielo.org/blog/2013/10/21/evolucao-do-acesso-aberto-breve-historico/>.
- Fernandes, Ana Maria. (1990). *A construção da ciência no Brasil e a SBPC*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- Ferraz, Maria Cristina Comunian, Hayashi, Maria Cristina Piumbato Innocentini, & Hayashi, Carlos Roberto Massao. (2006). A temática do desenvolvimento sustentável em grupos de pesquisa. *Encontros Bibli*, 11(21), 49-68. doi: <http://dx.doi.org/10.5007/1518-2924.2006v11n21p49>
- Ferreira, Sueli Mara Soares Pinto. (2014). Da política institucional de informação da Universidade de São Paulo ao acesso aberto à produção científica do Cuiabá. *RECIIS*, 8(2), 195-209. Retrieved from <http://www.reciis.iciet.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/632/1272>.
- Fundação Escola de Sociologia de São Paulo (FESPSP). (2017). *Pós-Graduação : Gestão de Acervos Museológicos*. Retrieved from [http://www.fespsp.org.br/curso/149/gestao\\_de\\_acervos\\_museologicos](http://www.fespsp.org.br/curso/149/gestao_de_acervos_museologicos).
- Fonseca, Madalena. (2010). *2010: acreditação ano zero. os sistemas internos de garantia de qualidade das instituições de ensino superior em Portugal*. Retrieved October, 27, 2015, from [http://www.a3es.pt/sites/default/files/SIGQ\\_IES\\_PT.pdf](http://www.a3es.pt/sites/default/files/SIGQ_IES_PT.pdf).
- Freeman, Linton C. (1979). Centrality in networks: a conceptual clarification. *Social Networks*, 1(3).
- Freire, José Donizetti. (2011). *CNPq e o acesso aberto à informação científica*. (Tese de Doutorado em Ciência da Informação). Universidade de Brasília, Brasília.
- Freitas, Maria Helena. Considerações acerca dos primeiros periódicos científicos brasileiros. *Ciência da Informação*, 35(3), 54-66. Retrieved from <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1113/1244>.
- Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT). *e-Ciência. Política de Acesso Aberto*. Retrieved July, 10, 2014, from: <https://www.fct.pt/dsi/eciencia/index.phtml.pt>.
- Gil, Antonio Carlos. (2008). *Como Elaborar Projetos de Pesquisa*. São Paulo: Atlas.
- Gil, Fernando Bragança. (2010). Ensino em Museologia: a situação em Portugal. In: Ana Maria Eiró & Marta C. Lourenço (Coord.). *Fernando Bragança Gil: coletânea de textos sobre museus e museologia*. Lisboa: Museu de Ciência da Universidade de Lisboa.
- Godoy, Solange de Sampaio, & Lacerda, Luis Carlos Antonelli. (2002). Museografia e Museu: um estudo de caso dos 80 anos do Museu Histórico Nacional. *Anais do*

*Museu Histórico Nacional*, (34), 167-188. Retrieved December, 1, 2015, from <http://docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=MHN&pasta=Anais%20do%20Museu%20Historico%20Nacional\Volume%20XXXI%20-%202009&pesq=>.

Gouvêa, Fernando. (2010). O primeiro decênio da CAPES: uma campanha extraordinária (1951-1960). *Revista Brasileira de Estudos. Pedagógicos*, 91(229), 528-542. Retrieved from <http://rbep.inep.gov.br/index.php/rbep/article/view/628/608>.

Gouvêa, Fernando, & Mendonça, Ana Waleska P. Campos. (2006). A contribuição de Anísio Teixeira para a institucionalização da Pós-Graduação no Brasil: um percurso com os boletins da Capes. *Revista Perspectiva*, 24(1), 111-132. doi: <http://dx.doi.org/10.5007/%25x>.

Granato, Marcus. (2009). Panorama sobre o Patrimônio da Ciência e Tecnologia no Brasil: Objetos de C&T. In: Marcus Granato, Marcio Ferreira Rangel (Orgs.). *Cultura Material e Patrimônio da Ciência e Tecnologia* (pp. 78-103). Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins. Retrieved from <http://www.mast.br/projetovalorizacao/textos/livro%20cultura%20material%20e%20patrim%C3%B4nio%20de%20C&T/8%20PANORAMA%20SOBRE%20%20PATRIM%C3%94NIO%20DA%20CIENCIA%20E%20TECNOLOGIA%20NO%20BRASILMarcus.pdf>.

Granato, Marcus. (2015). Projetos de pesquisa desenvolvidos em Museologia e preservação de acervos de C&T (1998-2015). In: Marcus Granato (Org.). *Museologia e patrimônio*. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins.

Gruszynski, Ana Cláudia, & Golin, Cida. (2007). Periódicos científicos e a visibilidade da ciência na web: estudo de caso na UFRGS. *Datagramazero – Revista de Ciência da Informação*, 8(3), 1-14.

Guedes, Carlos Alberto. (2001). *Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq): currículo Lattes – perguntas e respostas*. São Paulo. Retrieved December, 2, 2015, from [http://www.pucrs.campus2.br/manuais/dicas\\_lattes.pdf](http://www.pucrs.campus2.br/manuais/dicas_lattes.pdf).

Harnad, Stevan et al. (2001). *The access/impact problem and the green and gold roads to open access*. Retrieved August, 20, 2015, from <http://www.ecs.soton.ac.uk/-hanard/temp/impact.html>.

Harrison, Teresa M., & Stephen, Timothy D. (1995). The electronic journal as the heart of an online scholarly community. *Library Trends*, 48(4), 592-608. Retrieved from [http://scholarsarchive.library.albany.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1004&context=cas\\_communication\\_scholar](http://scholarsarchive.library.albany.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1004&context=cas_communication_scholar).

- Hedstrom, Margaret, & King, John Leslie. (2006). Epistemic infrastructure in the rise of knowledge economy. In: Margaret Hedstrom & John Leslie King. *On the LAM: library, archive and museum collections in the creation and maintenance of knowledge communities*. Retrieved May, 25, 2015, from <http://www.oecd.org/dataoecd/59/63/32126054.pdf>.
- Hennigen, Inês. (2007). A contemporaneidade e as novas perspectivas para a produção de conhecimentos. *Cadernos de Educação*, (29), 191-208. Retrieved from <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/view/1788/1670>.
- Hernández-Hernández, Francisca. (1992). Evolución del concepto de museo. *Revista General de Información y Documentación*, 2(1), 85-97. Retrieved December, 12, 2015, from <https://revistas.ucm.es/index.php/RGID/article/view/RGID9292120085A/11902>.
- Hernández-Hernández, Francisca. (1998). *Manual de museología*. Madrid: Editorial Síntesis.
- Hernández-Hernández, Francisca. (2006). *Planteamientos teóricos de la museología*. Gijón: Ed. Trea.
- International Council of Museums. (2007). *Museum definition*. Paris. Retrieved from: <http://icom.museum/who-we-are/the-vision/museum-definition.html>.
- Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia. *Sobre o Ibict*. Retrieved August, 21, 2015, from <http://www.ibict.br/sobre-o-ibict/historico-1>.
- Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia *Portal Brasileiro de Publicações Científicas em Acesso Aberto (OASISbr)*. Retrieved from <http://oasisbr.ibict.br/vufind/>.
- Instituto Brasileiro de Museus. (2011). *Guia dos Museus Brasileiros*. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus.
- Instituto Brasileiro de Museus. (2011). *Museus em Números*. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus.
- Jelínek, Jan. (1981). Systematics and systems in museology – an introduction. *MuWoP*, (2), 69-70. Retrieved December, 2, 2016, from [http://network.icom.museum/fileadmin/user\\_upload/minisites/icofom/pdf/MuWoP%202%20\(1981\)%20Eng.pdf](http://network.icom.museum/fileadmin/user_upload/minisites/icofom/pdf/MuWoP%202%20(1981)%20Eng.pdf).
- Knauss, Paulo. (2011). A presença de estudantes: o encontro de museus e a escola no Brasil a partir da década de 50 do século XX. *Varia História*, 27(46), 581-597. Retrieved September, 6, 2015, from <http://www.scielo.br/pdf/vh/v27n46/10.pdf>.

- Köptche, Luciana Sepúlveda (2010). *Sobre museus, públicos e dinâmicas sociais: o caso do Observatório de Museus e Centros Culturais*. Livro dos Seminários Internacionais. Retrieved from <http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=MHN&PagFis=19696&Pesq>
- Kuramoto, Hélio. (2006). Informação científica: proposta de um novo modelo para o Brasil. *Ciência da Informação*, 35(2), 91-102. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-19652006000200010>.
- Kuramoto, Hélio. (2011). *Open Access: a luta continua*. Retrieved august, 21, 2014, from <http://kuramoto.blog.br/2011/06/03/open-access-a-luta-continua/>.
- Le Coadic, Yves François. (1995). Les télé-revues: de la revue papier à la revue électronique. *Documentaliste-Sciences de l'Information*, 32(3), 135-141.
- Le Coadic, Yves François. (1996). *A Ciência da Informação*. Brasília: Briquet de Lemos.
- Lemos, André. (2002). *Cibercultura*. Tecnologia e vida social na cultura. Porto Alegre: Sulina.
- Lévy, Pierre. (1999). *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34.
- Lima, Diana Farjalla Correia. (2003). *Ciência da informação, museologia e fertilização interdisciplinar: informação em arte um novo campo do saber*. (Tese de Doutorado em Ciência da Informação). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Retrieved October, 20, 2015, from [http://tede-dep.ibict.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=21](http://tede-dep.ibict.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=21).
- Lima, Diana Farjalla Correia. (2013). Museologia, campo disciplinar da musealização e fundamentos de inflexão simbólica: 'tematizando' Bourdieu para um convite à reflexão. *Revista Museologia & Interdisciplinaridade*, 2(4), 35-47. Retrieved from <http://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/9627/7117>.
- Lima, Diana Farjalla Correia. (2014). Musealização e patrimonialização: formas culturais integradas, termos e conceitos entrelaçados. In: *Anais do 15º Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação*, ENANCIB. Belo Horizonte. Retrieved from <http://enancib2014.eci.ufmg.br/documentos/anais/anais-gt9>
- Lima, Ricardo Arcanjo. (2012). *Análise cientométrica das práticas científicas na área de solos*. (Tese de Doutorado em Política Científica e Tecnológica). Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- Lopes, Maria Margaret. (1997). *O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX*. São Paulo, Editora Hucitec.

- Lopes, Maria Margaret, & Murriello, Sandra Elena. (2005). Ciências e educação em museus no final do século XIX. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, 12(suplemento), 13-30. Retrieved November, 5, 2015, from <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v12s0/01.pdf>.
- Lorente, Jesús-Pedro. (2012). *Manual de historia de la Museología*. Gijón: Ed. Trea.
- Lorente, Jesús-Pedro. (2013). Las revistas de museos y museología en español y portugués: una exploración panorámica a ambos lados del Atlántico. *Anais do Museu Paulista*, 21(1), 77-90. Retrieved from <http://www.scielo.br/pdf/anaismp/v21n1/a07v21n1.pdf>.
- Loureiro, Maria Lucia de Niemeyer Matheus. (1998). *Museu, informação e arte: a obra de arte como objeto museológico e fonte de informação*. (Dissertação de Mestrado em Ciência da Informação) Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Loureiro, Maria Lúcia de Niemeyer Matheus. (2003). *Museus de arte no ciberespaço: uma abordagem conceitual*. (Tese de Doutorado em Ciência da Informação). Universidade Federal do Rio de Janeiro/Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro.
- Lourenço, Cintia de Azevedo (1997). Automação em bibliotecas: análise da produção Biblioinfo (1986- 1994). In: Geraldina Porto Witter (Org.). *Produção científica*. Campinas: Alínea.
- Lourenço, Marta C. (2009). O patrimônio da ciência: importância para a pesquisa. *Museologia e Patrimônio*, 2(1), 2009, 47-53. Retrieved from <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/45/25>.
- Lievrouw, Leah A. (1990). Communication and the social representation of scientific knowledge. *Critical Studies in Mass Communication*, 7(1), 1-10.
- Magaldi, Monique Batista. (2010). *Navegando no Museu Virtual: um olhar sobre formas criativas de manifestação do fenômeno Museu*. (Dissertação de Mestrado em Museologia). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.
- Maia, Luís Cláudio Gomes. (2005). *Estudo de uso de periódicos: Portal Periódicos Capes na UFMG*. (Dissertação de Mestrado em Ciência da Informação). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- Mairesse, François. (1998). El álbum familiar. *Museum International*, 50(1), 25-30.
- Mairesse, François (Org.). (2005). *Defining the Museum*. Morlanwez, Belgium: Musée Royal de Mariemont.

- Marconi, Marina de Andrade, & Lakatos, Eva Maria. (2009). *Metodologia do Trabalho Científico*. São Paulo: Atlas.
- Martins, L. (2011). *A constituição da educação em museus: o funcionamento do dispositivo pedagógico museal por meio de um estudo comparativo entre museus de artes plásticas, ciências humanas e ciência e tecnologia*. (Tese de Doutorado em Educação). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Maroević, Ivo. (1998). *Introduction to museology: the European approach*. München: Verlag Dr. Christian Müller-Straten.
- Marshall, Francisco. (2008). A função social da Museologia brasileira: uma provocação. *Revista Museu*. 2008. Retrieved December, 3, 2015, from <http://revistamuseu.com/18demaio/artigos.asp?id=16663>.
- Martins, Carlos Benedito. (2003). Balanço: o papel da CAPES na formação do sistema nacional de Pós-Graduação . In: Marieta de Moraes Ferreira & Regina da Luz Moreira, (Orgs.). *CAPES 50 anos: depoimentos ao CPDOC/FGV* (pp. 294-309). Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, CPDOC; Brasília: CAPES.
- Meadows, Arthur Jack. (1999). *A comunicação científica*. Brasília: Briquet de Lemos
- Mensch, Peter van. (1992). *Towards a methodology of museology*. 1992. Tese (Doutorado) – Zagreb: Universidade de Zagreb. Retrieved from <http://www.emuseum.cz/admin/files/Peter-van-Mensch-disertace.pdf>.
- Mensch, Peter van. (2004). *Museology and management: enemies or friends?* Retrieved from [http://icom-portugal.org/multimedia/File/V%20Jornadas/rwa\\_publ\\_pvm\\_2004\\_1.pdf](http://icom-portugal.org/multimedia/File/V%20Jornadas/rwa_publ_pvm_2004_1.pdf).
- Mensch, Peter van, & Mensch, Léontine Meijer-van. (2011). *New trends in museology*. Celje, Slovenia: Museum of Recent History Celje.
- Meneses, Ulpiano T. Bezerra de. (1993). A problemática da identidade cultural nos museus: de objetivo (de ação) a objeto (de conhecimento). *Anais do Museu Paulista*, 1(1), Retrieved from <http://www.scielo.br/pdf/anaismp/v1n1/a14v1n1.pdf>.
- Meneses, Ulpiano T. Bezerra de. (2000). Educação e museus: sedução, riscos e ilusões. *Ciência e Letras: Revista da Faculdade Porto-Alegrense de Educação, Ciências e Letras*, (27), 91- 101.
- Mikhailov, A. I., Chernyi, A. I., & Giliareyskii, R. S. (1984). *Scientific communication and information*. Arlington: Information resources Press.
- Ministério da Educação. (2008). *Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais*. Retrieved from <http://portal.mec.gov.br/reuni-sp-93318841>.

- Ministério da Educação. (2015). *Sistema e-MEC*. Retrieved from <http://emec.mec.gov.br/>
- Moraes, Nilson Alves de. (2009). Políticas públicas, políticas culturais e museu no Brasil. *Museologia e Patrimônio*, 2(1), Retrieved November, 10, 2015, from <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/46/26>.
- Motoyama, Shozo. (2000). CNPq uma instituição brasileira de política científica e tecnológica: os primeiros anos. In: *Anais do 1º Congresso Luso-Brasileiro de História da Ciência e da Técnica*, Portugal, p. 145.
- Moutinho, Mário Caneva. (1989). *Museus e sociedade: reflexões sobre a função social do museu*. Monte Redondo: Cadernos de Patrimônio.
- Moutinho, Mário Caneva. (2015). Decifrando conceitos em Museologia: entrevista com Mário Caneva Moutinho. *Museologia & Interdisciplinaridade*, Entrevista concedida a Ana Carvalho. Retrieved December, 12, 2016, from <http://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/15824/12210>.
- Moutinho, Mário Caneva, & Primo, Judite. (2017). Editorial. *Cadernos de Sociomuseologia*, 9(53), 3-6. Retrieved June, 2, 2016, from <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/5883>.
- Mueller, Suzana Pinheiro Machado. (2000). A ciência, o sistema de comunicação científica e a literatura científica. In: Bernadete S. Campello, Beatriz Valadares Cêdon, & J. M. Kremer (Org.). *Fontes de informação pra pesquisadores e profissionais*. Belo Horizonte: UFMG.
- Mueller, Suzana Pinheiro Machado. (2006). A comunicação científica e o movimento de acesso livre ao conhecimento. *Ciência da Informação*, 35(2), 27-38. Retrieved from <http://www.scielo.br/pdf/ci/v35n2/a04v35n2.pdf>.
- Mugnaini, Rogério, Digiampietri, Luciano Antônio, & Mena-Chalco, Jesús Pascual. (2014). Comunicação científica no Brasil (1998-2012): indexação, crescimento, fluxo e dispersão. *Transinformação*, 26(3), 239-252. Retrieved from <http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/transinfo/article/view/2629/1897>.
- Nora, Pierre. *Memoire et Histoire: le problematique des lieux. Les Lieux des memoire. La Republique*. Paris: Gallimard, 1984.
- Noronha, Daisy Pires, & Maricato, João de Melo (2008). Estudos métricos da informação: primeiras aproximações. *Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, (número especial), 116-128. Retrieved November, 30, 2009, from <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1137/1594>.

- Nunes, Maria de Fátima. (2014). Desafios e novos olhares sobre a Museologia no século XXI: experiência portuguesa a partir da história e filosofia da ciência. Évora. *PontodeAcesso*, Entrevista concedida a Luciana Ferreira da Costa e Alan Curcino Pedreira da Silva. Retrieved January, 10, 2014, from <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaici/article/viewArticle/9222>.
- Oliveira, Ana Cristina Audebert Ramos. (2003). *O conservadorismo a serviço da memória: tradição, museu e patrimônio no pensamento de Gustavo Barroso*. (Dissertação de Mestrado em História Social da Cultura). Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro.
- Oliveira, Ely Francina Tannuri de Oliveira, Santarem, Luciana Garcia da S., Santarem Segundo, José Eduardo. (2009). Análise das redes de colaboração científica através do estudo das coautorias nos cursos de Pós-Graduação do Brasil no tema Tratamento Temático da Informação. In: *Anais do 9º Congresso Isko-España*, p. 309-327. Retrieved from [http://www.iskoiberico.org/wp-content/uploads/2014/09/986-1000\\_Tannuri-Oliveira.pdf](http://www.iskoiberico.org/wp-content/uploads/2014/09/986-1000_Tannuri-Oliveira.pdf).
- Oliveira, José Carvalho de. (1960). *A formação de pessoal de nível superior e o desenvolvimento econômico*. Rio de Janeiro: CAPES.
- Oliveira, José Cláudio. (2007). Semiologia dos ex-votos na Bahia: arte, simbolismo e comunicação religiosa. *Revista Internacional de Folkcomunicação*, 6.
- Oliveira, Marlene de, Mota, Francisca R. L., & Alvarado, Ruben Urbizagastegui. (2004). *Comunidade científica e cientificidade da Ciência da Informação*. Retrieved May, 20, 2008, from <http://sapp.telepac.pt/apbad/congresso8/com27.pdf>.
- Osório, Hévelyn de Paula, & Oliveira, Ely Francina Tarunny de. (2011). A produção científica: uma análise de coautorias do PPGCI da Unesp/Campus de Marília entre 2001 a 2009. *Revista EDICIC*, 1(4), 259-273. Retrieved May, 20, 2015, from <http://www.edicic.org/revista/>.
- Otlet, Paul. (1934). *Traité de Documentation. Le Livre sur le Livre. - Théorie et Pratique*. Bruxelles: Editions Mundaneum.
- Padilha, Renata Cardozo. (2014). Documentação Museológica e Gestão de Acervo. Florianópolis: FCC. Retrieved from [http://www.fcc.sc.gov.br/patrimoniocultural/arquivosSGC/DOWN\\_175328Documentacao\\_Museologica\\_Gestao\\_Acervo.pdf](http://www.fcc.sc.gov.br/patrimoniocultural/arquivosSGC/DOWN_175328Documentacao_Museologica_Gestao_Acervo.pdf).
- Perlin, Marcelo S. et al. (2017). The brazilian scientific output published in journals: a study based on a large CV database. *Journal of Informetrics*, 11(1), 18-31. Retrieved from <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1751157716301559?via%3Dihub>.

- Pinheiro, Lena Vânia Ribeiro. (2012). Confluências interdisciplinares entre Ciência da Informação e Museologia. *Revista Museologia & Interdisciplinaridade*, 1(1), 7-31. Retrieved November, 20, 2015, from <http://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/6840/6049>.
- Pinheiro, Lena Vania Ribeiro; Granato, Marcus. (2012) Para pensar a interdisciplinaridade na preservação: algumas questões preliminares. In: Rubens Ribeiro Gonçalves da Silva (Org.). *Preservação documental: uma mensagem para o futuro* (pp. 23-40). Salvador: UFBA.
- Piquet, Rosélia, Leal, José Agostinho A., & Terra, Denise. (2005). Mestrado profissional: proposta polêmica no sistema de Pós-Graduação brasileiro. In: *Anais do 11º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional.*, Salvador.ANPUR.
- Poblacion, Dinah Aguiar, & Noronha, Daisy Pires. (2002). Produção da literatura “branca” e “cinzenta” pelos docentes/doutores dos programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação no Brasil. *Ciência da Informação*, Brasília, 31(2), 98-106. Retrieved March, 10, 2015, from <http://www.scielo.br/pdf/ci/v31n2/12913.pdf>.
- Política Nacional de Museus. (2004). Relatório de Gestão. Brasília: MinC/IPHAN/DEMU.
- Poulot, Dominique. (2013). *Museus e Museologia*. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- Príncipe, Pedro et al. (2013). Os investigadores em Portugal e a sua relação com o acesso aberto à produção científica. In: Eloy Rodrigues, Alma Swan & Ana Alice Baptista (Ed.). *Uma década de acesso aberto na UMinho e no mundo* (pp. 25-48). Braga: Universidade do Minho Serviços de Documentação. Retrieved August, 20, 2015, from <http://hdl.handle.net/1822/27502>.
- Pritchard, Alan. (1969). Statistical bibliography or bibliometrics? *Journal of Documentation*, 25(4), 348-349.
- Ramos, José Alimatéia de Aquino, & Araújo, Carlos Alberto Ávila. (2014). As possibilidades de aproximação e diálogo entre Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia via modelo formativo: o caso da ECI/UFMG. *Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, 12(2), 59-80. Retrieved from [https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1603/pdf\\_62](https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1603/pdf_62).
- Rangel, Marcio Ferreira. (2011). A cidade, o museu e a coleção. *Liinc em Revista.*, 7(1), 301-310. Retrieved from <http://www.ibict.br/liinc>.
- Rangel, Marcio Ferreira. (2012). Museologia e patrimônio: encontros e desencontros. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum.*, 7(1), 103-112. Retrieved from <http://www.scielo.br/pdf/bgoeldi/v7n1/a08v7n1.pdf>.

- Rangel, Marcio Ferreira, & Nascimento Júnior, José. (2015). A trajetória da Política Nacional de Museus: impactos sobre o campo museológico brasileiro. In: Marcus Granato. *Museologia e Patrimônio* (pp. 297-315). Rio de Janeiro: MAST. p. 297-315. Retrieved from [http://www.mast.br/hotsite\\_mast\\_30\\_anos/pdf/volume\\_01.pdf](http://www.mast.br/hotsite_mast_30_anos/pdf/volume_01.pdf).
- Ribeiro, Lígia M., & Fernandes, Eugénia M. (2013). A gestão de informação de I&D e o acesso aberto na Universidade do Porto. In: Eloy Rodrigues, Alma Swan, & Ana Alice Baptista (Ed.). *Uma década de acesso aberto na UMinho e no mundo* (pp. 203-220). Braga: Universidade do Minho Serviços de Documentação. Retrieved August, 20, 2015, from <http://hdl.handle.net/1822/27502>.
- Richardson, Roberto Jarry. (1999). *Pesquisa social: método e técnicas*. (3rd ed.). São Paulo: Atlas.
- Rodrigues, Eloy. (2014). O acesso aberto (na Uminho e no mundo): onde estamos e por onde vamos? *RECIIS – Rev. Eletron. Com. Inf. Inov. Saúde*, 8(2), 180-194. Retrieved August, 20, 2015, from <http://reciis.icict.fiocruz.br>.
- Rodrigues, Eloy, & Saraiva, Ricardo. (2013). RepositóriUM: 10 anos de acesso aberto ao conhecimento. In: Eloy Rodrigues, Alma Swan, & Ana Alice Baptista (Ed.). *Uma década de acesso aberto na UMinho e no mundo* (pp. 25-48). Braga: Universidade do Minho Serviços de Documentação. Retrieved August, 20, 2015, from <http://hdl.handle.net/1822/27502>.
- Rússio, Waldisa. (s.d.). Formação do museólogo: por que em nível de Pós-Graduação ? In: Maria Cristina Oliveira Bruno. (2010). *Waldisa Rússio Camargo Guarneri: textos e contextos de uma trajetória profissional*. São Paulo: Pinacoteca do Estado, Secretaria de Estado da Cultura; Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus.
- Sá, Ivan Coelho de. (2007). História e memória do curso de Museologia: do MHN à Unirio. *Anais do Museu Histórico Nacional*, 39, p. 10-42. Retrieved December, 2, 2015, from <http://docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=MHN&pasta=Anais%20do%20Museu%20Historico%20Nacional\Volume%20XXXIX-%202007&pesq=>.
- Sá, Ivan Coelho de, & Siqueira, Graciele Karine. (2007). *Curso de Museus – MHN, 1932-1978: alunos, graduandos e atuação profissional*. Rio de Janeiro: UNIRIO.
- Sá, Ivan Coelho. (2013). As matrizes francesas e origens comuns no Brasil dos cursos de formação em Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia. *Acervo*, 26(2), 31-35. Retrieved December, 2, 2015, from <http://revista.arquivonacional.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/513>.
- Sá, Ivan Coelho de (2014). Institucionalização das práticas museológicas: oitenta anos do Curso de Museus. In: Aline Montenegro Magalhães & Rafael Zamorano

- Bezerra. *90 anos do Museu Histórico Nacional em debate (1922-2012)* (pp. 242-260). Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional. Retrieved from [https://www.academia.edu/8889489/O\\_nascimento\\_da\\_Museologia\\_conflu%C3%AAsncias\\_e\\_tend%C3%AAsncias\\_do\\_campo\\_museol%C3%B3gico\\_no\\_Brasil?auto=download](https://www.academia.edu/8889489/O_nascimento_da_Museologia_conflu%C3%AAsncias_e_tend%C3%AAsncias_do_campo_museol%C3%B3gico_no_Brasil?auto=download)
- Santos, Maria Célia Teixeira Moura. (2008). A aplicação da Museologia no contexto brasileiro: a práxis e a formação. In: Maria Célia Teixeira Moura Santos. *Encontros museológicos: reflexões sobre a Museologia, educação e o museu*. Rio de Janeiro: MinC/IPHAN/DEMU.
- Santos, Raimundo Nonato Macedo dos, & Kobashi, Nair Yumiko. (2009). Bibliometria, Cientometria, Infometria: conceitos e aplicações. *Pesq. bras. Ci. Inf.*, 2(1), 155-172. Retrieved from <http://inseer.ibict.br/ancib/index.php/tpbci/article/view/21/43>.
- Saracevic, Tefko. (1996). Ciência da Informação: origem, evolução e relações. *Perspectivas em Ciência da Informação*, 1(1), 41-62. Retrieved from <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/235/22>.
- Sarraf, Viviane Panelli. (2008). *Reabilitação do Museu: políticas de inclusão cultural por meio da acessibilidade*. (Dissertação de Mestrado em Ciência da Informação). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Scheiner, Tereza Cristina Moletta. (1992). Museus universitários: educação e comunicação. *Ciências em Museus*, 4. Belém: Museu Goeldi/ CNPq.
- Scheiner, Teresa Cristina. (1998). *Apolo e Dioniso no templo das musas. Museu – Gênese, idéia e representações na cultura ocidental*. (Dissertação de Mestrado em Comunicação e Cultura). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.
- Scheiner, Tereza Cristina Moletta. (2000). The many faces of ICOFOM. *ICOM Study Series*, (8), 2.
- Scheiner, Tereza Cristina Moletta. (2008). Termos e conceitos da museologia: contribuições para o desenvolvimento da museologia no campo disciplinar. In: Marcus Granato, Cláudia Penha dos Santos & Maria Lúcia N. M. Loureiro. *Mast Colloquia: Documentação em museus* (pp. 202-233). Retrieved from [http://www.mast.br/livros/mast\\_colloquia\\_10.pdf](http://www.mast.br/livros/mast_colloquia_10.pdf).
- Scheiner, Tereza Cristina Moletta. (2015). Cultura material e Museologia: considerações. In: Marcus Granato (Org.). *Museologia e patrimônio*. (pp. 17-48). Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins.
- Silva, Carlos da; Fialho, Joaquim; Saragoça, José (Coord.). (2013). *Iniciação à análise de redes sociais: casos práticos e procedimentos com UCINET*. Lisboa: Caleidoscópio Edição e Artes Gráficas, S.A.

- Silva, Fábio Mascarenhas e. (2007). *Organização da informação em sistemas eletrônicos abertos de informação científica e tecnológica: análise da Plataforma Lattes*. (Tese de Doutorado em Ciência da Informação). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Silva, Regina Cláudia Oliveira da. (2014) *A ação educacional e o legado cultural de Gustavo Barroso para a moderna Museologia brasileira*. (Tese de Doutorado em Educação Brasileira). Universidade do Ceará, Fortaleza.
- Simeão, Elmira Luzia Melo Soares. (2003). *Comunicação extensiva e o formato do periódico científico em rede*. (Tese de Doutorado em Ciência da Informação). Universidade de Brasília, Brasília.
- Siqueira, Graciele Karine. (2009). *Curso de Museus – MHN, 1932-1978: o perfil acadêmico-profissional*. (Dissertação de Mestrado em Museologia e Patrimônio). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro e Museu de Astronomia e Ciências Afins, Rio de Janeiro.
- Sofka, Vinos. (1981). ICOFOM symposium 1980 systematics and systems in museology. *MuWoP*, (2), 67-69, Retrieved from [http://network.icom.museum/fileadmin/user\\_upload/minisites/icofom/pdf/MuWoP%20\(1981\)%20Eng.pdf](http://network.icom.museum/fileadmin/user_upload/minisites/icofom/pdf/MuWoP%20(1981)%20Eng.pdf).
- Sofka, Vinos. (1995). My adventurous life with ICOFOM, Museology, Museologists and anti-museologists, giving special reference to ICOFOM Study Series. *ICOFOM Study Series*, 1-32. Retrieved December, 10, 2015, from [http://network.icom.museum/fileadmin/user\\_upload/minisites/icofom/pdf/ISS%20HISTORY%201995%20V.%20SOFKA.pdf](http://network.icom.museum/fileadmin/user_upload/minisites/icofom/pdf/ISS%20HISTORY%201995%20V.%20SOFKA.pdf).
- Sophia, Daniela Carvalho, & Loureiro, Maria Lúcia de Niemeyer Matheus. (2012). A produção científica da área de museologia no Portal de Periódicos da Capes. *Revista Museologia e Patrimônio*, 5(1), 125-141. Retrieved from <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/viewFile/213/185>.
- Souza, Elaine Pereira de, & Paula, Maria Carlota de Souza. (2002). Qualis: a base de qualificação dos periódicos científicos utilizada na avaliação CAPES. *Infocapes – Boletim Informativo da CAPES*, 10(1), 7-34. Retrieved December, 1, 2015, from [https://www.capes.gov.br/images/stories/download/bolsas/Infocapes10\\_2\\_2002.pdf](https://www.capes.gov.br/images/stories/download/bolsas/Infocapes10_2_2002.pdf).
- Souza, Lucas Marcelo Tomaz de. (2011). *Eu devia estar contente: a trajetória de Raul Santos Seixas*. (Dissertação de mestrado em Ciências Sociais). Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho, Marília.
- Spinak, Ernesto. (1998). Indicadores cientométricos. *Ciência da Informação*, 27(2), 141-148. Retrieved from <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/795/826>.

- Spinak, Ernesto. (2013). Os artigos em acesso aberto chegaram para ficar: em menos de 10 anos aproximam de 50% do nível mundial. *SciELO em Perspectiva*. Retrieved December, 10, 2015, from <http://blog.scielo.org/blog/2013/08/28/os-artigos-em-acesso-aberto-chegaram-para-ficar-em-menos-de-10-anos-aproximam-de-50-do-nivel-mundial/>.
- Stránský, Zbynek Z. (1980). Sobre o tema Museologia: ciência ou apenas trabalho prático? Tradução Tereza Scheiner. (2008). *Museologia e Patrimônio*, (1), 101-105. Retrieved from <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/10/5>
- Studart, Denise Coelho. (2000). *The Perceptions and Behaviour of Children and Families in Child-Orientated Museum Exhibitions*. (Tese de Doutorado em *Museum Studies*). University College London. Londres.
- Studart, Denise Coelho, Almeida, Adriana Mortara, & Valente, Maria Esther. (2003). Pesquisa de público em museus: desenvolvimento e perspectivas. In: G. Gouvêa & M. E. Marandino & M. C. Leal (Org). *Educação e museu: a construção social do caráter educativo dos museus de ciência*. (pp. 129-157). Rio de Janeiro: FAPERJ/ Ed. Access.
- Stumpf, Ida Regina Chitto. (1994). *Revistas universitárias: projetos inacabados*. (Tese de Doutorado em Ciências da Comunicação). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Suber, Peter. (2009). *Timeline of the Open Access Movement*. Retrieved August, 14, 2015, from <http://legacy.earlham.edu/~peters/fos/timeline.htm>.
- Targino, Maria das Graças. (2006). Divulgação de resultados como expressão da função social do pesquisador. In: Maria das Graças Targino. *Olhares e fragmentos: cotidiano da Biblioteconomia e Ciência da Informação* (pp. 191-213). Teresina: EDUFPI.
- Targino, Maria das Graças. (2010). Produção intelectual, produção científica e produção acadêmica: facetas de uma moeda. In: Renata Gonçalves Curty (Org.). *Produção intelectual no ambiente acadêmico*. Londrina: UEL/CIN.
- Tanus, Gabrielle Francinne de Souza Carvalho. (2013). *Cenário acadêmico-institucional dos cursos de Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia do Brasil*. (Dissertação de Mestrado em Ciência da Informação). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization. (1992). Declaração de Caracas. Relatório final do seminário *A missão dos museus na América Latina hoje: novos desafios*. Caracas, Venezuela, 16 jan.- 6 fev.

- Universidade Federal da Paraíba. Departamento de Ciência da Informação (DCI). (2010). *Projeto Político-Pedagógico do Curso de Biblioteconomia - Modalidade Bacharelado*. João Pessoa: UFPB, 2010.
- Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT). Departamento de Museologia. Apresentação do Departamento. Retrieved June, 15, 2014, from <http://www.museologia-portugal.net/apresentacao/apresentacao-departamento>.
- Valente, Maria Esther, Cazelli, Sibebe, & Alves, Fátima. (2005). Museus, ciência e educação: novos desafios. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, 12(suplemento), 183-203.
- Valente, Maria Esther Alvarez. (2014). Intercessões necessárias: História, Museologia e Museus de Ciência e Tecnologia. *Museologia & Interdisciplinaridade*, 3(5), 37-53. Retrieved November, 18, 2015, from <http://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/download/10948/7823>.
- Vaquinhas, Irene. (2013). A Museologia como campo de estudo nas universidades portuguesas: esboço de evolução, pertinência e atualidade. *MIDAS. Museus e Estudos Interdisciplinares [Online]*, (1), 1-18, 2013. Retrieved September, 10, 2013, from <http://midas.revues.org/pdf/142>.
- Varine, Hugues de. (2012). A museologia se encontra com o mundo moderno. In: José do Nascimento Junior, Alan Trampe & Paula Assunção dos Santos (Org.). *Mesa redonda sobre la importancia y el desarrollo de los museos en el mundo contemporáneo: Mesa Redonda de Santiago de Chile, 1972*. Brasília: Ibram/MinC; Programa Ibermuseos. Retrieved from [http://www.ibermuseos.org/wp-content/uploads/2014/09/Publicacion\\_Mesa\\_Redonda\\_VOL\\_I.pdf](http://www.ibermuseos.org/wp-content/uploads/2014/09/Publicacion_Mesa_Redonda_VOL_I.pdf).
- Varine, Hugues de. (2012). Conferência. In: *5º Fórum Nacional de Museus*, Petrópolis. Retrieved from <http://fnm.museus.gov.br/noticias/conferencia-com-hugues-de-varine-encerra-debates-teoricos-do-5o-fnm/>.
- Velho, Léa Maria Leme Strini. (2001). Formação de doutores no país e no exterior: estratégias alternativas ou complementares? *Dados*, 44(3), 607-631. Retrieved December, 2, 2015, from [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0011-52582001000300005](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52582001000300005).
- Velloso, Jacques, & Velho, Léa Maria Leme Strini. (2001). *Mestrandos e doutorandos no país: trajetórias de formação*. Brasília: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Retrieved from <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me001615.pdf>.
- Vogel, Michely Jabala Mamede & Kobashi, Nair Yumiko. (2015). Avaliação da Pós-Graduação no Brasil: seus critérios. In: *Anais do 16º Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação, ENANCIB*. João Pessoa:

UFPB. Retrieved from  
<http://www.ufpb.br/evento/Iti/ocs/index.php/enancib2015/enancib2015/paper/viewFile/3124/1150>.

Williams, Daryle. (1997). Sobre patronos, herois e visitantes: o Museu Nacional, 1930-1960. *Anais do Museu Histórico Nacional*, 29, 141-186. Retrieved from  
<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=mhn&pagfis=17452>.

Witter, Geraldina Porto. (1989). Pós-Graduação e produção científica: a questão de autoria. *Transinformação*, 1(1), 29-37. Retrieved from: <http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/transinfo/article/view/1698/1669>.

Witter, Geraldina (Org.). (1999). *Produção científica em psicologia e educação*. Campinas: Alínea.

Witter, Geraldina Porto. (2009). Redes sociais e sistemas de informação na formação do pesquisador. In: Dinah Aguiar Población, Rogério Mugnaini & Lúcia Maria S. V. Costa Ramos (Orgs.). *Redes Sociais e Colaborativas em Informação Científica* (pp. 169-201). São Paulo: Angellara Editora.

Ziman, John Michael. (1979). *Conhecimento público*. Belo Horizonte: Ei Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo.

# APÊNDICES

---



## APÊNDICE A

### FICHA DE SOLICITAÇÃO DE DADOS

Ao

Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/Museu de Astronomia e Ciências Afins

Coordenadora: Professora Doutora Tereza Cristina Moletta Scheiner

Eu, **Luciana Ferreira da Costa**, estudante do Programa de Doutorado em História e Filosofia da Ciência especialidade Museologia da Universidade de Évora, Portugal, encontro-me desenvolvendo tese de doutoramento intitulada *Museologia no Brasil, século XXI: atores, instituições, produção científica e estratégias* sob supervisão compartilhada da Professora Doutora Mária de Fátima Nunes (Universidade de Évora, Portugal), Professora Doutora Maria Margaret Lopes (Universidade de Brasília, Brasil) e Professora Doutora Emeide Nóbrega Duarte (Universidade Federal da Paraíba, Brasil).

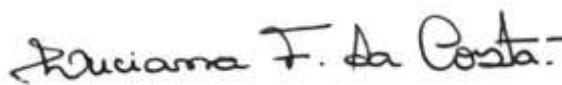
Para a continuidade da pesquisa, necessito recolher os seguintes dados:

- a) Data de criação do Mestrado e do Doutorado (documento);
- b) Nomes dos docentes que atuaram na Coordenação e na Vice-coordenação desde a criação do Mestrado até a atualidade;
- c) Nomes dos docentes que atuaram na Coordenação e na Vice-coordenação desde a criação do Doutorado até a atualidade
- d) Relação composta por nome e e-mail dos docentes vinculados ao Programa englobando-os nas categorias de docentes permanentes, colaboradores e visitantes;
- e) Quantidade de estudantes ingressantes em cada edição do Mestrado desde a sua criação;
- f) Quantidade de estudantes ingressantes em cada edição do Doutorado desde a sua criação;
- g) Quantidade de estudantes egressos em cada edição do Mestrado desde a sua criação.
- h) Quantidade de estudantes egressos em cada edição do Doutorado desde a sua criação.

Peço a gentileza de enviar o que foi solicitado para o e-mail: [lucianna.costa@yahoo.com.br](mailto:lucianna.costa@yahoo.com.br)

Antecipadamente, agradeço a sua colaboração.

Évora, 13 de julho de 2015.



**Luciana Ferreira da Costa**

Doutoranda em História e Filosofia da Ciência Especialidade Museologia  
Universidade de Évora



## APÊNDICE B

### FICHA DE SOLICITAÇÃO DE DADOS

Ao

Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia da Universidade de São Paulo

Coordenadora: Professora Doutora Marília Xavier Cury

Eu, **Luciana Ferreira da Costa**, estudante do Programa de Doutorado em História e Filosofia da Ciência especialidade Museologia da Universidade de Évora, Portugal, encontro-me desenvolvendo tese de doutoramento intitulada *Museologia no Brasil, século XXI: atores, instituições, produção científica e estratégias* sob supervisão compartilhada da Professora Doutora Mária de Fátima Nunes (Universidade de Évora, Portugal), Professora Doutora Maria Margaret Lopes (Universidade de Brasília, Brasil) e Professora Doutora Emeide Nóbrega Duarte (Universidade Federal da Paraíba, Brasil).

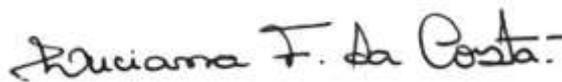
Para a continuidade da pesquisa, necessito recolher os seguintes dados:

- a) Data de criação do Mestrado (documento = regimento);
- b) Nomes dos docentes que atuaram na Coordenação e na Vice-coordenação desde a criação do Mestrado até a atualidade;
- c) Relação composta por nome dos docentes vinculados ao Mestrado englobando-os nas categorias de docentes permanentes, colaboradores e visitantes;
- d) Quantidade de estudantes ingressantes em cada edição do Mestrado desde a sua criação;
- e) Quantidade de estudantes egressos em cada edição do Mestrado desde a sua criação.

Peço a gentileza de enviar os dados solicitados, até 02/11, para o e-mail: [lucianna.costa@yahoo.com.br](mailto:lucianna.costa@yahoo.com.br)

Antecipadamente, agradeço imensamente a sua colaboração.

Évora, 13 de outubro de 2015.



**Luciana Ferreira da Costa**

Doutoranda em História e Filosofia da Ciência Especialidade Museologia  
Universidade de Évora



## APÊNDICE C

### FICHA DE SOLICITAÇÃO DE DADOS

Ao

Programa de Pós-Graduação em Museologia da Universidade Federal da Bahia

Coordenador: Professor Doutor Marcelo Nascimento Bernardo da Cunha

Eu, **Luciana Ferreira da Costa**, estudante do Programa de Doutorado em História e Filosofia da Ciência especialidade Museologia da Universidade de Évora, Portugal, encontro-me desenvolvendo tese de doutoramento intitulada *Museologia no Brasil, século XXI: atores, instituições, produção científica e estratégias* sob supervisão compartilhada da Professora Doutora Mária de Fátima Nunes (Universidade de Évora, Portugal), Professora Doutora Maria Margaret Lopes (Universidade de Brasília, Brasil) e Professora Doutora Emeide Nóbrega Duarte (Universidade Federal da Paraíba, Brasil).

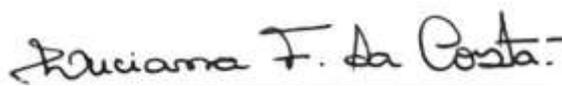
Para a continuidade da pesquisa, necessito recolher os seguintes dados:

- a) Data de criação do Mestrado (documento);
- b) Nomes dos docentes que atuaram na Coordenação e na Vice-coordenação desde a criação do Mestrado até a atualidade;
- c) Relação composta por nome e e-mail dos docentes vinculados ao Mestrado englobando-os nas categorias de docentes permanentes, colaboradores e visitantes;
- d) Quantidade de estudantes ingressantes em cada edição do Mestrado desde a sua criação;
- e) Quantidade de estudantes egressos em cada edição do Mestrado desde a sua criação.

Peço a gentileza de enviar o que foi solicitado para o e-mail: [lucianna.costa@yahoo.com.br](mailto:lucianna.costa@yahoo.com.br)

Antecipadamente, agradeço a sua colaboração.

Évora, 14 de julho de 2015.



**Luciana Ferreira da Costa**

Doutoranda em História e Filosofia da Ciência Especialidade Museologia  
Universidade de Évora



## APÊNDICE D

### DOCENTES/PESQUISADORES PERMANENTES DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM MUSEOLOGIA NO BRASIL

Programas e designação	Nomes dos docentes/pesquisadores	Vinculação institucional	
PPG-PMus UNIRIO/MAST (Total= 16)	Docente/pesquisador 1	Tereza Cristina Moletta Scheiner	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
	Docente/pesquisador 2	Marcus Granato	Museu de Astronomia e Ciências Afins
	Docente/pesquisador 3	Diana Farjalla Correia Lima	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
	Docente/pesquisador 4	Deusana Maria da Costa Machado	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
	Docente/pesquisador 5	Elizabete de Castro Mendonça	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
	Docente/pesquisador 6	Helena Cunha de Uzeda	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
	Docente/pesquisador 7	Ivan Coelho de Sá	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
	Docente/pesquisador 8	Luisa Maria Gomes de Mattos Rocha	Instituto de Pesquisa Jardim Botânico do Rio de Janeiro
	Docente/pesquisador 9	Luiz Carlos Borges	Museu de Astronomia e Ciências Afins
	Docente/pesquisador 10	Marcio Ferreira Rangel	Museu de Astronomia e Ciências Afins
	Docente/pesquisador 11	Maria Amélia Gomes de Souza Reis	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

	Docente/pesquisador 12	Maria Esther Alvarez Valente	Museu de Astronomia e Ciências Afins
	Docente/pesquisador 13	Mario de Souza Chagas	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
	Docente/pesquisador 14	Nilson Alves de Moraes	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
	Docente/pesquisador 15	Priscila Faulhaber Barbosa	Museu de Astronomia e Ciências Afins
	Docente/pesquisador 16	Sibele Cazelli	Museu de Astronomia e Ciências Afins
PPGMus USP (Total=10)	Docente/pesquisador 17	Maria Cristina Oliveira Bruno	Universidade de São Paulo
	Docente/pesquisador 18	Maria Isabel Pinto Ferreira Landim	Universidade de São Paulo
	Docente/pesquisador 19	Marilia Xavier Cury	Universidade de São Paulo
	Docente/pesquisador 20	Paulo Cesar Garcez Marins	Universidade de São Paulo
	Docente/pesquisador 21	Ana Gonçalves Magalhães	Universidade de São Paulo
	Docente/pesquisador 22	Camilo de Mello Vasconcellos	Universidade de São Paulo
	Docente/pesquisador 23	Heloisa Maria Silveira Barbuy	Universidade de São Paulo
	Docente/pesquisador 24	Helouise Lima Costa	Universidade de São Paulo
	Docente/pesquisador 25	José Luiz de Moraes	Universidade de São Paulo
	Docente/pesquisador 26	Maria Cristina Machado Freire	Universidade de São Paulo

PPGMuseu UFBA (Total= 11)	Docente/pesquisador 27	Joseania Miranda Freitas	Universidade Federal da Bahia
	Docente/pesquisador 28	Marcelo Nascimento Bernardo da Cunha	Universidade Federal da Bahia
	Docente/pesquisador 29	Maria das Graças de Souza Teixeira	Universidade Federal da Bahia
	Docente/pesquisador 30	Eugênio de Ávila Lins	Universidade Federal da Bahia
	Docente/pesquisador 31	Gilson Magno dos Santos	Universidade Federal da Bahia
	Docente/pesquisador 32	Heloísa Helena Fernandes Gonçalves da Costa	Universidade Federal da Bahia
	Docente/pesquisador 33	José Cláudio Alves de Oliveira	Universidade Federal da Bahia
	Docente/pesquisador 34	Luiz Alberto Ribeiro Freire	Universidade Federal da Bahia
	Docente/pesquisador 35	Rita de Cássia Maia da Silva	Universidade Federal da Bahia
	Docente/pesquisador 36	Sidélia Santos Teixeira	Universidade Federal da Bahia
	Docente/pesquisador 37	Suely Moraes Cerávolo	Universidade Federal da Bahia



## APÊNDICE E

### RELAÇÃO DE ARTIGOS DE PERIÓDICOS CIENTÍFICOS DE ACESSO ABERTO DOS DOCENTES/PESQUISADORES DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM MUSEOLOGIA NO BRASIL PERÍODO 2006 A 2016

Ano	Título do Artigo	Programa	Instituição
2006	Estudo sobre a conservação de instrumentos científicos históricos no Museu de Astronomia e Ciências afins – MAST	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	Conversando com e sobre Bourdieu: museu e poder simbólico	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	Os diferentes tipos de capital mobilizados no contexto escolar e o acesso dos jovens a museus	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	Museologia e museus: os inevitáveis caminhos entrelaçados	PPGMus	USP
	Comunicação museológica em museu universitário: pesquisa e aplicação no MAE/USP	PPGMus	USP
	Para saber o que o público pensa sobre arqueologia	PPGMus	USP
	As roupas de crioula no século XIX e o traje de beca na contemporaneidade: uma análise museológica	PPGMuseu	UFBA
	Cibershistória	PPGMuseu	UFBA
2007	Restauração do círculo meridiano de Gautier e reabilitação do pavilhão correspondente - Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	Estudos sobre a corrosão do latão em ambiente interno de um museu em país tropical	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	Utilização de Veículos Alternativos de Comunicação para a Difusão do Conhecimento Paleontológico	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	Hábitos de Vida dos Gastropoda e Bellerophontida da Formação Maecuru, Devoniano Médio, Bacia do Amazonas, Brasil	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	Hábitos de Vida da Associação “ <i>Schuchertella</i> ” <i>agassizi</i> – <i>Pthychoptera eschwegei</i> , Formação Maecuru, Devoniano, Bacia do Amazonas, Brasil	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	A Contribuição dos Museus para a Institucionalização e Difusão da Paleontologia	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	História e memória do Curso de Museologia: do MHN à UNIRIO	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	Memory and power: two movements	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	Comunicação e saúde: entre sentidos, interesses e estratégias	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	O ritual e seus duplos: fronteira, ritual e papel das máscaras na festa da moça nova Ticuna	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	Interpretando os artefatos rituais Ticuna	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	Interrogando as teorias sobre o arco-íris	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	Nas matas com pose de reis: a representação de bandeirantes e a tradição da retratística monárquica europeia	PPGMus	USP
Ticiano, Manet, Degas: notas sobre o nu feminino na pintura	PPGMus	USP	

	Obras primas do patrimônio oral e imaterial da humanidade: o carnaval Barranquilla e o Palenque de São Basílio (Colômbia) e o samba de roda do Recôncavo baiano (Brasil)	PPGMuseu	UFBA
	O museu digital: uma metáfora do concreto ao digital	PPGMuseu	UFBA
	O museu na era do ciberespaço	PPGMuseu	UFBA
	Semiologia dos ex-votos na Bahia: Arte, Simbolismo e Comunicação Religiosa	PPGMuseu	UFBA
	O prazer da militância: a estética da negritude Ilê	PPGMuseu	UFBA
	Apontamentos sobre José Antônio do Prado Valladares: um homem de museu	PPGMuseu	UFBA
2008	O Museu, o retrato, a palavra e o mito	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	El mundo en las manos: museos y museología en la sociedad globalizada	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	Patrimônio, conservação e comunicação Interferências da arquitetura do espaço tombado e da conservação do patrimônio exposto na concepção e montagem de exposição temporária no MAST	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	Relato de experiência: o tratamento e a organização do acervo documental do Núcleo de Memória da Museologia no Brasil, Rio de Janeiro	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	Herança cultural (re)interpretada ou a memória social e a instituição museu: releitura e reflexões	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	Discurso religioso e patrimônio intangível guarani mbyá	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	Cosmology: an Intangible Heritage Exhibition and Educational Programme at the Museum of Astronomy, Rio de Janeiro	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	A vida social da diligência Mazeppa	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	Olhares histórico-comparativos sobre dois institutos de pesquisa na Amazônia (Brasil e Colômbia)	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	Etnografia na Amazônia e Tradução Cultural: comparando Constant Tastevin e Curt Nimuendaju	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	Reflexões sobre a importância pública das exposições antropológicas	PPGMus	USP
	A questão indígena e a ação educativa no MAE-USP	PPGMus	USP
	Da fotografia como arte à arte como fotografia: a experiência do Museu de Arte Contemporânea da USP na década de 1970	PPGMus	USP
	Teatros de memória, palcos de esquecimentos: culturas africanas e das diásporas negras em exposições museológicas	PPGMuseu	UFBA
	Bom Jesus da Lapa: três Romarias, um patrimônio e muita fé	PPGMuseu	UFBA
Vitoriano dos Anjos Figueiroa, o altar-mor da Sé de Campinas e a tradição retablistica baiana	PPGMuseu	UFBA	
2009	From fragments to a museum display: restoration of a Gautier meridian circle	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	Academias de modelo vivo: terminologia e tipologia	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	Para uma pedagogia do museu: algumas reflexões	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST

	Museus de Ciência e Tecnologia no Brasil: uma "Reunião de Família" na Mesa Redonda de Santiago do Chile em 1972	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	Imagens do museu: percepção de estudantes do 6º ao 9º ano do ensino fundamental do Estado do Rio de Janeiro	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	Integração e identidades culturais na América Latina	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	Políticas públicas, políticas culturais e museu no Brasil	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	Os cuidados de enfermagem ao cliente com HIV/AIDS em um hospital universitário na década de 1980	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	Um centro de documentação do patrimônio arquitetônico	PPGMuseu	UFBA
	Formação em Museologia: o caso da Bahia	PPGMuseu	UFBA
2010	A chama interna: Museu e patrimônio na diversidade e na identificação	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	Museu, poder simbólico e diversidade cultural	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	O cientista, o museu e a lagarta Costa lima e o serviço de combate à lagarta rósea do museu nacional	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	Desire for memory, desire for museums: the experience of the Memory Hotspots	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	Museums, memories and social movements	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	Museus e Público Jovem: percepções e receptividades	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	Repensando a historicidade discursiva no exame das trajetórias políticas de dois líderes nacionalistas da Colômbia	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	O que precisa ter um futuro professor em seu curso De formação para vir a ser um profissional de educação em museus	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	Os efeitos das diferentes formas de capital no desempenho escolar: um estudo à luz de Bourdieu e de Coleman	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	Las raices africanas del carnaval de Barranquilla	PPGMuseu	UFBA
	A exposição museológica como estratégia comunicacional: o tratamento museológico da herança patrimonial	PPGMuseu	UFBA
	A talha da Bahia do Século XVIII	PPGMuseu	UFBA
História e culturas indígenas na escola: museu e ação cultural	PPGMuseu	UFBA	
2011	A Conservação de Objetos de C&T: Análise e discussão das práticas utilizadas no Memorial Carlos Chagas Filho	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	A Restauração na Trajetória de um Teodolito do Acervo do MAST	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	Reflexões sobre o Patrimônio Cultural da Ciência e Tecnologia na Atualidade	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	Informação especial no museu --- acessibilidade: a Inclusão social da pessoa com deficiência visual	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	Navio---museu Bauru e Informação: Trajetória Histórica e Musealização sob o foco da Documentação Museológica	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	A synoptical classification of the bivalvia	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	Os limites de fruição nas exposições de arte: padrão dos espaços de observação das obras nas galerias	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	Museu como espaço de interpretação e de disciplinarização de sentidos	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	A cidade, o museu e a coleção	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	A poética das casas museus de heróis populares	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST

	'Ambientalização dos conflitos', indigenismo e lutas sociais no Médio Solimões: As terras indígenas e o projeto Mamirauá	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	O Instituto de Antropologia Social (EUA, Brasil e México): um artefato da resposta antropológica ao "esforço de guerra"	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	Em busca da experiência turística no Museu de Artes e Ofícios de Belo Horizonte	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo: adaptação aos novos tempos	PPGMus	USP
	Museu e memória. Que memórias? Que museu?	PPGMus	USP
	O Museu do Estado da Bahia: entre ideias e realidades (1918 a 1959)	PPGMuseu	UFBA
2012	Qual o discurso privilegiado nos jardins botânicos? Tensões e aproximações entre linguagem científica e linguagem leiga	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	As contribuições da museologia para a preservação e musealização do Parque Nacional da Tijuca	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	Repensando o Museu Integral: do conceito às práticas	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	Interdisciplinaridade e Preservação: a caracterização microanalítica dos ornatos e da escultura da Águia da cobertura de cobre do Theatro Municipal do Rio de Janeiro	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	The historical instruments from Valongo Observatory, Federal University of Rio de Janeiro	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	La Restauration d'Objects 'hors Normes'	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	Proposta de Musealização in situ das Estruturas Arqueológicas do Convento de Santa Teresa, uma Experiência de Cooperação Interdisciplinar	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	Museu Através do Toque: a Inclusão Social da Pessoa com Deficiência Visual	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	Fraseologia Oiticiana Desvenda O Labirinto: Categorias Documentais De Hélio Oiticica Aplicadas À Sua Produção Artística	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	Museologia-Museu e Patrimônio, Patrimonialização e Musealização: ambiência de comunhão	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	Tafocenoses da Formação Pimenteira, Devoniano da Bacia do Parnaíba, Piauí: Mapeamento, Inventário e Relevância Patrimonial	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	Uma Ferramenta para Compreender a Apropriação do Patrimônio Geológico pela Sociedade: Um Estudo Sobre o Morro do Corcovado/ Rio de Janeiro	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	Documentar e musealizar: proposta para o patrimônio arqueológico do museu de Arqueologia de Xingó (MAX/UFS)	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	Narrativa sobre arte popular: estudo de caso sobre tesouro e exposições permanentes elaboradas pelo Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	A Lei Federal 10.639/03 e o museu afro-brasileiro de Sergipe (MABS)	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	Subsídios para a história da preservação no Brasil: a formação em conservação-restauração no Curso de Museologia da UNIRIO	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	Delimitando as fronteiras: a musealização da botânica	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
O museu do Marajó entre pajelança e memórias	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST	

	Ciência, imaginário e civilização em Couto de Magalhães	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	Percurso simbólicos de objetos culturais: coleta, exposição e a metáfora do balcão	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	Museologia e patrimônio: encontros e desencontros	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	O patrimônio cultural científico e tecnológico brasileiro e a importância de políticas públicas para sua preservação	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	The production of the <i>Handbook of South American Indians Vol 3 (1936-1948)</i>	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	Museologia, comunicação museológica e narrativa indígena: A experiência do Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuíre	PPGMus	USP
	A narrativa de arte moderna no Brasil e as coleções Matarazzo, MAC USP	PPGMus	USP
	Museologia e patrimônio nas cidades contemporâneas: uma tese sobre gestão de cidades sob a ótica da preservação da cultura e da memória	PPGMuseu	UFBA
	O Museu e a sua arquitetura no mundo globalizado: entre informação e virtualidade	PPGMuseu	UFBA
	Patrimônio e mulheres: o caso da Escola de Enfermagem da UFBA	PPGMuseu	UFBA
2013	Museu, Museologia e a Relação Específica: considerações sobre os fundamentos teóricos do campo museal	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	Preservação do Patrimônio Cultural de Ciência e Tecnologia: uma parceria luso-brasileira entre o Museu Nacional de História Natural e da Ciência (Portugal) e o Museu de Astronomia e Ciências Afins (Brasil)	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	Teorias da conservação e desafios relacionados aos acervos científicos	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	Musealização: um juízo/uma atitude do campo da museologia integrando musealidade e museália	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	Museologia, campo disciplinar da musealização e fundamentos de inflexão simbólica: 'tematizando' Bourdieu para um convite à reflexão	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	A César o que é de César: o patrimônio arqueológico nas Organizações formais do Brasil	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	As matrizes francesas e origens comuns no Brasil dos cursos de formação em arquivologia, biblioteconomia e museologia	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	Língua, museu e discurso: entremeios e descaminhos de uma exposição no Museu da Língua Portuguesa	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	Relações político-culturais entre Brasil e Europa: o manto Tupinambá e a questão da repatriação	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	O cientista, o museu e a lagarta: Costa Lima e o serviço de combate à lagarta rósea do Museu Nacional	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	A museologia no mundo contemporâneo	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	Tecendo relações entre as Reflexões de Paulo Freire e a Mesa---Redonda de Santiago do Chile, 1972	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	O programa educativo do museu de astronomia e ciências afins	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
Museu e patrimônio: políticas e conhecimento	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST	

	Conexões internacionais na produção da etnografia de Nimuendajú	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	Motivação para o aprendizado em escolas públicas no Rio de Janeiro	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	Proposta para a avaliação da prática Pedagógica de professores	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	Computer Skills and Digital Media Uses among Young Students in Rio de Janeiro	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	Educação em museus: panorama, dilemas e algumas ponderações	PPGMus	USP
	Patrimonio, memoria y educación: una vision museológica	PPGMus	USP
	A capoeira dos mestres pastinha, Bimba e Cobrinha Verde no acervo do MAFRO/UFBA	PPGMuseu	UFBA
	Memorias afro-descendientes y la museística: algunas reflexiones	PPGMuseu	UFBA
	A coleção capoeira do MAFRO/UFBA: os mestres pastinha Bimba e Cobrinha Verde e a Documentação	PPGMuseu	UFBA
	O museu como agente de transformação: a inclusão cultural	PPGMuseu	UFBA
	O ex-voto como <i>media</i> folkcomunicacional	PPGMuseu	UFBA
2014	A teoria museológica em exposição: o caminho do Museu	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	Valorização do patrimônio científico e tecnológico brasileiro: descobrindo conjuntos de objetos de C&T pelo Brasil	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	Objetos de educação em ciências: um patrimônio a ser preservado	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	Museu e cidade: travessias na Arena simbólico-política	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	O intelectual museu às voltas com seus oximoros	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	Interseções necessárias: história, Museologia e museus de ciências e Tecnologia	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	Museologia social em movimento	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	Museu, patrimônio e cidade: camadas de sentido em Paraty	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	Cinema documentário, política de boa vizinhança e a construção de uma imagem do Brasil na década de 1940	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	Ampliando audiências: por um museu menos excludente	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	Museologia e conhecimento, conhecimento museológico - Uma perspectiva dentre muitas	PPGMus	USP
	A exposição como múltiplo: lições de uma mostra norte-americana em São Paulo, 1947	PPGMus	USP
	A cidade e o estrangeiro – Isidoro Valcárcel Medina em São Paulo	PPGMus	USP
	Reflexões sobre a exposição temporária do AFRO/UFBA – Exu: outras faces	PPGMuseu	UFBA
	Cartas ex-votivas: histórias de vidas, memórias social e comunicação	PPGMuseu	UFBA
	Para além dos muros: os acervos dos museus no ciberespaço	PPGMuseu	UFBA
Ex-votos pictóricos: tradição e permanência de Portugal ao Brasil	PPGMuseu	UFBA	
2015	El evento 'Museu': aportes sobre el campo teórico de la Museología	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST

	Bulding the timeline of the Bamberg Elbow Transit Telescope from the MAST	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	Museus e projetos culturais: um estudo sobre a aderência de indicadores de desempenho à função social da instituição	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	Fundamentos de um campo disciplinar: perspectivas sobre o desenvolvimento da teoria da museologia no âmbito dos cursos de graduação da UNIRIO	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	Programa nacional de patrimônio imaterial e museu: apontamentos sobre estratégias de articulações entre processos de patrimonialização e de musealização	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	Lygia Martins Costa: narrativa sobre suas contribuições à museologia e ao patrimônio	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	Patrimônio meio ambiente e Museologia de relações: reflexões sobre um patrimônio no devir	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	Sex education as a transversal subject	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	A sexualidade como patrimônio pessoal e cultural: uma porta aberta por marabá de amoedo na perspectiva do museu como espaço educativo e intercultural	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	Inclusão social e a audiência estimulada em um museu de ciência	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	A musealização do setor elétrico em São Paulo: construção de perspectivas para as usinas hidrelétricas	PPGMus	USP
	Museus em conexões - Reflexões sobre uma proposta de exposição	PPGMus	USP
	A Bienal de São Paulo, o debate artístico dos anos 1950 e a constituição do primeiro Museu de Arte Moderna do Brasil	PPGMus	USP
	O imaginário sobre o indígena: uma experiência de aprendizagem significativa no Museu de Arqueologia e Etnologia da USP	PPGMus	USP
	Memórias afro-diaspóricas em diferentes territórios caribenhos y latino-americanos en las perspectivas de Manuel Raimundo Querino y Manuel Zapata Olivella	PPGMuseu	UFBA
	Cemitério Do Campo Santo: Memória, História e Museu a Céu Aberto	PPGMuseu	UFBA
	Do museu casa ao ecomuseu: aproximações e distanciamentos na sociedade e no turismo	PPGMuseu	UFBA
	Análise dos ex-votos das Américas a partir do discurso e da sua representação para os estudos da memória social e da folkcomunicação	PPGMuseu	UFBA
	Seleção de coleções de livros digitais nas universidades públicas brasileiras	PPGMuseu	UFBA
	Reverberações do Projeto de Valorização do Patrimônio Científico e Tecnologia Brasileiro na Bahia: a coleção do Laboratório de Geomensura Theodoro Sampaio (2011-2014)	PPGMuseu	UFBA
	Bahia ameaçada: a visão de patrimônio arquitetônico de José Valladares (1958-1959)	PPGMuseu	UFBA
2016	Museus e redes de sociabilidade - poder e conflito no museu do Marajó Pe. Giovanni Gallo	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST
	Formação de mediadores em museus de ciência: saberes e práticas	PPG-PMUS	UNIRIO/MAST

	Museu Casa Guilherme de Almeida e os Modernismos no Brasil	PPGMus	USP
	Novos patrimônios, um novo Brasil? Um balanço das políticas patrimoniais federais após a década de 1980	PPGMus	USP
	Exposições itinerantes de animais selvagens em São Paulo, no Século XIX	PPGMus	USP
	A importância da opinião pública dos visitantes em Ambientes Museológicos: Museu Afro-Brasileiro	PPGMuseu	UFBA
	A Informação e o discurso das cartas e bilhetes ex-votivos: uma análise folkcomunicacional	PPGMuseu	UFBA
	Do ritual à folkcomunicação: a interculturalidade no pagamento de promessas	PPGMuseu	UFBA

**APÊNDICE F**

**RELAÇÃO DE DISSERTAÇÕES DE MESTRADO E  
TESES DE DOUTORADO DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
STRICTO SENSU EM MUSEOLOGIA NO BRASIL**

<b>PPGMUS UNIRIO/MAST</b>				
<b>Orientador Docente/ Pesquisador</b>	<b>Título do Trabalho Orientado</b>	<b>Dissertação de Mestrado</b>	<b>Tese de Doutorado</b>	<b>Ano de Conclusão/ Situação</b>
DP1	Ecomuseu Ilha Grande: (re)pensando conceitos, práticas e dinâmicas de um território musealizado		X	Em andamento
	A museografia expositiva nos museus-casa e casas históricas: linguagem e interpretação		X	Em andamento
	A cidade de Paraty como patrimônio integral: as influências de seu tombamento e da atuação da comunidade local na valorização e conservação de suas representações culturais		X	Em andamento
	Comunicando o espírito do lugar: articulações entre patrimônios no espaço edificado		X	Em andamento
	Fiando as redes entre o Museu da Vida e as comunidades locais: ações para o desenvolvimento emancipatório		X	Em andamento
	Economia do intangível: um estudo sobre potencial de economia criativa nos museus do estado de Santa Catarina		X	Em andamento
	Ecomuseus, da teoria as práticas de musealização: o caso do Ecomuseu do Quarteirão Cultural do Matadouro de Santa Cruz	X		Em andamento
	O uso dos recursos expográficos em exposições históricas	X		Em andamento
	Do Museu à Museologia: constituição e consolidação de uma disciplina		X	2017
	A Estratégia Museológica a partir da representação de um Departamento de Museologia no Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais	X		2017
	Museu como lugar específico: perspectivas para o século XXI. O caso das exposições Unilever Series e Monumenta	X		2016
	O fenômeno Gatekeeper: Museologia, compartilhamento e conectividade híbrida na sociedade global.	X		2016
	O modo expositivo dos museus de Natureza. Análise comparativa entre a exposição da coleção viva de flora do Parque Zoológico do Museu Paraense Emilio Goeldi e a representação da Região Amazônica do Jardim Botânico do Rio de Janeiro		X	2015
	Em busca do objeto filosófico da Museologia - Patrimoniologia: alguma reflexão		X	2015
	O valor que o Ver-o-Peso tem	X		2014
Jardim Zoológico do Rio de Janeiro: desafios para a aplicação do conceito de Museu aos espaços de exposição de organismos vivos	X		2013	

	Contribuições da Museologia para a Preservação e Musealização do Parque Nacional da Tijuca	X		2012
	Design da Experiência em Museus de Botânica	X		2011
	O Museu da Paz	X		2010
	Navegando no Museu Virtual: um olhar sobre formas criativas de manifestação do fenômeno Museu	X		2010
	Museu e Ato Criativo	X		2009
	O objeto da Museologia: a via conceitual aberta por Zbynek Zbyslav Stránský	X		2008
	O Museu como Vereda Fértil: a museologia no Museu de Arte Contemporânea	X		2008
	Em direção à Museologia latino-americana: o papel do ICOFOM LAM no fortalecimento da Museologia como campo disciplinar	X		2008
	Quando o Museu abre portas e janelas: o reencontro com o humano no Museu contemporâneo	X		2008
DP2	Spacemaster, o planetário do Brasil: ciência, café com açúcar	X		Em andamento
	Patrimônio militar no Rio de Janeiro	X		Em andamento
	Patrimônios possíveis: a colonialidade do saber no campo do patrimônio		X	Em andamento
	A (I)Materialidade das Coisas: o papel da conservação e restauro nas iniciativas museológicas para a preservação de objetos etnográficos de natureza sensível		X	Em andamento
	A coleção de paleoinvertebrados do Museu Nacional do Rio de Janeiro - formação, trajetória e utilização em contexto museológico		X	Em andamento
	Entre objetos e instituições: trajetória e constituição das coleções de objetos de C&T das Engenharias em Pernambuco		X	Em andamento
	Patrimônio cultural científico e tecnológico universitário no Brasil		X	Em andamento
	O Patrimônio de C&T no âmbito do patrimônio universitário brasileiro: os equipamentos do acordo MEC/Leste europeu na UFRJ e o conjunto de Astrometria do Observatório do Valongo		X	Em andamento
	Subjetividade e Objetividade: as decisões nos processos de conservação e restauração dos bens culturais.		X	2017
	O Preserve e os Museus: análise da preservação do patrimônio ferroviário musealizado brasileiro	X		2017
	Conservação/restauração da Luneta Meridiana Acotovelada Bamberg, Acervo MAST	X		2017
	Entre a Ciência e o Patrimônio. A aplicação de procedimentos analíticos na preservação de acervos metálicos de ciência e tecnologia	X		2017
	A documentação de acervos de Ciência e Tecnologia como objeto de museu: definindo especificidades a partir do caso do Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST)		X	2016
	O processo de institucionalização do Museu do Instituto Benjamin Constant: presenças e ausências		X	2015

	Preservação do patrimônio cultural e científico brasileiro: identificação, análise, avaliação e estudo de bens tombados	X		2015
	Encontro entre a Sociedade e o Patrimônio de Ciência e Tecnologia: preservação de objetos de ciência e tecnologia nos museus da cidade do Rio de Janeiro	X		2014
	Patrimônio arquivístico em Museus: reflexões sobre seleção e priorização em conservação-restauração de documentos em suporte papel	X		2013
	A patrimonialização de remanescentes do processo de industrialização: o legado da Cia. Nacional de Álcalis	X		2012
	Preservação de plantas arquitetônicas: identificação e conservação de cianótipos	X		2011
	A trajetória da formação da Coleção de Objetos de C&T do Observatório do Valongo	X		2011
	Patrimônio Aeronáutico: presenças e ausências no Museu Aeropacial brasileiro	X		2009
	A patrimonialização de material genético brasileiro: o estudo de caso da coleção de fungos filamentosos do IOC	X		2008
DP3	Plano Museológico: termos e conceitos	X		Em andamento
	Desafios das coleções de imagem e som: a preservação frente às novas tecnologias	X		Em andamento
	O fenômeno das expansões: articulação entre museu, arquitetura e cidade a partir de três estudos de caso	X		Em andamento
	Musealização da Casa 4 - 44. Bogotá D.C. - Colômbia		X	Em andamento
	Instituto de Física (IF) da Universidade Federal do Rio de Janeiro, (UFRJ): um espaço real na história da física no Brasil e sua musealização em ambiente virtual		X	Em andamento
	Museu de História ou Museu Histórico: análise das interpretações segundo os campos da Museologia e da História		X	Em andamento
	Itú entre as ideias preservacionista e desenvolvimentista: da disputa patrimonial e turística à construção de uma imagem cultural ituana como Cidade-Museu		X	Em andamento
	Ex-votos do Museu Vivo do Padre Cícero e Musealização: modelando a Informação Museológica do bem material integrando a presença intangível, simbólica, da memória coletiva.		X	2017
	Museologia: a produção do campo como representação do conhecimento científico		X	2017
	Musealização e ordenamento jurídico dos museus no Brasil: Missão e Função (conceito e prática) no Museu Nacional (séculos XIX e XX)	X		2017
Visitante cego no Museu Nacional do Prado, obra de arte figurativa bidimensional e acessibilidade: Informação em Arte e Comunicação por meio da áudio-descrição e do relevo háptico na exposição Hoy toca el Prado		X	2016	

	Cine Palácio- Documento Cinematográfico e Patrimônio Arquitetônico no Museu de Percurso Lugar de Memória Cinelândia / Entorno	X		2016
	As cartas entre Oneyda Alvarenga e Mário de Andrade enquanto patrimônio documental e objeto museal: que poesia é essa?	X		2016
	Termo/Conceito Museólogo: identificando e definindo sua atuação em coleções de artistas plásticos contemporâneos	X		2013
	Um artista desvenda o 'Labirinto': a fraseologia documental de Hélio Oiticica aplicada à sua produção	X		2012
	A Cidade Paulista de Itu - Perspectivas Relacionadas à Patrimonialização e à Musealização	X		2012
	Patrimônio Histórico da Marinha sob o Olhar Museológico: o Navio-Museu Bauru	X		2011
	Dedos de ver: informação especial no Museu e a inclusão social da pessoa com deficiência	X		2011
	Museu Imperial, metodologias de Conservação e Restauração aplicadas às Coleções: uma narrativa Obs.: participação como coorientadora da dissertação	X		2011
DP4	As coleções científicas da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro e o seu Patrimônio		X	Em andamento
	A divulgação do conhecimento paleontológico no Brasil: o museu e a comunicação de acervos fossilíferos		X	Em andamento
	Serrinha (Pacujá-CE): valor patrimonial, Musealização e Conservação	X		2016
	Patrimônio arqueológico e museus: a coleção Balbino de Freitas e o Museu Nacional.	X		2012
	Geoconservação e musealização: a aproximação entre duas visões de mundo	X		2009
	Coleção de paleontologia do Museu de Ciências da Terra/DNPM-RJ: patrimônio da paleontologia brasileira	X		2009
	Serviços Geológicos (Geological Surveys) e coleções científicas brasileiras dentro do contexto da História das Geociências: a atuação do Serviço Geológico Brasileiro através da Coleção de Paleontologia do Museu de Ciências da Terra DNPM/RJ	X		2007
DP5	Musealizando hierofanias: processos de musealização de referências culturais vinculadas a experiências religiosas	X		Em andamento
	O processo de Musealização no Museu do Samba: desafios e perspectivas de articulação com o processo de Patrimonialização	X		Em andamento
	De sistemas defensivos à espaços musealizáveis: as fortificações enquanto testemunhos de identidades e lugares de memória?	X		Em andamento
	Patrimônio arqueológico e endosso institucional: estudo de caso sobre o processo e os desafios na gestão de coleção sob a tutela da Universidade Federal de Sergipe (UFS)		X	Em andamento

	Cinema, Patrimônio e Museu: um estudo sobre o processo de musealização de filmes pelo Museu da Imagem e do Som de Belo Horizonte	X		2017
	O Museu de São Benedito: musealização como parte de uma política preservacionista do patrimônio	X		2015
DP6	A coleção do pintor de Martino do Museu Naval do Rio de Janeiro	X		Em andamento
	Museu Casa De Rui Barbosa: Interpretação, Memória e Esquecimento	X		2016
	A comunicação expositiva do Museu de Paleontologia da Universidade Regional do Cariri: encontros e desencontros	X		2016
	A patrimonialização e suas novas perspectivas: a utilização do acervo do Museu de arte sacra de Paraty pela comunidade durante as festas e procissões	X		2015
DP7	O impacto das bolsas de estudos portuguesas na formação profissional em Museologia no Brasil (1964-1973): a experiência de Maria Augusta Machad	X		Em andamento
	História e Cultura Afro-brasileira na Museologia: uma trajetória a partir do Curso de Museus do Museu Histórico Nacional (1932-1978)	X		Em andamento
	Novo horizonte no Curso de Museologia da UNIRIO: as transformações da década de 1970	X		Em andamento
	O processo de regulamentação da profissão de museólogo no Brasil: construção e delimitações do campo de atuação profissional.	X		Em andamento
	A coleção Sophia Jobim do Museu Histórico Nacional: gênero e indumentária		X	Em andamento
	Um olhar sobre a conservação de arte contemporânea brasileira do Museu Nacional de Belas Artes		X	Em andamento
	O Curso de Especialização em Conservação de Bens Culturais Móveis da Escola de Belas Artes da UFRJ (1988-1998): a formação do conservador		X	Em andamento
	O Ensino de Preservação-Conservação no Curso de Museologia da UNIRIO de 1932 até a atualidade	X		2015
	A Reforma Curricular do Curso de Museus em 1944. Transformações no Campo da Museologia e dos Museus no Brasil da década de 1940	X		2014
	Instalações permanentes: o outro espaço museológico no Museu do Açude	X		2014
	Museus Parque de Arte Contemporânea: estudo comparativo entre o Instituto Inhotim (Grande Belo Horizonte) e a Fundação Serralves (Porto)		X	2012
	Arte Moderna/Contemporânea: da aquisição aos espaços expositivos - um olhar contemporânea sobre a preservação do acervo de arte brasileira do MNBA	X		2012
	Museus, Projetos e Campo de Possibilidades: uma reflexão sobre as trajetórias de Aloísio Magalhães e Aécio de Oliveira	X		2011
Museu Imperial, metodologia de conservação e restauração aplicada às coleções: uma narrativa	X		2011	

	O mesmo e o outro: um estudo sobre o colecionismo de Música Popular Brasileira no Ceará	X		2010
	Curso de Museus-MHN: perfil do aluno e atuação profissional	X		2007
DP8	Histórias em Quadrinhos em foco no Brasil: diferentes olhares sobre suas interpretações e valores sob uma perspectiva museológica	X		Em andamento
	100 anos do Rio Yacht Club: A construção de uma coleção museológica	X		Em andamento
	Preservação de acervos museológicos constituídos por formatos digitais: um estudo de caso sobre o Museu da Pessoa	X		Em andamento
	Pedra do Sal: Patrimônio cultural/ museu	X		2016
	O olhar da Museologia para as coleções biológicas: estudo de caso da Coleção Entomológica do Instituto Oswaldo Cruz	X		2015
	Coleção etnográfica Loreto-Paranaíba-Scholler: a trajetória e as lacunas informacionais de uma coleção expatriada	X		2014
	Um passeio pela Chácara da Hera: do quintal da família Teixeira Leite ao jardim do museu como espaço museológico relacional	X		2014
	Considerações sobre o movimento (neo)fanfarrista carioca	X		Em andamento
DP9	Entre relíquias e quinquilharias: patrimônio cultural, memórias urbanas e a questão da legitimidade na apropriação do espaço público: o caso da feira de Antiguidades da Praça VX, Rio de Janeiro.		X	Em andamento
	Museus e redes de sociabilidade: Poder e conflito no Museu do Marajó Pe. Giovanni Gallo		X	Em andamento
	Do mito da Índio Uaraci à palmeira que dá brinquedo: narrativas de um grupo de artesãos de Abaetetuba		X	2016
	As faces e as festas: patrimônio cultural e a Festa do Divino em São Bartolomeu-MG.	X		2015
	A situação na área de proteção ambiental da floresta da Tijuca, seu entorno e questões patrimoniais.		X	2014
	A patrimonialização do imaterial: um estudo de caso do samba carioca	X		2013
	Gestão da Conservação do Patrimônio Cultural no Centro Histórico de Manaus: 1997- 2009	X		2013
	Curandeiros e pajés numa leitura museológica: o Museu do Marajó Pe. Giovanni Gallo PA	X		2012
	Itinerários e discursos no acervo do Instituto de Antropologia da Universidade do Ceará (1958-1968): a Coleção Arthur Ramos como discurso	X		2012
	A invenção do patrimônio histórico musealizado no Bairro da Cidade Velha de Belém do Pará, 1994-2008	X		2009
	A cartografia no Exército Brasileiro: um olhar sobre a construção das narrativas de patrimônio nacional	X		2009
DP10	A Coleção de Arte do Banerj: formação e desenvolvimento	X		Em andamento

	Entre pactos federativos e a formulação de um sistema nacional de patrimônio cultural: caminhos da preservação no Brasil nas décadas de 1990 e 2000.		X	Em andamento
	Trajétórias da Política Nacional de Museus: uma cartografia possível		X	Em andamento
	Das pobres colônias ricas à rica metrópole pobre: a contribuição do colonialismo português para a formação das coleções zoológicas vivas em Portugal		X	Em andamento
	Arte dos quatro cantos do mundo: a coleção do poeta e o processo contínuo de formação do acervo do Museu de Arte Murilo Mendes	X		2015
	De Estação de Muda a Museu: o surgimento do Museu Rodoviário de Paraibuna e a Formação da Coleção Museológica	X		2015
	Museu Municipal: lugar de memória e identidade. O Museu de Carangola - MG	X		2015
	A Coleção de Minerais e Rochas da Escola Nacional de Engenharia: formação e trajetória	X		2015
	Um olhar sobre a política de aquisição: o século XXI nas coleções do Museu Histórico Nacional.	X		2014
	Coleção IEN: patrimônio da ciência e tecnologia	X		2014
	O Patrimônio de Ciência e Tecnologia da Universidade Federal de Juiz de Fora: concepção museológica das coleções	X		2013
	De Estação de Muda a Museu: o surgimento do Museu Rodoviário de Paraibuna	X		2013
	Os litígios do patrimônio: o Centro Nacional de Referência Cultural e o discurso de hegemonia cultural do Governo Militar (1975- 1982).	X		2012
	A coleção museológica do Instituto de Engenharia Nuclear: patrimônio da ciência brasileira	X		2012
	Museus Castro Maya: de coleção privada a museu público	X		2012
DP11	Educação no Museu Fundamentos Teórico-poéticos para Acervos Arqueológicos	X		Em andamento
	Inclusão em museus: conceitos, trajetórias e práticas		X	Em andamento
	Museologia e Patrimônio		X	Em andamento
	O corpo como patrimônio pessoal, cultural e social à luz da museologia e da memória		X	Em andamento
	Museus Escolares: experiências de pesquisa, preservação e comunicação da cultura material e memória escolar no Brasil		X	Em andamento
	Museus escolares no Brasil: do recurso de ensino ao patrimônio e a museologia		X	2016
	Do outro lado do espelho: fundamentos teórico-poéticos para o Museu de Arqueologia Museu do Homem Americano	X		2016
	O Corpo Mestiço em Marabá como patrimônio musealizado: sexualidade, interculturalidade e educação		X	2015

	O fazer museológico e a educação no museu: musealidade e dimensão pedagógica nas ações do Museu de Arte Religiosa e Tradicional de Cabo Frio	X		2015
	A educação em museus sob o olhar do Comitê de Educação e Ação Cultural	X		2014
	Educação e inclusão no museu: desvelando um olhar sobre as obras de Jean Baptiste Debret e a diversidade cultural brasileira	X		2013
	A dimensão educativa de um Museu de percurso. Estudo de caso do Museu de favela Pavão-Pavãozinho e Cantagalo como reafirmação identitária de uma comunidade	X		2011
	O museu e a diversidade cultural na Amazônia: estudo do brinquedo indígena como objeto educativo em Museus de Manaus	X		2011
DP12	O Museu da Escola de Minas Gerais	X		2015
	Credenciar museus: um estudo para certificação de museus No Estado Do Rio De Janeiro	X		2014
	As circunstâncias históricas de criação do Museu do Folclore Edison Carneiro entre 1960 -1970	X		2014
	Políticas Públicas de C&T e Museus de Ciência: o Museu de Astronomia e Ciências Afins - MAST	X		2013
	Ciência em Flashes: museologia, divulgação e patrimônio no Espaço COPPE Miguel de Simoni Tecnologia e Desenvolvimento Social	X		2011
DP13	Centro Cultural Cartola: da imaginação museal ao Museu do Samba Carioca	X		2015
	Casa da Flor: experimento, poesia e memória (Um Olhar Museológico)	X		2014
	Museu a seu modo: o museu como dispositivo de validação da teoria social de Gilberto Freyre	X		2013
	A Inspeção Estadual dos Monumentos Nacionais em Pernambuco	X		2011
	Educação Museal. Entre dimensões e funções educativas: análise da 5ª Seção de Assistência ao Ensino de História Natural do Museu Nacional	X		2010
	Patrimônio a contragosto: A presença de bens culturais na vida cotidiana de São Miguel	X		2009
DP14	A coleção Luiza ramos: um nordeste imaginado em rendas	X		Em andamento
	Patrimônio e Políticas Culturais em Minas Gerais		X	Em andamento
	O jongo como patrimônio vivo na serrinha: a tradição incorporada no grêmio recreativo de samba Império Serrano	X		2015
	A gastronomia carioca e a identidade cultural	X		2015
	A Coleção Luiza	X		2014
	Uma face da glória: os museus da Força Expedicionária Brasileira	X		2014
	A "Lei Robin Hood" e as políticas municipais de preservação do patrimônio mineiro	X		2013
	Patrimônio, Políticas e Sustentabilidade	X		2013
	Um Museu de Cidade: imaginário e debate museológico	X		2013
	Arte urbana no contexto social chileno	X		2012
	Turismo, cultura e políticas públicas		X	2012

	A "maceguenta" Memória Social na Política Cultural da "azamboada" Campos dos Goytacazes	X		2011
	A Invenção do Patrimônio Histórico Musealizado no bairro da Cidade Velha de Belém do Pará, 1994 - 2008	X		2009
	Fragmentos urbanos: o patrimônio e as paisagens simbólicas nas cidades contemporâneas	X		2009
	Sala do Artista Popular: tradição, identidade e mercado.	X		2008
	Espaços em processo de representação: Praça Floriano Peixoto e Ilha dos Museus	X		2008
D15	Políticas da Museologia. Uma análise de campo a partir da biografia de Waldisia Russo		X	Em andamento
	O Museu Surrupira e o colecionamento de encantarias		X	Em andamento
	Ferreira Pena e os deslocamentos das coleções marajoaras		X	Em andamento
	O valor do negro: o processo de musealização no Museu do Ceará	X		2014
	O nascimento do Museu Câmara Cascudo	X		2013
	Musealizando histórias: os discursos sobre o negro no Museu do Ceará (1971-2008)	X		2012
	Vestígios de patrimônio. Vivência e representação do Reinado de Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia na comunidade do Alto da Cruz, em Outro Preto			X
D16	Expectativas e vivências dos professores ao visitarem o Museu Ciência e Vida	X		2015
	O público infantil no Museu Internacional de Arte Naïf do Brasil	X		2014
	Formação de mediadores em museus de ciência	X		2013
	Famílias no Museu Nacional	X		2012
	Encantamento e estranhamento: como moradores e não moradores de Belo Horizonte experimentam o Museu de Artes e Ofícios	X		2010
<b>PPGMUS USP</b>				
Orientador Docente/ Pesquisador	Título do Trabalho Orientado	Dissertação de Mestrado	Tese de Doutorado	Ano de Conclusão/ Situação
DP17	Museu Nacional do Mar - Núcleo Embarcações Brasileiras: um estudo de caso sobre gestão compartilhada em museus	X		Em andamento
	Organizações Sociais de Cultura: um modelo de gestão sob o ponto de vista da museologia	X		Em andamento
	Herança e Transmissão: a ideia de Musealidade	X		Em andamento
	A formação em Museologia nas Universidades Brasileiras: reflexões sobre o ensino da gestão e planejamento	X		Em andamento
	Políticas públicas e o campo museal em Santa Catarina 2003/2014	X		Em andamento
	Perspectivas expográficas contemporâneas: os museus estaduais na cidade de São Paulo - espaços de atratividade e inovação	X		Em andamento
	A tessitura de uma Museologia paulista: tramas do ensino pós-graduado em São Paulo	X		Em andamento

	A musealização do território: uma aproximação entre Geografia, Educação e Museologia na Cohab Raposo Tavares	X		2016
	A institucionalização de coleções pessoais doadas ao Museu Histórico e Cultural de Jundiá: um estudo de gestão ambiental	X		2015
	Casa do Olhar, Museu de Santo André e Sabina: possibilidades para um plano de gestão de acervo em rede	X		2015
	Museus sem paredes e sem fronteiras: patrimônio imaterial em perspectiva, patrimônio intangível e em perspectiva	X		2013
	Sistemas de museus: atuação em rede, objetivos compartilhados. Um estudo a partir do SISEM, SP.	X		2012
	Plano Museológico: uma proposta metodológica a partir do estudo de caso do Museu Lasar Segall	X		2012
DP18	O tempo geológico nas narrativas de museus de história natural: uma análise comparativa	X		2016
	Teoria crítica e indústria museal: reflexões contemporâneas para pensar as ciências e os museus do tempo presente	X		2016
	Musealização da zoologia: narrativas evolutivas construídas com animais	X		2015
	Iconografia paleontológica em narrativas de exposições de história natural	X		2015
DP19	Ecomuseus e museus comunitários no Brasil: estudo exploratório de possibilidades museológicas	X		Em andamento
	Gestão de museu: comunicação e público: estudo sobre o Museu do Trem, São Leopoldo, RS (2009-2012)	X		2016
	Literatura e museu: estudo dos museus literários Casa Guilherme de Almeida (SP) e Museu Casa Guimarães Rosa (MG)	X		2016
	Visitas teatralizadas em museus: novos meandros para a comunicação museológica	X		2016
	Expografia em palácios de governo: um estudo sobre o acervo artístico-cultural dos Palácios do Governo do Estado de São Paulo	X		2016
	Públicos idosos e museus no Brasil: formas de atuação e perspectivas - estudo exploratório	X		2016
	Os idosos como público de museus	X		2016
	Plano Museológico: uma discussão para o Museu de Arqueologia Bíblica Paulo Bork do Centro Universitário Adventista de São Paulo	X		2015
	A construção de uma expografia para o Museu de Geociências do Instituto de Geociências da Universidade de São Paulo	X		2015
	As narrativas, o território e os pescadores artesanais: políticas e processos comunicacionais no Museu de Arqueologia de Itaipu	X		2015
	Museus e patrimônio industrial: um estudo sobre a musealização do setor elétrico no estado de São Paulo	X		2014
	O contemporâneo no museu: os Kaingang e o Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuïre de Tupã (SP)	X		2014

	Espaços museológicos: a questão do acesso pela ótica das identidades culturais	X		2014
	Exposição museológica do Museu de Arqueologia e Etnologia - UFSC: espaço para construção de parcerias	X		2014
DP20	Análise do processo de musealização do Museu Paulista sob a perspectiva da democratização do direito à memória	X		Em andamento
	Moderno e pioneiro: a formação do acervo de artes visuais da Biblioteca Mário de Andrade na gestão de Sergio Milliet (1943-1959)	X		Em andamento
	O papel dos museus na transformação da cidade de Medellín: identidade, patrimônio e memória	X		Em andamento
	Fundação de São Vicente, de Benedito Calixto: composição, musealização e apropriação	X		Em andamento
	Dois casas, duas coleções, dois destinos. Os legados de Mário de Andrade e Guilherme de Almeida na política museológica paulista (1967 - 2015)	X		Em andamento
	Projeto 'Meu bairro, minha cidade: você também faz parte dessa história' como experiência museológica: as exposições inaugurais dos CEUs e a inclusão da memória das periferias paulistanas (2001-2004)	X		Em andamento
	Histórias e identidades em exposição: o Memorial Minas Gerais Vale como experiência museológica	X		Em andamento
	A Casa do Bandeirante como espaço museológico (1954-1964)	X		2016
	Fundação Crespi-Prado: trajetória de uma coleção museológica	X		2016
	Pátria e Civilização: a formação dos acervos artísticos do Museu Paulista e da Pinacoteca do Estado (1893-1912)	X		2015
O Museu da Cidade de São Paulo e seu acervo arquitetônico	X		2014	
DP21	Curadoria de Acervos Têxteis: o caso do MASP e do Museu Paulista	X		Em andamento
	Avaliação dos processos catalográficos em museus de arte: o Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo	X		2015
	Da Pinacoteca ao Museu: historicizando processos museológicos.	X		2014
DP22	Recursos Pedagógicos em Museus: o desafio da mediação dos acervos arqueológicos.	X		Em andamento
	Musealização de território e turismo de base comunitária: reflexões sobre a comunicação e a salvaguarda do patrimônio da Reserva Extrativista do Mandira, Cananeia, SP	X		2016
	Entre identidades e interatividades: um estudo de caso d'O Museu do Marajó	X		2015
	Cultura e inclusão na educação em museus: processos de formação em mediação para educadores surdos	X		2015
	Museus históricos e pedagógicos no século XXI: processo de municipalização e novas perspectivas.	X		2014
	O discurso identitário nos museus de Rio Branco, Acre: uma análise de narrativas expositivas	X		2014

DP23	O projeto de Ernani Silva Bruno: uma discussão sobre as bases de criação, implantação e gestão do Museu da Casa Brasileira (1970-1979)	X		2015
	Curadoria de objetos históricos: acervos de utensílios domésticos pré-elétricos em São Paulo	X		2014
	Decifrando acervos de indumentária: um estudo de moda em São Paulo no século XIX	X		2014
DP24	O Museu de Imagem e do Som de São Paulo: contexto de criação (1970-1981)	X		Em andamento
	A experiência pioneira do Departamento de Informação e Documentação Artística (IDART): uma revisão crítica	X		Em andamento
	Do Museu de Folclore Rossini Tavares de Lima ao Pavilhão das Culturas Brasileiras: Um novo projeto museológico para a Coleção Rossini	X		Em andamento
DP25	Sem registro de dissertações orientadas no Currículo Lattes	-	-	-
DP26	Sem registro de dissertações orientadas no Currículo Lattes	-	-	-
<b>PPGMUSEU UFBA</b>				
Orientador Docente/ Pesquisador	Título do Trabalho Orientado	Dissertação de Mestrado	Tese de Doutorado	Ano de Conclusão/ Situação
DP27	Patrimônio industrial em perspectiva: narrativas de uma destilaria santamarense	X		Em andamento
	As ações educativas desenvolvidas pelo Museu Afro-brasileiro da Universidade Federal da Bahia MAFRO: 1982 - 2013	X		2013
DP28	Bens Culturais Quilombolas: Metodologia de aplicação de inventário museológico como elemento de construção da identidade na comunidade quilombola Pau ferro do Juazeiro	X		Em andamento
	África seja aqui: Apresentação e representação de culturas africanas na Casa do Benin, Casa de Angola e Casa da Nigéria na Cidade do Salvador	X		Em andamento
	Teorias e práticas de documentação museológica: padronização da linguagem na organização da informação em museus	X		2013
	Sistema de Tratamento e Organização da Informação em Acervos Afro-Brasileiros: Contribuições para um museu integrado e interdisciplinar	X		2013
DP29	Das ruas soteropolitanas para o museu: o carrinho de café como um patrimônio museal	X		Em andamento
	Proposta de musealização aos patrimônios arqueológicos e espeleológicos de Iraquara/BA	X		Em andamento
	A representação das mulheres negras nos museus de Salvador: uma análise em branco e preto	X		2016
	A memória e gênero na conservação e na restauração na Bahia	X		2016
DP30	A Diretoria de Museus-DIMUS: estudo das políticas e ações socioculturais e educativas para o desenvolvimento social	X		2013
DP31	A imagem do cartão postal como comunicador do patrimônio religioso: a Igreja dos Jesuítas	X		Em andamento

	Iconografia religiosa e comunicação museológica	X		Em andamento
	Memórias da Fé nos paramentos litúrgicos	X		Em andamento
	Iconografia sacra e comunicação museológica: a retórica dos retábulos da Capela da ordem terceira do Carmo de Cachoeira-Bahia	X		2015
DP32	Museu do Alto Sertão da Bahia: diálogos entre museus de território e culturas digitais	X		Em andamento
	Gestão de Museus e editais públicos de políticas de incentivo	X		Em andamento
	Identidade e preservação de espaços históricos e patrimoniais: um estudo do Bairro do Comércio	X		Em andamento
	Público e não público de museu: o perfil soteropolitano	X		2014
	Identidade e preservação de espaços históricos e patrimoniais: Um Estudo do Bairro do Comércio	X		2014
DP33	Percursos de um reconhecimento patrimonial: memórias, permanências e ressignificações do tropeirismo em Vitória da Conquista - BA	X		Em andamento
	Nossa Senhora da Conceição: comunicação, memória e patrimônio no espaço museal	X		Em andamento
	A documentação museológica como suporte para a comunicação com o público: a cadeirinha de arruar do Museu De Arte da Bahia	X		Em andamento
	Abordagens e discussões sobre o espaço museal, a patrimonialização e a comunicação cultural: estudo comparativo entre o museu dos ex-votos e a sala de milagres do santuário do Bomfim, em Salvador, Bahia	X		2015
	Museu do Alto Sertão da Bahia: possibilidades de diálogo entre o físico e a realidade virtual a partir do uso das novas TIC'S	X		2014
DP34	Indumentária litúrgica católica: história e simbologia nos paramentos litúrgicos	X		2016
DP35	Museu digital do Grafitti feminino	X		Em andamento
	Os turistas e seu aprendizado em dois museus do centro antigo de Salvador: uma análise baseada no modelo contextual de Centro Antigo de Salvador: aprendizagem.	X		2016
DP36	História e Memória: museus e memória no Cariri Cearense	X		Em andamento
DP37	Lei Rouanet e os museus do nordeste brasileiro	X		Em andamento
	Memória do Curso Museologia - UFBA	X		Em andamento
	A Coleção Sir Henry Lynch no Instituto Ricardo Brennand	X		Em andamento
	Gramática expositiva das coisas: a poética alquímica dos Museus-Casas de Cora-Coralina e Maria Bonita	X		2016

Fonte: Currículos Lattes dos Docentes/Pesquisadores dos Programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Museologia no Brasil



# **ANEXO**

---



## ANEXO A



**Ministério da Educação**  
Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior  
Diretoria de Avaliação  
31.csa1@capes.gov.br



---

## Documento de Área

---

Ciências Sociais Aplicadas 1

**Coordenador da Área:** Mauricio Lisovsky  
**Coordenadora Adjunta de Programas Acadêmicos:** Marisa Bräscher  
**Coordenadora Adjunta de Programas Profissionais:** Gisela Egert-Steindel

2016



---

Sumário

I. Considerações gerais sobre o estágio atual da Área.....	2
II. Considerações gerais sobre a Avaliação Quadrienal 2017 .....	5
III. Fichas de Avaliação para o Quadriênio 2013-2016.....	9
IV. Considerações e definições sobre internacionalização/inserção internacional .....	17

*DOCUMENTO DE ÁREA 2016*

**I. CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE O ESTÁGIO ATUAL DA ÁREA**

A área de Ciências Sociais Aplicadas I é constituída pelas seguintes áreas básicas: Comunicação, Ciência da Informação e Museologia. Os dados apresentados a seguir foram extraídos da Plataforma Sucupira e outras bases de dados da CAPES e correspondem à situação da área por ocasião do Seminário de Meio Termo, realizado em 2015. Um panorama mais atualizado será produzido por ocasião da avaliação quadrienal 2017.

É interessante observar o crescimento da área entre 1996 e 2014, que contava então com 62 cursos de mestrado e 33 cursos de doutorado, representando cerca de 1,7% dos cursos de pós-graduação credenciados pela CAPES (Tabela 1). As taxas de expansão superiores às médias da CAPES refletem sobretudo o crescente interesse acadêmico e profissional pelo campo da comunicação e informação na sociedade contemporânea.

**TABELA 1**  
**Expansão da Área de Ciências Sociais Aplicadas I (1996-2014)**

<b>Mestrado (número de cursos)</b>			
Área de Conhecimento	Número (2014)	Porcentagem (2014)	Expansão (%) 1996-2014
Total	3620	100,00	204,97
Comunicação	45	1,24	400,00
Ciência da Informação	14	0,39	180,00
Museologia	3	0,08	-

<b>Doutorado (número de cursos)</b>			
Área de Conhecimento	Número (2014)	Porcentagem (2014)	Expansão (%) 1996-2014
Total	1954	100,00	210,2
Comunicação	23	1,18	475,0
Ciência da Informação	3	0,16	350,0
Museologia	1	0,05	-

Considerando-se apenas o quadriênio em curso, a expansão da área, em termos de cursos já implantados, foi de 21%, com destaque para os mestrados profissionais cujo crescimento foi de 233%. Em termos de área de conhecimento, o segmento que proporcionalmente mais expandiu foi a Museologia, que contava com apenas um programa no triênio anterior e hoje oferece 5 programas.

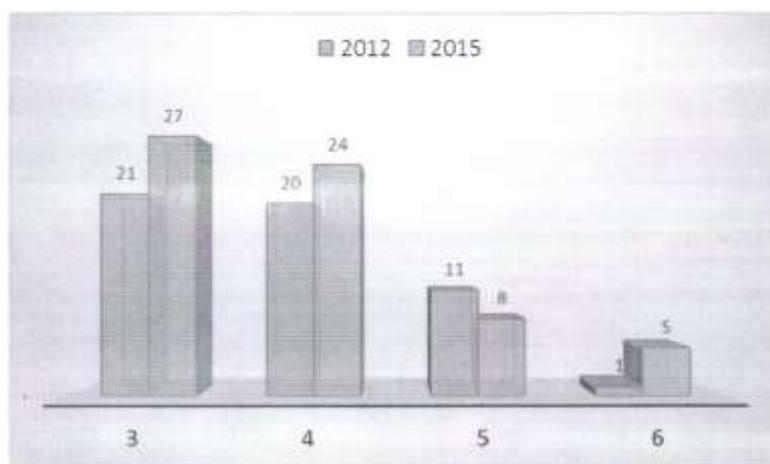
Ao longo do quadriênio, a área buscou diminuir a disparidade regional. Nesse sentido, a maior taxa de expansão ocorreu no Nordeste. O Sudeste, no entanto, por ocasião do Seminário de Acompanhamento, apresentava uma fatia similar à que tinha no final do triênio 2010-2012, conforme observamos no gráfico abaixo (GRÁFICO 1).

**GRÁFICO 1**  
**Distribuição regional dos programas de pós-graduação em Ciências Sociais Aplicadas 1**



A distribuição dos programas por nota de avaliação está expressa no Gráfico 2, no qual compara-se a situação anterior à Avaliação Trienal 2013 à distribuição em 2015, consideradas as notas atribuídas nessa avaliação e os programas novos criados ao longo do quadriênio. Observa-se nesse caso que há uma concentração grande de programas com nota 3 (42%), o que se deve, em larga medida, à entrada de novos programas no sistema. O aumento do número de programas com notas 4 (mais 20%) e 6 (mais 400%) reflete a qualificação da área no triênio 2010-2012. O corpo docente da área é composto de 1140 professores, dos quais apenas 20% são bolsistas de produtividade do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Os bolsistas nível 1 constituem 9,3% do corpo docente permanente dos programas e concentram-se na região Sudeste.

**GRÁFICO 2**  
**Distribuição dos Programas por Nota**



Em linhas gerais, o Seminário de Meio Termo, realizado em 2015, ressaltou os seguintes aspectos positivos relativos à evolução recente da área: expansão consistente da área, com maior interiorização; expansão dos mestrados profissionais, que agora abrangem as três áreas básicas; maior participação de professores visitantes (nacionais e estrangeiros) e crescente internacionalização; expansão das iniciativas voltadas para o ensino médio, em particular nos programas de perfil mais regional. Por outro lado, foram assinalados os seguintes desafios ao desenvolvimento da área nos próximos anos: aposentadoria de pesquisadores altamente qualificados nos programas 5 e 6 no curto prazo; tendência à produção em capítulos e livros entre os programas nota 3 em virtude de sua dificuldade em publicar em periódicos dos estratos superiores; grande concentração da publicação de artigos em periódicos B1; a expansão da área nas regiões Norte e Centro-Oeste tem sido significativamente mais difícil; a oferta de cursos de doutorado ainda está muito concentrada nas regiões Sul e Sudeste, predominantemente nas capitais dos estados. Alguns destes desafios estão relacionados a políticas públicas fora do alcance do Sistema Brasileiro de Pós-graduação e dos coordenadores de programas, mas estão sendo discutidas e estimuladas estratégias para o seu enfrentamento. No seminário de meio termo foram aprimorados os critérios da avaliação de Classificação de Livros e no Qualis Periódicos visando orientar melhor os pesquisadores na escolha do meio mais adequado para a difusão de conhecimentos. A valorização da solidariedade interprogramas e do deslocamento de docentes líderes de pesquisa para atuar como professores visitantes nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste tende a contribuir para a consolidação desses programas e para o surgimento de núcleos de excelência nessas regiões.



pesquisa em andamento e o currículo do curso; b) o planejamento do programa com vistas a seu desenvolvimento futuro, contemplando os desafios internacionais da área na produção de conhecimentos, seus propósitos na melhor formação de seus alunos, suas metas quanto à inserção social mais rica dos seus egressos, conforme os parâmetros da área; c) a infraestrutura para ensino, pesquisa e, se for o caso, extensão; d) processos de autoavaliação, entre os quais, credenciamento e descredenciamento docente.

### **CORPO DOCENTE**

Avalia-se o corpo docente considerando-se os seguintes aspectos: a) perfil do corpo docente, considerados titulação, diversificação na origem de formação, especialização, experiência e tempo de formação, compatibilidade e adequação à Proposta do Programa; b) adequação e dedicação dos docentes permanentes às atividades de pesquisa, orientação e ensino, considerando sua coerência com a área de concentração, linhas de pesquisa e projetos de pesquisa; c) distribuição das atividades de pesquisa e de formação entre os docentes do programa; d) contribuição dos docentes para as atividades de ensino e/ou de pesquisa na graduação, com atenção tanto à repercussão que este item pode ter na formação de futuros ingressantes na pós-graduação, e na formação de profissionais mais capacitados, no plano da graduação; e) participação de professores e/ou pesquisadores visitantes, desde que não configure dependência institucional; f) participação em projetos de intercâmbio nacionais e internacionais; g) desenvolvimento de projetos de pesquisa com financiamento e bolsas de agências de fomento.

O corpo docente, formado por docentes permanentes e colaboradores, deve ser constituído por, no mínimo, 70% de docentes permanentes. O Núcleo Docente Permanente no quadriênio 2013-2016 deve ter sido constituído por no mínimo 8 professores. O mesmo docente pode participar de até outros dois programas, conforme determinação da CAPES. Importante observar que a partir do próximo quadriênio (2017-2020) o corpo docente mínimo para um curso de doutorado será de 10 (dez) professores permanentes.

A distribuição das atividades de ensino, pesquisa e orientação deve apresentar equilíbrio por meio de uma proporção adequada entre dimensão do corpo docente e número de projetos de pesquisa. Cada professor deve coordenar ou participar, no mínimo, de um projeto em andamento, nos programas com apenas curso de mestrado; já nos programas com curso de doutorado, cada docente permanente deve ser responsável por ao menos um projeto. Deve haver uma proporção adequada entre número de docentes e número de discentes e vinculação entre a pesquisa discente e o projeto e/ou linha de pesquisa do docente que o orienta. Na oferta de disciplinas, deve haver equilíbrio entre as linhas e participação igualmente equilibrada entre os docentes encarregados de ministrá-las.

A dimensão do Corpo Permanente, com relação ao número de alunos, será considerada adequada quando se respeitarem os seguintes parâmetros: 1 (um) docente para cada 10 (dez) discentes ou 8 (oito) orientandos em programas cujo corpo permanente dedique-se, também, à graduação; 1 (um) docente para 14 (catorze) discentes ou 12 (doze) orientandos em Programas cujo corpo permanente dedique-se integral e exclusivamente aos cursos de mestrado/doutorado. Cada docente permanente deve ter, no mínimo, 2 (dois) orientandos por biênio.



A participação dos docentes nas atividades de ensino e pesquisa na graduação é considerada relevante, especialmente ministrando disciplinas, orientando Iniciação Científica (IC) e Iniciação Artística (IA), trabalhos de conclusão de curso (TCC), tutorias e outros. A carga horária média na graduação deve ser compatível com as atividades de pós-graduação, sendo considerado critério de excelência quando o tempo dedicado à graduação não ultrapassa em 30% da carga horária total, incluídas as horas de orientação de IC e TCC. No caso de Programas sem inserção na graduação, valorizam-se orientação de Iniciação Científica, estágios e atividades similares. O afastamento temporário de docentes permanentes para fins de pós-doutoramento ou similar deve ser informado na proposta do programa.

### **CORPO DISCENTE, TESES E DISSERTAÇÕES**

São consideradas na avaliação desse quesito a quantidade de teses e dissertações defendidas no período da avaliação em relação ao corpo docente permanente e à dimensão do corpo discente; a distribuição das orientações das teses e dissertações defendidas no período de avaliação em relação aos docentes do programa; a qualidade das teses, dissertações e produção de discentes autores da pós-graduação e sua participação na produção científica do programa, aferida por publicações; e a eficiência do Programa na formação de mestres e doutores.. Informações relativas a abertura de curso de doutorado no meio do quadriênio, aumento ou redução de vagas no período, abertura de turmas de Mestrado Interinstitucional (MINTER) e Doutorado Interinstitucional (DINTER), assim como desligamento de alunos por razões acadêmicas e outros fatores que podem vir a afetar o fluxo discente devem ser informadas na Proposta do Programa.

### **PRODUÇÃO INTELECTUAL**

A produção intelectual do programa será avaliada considerando-se: as publicações qualificadas do Programa por docente permanente, tanto em periódicos como em livros; a distribuição de publicações em estratos superiores da produção bibliográfica pelo corpo docente permanente do Programa; a produção técnica e a produção artística, estas duas tidas como complementares para efeito da avaliação. Espera-se que todos os membros do corpo docente permanente tenham produção intelectual do período.

A produção intelectual (bibliográfica, técnica e artística) deve ser pertinente à área de concentração e linhas de pesquisa do programa. O detalhamento dos critérios de avaliação desses itens é objeto de documentos complementares ao Documento de Área relativos a Qualis Periódico, Qualis Técnico-artístico e Classificação de Livros. Quando um docente permanente participa de mais de um programa, sua produção intelectual será dividida entre eles.

### **- INSERÇÃO SOCIAL**

Ao avaliar-se esse quesito, considera-se: a inserção e impacto regional e/ou nacional do programa; a integração e cooperação com outros programas e centros de



pesquisa e desenvolvimento profissional relacionados à área de conhecimento do programa, com vistas ao desenvolvimento da pesquisa e da pós-graduação e visibilidade ou transparência dada pelo programa à sua atuação. Na inserção social analisa-se a contribuição do programa para o desenvolvimento regional e nacional, a qualificação da educação brasileira e a emancipação social. São especialmente relevantes para a avaliação desse quesito, entre outros aspectos, os intercâmbios de docentes com outros programas e instituições; a nucleação de grupos de pesquisa ou pós-graduação por meio de seus egressos; as atividades de natureza educacional e cultural relacionadas à área de conhecimento abertas à participação de diferentes grupos da sociedade; as atividades dirigidas à Educação Básica e ao Ensino Médio, como cursos de atualização e capacitação de professores; a organização de eventos científicos e as atividades acadêmicas, científicas e culturais desenvolvidas em associação com outros programas de pós-graduação ou instituições.

A avaliação da visibilidade e transparência dos Programas é relevante para a difusão de conhecimento e está vinculada aos seguintes aspectos: Manutenção de página Web para a divulgação, de forma atualizada, de informações sobre o Programa, especialmente, proposta e estrutura do programa; regimento do programa e legislação pertinente; linhas e projetos de pesquisa; corpo docente; financiamentos recebidos da Capes e de outras agências públicas e entidades privadas; processo de seleção (inclusive para alunos estrangeiros); intercâmbios; acesso obrigatório à íntegra das Teses e Dissertações defendidas desde 2006 e divulgação das bancas de defesa de teses e dissertações.

**III. FICHAS DE AVALIAÇÃO PARA O QUADRIÊNIO 2013-2016**

**MESTRADO ACADÊMICO E DOUTORADO**

Quesitos / Itens	Peso	Definições e Comentários sobre o/s Quesito/Itens
<b>1 – Proposta do Programa</b>		
1.1. Coerência, consistência, abrangência e atualização das áreas de concentração, linhas de pesquisa, projetos em andamento e proposta curricular.	40%	São considerados, para efeito de avaliação, os seguintes aspectos: a) relevância da atuação do Programa na produção de conhecimentos e formação de recursos humanos; b) consistência e abrangência da(s) área(s) de concentração, linhas de pesquisa, projetos de pesquisa, produção intelectual e estrutura curricular e sua coerência; c) a consistência da estrutura curricular e opções para a composição individual do elenco de disciplinas e atividades pelos discentes; d) carga horária, créditos e avaliação compatíveis com os objetivos da formação; e) projetos de pesquisa qualificados, com dimensão adequada ao corpo docente e discente e a clareza de sua descrição quanto ao tema, objetivos e referencial teórico e metodológico; f) participação do corpo discente nas atividades de pesquisa; g) produção intelectual docente e discente, teses e dissertações que reflitam e concretizem a área de concentração e as linhas de pesquisa; h) integração e o compartilhamento dos resultados das pesquisas desenvolvidas por grupos de pesquisa inseridos nas linhas de pesquisa e, i) qualificação do programa por meio de procedimentos internos e externos de auto avaliação.
1.2. Planejamento do programa com vistas a seu desenvolvimento futuro, contemplando os desafios internacionais da área na produção do conhecimento, seus propósitos na melhor formação de seus alunos, suas metas quanto à inserção social mais rica dos seus egressos, conforme os parâmetros da área.	45%	Examina-se a capacidade de planejamento e inovação do Programa em relação aos desafios da formação e inserção discente, qualificação e internacionalização da pesquisa. Além desses aspectos são ainda relevantes para a avaliação desse item o processo de seleção de alunos; os procedimentos de auto-avaliação; e os mecanismos de credenciamento expansão e reconhecimento do corpo docente.
1.3. Infraestrutura para ensino, pesquisa e, se for o caso, extensão.	15%	A adequação da infraestrutura ao desenvolvimento do ensino e da pesquisa é avaliada em função da existência de espaços exclusivos e acesso a equipamentos e informações, particularmente: a) recursos de informática e acesso à Internet; b) bibliotecas e recursos bibliográficos; c) acesso a periódicos; d) espaço físico para o desenvolvimento do ensino

		e pesquisa, inclusive laboratórios especializados, quando necessário; e) espaço físico e suporte administrativo específicos.
<b>2 – Corpo Docente</b>	<b>20%</b>	
2.1. Perfil do corpo docente, consideradas titulação, diversificação na origem de formação, aprimoramento e experiência, e sua compatibilidade e adequação à Proposta do Programa.	20%	Considerando-se a dimensão do Núcleo Docente Permanente (NDP), são indicadores relevantes para esse item: a proporção de bolsistas de produtividade do CNPq (ou bolsas similares); a proporção de docentes permanentes com mais de 5 anos de doutoramento; a proporção de docentes com projetos de pesquisa financiados por agência de fomento estadual, nacional ou internacional; a proporção de docentes com pós-doutorado em instituição distinta daquela em que se doutorou. Avalia-se qualitativamente a adequação e, capacitação NDP em relação à proposta do programa.
2.2. Adequação e dedicação dos docentes permanentes em relação às atividades de pesquisa e de formação do programa.	35%	Considera-se na avaliação desse item: proporção de docentes do NDP que oferece ao menos uma disciplina por ano; proporção de docentes permanentes que participa continuamente por 4 (quatro) anos no programa.
2.3. Distribuição das atividades de pesquisa e de formação entre os docentes do programa.	30%	Considera-se na avaliação desse item a participação dos docentes permanentes (DP) em projetos de pesquisa (não deve haver DP sem essa vinculação); a distribuição dos orientandos entre os docentes permanentes (recomenda-se pelo menos dois orientandos por ano), respeitando-se os limites máximos da área (8 orientandos/docente com vínculo com graduação; 12 orientandos/docente sem vínculo com graduação). Também avalia-se a média de discentes por docente permanente, que não deve ser superior a 10, quando há atuação na graduação e 14, quando a atuação é exclusiva na pós-graduação.
2.4. Contribuição dos docentes para atividades de ensino e/ou de pesquisa na graduação, com atenção tanto à repercussão que este item pode ter na formação de futuros ingressantes na PG, quanto (conforme a área) na formação de profissionais mais capacitados no plano da graduação. Obs.: este item só vale quando o PPG estiver ligado a curso de graduação; se não o estiver, seu peso será redistribuído proporcionalmente entre os demais itens do quesito.	15%	São avaliados nesse item a DP orientação anual de graduandos (IC, IA, TCC, estágios) por DP; a carga horária anual na graduação (aulas e orientação), que não deve superar superior a 30% da carga horária total.
<b>3 – Corpo Discente, Teses e Dissertações</b>	<b>30%</b>	
3.1. Quantidade de <b>teses e dissertações defendidas</b> no período de avaliação, em relação ao corpo docente permanente e à dimensão do corpo discente.	20%	São considerados indicadores relevantes para esse item: a razão entre alunos titulados e alunos matriculados e a razão entre alunos titulados e a dimensão do corpo docente permanente.
3.2. Distribuição das orientações das teses e dissertações defendidas no período de avaliação em relação aos docentes do	20%	São indicadores para esse item: a razão entre titulados orientados por docente permanente e titulados no período; o número de titulados por



programa.		cada DP por quadriênio (cada DP deve orientar pelo menos 2 discentes por biênio)
3.3. Qualidade das Teses e Dissertações e da produção de discentes autores da pós-graduação e da graduação (no caso de IES com curso de graduação na área) na produção científica do programa, aferida por publicações e outros indicadores pertinentes à área.	40 %	São considerados, aqui: a razão entre discentes que publicaram artigos em periódicos qualificados e o total de discentes matriculados; razão entre discentes com trabalhos completos em anais e o total de discentes matriculados; razão entre alunos titulados que publicaram em periódicos B3 ou superior e total de alunos titulados.
3.4. Eficiência do Programa na formação de mestres e doutores bolsistas: Tempo de formação de mestres e doutores e percentual de bolsistas titulados.	20%	O ideal da área para a conclusão dos cursos é 50 meses para o doutorado e 30 meses para o mestrado. São indicadores nesse quesito: tempo médio de titulação de mestres e doutores; porcentagem dos bolsistas que ultrapassaram esses limites (o parâmetro ideal é de até 5% de bolsistas).
<b>4 – Produção Intelectual</b>	<b>40%</b>	
4.1. Publicações qualificadas do Programa por docente permanente.	35%	Considera-se aqui toda a produção bibliográfica de natureza científica (periódicos de A1 a B5 e livros de L4 a L1). A avaliação utiliza dois índices que comparam o desempenho do programa com a mediana da área: - índice 1: média da pontuação anual por docente / mediana da área nesse aspecto - índice 2: média da pontuação anual por item / mediana da área nesse aspecto Esses dois índices combinam-se em um indicador qualiquantitativo, atribuído a cada programa, que confere 50% a mais de peso à pontuação média dos itens que à pontuação média por docente, expresso pela fórmula: $\frac{[2 \text{ (Média Anual do número de Docentes) (Índice 1)} + 3 \text{ (Média Anual do número de Itens) (Índice 2)}] \times 100}{2 \text{ (Média Anual do número de Docentes)} + 3 \text{ (Média Anual do número de Itens)}}$ Artigos publicados no periódico do próprio programa são sujeitos a deságio na sua pontuação.
4.2. Distribuição de publicações qualificadas em relação ao corpo docente permanente do Programa.	35%	São indicadores para avaliação desse item: a) Razão entre: a.1 soma das pontuações médias obtidas por cada DP do programa nos estratos superiores (A1 a B2 e livros L3 e L4), até o limite de 8 itens por quadriênio, e a.2 o total de docentes do NDP; e b) proporção de docentes do NDP com pontuação média por item superior à mediana da área nesse aspecto.
4.3. Produção técnica, patentes e outras produções consideradas relevantes.	15%	A produção técnica é avaliada em conjunto com a produção artística, conforme o Qualis Técnico-Artístico da área, gerando um só conceito para os itens 4.3 e 4.4. O indicador utilizado é a média das pontuações dos docentes permanentes.
4.4. Produção Artística, nas áreas em que tal	15%	A produção técnica é avaliada em conjunto com a



tipo de produção for pertinente.		produção artística, conforme o Qualis Técnico-Artístico da área, gerando um só conceito para os itens 4.3 e 4.4. O indicador utilizado é a média das pontuações dos docentes permanentes.
<b>5 – Inserção Social</b>	<b>10 %</b>	
5.1. Inserção e impacto regional e (ou) nacional do programa.	40%	São levadas em consideração na análise desse item: ações de colaboração interinstitucional; ações dirigidas à formação profissional; projetos de pesquisa conjuntos; publicações conjuntas; organização de eventos acadêmicos; projetos de extensão; intercâmbio de docentes com outros cursos e áreas; participação em cursos de aperfeiçoamento e formação continuada para professores e outros profissionais da educação; cooperação com entidades governamentais e organizações civis em projetos que visam o desenvolvimento econômico, social e político, a defesa e a promoção da cidadania.
5.2. Integração e cooperação com outros programas e centros de pesquisa e desenvolvimento profissional relacionados à área de conhecimento do programa, com vistas ao desenvolvimento da pesquisa e da pós-graduação.	40%	São consideradas na avaliação desse item ações de cooperação e formação, tais como: <ul style="list-style-type: none"><li>- oferta de cursos de mestrado e doutorado interinstitucionais, em especial os destinados às IES localizadas em regiões carentes de mestres e doutores;</li><li>- associações entre IES para oferta de cursos de mestrado e de doutorado;</li><li>- participação em programas de cooperação e intercâmbio sistemáticos;</li><li>- participação em projetos de cooperação entre programas com níveis de consolidação diferentes, voltados para a inovação na pesquisa ou o desenvolvimento da pós-graduação em regiões ou sub-regiões geográficas com pós-graduação ainda incipiente (atuação de professores visitantes);</li><li>- participação em programas como Dinter/Minter, Programa Nacional de Cooperação Acadêmica (PROCAD) e similares;</li></ul>
5.3 - Visibilidade ou transparência dada pelo programa a sua atuação.	20%	São considerados na avaliação desse item, os seguintes aspectos: manutenção de página Web para a divulgação, de forma atualizada, de informações sobre o Programa, especialmente, proposta e estrutura curricular; regimento do Programa e legislação pertinente; linhas e projetos de pesquisa; corpo docente; financiamentos recebidos da Capes e de outras agências públicas e entidades privadas; processo de seleção; intercâmbios; acesso à íntegra das teses e dissertações defendidas desde 2006, divulgação das bancas de defesa de teses e dissertações. Versões em inglês (e, adicionalmente, espanhol) das principais informações relativas ao programa são recomendáveis, em particular nos programas 6 e 7. Também observa-se a utilização de outros

		meios de promoção e divulgação das atividades do curso, tais como páginas em redes sociais, transmissões on line de eventos acadêmicos, presença de membros, por meio de entrevistas ou artigos, na imprensa e nos meios de comunicação, informando ou debatendo questões de interesse público.
--	--	---

### MESTRADO PROFISSIONAL

Quesitos / Itens	Peso	Definições e Comentários sobre o Quesito/Itens
<b>1 – Proposta do Programa</b>		
1.1 Coerência, consistência, abrangência e atualização da(s) área(s) de concentração, linha(s) de atuação, projetos em andamento, proposta curricular com os objetivos do Programa.	25%	- Examinar se o conjunto de atividades e disciplinas, com suas ementas, atende às características do campo profissional, à(s) área(s) de concentração proposta(s), linha(s) de atuação e objetivos definidos pelo Programa em consonância com os objetivos da modalidade Mestrado Profissional.
1.2. Coerência, consistência e abrangência dos mecanismos de interação efetiva com outras instituições, atendendo a demandas sociais, organizacionais ou profissionais.	30%	- Examinar se o conjunto de mecanismos de interação e as atividades previstas junto aos respectivos campos profissionais são efetivos e coerentes para o desenvolvimento desses campos/setores e se estão em consonância com o corpo docente. Inclui contribuição para especialização de egressos
1.3. Infraestrutura para ensino, pesquisa e administração.	20%	- Examinar a adequação da infraestrutura para o ensino, a pesquisa, a administração, as condições laboratoriais ou de pesquisa de campo, áreas de informática e a biblioteca disponível para o Programa.
1.4. Planejamento do Programa visando ao atendimento de demandas atuais ou futuras de desenvolvimento nacional, regional ou local, por meio da formação de profissionais capacitados para a solução de problemas e práticas de forma inovadora.	25%	- Examinar as perspectivas do Programa, com vistas a seu desenvolvimento futuro, contemplando os desafios da Área na produção e aplicação do conhecimento, seus propósitos na melhor formação de seus alunos, suas metas quanto à inserção social e profissional mais rica dos seus egressos conforme os parâmetros da Área. Verificar a presença de procedimentos de autoavaliação, entre os quais os de credenciamento e credenciamento docente.
<b>2 – Corpo Docente</b>		
2.1. Perfil do corpo docente, considerando experiência como pesquisador e/ou profissional, titulação e sua adequação à Proposta do Programa.	50%	- Examinar se o Corpo Docente Permanente (DP) é formado por doutores, profissionais e técnicos com experiência em pesquisa aplicada ao desenvolvimento e à inovação. - Examinar se o Corpo Docente atua em Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação (P, D&I) nas áreas de concentração do Mestrado Profissional.
2.2. Adequação da dimensão, composição e dedicação dos docentes permanentes para o desenvolvimento das atividades de pesquisa e formação do Programa.	20%	- Examinar a adequada proporção de Docentes Permanentes em relação ao total de docentes para verificar a existência ou não de dependência em relação a docentes colaboradores ou visitantes. - Examinar a participação de docentes em projetos de pesquisa científicos, tecnológicos e de inovação financiados por setores governamentais ou não



		governamentais. - Examinar a carga horária de dedicação dos docentes permanentes no programa.
2.3. Distribuição das atividades de pesquisa, projetos de desenvolvimento e inovação e de formação entre os docentes do Programa.	20%	- Examinar a distribuição das atividades de ensino, pesquisa e desenvolvimento e orientação do programa entre os Docentes Permanentes.
2.4 Experiência profissional	10%	São indicadores relevantes nesse item a pertinência da formação profissional do docente à proposta do programa e suas linhas de pesquisa, ocorrência de vínculos profissionais com instituições, entidades públicas e empresas anteriores ao ingresso no NDP; o tempo de experiência profissional pregressa (medido em anos) do docente em ensino ou em atividade profissional na área.
<b>3 – Corpo Discente e Trabalho de Conclusão</b>	<b>30%</b>	
3.1. Quantidade de trabalhos de conclusão (MP) aprovados no período e sua distribuição em relação ao corpo discente titulado e ao corpo docente do programa.	30%	- Examinar a relação entre o número de trabalhos concluídos e o número de alunos matriculados no período. - Examinar a relação entre o número de trabalhos concluídos e o número de docentes do programa.
3.2. Qualidade dos trabalhos de conclusão produzidos por discentes e egressos.	40%	- Examinar as publicações em revistas, livros e outros meios de divulgação científica ou técnica. - Examinar a produção técnica, que não foi objeto de publicação, dos alunos e egressos.
3.3. Aplicabilidade dos trabalhos produzidos.	20%	- Examinar a aplicabilidade do trabalho de Mestrado desenvolvido junto a setores não acadêmicos, órgãos públicos/privados, etc. Também são considerados nesse aspecto a publicação e difusão de resultados em termos de serviços, produtos, processos, linguagens e metodologias em veículos de natureza técnica e para o público em geral; a realização de convênios e parcerias que permitam a oferta de estágios em âmbito regional, nacional e internacional.
3.4 . Eficiência do Programa na formação de mestres: Tempo de formação de mestres e percentual de bolsistas titulados	10%	O parâmetro ideal da área para a conclusão dos cursos é de 30 meses. São indicadores relevantes nesse quesito: tempo médio de titulação de mestres a proporção entre a média anual de discentes titulados e a média anual de discentes matriculados.
<b>4 – Produção Intelectual</b>	<b>30%</b>	
4.1. Publicações qualificadas do Programa por docente permanente.	25%	- Examinar o número total de publicações do programa no quadriênio. Serão utilizados os mesmos indicadores do mestrado acadêmico (item 4.1), salvo que para estabelecimento das medianas serão considerados apenas os mestrados profissionais.
4.2. Produção artística, técnica, patentes, inovações e outras produções consideradas relevantes.	30%	- Examinar o número total da produção técnica, patentes e outras produções consideradas relevantes. Para efeito de avaliação dessa produção, será utilizada metodologia similar ao do item 4.1, salvo que a mediana será relativa apenas aos mestrados profissionais. A produção técnica e artística é avaliada conforme critérios estabelecidos nos respectivos qualis.
4.3. Distribuição da produção científica e técnica ou artística em relação ao corpo	25%	- Examinar a distribuição da publicação qualificada e da produção técnica entre os docentes permanentes do



docente permanente do programa.		programa.
4.4. Articulação da produção artística, técnica e científica entre si e com a proposta do programa.	20%	- Examinar a articulação entre a produção artística, técnica e a publicação científica qualificada do programa.
<b>5 – Inserção Social</b>	<b>15%</b>	
5.1. Impacto do Programa.	30%	<p>- Examinar se a formação de recursos humanos qualificados para a sociedade busca atender aos objetivos definidos para a modalidade Mestrado Profissional, contribuindo para o desenvolvimento dos discentes envolvidos no projeto, das organizações públicas ou privadas do Brasil.</p> <p>- Examinar se o Mestrado Profissional atende obrigatoriamente a uma ou mais dimensões de impacto (tais como dimensão: social, educacional, sanitário, tecnológico, econômico, ambiental, cultural, artístico, legal etc.), nos níveis local, regional ou nacional.</p> <p><b>a) Impacto social:</b> formação de recursos humanos qualificados para a Administração Pública ou a sociedade que possam contribuir para o aprimoramento da gestão pública e a redução da dívida social, ou para a formação de um público que faça uso dos recursos da ciência e do conhecimento no melhoramento das condições de vida da população e na resolução dos mais importantes problemas sociais do Brasil.</p> <p><b>b) Impacto educacional:</b> contribuição para a melhoria da educação básica e superior, o ensino técnico/profissional e para o desenvolvimento de propostas inovadoras de ensino.</p> <p><b>c) Impacto tecnológico:</b> contribuição para o desenvolvimento local, regional e/ou nacional destacando os avanços gerados no setor empresarial; disseminação de técnicas e de conhecimentos.</p> <p><b>d) Impacto econômico:</b> contribuição para maior eficiência nas organizações públicas ou privadas, tanto de forma direta como indireta.</p> <p><b>e) Impacto sanitário:</b> contribuição para a formação de recursos humanos qualificados para a gestão sanitária bem como na formulação de políticas específicas da Área da Saúde.</p> <p><b>f) Impacto cultural:</b> contribuição para a formação de recursos humanos qualificados para o desenvolvimento cultural, formulando políticas culturais e ampliando o acesso à cultura e ao conhecimento.</p> <p><b>g) Impacto artístico:</b> contribuição para a formação de recursos humanos qualificados para o desenvolvimento artístico, formulando propostas e produtos inovadores.</p> <p><b>h) Impacto profissional:</b> contribuição para a formação de profissionais que possam introduzir mudanças na forma como vem sendo exercida a profissão, com avanços reconhecidos pela categoria profissional.</p> <p><b>i) Impacto legal:</b> contribuição para a formação de</p>



		<p>profissionais que possam aprimorar procedimentos e a normatização na área jurídica, em particular entre os operadores do Direito, com resultados aplicáveis na prática forense.</p> <p><b>j) Outros impactos</b> considerados pertinentes pela Área: Poderão ser incluídas outras dimensões de impacto consideradas relevantes e pertinentes, respeitando suas especificidades e dinamismos, e que não foram contempladas na lista acima.</p>
5.2. Integração e cooperação com outros Cursos/Programas com vistas ao desenvolvimento da pós-graduação.	20%	<p>- Examinar a participação em programas de cooperação e intercâmbio sistemáticos com outros na mesma área, dentro da modalidade de Mestrado Profissional; a participação em projetos de cooperação entre cursos/Programas com níveis de consolidação diferentes, voltados para a inovação, na pesquisa, o desenvolvimento da pós-graduação ou o desenvolvimento econômico, tecnológico e/ou social, particularmente em locais com menor capacitação científica ou tecnológica.</p>
5.3. Integração e cooperação com organizações e/ou instituições setoriais relacionados à área de conhecimento do Programa, com vistas ao desenvolvimento de novas soluções, práticas, produtos ou serviços nos ambientes profissional e/ou acadêmico.	30%	<p>- Examinar a participação em convênios ou programas de cooperação com organizações/instituições setoriais, voltados para a inovação na pesquisa, o avanço da pós-graduação ou o desenvolvimento tecnológico, econômico e/ou social no respectivo setor ou região; a abrangência e quantidade de organizações/instituições a que estão vinculados os alunos; a introdução de novos produtos ou serviços (educacionais, tecnológicos, diagnósticos etc.), no âmbito do Programa, que contribuam para o desenvolvimento local, regional ou nacional. Também são valorizados: o desenvolvimento de atividades, e produtos capazes de beneficiar comunidades; a formação de recursos humanos para a administração e gestão de instituições culturais, sociais e organizações civis e ações que contribuam para a melhoria do ensino básico e o acesso à informação, ao conhecimento e aos bens culturais.</p>
5.4. Divulgação e transparência das atividades e da atuação do Programa.	20%	<p>- Examinar a divulgação atualizada e sistemática do Programa, a qual poderá ser realizada de diversas formas, com ênfase na manutenção de página na internet. Entre outros itens, será importante a descrição pública de objetivos, estrutura curricular, critérios de seleção de alunos, corpo docente, produção técnica, científica ou artística dos docentes e alunos, financiamentos recebidos da Capes e de outras agências públicas e entidades privadas, parcerias institucionais, difusão do conhecimento relevante e de boas práticas profissionais, entre outros. A procura de candidatos pelo programa pode ser considerada desde que relativizada pelas especificidades regionais e de campo de atuação.</p> <p>- Examinar a divulgação dos trabalhos finais, resguardadas as situações em que o sigilo deve ser preservado (Art. 2º da Portaria CAPES nº 13/2006).</p>

#### IV. CONSIDERAÇÕES E DEFINIÇÕES SOBRE INTERNACIONALIZAÇÃO/INSERÇÃO INTERNACIONAL

A despeito da "internacionalização" ser um critério de valoração dos programas de pós-graduação – decisivo para atribuição de notas 6 e 7, seu significado não é unívoco. Refere-se a, pelo menos, três componentes distintos: internacionalização das universidades, internacionalização da produção científica e internacionalização dos pesquisadores. Essas três dinâmicas são menos convergentes do que parecem à primeira vista. Ainda que, no médio e longo prazos, possa haver uma interação virtuosa entre elas, esses objetivos não são alcançados por meio das mesmas estratégias. E, principalmente, cada uma dessas estratégias produz resultados diferenciados nas diversas áreas de conhecimento, isto é, seu impacto pode ser relativamente maior ou menor conforme a área que a implemente.

Quanto à *internacionalização das universidades*, um levantamento recente mostrou que existem 26 sistemas diferentes de ranquear universidades. Um critério chave, que aparece em todos os sistemas de ranqueamento, é o de "reputação". A reputação pode ser um critério em si, associado ao reconhecimento da "marca" da instituição na comunidade científica e empresarial, como a resultante de uma conjugação de critérios, como, por exemplo, a quantidade de prêmios Nobel e medalhas Fields em seu corpo docente, a quantidade de artigos publicados nas revistas *top* ou o número de citações nesses mesmos periódicos, entre outros indicadores similares. As Artes e Humanidades, assim como os seus periódicos, não têm como alcançar os patamares desde onde esses indicadores são extraídos. Por outro lado, existe pelo menos um indicador no rol daqueles utilizados por esses rankings que têm, para a área de CSA 1, bem como para as demais humanidades um papel estratégico: a capacidade de atrair um número significativo de estudantes estrangeiros. Essa capacidade ainda é bastante limitada em nossa área, mas vem se expandindo. Esses alunos hoje são, em sua maioria, provenientes da América Latina e da África, mas já se observa, especialmente entre programas mais consolidados a presença crescente de estudantes europeus e norte-americanos em regime de intercâmbio ou "sanduíche" – comportamento similar ao de outras áreas de avaliação.

Quanto à *internacionalização da produção científica*, observa-se que as chances de um pesquisador vir a ser citado por seus pares dependem de muitas variáveis além da eventual qualidade intrínseca do texto ou de sua publicação em língua estrangeira. Entre os fatores que mais favorecem a *citabilidade* dos textos, podemos enumerar: a aplicabilidade tecnológica e/ou científica imediata dos resultados; o tamanho da fatia de determinada especialidade na comunidade científica (especialidades com comunidades diminutas têm, de modo geral, menos chance de se "internacionalizar" por meio do impacto de sua produção científica); da maior ou menor contextualização da pesquisa (pesquisas muito contextualizadas, geográfica ou culturalmente, impactam menos que pesquisas menos contextualizadas); da maior ou menor disciplinaridade de um artigo (a interdisciplinaridade parece influenciar positivamente o número de leitores, mas não necessariamente a *citabilidade* de um artigo). No entanto, a despeito do que foi dito acima, especialidades diminutas e contextos específicos dispõem de nichos de internacionalização globalmente espalhados. Para as Artes e Humanidades, de modo geral, a exploração desses nichos é uma estratégia bastante mais eficaz do que a difusão aleatória da produção acadêmica.



A *internacionalização dos pesquisadores* (docentes ou discentes de um programa de pós-graduação) desloca a questão para um aspecto relacional, interpessoal, que não é independente dos outros dois, mas tem sua dinâmica própria. Em algumas áreas, os grandes congressos internacionais podem contribuir para isso, mas, em nossa área, eles muito raramente propiciam o surgimento de vínculos duradouros e profícuos entre pesquisadores e instituições. Estágios pós-doutorais são, nesse aspecto, muito mais eficazes. Principalmente quando desses estágios decorre a formulação de projetos de pesquisa em colaboração ou de intercâmbio (de pesquisadores e professores visitantes), convênios de cotutela, etc. A internacionalização dos pesquisadores é uma estratégia fundamental para áreas, como as CSA1, onde a velocidade de replicação de conhecimentos é baixa. Isto é, quanto mais lento for o processo de replicabilidade do conhecimento – como é o caso das Humanidades –, e quanto mais for dependente de nichos (como é o caso da pesquisa CSA1, em particular aquela vinculada aos estudos culturais e às artes), mais relevantes são as redes de relações interpessoais, frutos de programas e processos de cooperação, para a internacionalização de seus programas de pós-graduação.

A atribuição de notas 6 e 7 ocorre quando o desempenho de um programa é equivalente ao dos centros internacionais de excelência na área, particularmente no que diz respeito à produção científica, cultural, artística ou tecnológica e quando seu corpo docente desempenha papel de liderança e representatividade no campo de conhecimento. São recomendáveis para obtenção das notas 6 e 7 os programas de excelência e desempenho superior aos demais, com inserção internacional; produção científica de excelência; nucleação nacional e internacional e desenvolvimento de atividades e intercâmbios.

Quanto à produção científica e inserção internacional, considera-se: produção científica de qualidade internacional (artigos em periódicos científicos, livros e capítulo de livros) diferenciada em relação aos demais programas da área; artigos decorrentes de pesquisa original, publicados em periódico científico nacional ou estrangeiro qualificado como A1, A2 ou B1, indexado em bases de dados internacionais em proporções notadamente superiores aos dos demais programas da área; participação em redes e grupos de pesquisa consolidados internacionalmente, com resultados de pesquisa expressos em publicações conjuntas; premiações, homenagens, reconhecimento público e honorárias internacionais; participação qualificada em eventos internacionais de notório reconhecimento na condição de conferencista ou coordenador de mesa; impacto internacional da produção científica, evidenciado por citações e referências; inserção internacional do corpo docente; projetos de pesquisa e programas de cooperação com instituições internacionais de excelência; ações acadêmicas e projetos em execução, vinculados a acordos de cooperação e convênios, apoiados por agências nacionais e internacionais de fomento; acordos bilaterais, com reciprocidade nas atividades de ensino, orientação (doutorado sanduíche, cotutela), pós-doutorado e produção científica; periódico científico editado pelo programa, reconhecido internacionalmente; participação do corpo docente em conselhos editoriais de publicações internacionais; promoção de eventos científicos internacionais.

Quanto aos aspectos de liderança e nucleação, são indicadores muito relevantes para atribuição de notas 6 e 7: contribuição para a criação de novos programas de pós-graduação; coordenação de programas de DINTER, MINTER, PROCAD e outros que demonstrem solidariedade e colaboração; participação de egressos em programas do



exterior, como docentes e/ou pesquisadores; participação do corpo docente e de egressos como membros titulares em conselhos e entidades nacionais e internacionais vinculadas a políticas públicas; cargos de direção em sociedades científicas reconhecidas internacionalmente; participação do corpo docente em consultorias sobre ações internacionais;

As notas 6 e 7 serão reservadas exclusivamente para os programas com doutorado que obtiveram nota final 5 e conceitos Muito Bom (MB) em todos os quesitos da ficha de avaliação e que atendam, necessariamente, às seguintes condições: desempenho equivalente ao dos centros internacionais de excelência na área; nível de desempenho diferenciado em relação aos demais programas da área; solidariedade; nucleação. Para a atribuição de nota 6, o programa deve ter predomínio de conceito MB nos itens de todos os quesitos da ficha de avaliação, mesmo com eventual conceito Bom (B) em alguns itens, exceto nos itens 4.1 e 4.2, que devem necessariamente ser MB. Já para a atribuição de nota 7, o programa deve receber conceito MB em todos os itens de todos os quesitos da ficha de avaliação.



---

**Contactos:**

Universidade de Évora

**Instituto de Investigação e Formação Avançada - IIFA**

Palácio do Vimioso | Largo Marquês de Marialva, Apart. 94

7002-554 Évora | Portugal

Tel: (+351) 266 706 581